Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Rodeia, Teresa Maria Ribeiro Belo, 1964-

O desenho como invenção do real : a pousada de Oliveira do Hospital : o processo projectual em Manuel Tainha

http://hdl.handle.net/11067/2694

Metadados

Data de Publicação 2017-01-25

Resumo Desde há muito que o desenho é assumido como o instrumento preferencial do trabalho do arquitecto. Contudo, e apesar de se reconhecer que a representação não constituirá uma sua transcrição neutra, permanece pouco claro o valor do desenho para o desenvolvimento do pensamento projectual do arquitecto. Pretende-se assim compreender o valor do desenho na concepção arquitectónica. A compreensão desse valor do desenho é sediada na observação da prática projectual de Manuel Tainha. Manual Tainha perma...

Palavras Chave Projecto de arquitectura, Pousada de Santa Bárbara (Oliveira do Hospital, Portugal), Tainha, Manuel Mendes, 1922-2012 - Crítica e interpretação

Tipo doctoralThesis

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FAA] Teses

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T08:31:57Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitectura e Artes

Doutoramento em Arquitectura

O desenho como invenção do real: a pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha

V. 1

Realizado por:
Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia
Orientado por:
Prof. Doutor Arqt. Fernando Manuel Domingues Hipólito

Constituição do Júri:

Presidente:	Prof. Doutor Afonso Filipe Pereira d'Oliveira Martins
Orientador:	Prof. Doutor Arqt. Fernando Manuel Domingues Hipólito
Arguente:	Prof. Doutor Arqt. Francisco David Carvalho Silva Dias
Arguente:	Prof.ª Doutora Arqt.ª Maria Teresa Marques Madeira da Silva
Vogal:	Prof. Doutor Arqt. Pedro António Alexandre Janeiro
Vogal:	Prof. Doutor Horácio Manuel Pereira Bonifácio
Vogal:	Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto Moniz Zúquete

Tese aprovada em: 16 de Janeiro de 2017

Lisboa

2016

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura e Artes

Doutoramento em Arquitectura

O desenho como invenção do real.
A pousada de Oliveira do Hospital:
o processo projectual em Manuel Tainha

Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia

V. 1

Lisboa

Junho 2016

Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia

O desenho como invenção do real.
A pousada de Oliveira do Hospital:
o processo projectual em Manuel Tainha

Tese apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor em Arquitectura.

Orientador:
Prof. Doutor Arqt. Fernando Manuel Domingues Hipólito

Lisboa

Junho 2016

Ficha Técnica

Autora Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia

Orientador Prof. Doutor Arqt. Fernando Manuel Domingues Hipólito

Título O desenho como invenção do real: a pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha

Local Lisboa

Ano 2016

Este trabalho teve o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) com a Bolsa de Investigação SFRH/BD/72326/2010, sendo desenvolvido no Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design (CITAD) das Universidades Lusíada.

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

RODEIA, Teresa Maria Ribeiro Belo, 1964-

O desenho como invenção do real : a pousada de Oliveira do Hospital : o processo projectual em Manuel Tainha / Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia ; orientado por Fernando Manuel Domingues Hipólito. - Lisboa : [s.n.], 2016. - Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - HIPÓLITO, Fernando Manuel Domingues, 1964-

LCSH
1. Projecto de arquitectura
2. Pousada de Santa Bárbara (Oliveira do Hospital, Portugal)
3. Tainha, Manuel Mendes, 1922-2012 - Crítica e interpretação
4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Teses
5. Teses – Portugal - Lisboa

1. Architectural design
2. Pousada de Santa Bárbara (Oliveira do Hospital, Portugal)
3. Tainha, Manuel Mendes, 1922-2012 - Criticism and interpretation
4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Dissertations
5. Dissertations, Academic – Portugal - Lisbon

LCC
1. NA1333.T3 R63 2016

Esta tese é dedicada a Manuel Tainha.

AGRADECIMENTOS

Durante os anos em que este trabalho tomou forma, várias pessoas foram importantes de diferentes maneiras e por isso quero agradecer-lhes.

Em primeiro lugar, agradeço a Fernando Hipólito, orientador desta tese, o interesse que manifestou desde o primeiro momento e ao longo do tempo, a sua orientação cúmplice e construtiva, e, fundamentalmente, por ter sempre acreditado.

O que devo a Manuel Tainha é tanto que não pode ser agradecido e, por isso, dedico-lhe este trabalho.

A João Miguel Duarte agradeço a generosidade e a ternura que, em todos os momentos, me incentivou a seguir em frente. A Dulce Loução agradeço ter sido sempre uma ouvinte atenta e crítica.

A Rui Alves a minha gratidão pelo apoio e paciência ao longo destes anos.

O meu reconhecimento: a Hélder Machado e à sua equipa, Catarina Graça e Paulo Soares, pela disponibilidade e conhecimento no apoio à execução normativa do texto; a Cátia Ferreira pela colaboração na montagem e na organização da tese; a Margarida Rendeiro e a Sofia Duarte pelo apoio nas traduções do inglês; a João Cardoso pela revisão do texto.

Às instituições e a todas as pessoas que contribuíram com documentação e informação relacionada com este trabalho, o meu agradecimento: arquivo da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, arquivo Nacional da Torre do Tombo; Afonso Tainha, Ana Barbas, Ana Maria Tainha, Andreia Matos, Bartolomeu Costa Cabral, Beatriz e Manuel Gallo, Emília Infante Pedroso, Fernando Bagulho, Fernando Conduto, Filipa Tainha, Isabel Pyrrait, José António Saraiva, Luciana Fina, Paula Tainha, Susana e Victor Caetano, Teresa Victor.

Agradeço ainda: aos docentes da Universidade Lusíada de Lisboa, em particular aos da área de Desenho, com os quais sempre partilhei o prazer que subjaz ao acto de ensinar/aprender; aos meus alunos o estímulo que, ao longo dos anos, me incitou a ir mais além.

Há ainda aqueles – os amigos – que não são dissociáveis da minha existência e que, por saberem quem são, dispensam nomeação.

Por último, à minha família a minha imensa gratidão: ao meu pai que, apesar de já não estar presente, continua a guiar-me; à minha mãe e ao meu irmão o seu amor e apoio incondicionais; à minha filha Sara, a quem amo mais que tudo, o facto de ser quem é.

APRESENTAÇÃO

O desenho como invenção do real.
A pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha.

Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia

Desde há muito que o desenho é assumido como o instrumento preferencial do trabalho do arquitecto. Contudo, e apesar de se reconhecer que a representação não constituirá uma sua transcrição neutra, permanece pouco claro o valor do desenho para o desenvolvimento do pensamento projectual do arquitecto. Pretende-se assim compreender o valor do desenho na concepção arquitectónica.

A compreensão desse valor do desenho é sediada na observação da prática projectual de Manuel Tainha. Manual Tainha permanece como uma figura incontornável do panorama arquitectónico português da segunda metade do século XX, aliando à prática projectual, a reflexão crítica e a actividade docente. Foi eleito o conjunto de desenhos elaborado para o projecto da Pousada de Oliveira do Hospital. A par de ser uma obra referencial deste autor, a Pousada de Oliveira do Hospital é significativa pelo modo como aí são equilibrados valores da experiência do movimento moderno com valores de uma cultura vernácula. A completude do conjunto de desenhos existentes desse projecto permite, também, uma avaliação abrangente da relação estabelecida entre o desenho e o pensamento. A avaliação será desenvolvida a partir de uma cronologia do processo projectual, por ser esse o modo de averiguar as circunstâncias externas que também o determinaram – políticas, técnicas, geográficas, por exemplo –, mas é a relação de constituição recíproca entre desenho e pensamento que está em causa. Não se pretende uma reconstituição desse processo, mas a averiguação da possibilidade de o desenho ser mais do que um registo apenas do pensamento. Essa avaliação é antecedida por uma reflexão teórica acerca da compreensão da importância do desenho no desenvolvimento do pensamento projectual.

Parte-se do desenho, mas é o processo projectual – a sua constituição e o seu desenvolvimento –, que está sobretudo em causa.

Palavras-chave: Desenho, Processo projectual, Representação, Pousada de Oliveira do Hospital, Manuel Tainha.

PRESENTATION

Drawing as an invention of the real.
Pousada de Oliveira do Hospital: the design process of Manuel Tainha.

Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia

Since a long time drawing is assumed as a preferential instrument of the architect's work. Nevertheless, and despite one recognizing that representation will not constitute its neutral transcription, it remains little clear the value of drawing to the development of the architect's design thought. It is therefore intended to understand the value of drawing in architectonical conception.

The understanding of drawing's value is hosted in the observation of design practice of Manuel Tainha. Manuel Tainha lays as an unavoidable figure of the Portuguese overview of 20th century's second half, allying critical reflexion and teaching activity to design practice. It was selected the set of drawings made for the project of Pousada de Oliveira do Hospital. Besides being this a work of reference of this author, the Pousada de Oliveira do Hospital is also meaningful in the way that the values of the modern movement's experiment are there balanced with the values of a vernacular culture. The completeness of the existing set of drawings of that project also allows a wide evaluation of the relation established between drawing and thought. The evaluation will be developed from a chronology of the design process due to the fact of that being the way of investigating the external circumstances that have determined it – the political, technical, geographical ones, for instance – but it is the reciprocal constitution between drawing and thought that is at stake. It is not intended a reconstitution of that process but the inquiry of the possibility of drawing being more than a mere record of thought. That evaluation is preceded by a theoretical reflexion about the understanding of drawing in the development of design thinking.

Drawing is the beginning but above all it is the design process – it's constitution and it's development – that is at stake.

Keywords: Drawing, Design process, Representation, Pousada de Oliveira do Hospital, Manuel Tainha.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Processo de trabalho para a compreensão do processo projectual da pousada de Oliveira do Hospital.

Ilustração 2 – Processo de trabalho para a compreensão do processo projectual da pousada de Oliveira do Hospital.

Ilustração 3 – Processo de trabalho para a compreensão do processo projectual da pousada de Oliveira do Hospital.

Ilustração 4 – Manuel Tainha. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Filipa Tainha).

Ilustração 5 – Manuel Tainha com os irmãos. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Filipa Tainha).

Ilustração 6 – Programa de audição do Orfeão de Paço de Arcos, 17 Junho 1933. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Paula Tainha).

Ilustração 7 – Manuel Tainha com os colegas de curso da ESBAL. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Filipa Tainha).

Ilustração 8 – Folha de calendário de 1949, com anotação "Parti p[ara] Alemanha" (27 Dezembro). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 9 – Diploma de Curso emitido pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (10 Julho 1950). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 10 – Viagem do Curso de Formação Artística da SNBA ao Museu Amadeu de Souza-Cardoso, em Amarante. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 11 – Manuel Tainha com alunos à porta do Convento de São Francisco (ESBAL). Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Paula Tainha).

Ilustração 12 – Atribuição de grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, 2000. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Filipa Tainha).

Ilustração 13 – Pousada de Oliveira do Hospital (pousada de Santa Bárbara), Póvoa das Quartas. Fotografia nossa.

Ilustração 14 – Escola Agro-Industrial de Grândola. Fotografia nossa.

Ilustração 15 – Escola de Regentes Agrícolas de Évora. Fotografia nossa.

Ilustração 16 – Torres nos Olivais (com Hestnes Ferreira), Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 17 – Grupo Escolar de 16 salas de aula para Olivais Sul, célula B, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 18 – Casa Gallo, S. Pedro de Moel, Marinha Grande. Fotografia nossa.

Ilustração 19 – Escola Secundária em Olivais Velho, Lisboa (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 20 – Centro de Saúde de Sete Rios, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 21 – Cooperativa Vale Pereiro, Grândola (Operação SAAL). Fotografia nossa.

Ilustração 22 – Canal Caveira, Grândola (Operação SAAL). Fotografia nossa.

Ilustração 23 – Centro de Trabalho do PCP, Mora. Fotografia nossa.

Ilustração 24 – Caixa Geral de Depósitos, Santiago do Cacém (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 25 – Casa da Cultura de Mora (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 26 – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (concurso), Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 27 – Instituto Superior de Tecnologia de Tomar (concurso). Fotografia de Rui Reis Alves.

Ilustração 28 – Departamento de Engenharia Mecânica de Coimbra (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 29 – Passadiço do Bom Sucesso, Belém, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 30 – Biblioteca de Viseu. Fotografia nossa.

Ilustração 31 – Metropolitano de Lisboa – Estações Alameda I e Alameda II, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 32 – Porta Norte (Expo'98), Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 33 – Palácio Valle Flor, Hotel Carlton Pestana Palácio, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 34 – Casa Infante Pedroso, Chamusca. Fotografia nossa.

Ilustração 35 – Agência Europeia de Segurança Marítima / Observatório Europeu de Droga e Toxicodependência, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 36 – Requalificação da Escola Secundária em Olivais Velho – Escola Secundária António Damásio (Parque Escolar), Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 37 – Instituto de Orientação Profissional (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação), Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 38 – Carta militar da zona de Oliveira do Hospital (Portugal. [MDN], 1993, folha 222), escala 1:25 000 (t. r.). Marcação nossa.

Ilustração 39 – Fragmento da carta militar da zona de Oliveira do Hospital (Portugal. [MDN], 1993, folha 222), escala 1:25 000 (t. r.). Marcação nossa.

Ilustração 40 – Vista a partir da pousada sobre os contrafortes da Serra da Estrela, a Nascente. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 41 – Vista sobre a pousada a partir de Oeste/Noroeste. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 42 – Vista sobre a pousada a partir de Nordeste. Fotografia nossa.

Ilustração 43 – Vista sobre a pousada a partir do arruamento de acesso (Oeste). Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 44 – Vista de Oeste sobre o alçado Sudoeste. Fotografia nossa.

Ilustração 45 – Vista de Oeste sobre o alçado Noroeste. Fotografia nossa.

Ilustração 46 – Vista sobre o alçado Sudoeste: detalhe da gárgula e do receptáculo das águas pluviais. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 47 – Vista sobre o alçado Sudoeste: fragmento. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 48 – Vista do mesmo fragmento a partir do interior da pousada (sala de estar). Fotografia nossa.

Ilustração 49 – Aproximação ao miradouro. Fotografia nossa.

Ilustração 50 – Vista a partir do miradouro sobre o recinto de chegada. Fotografia nossa.

Ilustração 51 – Vista a partir do miradouro sobre a paisagem (Sudeste). Fotografia nossa.

Ilustração 52 – Vista a partir do miradouro, dirigida para Nascente, sobre a paisagem próxima (vale) e distante (serra). Fotografia nossa.

Ilustração 53 – Vista sobre o corpo principal da pousada a partir das cotas inferiores do terreno (Sul/Sudoeste). Fotografia nossa.

Ilustração 54 – Vista sobre o corpo principal da pousada a partir das cotas inferiores do terreno (Sul). Fotografia nossa.

Ilustração 55 – Vista sobre o corpo principal da pousada a partir das cotas inferiores do terreno (Sul). Fotografia nossa.

Ilustração 56 – Vista sobre o corpo principal da pousada a partir das cotas inferiores do terreno (Sul). Fotografia nossa.

Ilustração 57 – Vista sobre o corpo principal da pousada a partir das cotas inferiores do terreno (Sul/Sudeste). Fotografia nossa.

Ilustração 58 – Vista sobre o corpo principal da pousada a partir das cotas inferiores do terreno (Sudeste). Fotografia nossa.

Ilustração 59 – "Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: Pousada de Santa Bárbara" (Portugal. [SNI], 1971, FOTO. 54419).

Ilustração 60 – Vista sobre o corpo principal da pousada a partir de Nascente. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 61 – Vista escorçada, a partir de Este/Nordeste, sobre o corpo principal da pousada. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 62 – Vista sobre o troço maior do corpo principal da pousada a partir de Sul (Portugal, 1971, capa).

Ilustração 63 – Vista sobre o terraço a partir de Sudoeste. Fotografia nossa.

Ilustração 64 – Vista sobre a pousada desde o vale, junto ao rio Alva, em Sandomil. Fotografia nossa.

Ilustração 65 – Vista aproximada sobre a pousada desde o vale, junto ao rio Alva, em Sandomil. Ampliação de um fragmento da ilustração anterior. Fotografia nossa.

Ilustração 66 – Vista sobre a pousada a partir de Nascente. Fotografia nossa.

Ilustração 67 – "Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: Pousada de Santa Bárbara" (Portugal. [SNI], 1971, FOTO. 65566).

Ilustração 68 – Eira. Fotografia nossa.

Ilustração 69 – Vista a partir da eira para o edifício principal. Fotografia nossa.

Ilustração 70 – Vista sobre a eira a partir do edifício principal. Fotografia nossa.

Ilustração 71 – Acesso da eira para os serviços de cozinha. Fotografia nossa.

Ilustração 72 – Acesso dos serviços de cozinha para a eira. Fotografia nossa.

Ilustração 73 – Recinto de serviço (Nordeste). Fotografia nossa.

Ilustração 74 – Garagens individuais. Fotografia nossa.

Ilustração 75 – Garagens individuais e via de acesso ao recinto de serviço. Fotografia nossa.

Ilustração 76 – Frente Noroeste da pousada. Fotografia nossa.

Ilustração 77 – Frente Noroeste da pousada, com as garagens individuais ao fundo. Fotografia nossa.

Ilustração 78 – Vista sobre o volume cúbico que se destaca da frente Noroeste e que contém a recepção da pousada. Fotografia nossa.

Ilustração 79 – Aproximação à entrada da pousada. Fotografia nossa.

Ilustração 80 – Entrada da pousada: guarda-vento. Fotografia nossa.

Ilustração 81 – Porta pivotante que liga e separa a zona de recepção e a sala de estar. Fotografia nossa.

Ilustração 82 – Escada de acesso ao piso superior a partir da cota alta da sala de estar. Fotografia nossa.

Ilustração 83 – Vista a partir da cota baixa da sala de estar sobre a zona do bar (Portugal, 1971, p. 12). Decoração de Manuel Tainha.

Ilustração 84 – Vista sobre a sala de estar e mezanino. Fotografia nossa.

Ilustração 85 – Zona de fogo, com leitura sobre o pátio. Fotografia nossa.

Ilustração 86 – Muro de separação entre a zona de fogo e a paisagem (a Sudeste), com assento integrado. Fotografia nossa.

Ilustração 87 – Vista sobre a sala de estar, à cota baixa (Portugal, 1971, p. 14). O terraço opera a transição interior/exterior. Decoração de Manuel Tainha.

Ilustração 88 – "Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: sala de estar da Pousada de Santa Bárbara" (Portugal. [SNI], 1971, FOTO. 65569). Decoração dos serviços do SNI.

Ilustração 89 – Relação entre zonas de estar e de jantar. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 90 – Sala de jantar. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 91 – Sala de jantar (Portugal, 1971, p. 15). Decoração de Manuel Tainha.

Ilustração 92 – "Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: sala de jantar da Pousada de Santa Bárbara" (Portugal. [SNI], 1971, FOTO. 65574). Decoração dos serviços do SNI.

Ilustração 93 – Terraço. Fotografia nossa.

Ilustração 94 – Escada de ligação entre o terraço e o terreno natural. Fotografia nossa.

Ilustração 95 – Acesso à sala de leitura a partir da sala de estar. Fotografia nossa.

Ilustração 96 – Sala de leitura; "sala de música" (Portugal, 1971, p. 17). Decoração de Manuel Tainha.

Ilustração 97 – Visão sobre o exterior próximo e longínquo a partir da sala de leitura. Fotografia nossa.

Ilustração 98 – Sala de leitura: detalhe do remate entre diferentes materiais – pedra, vidro, madeira Fotografia nossa.

Ilustração 99 – Visão sobre a paisagem serrana a partir da sala de leitura. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 100 – Acesso aos dois únicos quartos existentes no piso intermédio a partir da sala de leitura. Fotografia nossa.

Ilustração 101 – Visão sobre a sala de leitura, a partir do recinto de chegada à pousada, através do seu vão superior. Fotografia nossa.

Ilustração 102 – Corredor de acesso aos quartos (piso intermédio). Fotografia nossa.

Ilustração 103 – Mezanino. Fotografia nossa.

Ilustração 104 – Leitura do piso inferior – sala de estar e entrada – a partir do mezanino. Fotografia nossa.

Ilustração 105 – Corredor de acesso aos cinco quartos a Sudoeste, a partir do mezanino. Fotografia nossa.

Ilustração 106 – Corredor de acesso aos nove quartos a Nordeste. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 107 – Visão sobre o recinto de serviço e o corpo edificado que integra o apartamento do concessionário (piso superior) e parte da área destinada a serviços (piso inferior). Fotografia nossa.

Ilustração 108 – Visão sobre o recinto de serviço e a eira. Fotografia nossa.

Ilustração 109 – Visão sobre os contrafortes da Serra da Estrela. Fotografia nossa.

Ilustração 110 – Corredor de acesso aos cinco quartos a Sudoeste. Fotografia nossa.

Ilustração 111 – Vão no topo do corredor. Fotografia nossa.

Ilustração 112– Detalhe da abertura de vão no corredor dos quartos. Fotografia de Andreia Matos.

Ilustração 113 – Quarto: zona de entrada. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 114 – Quarto: zona de dormir. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 115 – Quarto: zona de dormir e de estar (Portugal. [DGEMN], 1971, FOTO.00542202). Decoração de Manuel Tainha.

Ilustração 116 – "Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: quarto da Pousada de Santa Bárbara" (Portugal. [SNI], 1971, FOTO. 65567), com camas articuladas em conjunto. Decoração dos serviços do SNI.

Ilustração 117 – "Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: quarto da Pousada de Santa Bárbara" (Portugal. [SNI], 1971, FOTO. 65568), com camas articuladas em separado. Decoração dos serviços do SNI.

Ilustração 118 – Quarto: varanda. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 119 – Vista sobre o pátio e zona de serviço. Fotografia nossa.

Ilustração 120 – Cozinha. Fotografia de Andreia Matos.

Ilustração 121 – Escada de serviço: lanço que liga a copa (piso superior) à sala de pessoal e ao apartamento do concessionário. Fotografia nossa.

Ilustração 122 – Escada de serviço: lanços que ligam a cozinha (piso intermédio) à zona de tratamento de roupas e aoa quartos destinados ao pessoal da pousada, respectivamente. Fotografia nossa.

Ilustração 123 – Corredor da cave. Fotografia nossa.

Ilustração 124 – Corredor da cave. Fotografia nossa.

Ilustração 125 – Quarto de pessoal. Fotografia nossa.

Ilustração 126 – Quarto de pessoal. Fotografia nossa.

Ilustração 127 – Quarto de pessoal: cozinheiro. Fotografia nossa.

Ilustração 128 – Acesso directo, desde o estacionamento, aos aposentos do concessionário e à área de serviço. Fotografia nossa.

Ilustração 129 – Pátio: vista sobre o corpo de serviços e o percurso alpendrado que o liga à recepção. Fotografia nossa.

Ilustração 130 – Percurso alpendrado que liga os serviços à recepção. Fotografia nossa.

Ilustração 131 – Percurso alpendrado que liga a recepção aos serviços. Fotografia nossa.

Ilustração 132 – Pátio: vista sobre o volume da recepção e parte da sala de estar. Fotografia nossa.

Ilustração 133 – Pátio: vista sobre a sala de jantar (Portugal, 1971, p. 16).

Ilustração 134 – Pátio. Fotografia nossa.

Ilustração 135 – Pátio. Fotografia nossa.

Ilustração 136 – Colunas de xisto. Fotografia nossa.

Ilustração 137 – Troncos de pinheiros. Fotografia nossa.

Ilustração 138 – Remate entre o muro de granito e a parede da sala de jantar: detalhe. Fotografia nossa.

Ilustração 139 – Remate do muro granítico na zona de convergência de duas direcções: detalhe. Fotografia nossa.

Ilustração 140 – Relação da guarda/assento do miradouro com os muros confinantes: detalhe. Fotografia nossa.

Ilustração 141 – Ligação entre a estrutura de betão armado e as colunas de xisto: detalhe. Arquivo João Belo Rodeia.

Ilustração 142 – Símbolo da 'Pousada de Santa Bárbara' da autoria de Fernando Conduto. Fotografia nossa.

Ilustração 143 – Levantamento topográfico do "local da pouzada, escala 1:200" (Portugal. [DGEMN], s.d., DES.418078). Cópia heliográfica, 1518 x 1012 mm (t. r.). Marcações nossas.

Ilustração 144 – Vista do terreno a partir de Sudeste: fotomontagem. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 145 – Vista a partir de Norte, com o limite do terreno a Nascente definido pelo caminho. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 146 – Vista de Noroeste: entre os dois pinheiros situa-se uma eira granítica natural. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 147 – Vista de Norte, a partir da eira granítica. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 148 – Vista a partir de Norte sobre o vale. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 149 – Vista de Nascente sobre o maciço arbóreo, a Poente. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 150 – Vista a partir da eira granítica. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 151 – Vista sobre o terreno a partir do vale. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 152 – Vista sobre o terreno a partir de Sul. 1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 153 – Vista do terreno a partir de Sudeste.1954. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 154 – Esferográfica azul sobre papel, 210 x 137 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 155 – (Frente da ilustração seguinte). Esferográfica azul sobre papel, 137 x 210 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 156 – (Verso da ilustração anterior). Esferográfica azul sobre papel, 210 x137 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 157 – Primeiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 15 Dezembro 1954. Planta de implantação, escala 1:1400 (Tainha, 1954.12.15, DES.523285). Cópia heliográfica, 210 x 297 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente azul.

Ilustração 158 – Primeiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 15 Dezembro 1954. Plantas dos pisos, escala 1:200 (Tainha, 1954.12.15, DES.523286). Cópia heliográfica, 900 x 400 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente azul.

Ilustração 159 – Primeiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 15 Dezembro 1954. Alçados e cortes, escala 1:200 (Tainha, 1954.12.15, DES.523286). Cópia heliográfica, 900 x 400 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente azul.

Ilustração 160 – (Frente da ilustração seguinte). Esferográfica azul, tinta permanente azul e grafite sobre papel, 137 x 210 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 161 – (Verso da ilustração anterior). Tinta permanente azul sobre papel, 137 x 210 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 162 – Esferográfica azul sobre papel, 110 x 159 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 163 – Esferográfica azul sobre papel, 149 x 209 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 164 – (Frente da ilustração seguinte). Esferográfica azul e tinta permanente azul sobre papel, 137 x 210 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 165 – (Verso da ilustração anterior).Tinta permanente azul sobre papel, 137 x 210 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 166 – Tinta permanente azul e lápis de cor (encarnado e sépia) sobre papel, 193 x 178 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 167 – (Frente da ilustração seguinte).Tinta permanente azul sobre papel, 138 x 210 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 168 – (Verso da ilustração anterior).Tinta permanente azul e grafite sobre papel, 138 x 210 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 169 – Lápis de cor (azul, encarnado e sépia) sobre papel vegetal, 395 x 480 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 170 – Desenhos a grafite sobre cópia heliográfica do primeiro ante projecto (alçados e cortes, escala 1/200), 900 x 400 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 171 – (Fragmento da ilustração anterior). Grafite sobre cópia heliográfica, ~425 x ~180 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 172 – Tinta permanente azul sobre papel, 163 x 109 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 173 – Tinta permanente azul sobre papel, 211 x 270 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 174 – Tinta permanente azul sobre papel, 210 x 275 mm (t. r.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 175 – Tinta permanente azul e grafite sobre papel, 275 x 210 mm (t. r.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 176 – Tinta permanente azul sobre papel, 299 x 212 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 177 – Esferográfica azul, lápis de cor encarnado e tinta permanente azul sobre papel, 212 x 85 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 178 – Tinta permanente azul, esferográfica azul e lápis de cor encarnado sobre papel, 212 x 299 mm. (t. r.) Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 179 – Tinta permanente azul sobre papel, 215 x 275 mm (t. r.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 180 – Tinta permanente azul sobre papel, 215 x 275 mm (t. r.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 181 – Tinta permanente azul e lápis de cor laranja/encarnado sobre papel, 193 x 178 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 182 – Tinta permanente azul e lápis de cor laranja/encarnado sobre papel, 178 x 193 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 183 – Tinta permanente preta sobre papel, 124 x 105 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 184 – (Frente da ilustração seguinte). Tinta permanente azul sobre papel, 211 x 270 mm (t. r.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 185 – (Verso da ilustração anterior). Tinta permanente azul sobre papel, 211 x 270 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 186 – Grafite e lápis de cor encarnado sobre papel de esquisso, 495 x 376 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 187 – Grafite e lápis de cor encarnado sobre papel de esquisso, 495 x 367 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 188 – Grafite sobre papel de esquisso, 495 x 369 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 189 – Segundo ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 18 Maio 1955. Plantas dos pisos, escala 1:200. Tinta-da-china preta sobre vegetal, 985 x 297 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 190 – Segundo ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 18 Maio 1955. Alçado sul e corte A-B, escala 1:200. Reprolar (original: tinta-da-china sobre vegetal), 625 x 297 mm (t. r.). Assinado e datado. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 191 – Grafite e lápis de cor (verde, azul e encarnado) sobre papel vegetal, 470 x 364 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 192 – Esferográfica azul sobre papel, 105 x 124 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 193 – Esferográfica azul sobre cartolina, 117 x 77 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 194 – Tinta permanente preta sobre cartolina, 117 x 77 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 195 – Tinta permanente preta sobre cartolina, 117 x 77 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 196 – (Frente da ilustração seguinte). Tinta permanente preta sobre cartolina, 77 x 117 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 197 – (Verso da ilustração anterior). Tinta permanente preta sobre cartolina, 117 X 77 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 198 – (Frente da ilustração seguinte). Tinta permanente preta sobre cartolina, 117 X 77 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 199 – (Verso da ilustração anterior). Tinta permanente preta sobre cartolina, 117 X 77 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 200 – Tinta permanente preta sobre papel de esquisso, 365 x 495 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 201 – Tinta permanente preta sobre papel, 147 x 207 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 202 – Tinta permanente preta sobre papel de esquisso, 365 x 384 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 203 – Tinta permanente preta, grafite e lápis de cor (verde, azul e encarnado) sobre papel, 321 x 220 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 204 – Planta do piso principal, escala 1:200. Cópia heliográfica, anotada e assinada (original: grafite sobre papel de esquisso). 475 x 295 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 205 – Planta do último piso, escala 1:200. Cópia heliográfica, anotada e assinada (original: grafite sobre papel de esquisso). 475 x 295 mm (t. r.) Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 206 – Alçado, escala 1:200. Reprolar, 510 x 295 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 207 – Tinta permanente preta sobre papel, 124 x 105 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 208 – Tinta permanente preta sobre papel, 124 x 105 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 209 – Planta do piso principal, escala 1:200. Cópia heliográfica, com anotações a lápis de cor encarnado, 502 x 380 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 210 – Tinta permanente preta, grafite e lápis de cor encarnado sobre papel de esquisso, 370 x 254 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 211 – Tinta permanente preta sobre papel, 320 x 220 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 212 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. Capa do dossier. Cartão, 238 x 303 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 213 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. Planta de implantação e fotomontagens. Fotografias coladas sobre cartolina; riscador preto e encarnado sobre fotografias, 385 x 297 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 214 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. "Local, técnicas locais, materiais e diversos". Fotografias e cartolinas coloridas coladas sobre base; textos dactilografados, 338 x 297 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 215 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. "Planta do 2º piso (entrada)", escala 1:200. Cópia heliográfica com fotografias coladas, 680 x 430 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 216 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. "Plantas do 3º e do 1º pavimentos", escala 1:200. Cópia heliográfica, 922 x 297 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 217 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. Corte transversal, escala 1:200. Cópia heliográfica, 527 x 297 mm (t. n.). Assinado e datado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 218 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. Alçado Sudeste, escala 1:200. Cópia heliográfica, 527 x 297 mm (t. n.). Assinado e datado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 219 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. Perspectiva a partir de Sul. Cópia heliográfica, 527 x 297 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 220 – Terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital, 23 Janeiro 1956. Perspectiva axonométrica com esquema das redes de águas e esgotos. Cópia heliográfica, 505 x 297 mm (t. r.). Assinado e datado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 221 – Tinta permanente preta sobre papel, 164 x 139 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 222 – (Frente da ilustração seguinte). Grafite e lápis de cor (encarnado e azul) sobre papel, 163 x 137 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 223 – (Verso da ilustração anterior). Grafite sobre papel, 137 x 163 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 224 – Tinta permanente preta sobre papel, 114 x 131 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 225 – Grafite e lápis de cor encarnado sobre papel, 137 x 164 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 226 – Tinta permanente preta sobre papel, 137 x 164 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 227 – Tinta permanente preta e grafite sobre papel de esquisso, 243 x 190 mm (t. r.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 228 – Grafite sobre papel de esquisso, 370 x 248 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 229 – Grafite sobre papel de esquisso, 163/187 x 246 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 230 – Lápis de cor (encarnado, azul, verde e preto) e tinta permanente preta sobre papel de esquisso, 374 x 241 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 231 – Tinta permanente preta, esferográfica azul e grafite sobre papel de esquisso, 372 x 245 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 232 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. Fotografias do terreno (Tainha, Novembro 1956, fotos 0335572-0335575). Papel fotográfico colado sobre cartolina preta, 210 x 297 mm (t. r.).

Ilustração 233 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. Fotografias do terreno (Tainha, Novembro 1956, fotos 0338806-0338810). Papel fotográfico colado sobre cartolina preta, 210 x 297 mm (t. r.).

Ilustração 234 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. Índice das peças desenhadas. Cópia heliográfica, 210 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 235 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. "Planta de localização", escala 1:500. Cópia heliográfica, 600 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 236 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. "Planta do pavimento da entrada", escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 594 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 237 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. "Planta do pavimento dos quartos", escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 594 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 238 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. "Planta do alojamento do pessoal", escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 445 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 239 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. "Planta das coberturas", escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 445 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 240 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. "Cortes transversais por AB e CD", escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 241 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. “Cortes transversais por GH e EF”, escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 242 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. “Corte transversal por LM e longitudinal por IJ”, escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 243 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. “Alçado a sudeste”, escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 244 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. “Alçado a noroeste (entrada)”, escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 245 – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital, Novembro 1956. “Alçado a sudoeste e alçado a nordeste”, escala 1:100. Cópia heliográfica, 1320 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 246 – Esferográfica azul sobre papel, 160 x 127 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 247 – (Frente da ilustração seguinte). Tinta permanente preta sobre papel, 114 x 132 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 248 – (Verso da ilustração anterior).Tinta permanente preta sobre papel, 114 x 132 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 249 – (Frente da ilustração seguinte).Tinta permanente preta sobre papel, 114 x 132 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 250 – (Verso da ilustração anterior).Tinta permanente preta sobre papel, 114 x 132 mm (t. n.). Marcações nossas. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 251 – Grafite sobre papel, 139 x ~121 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 252 – Grafite, tinta permanente preta e lápis de cor encarnado sobre papel de esquisso, 495 x ~380 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 253 – Projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. Planta de implantação (Tainha, 1958, p. 8).

Ilustração 254 – Projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. Perspectiva (Tainha, 1958, p. 7).

Ilustração 255 – Projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. Planta do piso intermédio (Tainha, 1958, p. 6).

Ilustração 256 – Projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. Planta do piso superior (Tainha, 1958, p. 6). A legenda referente a esta planta encontra-se na ilustração precedente (ilustração 255).

Ilustração 257 – Projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. Corte transversal (Tainha, 1958, p. 9).

Ilustração 258 – Projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. Alçado Nordeste (Tainha, 1958, p. 8).

Ilustração 259 – Projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. Alçado Sudeste (Tainha, 1958, p. 8 e 9).

Ilustração 260 – Projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. Corte construtivo (Tainha, 1958, p. 10).

Ilustração 261 – Fotografia de maqueta da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. (Portugal. [DGEMN], 1958, foto.00541704).

Ilustração 262 – Fotografia de maqueta da pousada de Oliveira do Hospital, 1958. (Portugal. [DGEMN], 1958, foto. 00134753).

Ilustração 263 – Projecto de alteração da pousada de Oliveira do Hospital, 1966. Planta do piso intermédio (entrada), escala 1:100 (Tainha, 1966, DES. 00418080). Cópia heliográfica, (t. r.). Assinado com tinta permanente preta.

Ilustração 264 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Planta geral, escala 1:500" (Tainha, 1967, DES.0505345). Cópia heliográfica, (t. r.).

Ilustração 265 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "[Planta do] 2º pavimento – r/c, escala 1:100" (Tainha, 1967, DES.0505346). Cópia heliográfica, 885 x 450 mm (t. r.).

Ilustração 266 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "[Planta do] 1º pavimento – cave, escala 1:100" (Tainha, 1967, DES.0505347). Cópia heliográfica, 885 x 450 mm (t. r.).

Ilustração 267 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "[Planta do] 3º pavimento – 1º andar, escala 1:100" (Tainha, 1967, DES.0505348). Cópia heliográfica, 885 x 450 mm (t. r.).

Ilustração 268 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Planta de "cobertura", escala 1:100. Cópia heliográfica, 885 x 450 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 269 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Cortes AB e CD", escala 1:100. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 270 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Cortes EF e GH", escala 1:100. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 271 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Alçado a sudeste", escala 1:100. Cópia heliográfica, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 272 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Alçado a noroeste", escala 1:100. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 273 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Alçados a sudoeste e nordeste", escala 1:100. Cópia heliográfica com anotações a grafite, (t. r.).

Assinado com tinta permanente preta, 960 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 274 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Garagens", escala 1/100. Cópia heliográfica com anotações a grafite e lápis de cor encarnado, 555 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 275 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Eira – alçados; cortes; plantas, escala 1:100" (Tainha, 1967, DES.0505356). Cópia heliográfica (t. r.).

Ilustração 276 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Quarto de hóspedes (1ª fase), restaurante, quarto do pessoal interno", escala 1:25. Cópia heliográfica com anotações, 960 x 540 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 277 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Quarto, 2ª fase: corte e planta", escala 1:25. Cópia heliográfica com anotações, 600 x 595 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 278 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Quarto de pessoal externo e lavandaria: corte e planta,", escala 1:25. Cópia heliográfica, 780 x 500 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 279 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Concessionário: planta e cortes", escala 1:25. Cópia heliográfica com anotações, 800 x 500 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 280 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Escadas de pedra", escalas 1:25 e 1:2. Cópia heliográfica, 960 x 450 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 281 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Fogão e lareira", escala 1:25. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 925 x 297 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 282 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Vãos de madeira, pormenorização, escalas 1:20 e natural. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 1075 x 800 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 283 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Vão de madeira, pormenorização, escalas 1:20 e natural. Cópia heliográfica, 780 x 700 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 284 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Vão de madeira, pormenorização, escalas 1:20 e natural. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 780 x 700 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 285 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Vão e portada de madeira, pormenorização, escalas 1:20 e natural. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 1105 x 800 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 286 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Vãos de madeira, pormenorização, escalas 1:20 e natural. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 1055 x 650 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 287 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Vãos de madeira, pormenorização, escalas 1:20 e natural. Cópia heliográfica, 760 x 600 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 288 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Vãos de madeira, pormenorização, escalas 1:20 e natural. Cópia heliográfica, 1055 x 450 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 289 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. Vão de madeira, pormenorização, escalas 1:20 e natural. Cópia heliográfica com anotação ("sem efeito"), 360 x 400 mm (t. r.). Assinado com tinta permanente preta. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 290 – Processo de concurso da pousada de Oliveira do Hospital, 1967. "Mapa de acabamentos" (Tainha, 1967, DES.0000231). Cópia heliográfica, 787 x 360 mm (t. r.).

Ilustração 291 – Esferográfica azul sobre papel, ~103 x 101 mm (t. n.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 292 – Construção/desenho de obra, 10 Janeiro 1969. Planta da residência do concessionário (alteração), escala 1:100. Cópia heliográfica com anotações a grafite, 420 x 297 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 293 – Construção/desenho de obra, 15 Outubro 1968. Planta parcial do piso da entrada (alteração), escala 1:50. Grafite sobre papel de esquisso, 1006 x 764 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 294 – Construção/desenho de obra, 15 Outubro 1968. Cortes transversais AB e CD (alteração), escala 1:50. Grafite sobre papel de esquisso, 936 x 447 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 295 – Construção/desenho de obra, 8 Dezembro 1968. Cortes EF e GH, alçados Sudoeste e Noroeste (alteração), escala 1:50. Grafite sobre papel de esquisso, 1200 x 581 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 296 – Desenho de Fernando Conduto. Perspectiva da gárgula e receptáculo de águas pluviais. Tinta permanente preta sobre papel, 297 x 210 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 297 – Escultura para o pátio da pousada (fotomontagem). Projecto de Fernando Conduto. Arquivo Fernando Conduto.

Ilustração 298 – "Enquadramento paisagístico" (Telles, 1971, p. 137). Projecto de Gonçalo Ribeiro Telles.

Ilustração 299 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 300 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 301 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 302 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 303 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 304 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 305 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 306 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 307 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 308 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 309 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 310 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 311 – Construção, 1970. Arquivo Fernando Bagulho.

Ilustração 312 – Desenhos da obra construída da pousada de Oliveira do Hospital, 1971. Planta da cave, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 313 – Desenhos da obra construída da pousada de Oliveira do Hospital, 1971. Planta do piso da entrada, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 314 – Desenhos da obra construída da pousada de Oliveira do Hospital, 1971. Planta do último piso, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 315 – Desenhos da obra construída da pousada de Oliveira do Hospital, 1971. Planta de coberturas, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 316 – Desenhos da obra construída da pousada de Oliveira do Hospital, 1971. Alçado Sudeste, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 317 – Desenhos da obra construída da pousada de Oliveira do Hospital, 1971. Alçado Noroeste, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 318 – Desenhos da obra construída da pousada de Oliveira do Hospital, 1971. Alçado Sudoeste, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 319 – Desenhos da obra construída da pousada de Oliveira do Hospital, 1971. Alçado Nordeste, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 320 – Planta parcial: transformação da antiga residência do concessionário em novos quartos de hóspedes, escala 1:100. Grafite sobre papel de esquisso, 420 x 297 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 321 – Planta parcial: transformação dos antigos quartos do pessoal da pousada em residência do gerente, escala 1:100. Grafite sobre papel de esquisso, 420 x 297 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 322 – Planta parcial e corte construtivo: transformação e ampliação da eira em SPA, escalas 1:100 e 1:20. Grafite e riscador encarnado sobre papel de esquisso, 420 x 297 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 323 – Planta parcial, corte e detalhe construtivo: transformação e ampliação da eira em SPA, escalas 1:100 e 1:20. Grafite sobre papel de esquisso, 297 x 420 mm (t. r.). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 324 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Planta de implantação, escala 1:700. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 325 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Plantas da subcave e da cave, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 326 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Planta do piso da entrada, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 327 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Planta do piso do último piso, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 328 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Planta do piso da entrada, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 329 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Corte AB (alçado Sudeste), escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 330 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Corte CD (alçado Noroeste), escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 331 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Alçado Sudeste, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 332 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Alçado Noroeste, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 333 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Alçado Sudoeste, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

Ilustração 334 – Projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital, 2010-2012. Alçado Nordeste, escala 1:300. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Redesenho nosso.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Entrevista a Manuel Tainha, 2009.01.13.

Apêndice B - Entrevista a Manuel Tainha, 2010.02.26.

Apêndice C - Entrevista a Manuel Tainha, 2011.05.03.

Apêndice D - Entrevista a Manuel Tainha, 2011.05.16.

Apêndice E - Entrevista a Manuel Tainha e a Luciana Fina, Março 2012.

Apêndice F - Entrevista a Fernando Bagulho, 2013.03.26.

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - [Despacho] Pousadas. 1953.12.16.
Arquivo Salazar – Códigos de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B.

Anexo B - Informação pedida no despacho de S. Ex.ª o Senhor Presidente do Conselho de 29-XII-1953 sôbre pousadas. 1954.01.16.
Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B.

Anexo C - Generalidades acerca dos programas para as pousadas a construir segundo o novo plano. 1954.01.22.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo D - Plano de pousadas. 1954.01.26.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/000-0007/01.

Anexo E - [Despacho] Pousadas. 1954.02.08.
Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B.

Anexo F - [Despacho] Pousadas [Manuscrito]. 1954.02.08.
Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-8E1.

Anexo G - [Contrato de prestação de serviços para projecto de arquitectura e de especialidades referente a uma pousada a construir em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. 1954.09.15.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo H - Memória descritiva e justificativa [Primeiro ante projecto]. 1954.12.15.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03.

Anexo I - Parecer: Pousada de Oliveira do Hospital [Primeiro ante projecto]. 1954.12.21.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo J - [Escritura relativa à compra de uma parcela de terreno para a construção de uma pousada, em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. 1955.12.29.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0251/3.

Anexo K [Ofício] nº 47 [emitido pelo SNI, que acompanha a entrega ao] Presidente do Conselho [dos ante projectos de cinco pousadas da segunda fase]. 1955.04.05.
Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72.

Anexo L - Informação nº 153. [Apreciação ao segundo ante projecto para uma pousada a construir em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. 1955.06.27.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198.

Anexo M - [Despacho ao ofício nº 47, elaborado pelo Presidente do Conselho]. 1955.08.16.
Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72.

Anexo N - [Despacho ao ofício nº 47, elaborado pelo Presidente do Conselho] [Manuscrito]. 1955.08.16.
Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72.

Anexo O - [Memória descritiva e justificativa do terceiro ante projecto].1956.01.23.
Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Anexo P - Parecer sobre a segunda solução do ante-projecto de uma pousada a construir na região de Oliveira do Hospital. 1956.01.31.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo Q - Pousada de Oliveira do Hospital: Informação. 1956.02.29.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo R - Pousada a erigir em Oliveira do Hospital (Póvoa das Quartas) [Parecer emitido pelo SNI relativo ao ante projecto]. 1956.06.03.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo S - [Memória descritiva e justificativa do projecto]. Novembro.1956
Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Anexo T - Parecer sobre o projecto da pousada a construir em Oliveira do Hospital. 1957.01.21.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03.

Anexo U - Pousada a erigir em Oliveira do Hospital (Póvoa das Quartas). [Parecer emitido pelo SNI relativo ao projecto]. 1957.02.15.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo V Parecer: Projecto da Pousada de Oliveira do Hospital. 1957.08.02.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03.

Anexo W - Informação: Pousada de Bragança. 1957.08.29.
Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-53.

Anexo X - Informação de serviço: [Proposta para a mudança de estratégia relativa ao] Plano de Novas Pousadas. 1957.10.28.
Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 3/B-39-2, NT-109.

Anexo Y - [Estudo para a captação de água com vista ao abastecimento da pousada de Oliveira do Hospital]. 1958.04.15.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198.

Anexo Z - Pousada a erigir em Oliveira do Hospital: Parecer [emitido pelo SNI relativo ao projecto final]. 1958.05.14.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo AA - Construção de uma pousada na Póvoa das Quartas (Oliveira do Hospital): Informação [emitida pelo SNI relativa ao projecto final]. 1958.05.19.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo AB - Parecer: Projecto[s de estabilidade e de instalações especiais e orçamento geral da obra] da pousada de Oliveira do Hospital. [s.d.].
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo AC - [Informação dirigida ao] Ministro das Obras Públicas [sobre os processos das novas pousadas]. 1959.03.10.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03.

Anexo AD - Projecto da pousada de Oliveira do Hospital: Parecer [relativo aos projectos das especialidades]. 1959.03.17.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03.

Anexo AE - [Ofício n.º] 925 [que acompanha o projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, onde se descreve todas as peças que o constituem]. 1960.08.05.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198.

Anexo AF - Ordem de Serviço n.º 11409 [com a transcrição do despacho do Ministro das Obras Públicas sobre o projecto final da pousada para Oliveira do Hospital]. 1960.08.16.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198.

Anexo AG Pousada de Oliveira do Hospital: Parecer [emitido pelo SNI relativo ao projecto apresentado para a recepção de excursionistas]. 1960.10.18.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03.

Anexo AH - Ofício n.º 699: Pousada de Oliveira do Hospital – Abastecimento de água. 1962.07.24.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0167/05.

Anexo AI - [Informação que acompanha a devolução dos recortes do "Diário de Coimbra"]. 1963.08.02.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo AJ - [Ofício] n.º 4808/R.I.H./A., Ref. 410 [dirigido ao] Senhor Presidente do Conselho [sobre a constituição de uma Comissão para a revisão do programa das novas Pousadas. 1963.12.27.
Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 11/A-44-7, NT-151.

Anexo AK - [Carta de Manuel Tainha dirigida ao] Director dos Serviços de Construção da D.G.E.M.N. do M.O.P. [sobre o programa de alterações a introduzir no projecto da] Pousada de Oliveira do Hospital. 1966.10.07.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03.

Anexo AL - [Contrato para a execução da empreitada de construção do edifício da Pousada de Oliveira do Hospital]. 1967.11.20.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Anexo AM - [Acta de Obra]. 1968.02.08.
Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Anexo NA - [Acta de Obra]. 1968.03.16.
Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Anexo AO - [Acta de Obra]. 1968.08.03.
Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Anexo AP - [Acta de Obra]. 1968.09.07.
Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Anexo AQ - [Acta de Obra]. 1968.09.19.
Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Anexo AR [Ofício] n.º 1565 [enviado pela Comissão para Aquisição de Mobiliário da DGEMN ao Director dos Serviços de Construção da DGEMN]. 1968.09.27.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198.

Anexo AS - [Acta de Obra]. 1968.10.25.
Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Anexo AT - [Acta de Obra]. 1970.06.30.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/199.

Anexo AU - [Acta de Obra]. 1970.08.08.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/199.

Anexo AV - [Acta de Obra]. 1971.05.07.
Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0399/200.

Anexo AW - [Classificação] como monumento de interesse público [d]a Pousada de Santa Bárbara, em Póvoa das Quartas, freguesia de Lagos da Beira, concelho de Oliveira do Hospital, distrito de Coimbra. 2012.12.24.
Portaria n.º 740-AG/2012, DR, 2.ª série, n.º 248-suplemento, de 24-12-2012.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AAP	-	Associação dos Arquitectos Portugueses
a.C.	-	antes de Cristo
AOS	-	António de Oliveira Salazar
CEE	-	Comunidade Económica Europeia
cm	-	centímetro (unidade de medida)
CMOH	-	Câmara Municipal de Oliveira do Hospital
DENC	-	Direcção dos Edifícios Nacionais do Centro
DGEMN	-	Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DGSU	-	Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização
DGT	-	Direcção-Geral de Turismo
EN17	-	Estrada Nacional n.º 17
ENATUR	-	Empresa Nacional de Turismo
EUA	-	Estados Unidos da América
FAUTL	-	Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
FB	-	Fernando Bagulho
FCG	-	Fundação Calouste Gulbenkian
GPP		Grupo Pestana Pousadas
IGESPAR	-	Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
il.	-	Ilustração
IPPAR	-	Instituto Português do Património Arquitectónico
ISCTE	-	(ISCTE-IUL) Instituto Universitário de Lisboa
IST	-	Instituto Superior Técnico
JD	-	João Duarte
LF	-	Luciana Fina
m	-	metro (unidade de medida)
mm	-	milímetro (unidade de medida)
MDN		Ministério da Defesa Nacional
MMT	-	Manuel Mendes Tainha
MOP	-	Ministério das Obras Públicas
MOPC	-	Ministério das Obras Públicas e Comunicações
MOPTC	-	Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações
MT	-	Manuel Tainha
NASA		National Aeronautics and Space Administration
PCP	-	Partido Comunista Português
POH	-	Pousada de Oliveira do Hospital

s.d.	-	sem data
SEIT	-	Secretaria de Estado da Informação e Turismo
SNAP	-	Sindicato Nacional dos Arquitectos Portugueses
SNBA	-	Sociedade Nacional de Belas Artes
SNI	-	Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo
SPN	-	Secretariado de Propaganda Nacional
RFA	-	República Federal Alemã
RDA	-	República Democrática Alemã
t. n.	-	tamanho natural
t. r.	-	tamanho reduzido
TR	-	Teresa Rodeia
UIA	-	União Internacional dos Arquitectos
URSS	-	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

NOTAS PRÉVIAS

Neste trabalho, foi seguida a Norma Portuguesa NP405 para a elaboração de citações e de referências bibliográficas, adoptando-se o método autor-data-localização aí definido. Todas as citações aparecem entre aspas duplas seguidas da respectiva fonte, repetindo-se a referenciação mesmo quando citações com a mesma referência surjam seguidas. Nas referências relativas a elementos documentais, o cumprimento estrito do preceito imposto pela norma implementada conduziria a uma uniformização das citações – por exemplo, (Portugal. 1954.01.22, p. 21) –, visto todos os arquivos consultados se encontrarem em território nacional. Como alternativa, e a considerar-se importante o esclarecimento da entidade emissora do documento, colocar-se-ia para essa mesma citação (Portugal. Presidência do Conselho, Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, 1954.01.22, p. 21). Entendendo-se, por um lado, que a informação referente à entidade que emite o documento citado é fundamental para o esclarecimento do leitor e, por outro lado, que a sua excessiva extensão prejudicaria a fluidez de leitura do texto onde se integra – implicando, em limite, a perda do seu sentido –, optou-se por acrescentar à citação, entre parênteses rectos, a abreviatura da entidade emissora do documento a que respeita: (Portugal [SNI], 1954.01.22, p. 21).

As palavras em língua estrangeira serão apresentadas em itálico, no mesmo tipo e corpo de letra do texto onde se inserem. Para citações em língua estrangeira, optou-se pela sua tradução no corpo do texto, de forma a tornar a sua leitura mais fluida, colocando-se a respectiva tradução em nota de rodapé.

As aspas simples serão utilizadas no texto quando se pretende enfatizar o significado de uma palavra ou expressão ou quando se empreguem em extensão de sentido.

As ilustrações referentes aos desenhos de projecto serão interpretadas sequencialmente e a sua referência será mencionada no início do texto. Sempre que, no decurso do texto, forem citadas notas escritas constantes na ilustração que se está a abordar, colocar-se-ão entre aspas duplas sem a necessidade de as referenciar à ilustração respectiva.

Este trabalho está redigido de acordo com as normas de ortografia anteriores ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

SUMÁRIO

Introdução....47

Propósitos da investigação....47

Procedimentos da investigação....51

1 Enquadramento teórico....55

1. 1 O desenho e o projecto de arquitectura....57

1. 2 O desenho como suporte do projecto de arquitectura – génese....58

1. 3 O desenho como suporte do projecto de arquitectura – revisão....67

1. 4 As propostas de Herbert (1993)....69

1. 5 O desenho como pensamento; o pensamento como desenho....75

1. 6 O desenho a partir de Manuel Tainha....74

2 Enquadramento ao autor: Biografia de Manuel Tainha: vida e obra....79

3 Obra Pousada de Oliveira do Hospital, Póvoa das Quartas. 83

3. 1 Nota prévia....87

3. 2 Localização....87

3. 3 Implantação 89

3. 4 Experiência....90

3. 4. 1 Chegada 91

3. 4. 2 Frentes Sudoeste/Noroeste 91

3. 4. 3 Miradouro....92

3. 4. 4 Frente Sudeste 93

3. 4. 5 Eira 95

3. 4. 6 Frentes Nordeste e Sudeste / recinto de serviço....95

3. 4. 7 Garagens individuais....96

3. 4. 8 Frente Noroeste....96

3. 4. 9 Entrada/recepção 97

3. 4. 10 Sala de estar....97

3. 4. 11 Sala de jantar....99

3. 4. 12 Terraço 100

3. 4. 13 Sala de leitura/quartos 101

3. 4. 14 Terceiro piso: quartos de hóspedes 101

3. 4. 15 Serviços 103

3. 4. 16 Pátio 104

3. 4. 17 Materiais 104

3. 4. 18 Equipamento e mobiliário 106

3. 5 Síntese 107

4 Processo Pousada de Oliveira do Hospital, Póvoa das Quartas. Projecto: 1954-1960; Construção: 1968-1971 109

4. 1 Mapa cronológico da pousada de Oliveira do Hospital 113

4. 2 Enquadramento 115

4. 3 Primeiro ante projecto: 15 de Dezembro, 1954 120

4. 3. 1 Interpretação dos desenhos de trabalho: primeiro ante projecto 120

4. 3. 2 Versão entregue: primeiro ante projecto 123

4. 3. 3 Pareceres: primeiro ante projecto 130

4. 4 Segundo ante projecto: 18 de Maio, 1955 133

4. 4. 1 Interpretação dos desenhos de trabalho: segundo ante projecto 133

4. 4. 2 Versão entregue: segundo ante projecto 186

4. 4. 3 Pareceres: segundo ante projecto 194

4. 5 Terceiro ante projecto: 23 de Janeiro, 1956 195

4. 5. 1 Interpretação dos desenhos de trabalho: terceiro ante projecto 196

4. 5. 2 Versão entregue: terceiro ante projecto 224

4. 5. 3 Pareceres: terceiro ante projecto 229

4. 6 Projecto: Novembro, 1956 232

4. 6. 1 Interpretação dos desenhos de trabalho: projecto 232

4. 6. 2 Versão entregue: projecto 239

4. 6. 3 Pareceres: projecto 246

4. 7 Projecto final: 1958 250

4. 7. 1 Interpretação dos desenhos de trabalho: projecto final 252

4. 7. 2 Versão entregue: projecto final 258

4. 7. 3 Pareceres: projecto final 265

4. 7. 4 Suspensão do processo: 1960 271

4. 7. 5 Prossecução do processo: 1966 273

4. 8 Construção: 1968-1971 276

4. 8. 1 Adaptação do projecto de execução ao processo de construção 277

4. 9 Projecto de alteração e de ampliação: 2010-2012 289

4. 9. 1 Interpretação dos desenhos de trabalho: projecto de alteração e de ampliação 291

4. 9. 2 Versão entregue: projecto de alteração e de ampliação 294

4. 9. 3 Pareceres: projecto de alteração e de ampliação 297

Conclusão 299

Referências 303

Bibliografia 321

Ilustrações – Volume 2

Apêndices e Anexos – Volume 3

INTRODUÇÃO

PROPÓSITOS DA INVESTIGAÇÃO

Os arquitectos recorrem a representações para a invenção de objectos arquitectónicos. Porque os objectos arquitectónicos só terão existência no futuro, as representações constituem-se como o meio através do qual se torna possível testar e comunicar a solução projectual antes da sua materialização enquanto obra construída.

Partindo do pressuposto de que a arquitectura só o é enquanto experiência do corpo no espaço – sem pôr em causa os inúmeros projectos não concretizados que nos possam evocar essa experiência – então, para o arquitecto, 'fazer arquitectura' corresponderá a uma actividade ficcional. No entanto, será no seio dessa 'ficção' que o arquitecto encontrará os mecanismos para desenvolver o seu pensamento projectual.

Num processo projectual, em arquitectura, as representações poderão assumir várias formulações – desenhos à mão levantada, desenhos assistidos por computador, modelos tridimensionais, fotografias, anotações escritas –, formulações essas concebidas a partir dos sistemas de convenções vigentes numa dada cultura. A opção por um sistema de representação e, portanto, o abandono de outros, dependerá da sua eficácia em cada momento do processo de projecto, mas serão porventura as idiossincrasias de cada autor aquilo que mais contribuirá para essa escolha.

A representação, contudo, poderá ser observada de um modo mais lato. Porque a sua adopção não se restringe à invenção daquilo que não tem ainda existência no mundo, parece plausível considerar que a representação poderá determinar, pelo menos em parte, o modo como, no quotidiano, apreendemos o mundo. A capacidade que a representação tem de revelar coisas que não são de imediato reconhecíveis assim o justifica. A abrangência da representação fica expressa na observação de Janeiro, para quem a sua ocorrência está além de uma mera comunicação do mundo – existente ou projectado – considerando que "[a] representação é a nossa possibilidade de relação com o mundo [...]" (Janeiro, 2008, p. 17). Só, pois, enquanto representação o mundo parece poder existir em nós.

No entanto, apesar de poder comportar esta abrangência, neste trabalho, a representação irá ser observada enquanto processo para a invenção de uma realidade futura – o objecto arquitectónico.

Representar, do latim *repraensentäre*, significa "[t]ornar presente, pôr diante dos olhos [...]" (Ferreira, 1983, p. 1005), isto é, estar em vez de; substituir. No caso de objectos que já têm existência no mundo, a representação poderá tomar o seu lugar na sua ausência, substituir-se-lhes e, assim, tornando-os presentes. Mas o mesmo parece já não poder acontecer quando está em causa um objecto arquitectónico que não tem ainda existência no mundo. Pelo facto de não deter ainda essa existência, a representação não poderá substituí-lo. Quando muito poderá suscitar a vontade da sua presença. Nesse caso, o projecto é antecipação e desejo – desejo de tornar presente uma inelutável ausência.

Num mundo onde as tecnologias digitais são uma presença crescente no nosso quotidiano, o desenho – enquanto acção psico-motora – poderá continuar a deter um papel importante na PRODUÇÃO arquitectónica. A sua 'simplicidade' associada ao seu fazer – para fazer um desenho basta ter um suporte e um instrumento riscador –, viabiliza a sua ocorrência em (quase) todas as circunstâncias. Neste sentido, um desenho poderá permitir reter uma ideia, não deixar escapar o pensamento; permitirá, em suma, fixá-lo.

Se pode ser colocada em questão a importância que o desenho detém na produção arquitectónica, constata-se, porém, continuar a atribuir-se-lhe importância no ENSINO da arquitectura no contexto nacional. Os programas de estudo das universidades de arquitectura em Portugal integram Unidades Curriculares de Desenho nos anos iniciais da aprendizagem, persistindo a convicção de que o conhecimento aí apreendido permitirá ao futuro arquitecto um melhor domínio do projecto. Contudo, nem sempre parecem ser coincidentes a informação apreendida em Desenho e as competências requeridas no Projecto: no primeiro caso, tende a valorizar-se o desenho enquanto objecto; no segundo, enquanto meio para a progressão de uma solução projectual, isto é enquanto processo. E se é tomado enquanto processo, o desenho assume um carácter transitório, equilibrando-se sempre "entre um passado não resolvido e um futuro imprevisível" (Herbert, 1993, p. 2).

Há muitos anos que exercemos actividade enquanto arquitecta. E há muitos anos que exercemos, também, actividade enquanto docente – na área do Desenho – na Universidade Lusíada de Lisboa. O desenho tornou-se, por isso, um natural campo de INVESTIGAÇÃO, crendo-se na completude que INVESTIGAÇÃO, PRODUÇÃO e ENSINO de arquitectura entre si detêm.

O desenho é adoptado na produção arquitectónica desde há muitos séculos. Se houve épocas em que o desenho de concepção não se distinguia do desenho de construção – sendo a obra o lugar da experiência –, na actualidade, com a total separação entre as actividades de concepção e de construção, talvez possa o desenho constituir-se como o lugar dessa experiência. Não sendo o desenho arquitectura, assim o cremos, e muito menos experiência arquitectónica, sendo manifestamente o desenho distinto do objecto que representa, interessará portanto questionar qual será o seu papel na concepção de objectos arquitectónicos.

Um desenho é resultado de um conjunto de marcas gráficas sobre uma superfície, constituindo, por isso, uma abstracção. Ao ser interpretado, convocando-se, para tal, um sistema de convenções, esse conjunto de marcas adquirirá um significado, tornar-se-á num desenho. Nesse sentido, um desenho é-o se e porque apreendido por quem dominar esses sistemas de convenções. De qualquer modo, deve ser ponderado esse processo. Ainda que o 'leitor' do desenho domine o sistema de convenções considerado para o efeito, a interpretação – quer como processo, quer como seu resultado –, não parece ter uma regulação fixa. Pelo contrário, ao depender da motivação de quem o 'lê', mas também do contexto onde essa 'leitura' é realizada, a interpretação ficará porventura marcada por uma arbitrariedade não desejada ou, sequer, antecipada. Arbitrariedade, não porque essa interpretação resulte de uma discricionariedade de quem 'lê', mas porque não se constitui como um processo natural no fim do qual se atinge uma evidência. E sucederá assim, mesmo que se acredite cumprir na sua completude as convenções do sistema em causa.

Num projecto de arquitectura, estão implicadas questões de natureza muito diversa. Por vezes, até, aparentemente contraditórias. Será no decurso do processo projectual que essas questões se irão reciprocamente articulando, em aproximações sucessivas, até se atingir uma solução que se julgue satisfatória. Quando, nesse processo, está envolvido o desenho, então, será através desse meio que se atingirá essa solução.

Acontece, porém, que a informação que se observa no desenho, ao confrontá-lo, não coincide – pelo menos na totalidade – com a informação da qual se parte. Mais ainda, essa não coincidência é algo que poderá ser observado até na própria elaboração do desenho. Verificando-se essa não coincidência, mas tendo a expectativa de um transparecimento do pensamento na representação, tornar-se-á lícito o questionamento do papel do desenho no processo conceptual em arquitectura.

A verificação de uma eventual diferença – de uma não coincidência – entre a informação veiculada pelo desenho e o pensamento para o qual foi convocado poderá, eventualmente,

significar que o desenho não se constitua como uma mais-valia para o processo projectual, mas como um atrito no seu avanço. Se o desenho é convocado para esclarecer o pensamento – e assim parece de facto suceder –, essa não coincidência parece pôr em causa a sua adopção. Mas, talvez, a importância do desenho possa ser abordada de outro modo. Ao contrário de ser tomada como uma contingência, poderá afinal o valor do desenho para o processo projectual radicar-se, justamente, nessa diferença?

Esta questão suscita uma outra. Se, por um lado, existe a expectativa de um transparecimento do pensamento na representação (no desenho), por outro lado parece detectar-se uma diferença entre o pensamento e a sua representação (o desenho). Será que o processo projectual avançará ao se procurar atenuar essa diferença?

Tendo estas questões como ponto de partida, o nosso trabalho procurará, num primeiro momento, averiguar a importância do desenho no processo projectual em arquitectura.

Após esta primeira averiguação, de âmbito geral, iremos verificar como é que essa importância, a existir, se manifesta num processo específico de projecto, elegendo como estudo de caso a pousada de Oliveira do Hospital.

A pousada de Oliveira do Hospital constitui um caso exemplar, tanto no contexto da obra construída de Manuel Mendes Tainha (1922-2012), quanto no contexto da arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX. Tendo sido o projecto iniciado em 1954 e a obra concluída, apenas, em 1971, este processo decorre numa amplitude temporal considerável que acompanha o amadurecimento e a consolidação do seu autor enquanto arquitecto. Se estudar um processo tão particular e com um lapso de tempo tão dilatado já constituía uma motivação para a escolha deste estudo de caso – dando-nos a possibilidade de observar de que modo o desenho intervém nos vários 'tempos' em que o processo decorre –, a circunstância de em 2010 Manuel Tainha ter elaborado um novo estudo para a actualização do edifício reforçou a motivação dessa escolha.

Entre o legado de Manuel Tainha, os seus escritos correspondem a uma parte significativa, porque, como defendia, "[o] arquitecto dev[ia] saber falar daquilo que está a fazer" (Tainha, 2000). Por isso, também o desenho, enquanto o seu *modus operandi* habitual, foi um tema recorrente das suas reflexões teóricas. Essas reflexões tenderão a cruzar-se com a observação do estudo de caso que nos propomos investigar.

Na actualidade, existe alguma teorização sobre a relação que poderá existir entre o pensamento projectual e o desenho. Procuraremos, contudo, estabelecer uma outra abordagem a essa relação. Sem pôr em causa a sua pertinência, no presente trabalho procurar-se-á a partir de um estudo de caso – o processo projectual da pousada de Oliveira do Hospital –, construir uma teoria a partir da observação de um processo e não, apenas, sujeitar a observação de um processo a uma teoria previamente definida.

PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO

A importância do desenho para o projecto tem sido abordada de dois modos distintos, privilegiando, quer a sua dimensão instrumental, quer a sua dimensão epistemológica. No primeiro caso, o desenho tende a ser sujeito a avaliações funcionais e expressivas, destacando-se, entre outros, as taxionomias propostas por Fraser e Henmi (1994). No segundo caso, é equacionado o âmbito da mediação do desenho no pensamento do arquitecto. Evans (1997), em 1986, é pioneiro, ao identificar o poder generativo do desenho, depois de verificar a sua anterioridade ontológica em relação à arquitectura. Essa identificação permite questionamentos posteriores, a partir dos quais o valor do desenho é imputado, não à sua neutralidade, mas, antes, ao seu carácter transitório (Herbert, 1993), interventor (Perez-Gomes e Pelletier, 2000) e contingente (Allen, 2000). O desenho é considerado como uma ordem de estruturação do pensamento (Rodrigues, 2000).

Neste âmbito, será possível enquadrar algumas das reflexões propostas por Manuel Tainha (1994, 2000, 2002 e 2006), embora não exista, até hoje, investigação sobre a pertinência do desenho na sua prática projectual. Os trabalhos monográficos que lhe são dedicados (Casa da Cerca, 2000; Neves, 2002) incidem sobre a sua obra, negligenciando o seu processo de projecto. Manuel Tainha, em 1983, no texto "Na ponta do lápis ou quem tem medo do papel em branco?", a propósito do trabalho desenvolvido nesse ano lectivo, equaciona a indissociabilidade entre pensamento e representação, afirmando que a ocorrência de ambos é concomitante (Tainha, 1994). No mesmo texto, vai mais longe ao considerar que o desenho se configura como a "[...] questão central do processo de desenvolvimento de uma ideia arquitectónica" (Tainha, 1994, p. 75), ultrapassando os seus limites meramente instrumentais. Se é verdade que se pensa por meio da linguagem (Tainha, 1994), será no fazer do processo arquitectónico que, através da sua linguagem contingente, se avança para graus de incerteza cada vez menores e se constrói conhecimento (Tainha, 2006). Assim, nesse trajecto errático e complexo, o certo não se oporá ao errado, mas ao incerto (Tainha, 2000).

Face à investigação sobre o tema agora identificada, conclui-se a necessidade de estabelecer um aprofundamento sobre a prática projectual de Manuel Tainha a partir da pertinência que nela terá o desenho.

O processo da pousada de Oliveira do Hospital corresponde a um caso particular na obra de Manuel Tainha. Essa particularidade não advém apenas do lapso temporal alargado em que o processo decorre, mas também das razões que terão concorrido para que assim tivesse sucedido e que se prendem com o próprio processo burocrático envolvido.

O projecto da pousada corresponde a uma encomenda do Estado, solicitada a Manuel Tainha pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) a partir de um programa elaborado pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI). Quer a DGEMN, quer o SNI, apesar de serem tutelados por entidades diferentes – a DGEMN pertence ao Ministério das Obras Públicas (MOP), enquanto o SNI está sob a tutela directa Presidência do Conselho de Ministros, isto é, do próprio Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar [1] –, são organismos que têm efectiva intervenção no processo da pousada de Oliveira do Hospital através da emissão de pareceres que nem sempre são consonantes entre si. Se a DGEMN é a entidade que adjudica e, portanto, que estabelece uma relação directa com o arquitecto Manuel Tainha ao longo de todo o processo, já o SNI é a entidade que, não se mostrando, detém a última palavra. Ou seja, é a entidade que efectivamente determina a avaliação do projecto. Deste relacionamento, nem sempre fácil – em conjunto com outros constrangimentos que abordaremos no decurso do nosso trabalho –, resulta um processo demorado, cheio de entraves, que chega a culminar na sua suspensão (1960).

Se decorrem seis anos entre a entrega do primeiro estudo da pousada de Oliveira do Hospital – entregue à DGEMN em 1954 – e a aprovação do projecto final – aprovado pelo SNI em 1960 –, também é emitida muita documentação pela DGEMN e pelo SNI ao longo desses seis anos, expressa em pareceres, correspondência, informações internas, despachos. Sem essa documentação este trabalho não teria sido possível. Ou, pelo menos, não teria sido possível desta maneira.

Apesar de o projecto da pousada de Oliveira do Hospital se constituir como um dos processos mais bem documentados de entre o espólio de Manuel Tainha, temos a absoluta convicção de que os cerca de duzentos e sessenta desenhos de trabalho,

[1] António de Oliveira Salazar (Vimieiro, Santa Comba Dão, 28 de Abril de 1889 – Lisboa, 27 de Julho de 1970) exerce a função de Presidente do Conselho de Ministros desde 1932 até 1968, altura em que é substituído por Marcello Caetano (Lisboa, 17 de Agosto de 1906 – Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1980).

distribuídos por mais de setenta suportes, correspondem a uma pequena parte daqueles que terão sido efectivamente produzidos. Se a esta convicção associarmos o facto de esses desenhos não possuírem quaisquer referências cronológicas – apenas três suportes se encontram datados –, tornar-se-ia difícil a compreensão do itinerário de um processo de projecto que, pela sua própria natureza, não se sujeita a um percurso linear, mas a um caminho cheio de derivações, avanços e recuos, hesitações e descontinuidades.

O suporte documental recolhido nos arquivos da DGEMN, do SNI e de outros detém, nesta encruzilhada, um papel crucial. Só a partir dele, ou melhor, só a partir do cruzamento da informação nele contida com o material gráfico disponível, se tornou possível localizar os desenhos nos vários 'tempos' em que o processo decorreu. Para isso, também foi importante o conhecimento das várias versões do projecto – entregues à DGEMN por Manuel Tainha – que, por se constituírem como versões 'estabilizadas' e referenciadas cronologicamente, funcionaram como balizas temporais entre as quais se pôde estabelecer uma ordenação lógica dos desenhos.

Apesar disso, mesmo na posse de todos os elementos referidos – os desenhos de trabalho, o material documental, as várias versões 'estabilizadas' do projecto –, foi através de um processo de sucessivas aproximações que a lógica dessa ordenação se foi, progressivamente, evidenciando. Cada novo desenho interpretado implicou ajustes à ordenação intentada do conjunto, ordenação essa que se revelou sempre provisória até ao fim do nosso próprio 'processo' (ilustrações 1-3). Só então se tornou uma evidência.

A não linearidade que caracteriza um processo de projecto em arquitectura foi reencontrada no processo da sua própria compreensão, pelo que a lógica deste só pôde ser alcançada, tal como terá ocorrido com aquele, quando se atingiu um pleno controlo da sua completude, ou seja, do significado de cada desenho na constituição desse todo. Neste sentido, o nosso processo de compreensão revelou-se, ele próprio, também um processo projectual.

Não se procurou, contudo, proceder a uma arqueologia do processo de projecto da pousada de Oliveira do Hospital; procurou-se, antes, a partir dos desenhos recolhidos, discernir uma possível lógica subjacente à sua formulação e ao seu encadeamento, permitindo assim desvelar o equilíbrio entre pensamento e representação que aí terá ocorrido, desvelando desse modo, portanto, o significado desta na constituição daquele.

A presente tese iniciar-se-á com uma ponderação teórica acerca do papel do desenho no pensamento projectual em arquitectura, para a qual serão convocadas algumas reflexões

existentes sobre o tema. Essas reflexões deverão permitir verificar se o desenho, mais do que constituir, apenas, um meio para a definição de um objecto arquitectónico, alcançará, também, a própria constituição do pensamento projectual.

Ao enquadramento teórico, seguir-se-á o enquadramento ao autor. Um mapa cronológico proporcionará uma leitura simultânea da vida e da obra de Manuel Tainha.

Tendo como pano de fundo os enquadramentos ao tema e ao autor, será introduzido o estudo de caso – a pousada de Oliveira do Hospital – com uma descrição detalhada do objecto arquitectónico, procurando-se, a partir do conhecimento da obra, uma primeira aproximação ao processo de projecto que possa estar na sua génese.

A interpretação do processo projectual da pousada – que se constituirá como o corpo principal da tese – será sujeita a uma ordem sequencial, organizada a partir das várias versões 'estabilizadas' entregues. Neste capítulo, a leitura dos desenhos cruzar-se-á quer com a informação contida no material documental, quer com a informação fornecida pelo autor. Esta última, advirá de textos publicados e de entrevistas semiestruturadas desenvolvidas por nós no contexto da presente investigação.

Com o propósito de possibilitar uma leitura sincrónica do texto com as ilustrações (desenhos, fotografias, outros) e o material documental, optou-se por apresentar a tese em três volumes que se complementam entre si. O primeiro volume corresponde ao texto; o segundo, às ilustrações; e o terceiro volume, que é constituído por apêndices e anexos, integrará as entrevistas semiestruturadas ao autor e a outros intervenientes no processo da pousada de Oliveira do Hospital e o material documental proveniente dos diversos arquivos consultados.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. 1 O DESENHO E O PROJECTO DE ARQUITECTURA

Na actualidade, existe uma estreita ligação entre o desenho e a prática projectual. Se é o arquitecto quem inventa os objectos arquitectónicos, não será o arquitecto quem os constrói. O desenho constitui-se, por isso, como o meio que permite a transmissão da informação projectual entre os arquitectos e todos os responsáveis pela construção de objectos arquitectónicos. Mas, visto que os objectos arquitectónicos só terão existência no futuro, o desenho poderá também ser um meio pelo qual o arquitecto desenvolve o seu pensamento projectual.

Estando, por um lado, o arquitecto afastado do processo de construção do objecto arquitectónico – da obra – mas, por outro lado, pretendendo que o objecto arquitectónico se construa de acordo com o que pensou, será ao nível do projecto que o seu trabalho é desenvolvido. Então, o projecto – entendido como o "[c]onjunto de peças escritas e desenhadas que permitem, pela sua leitura, executar uma obra" (Rodrigues, Sousa e Bonifácio, 1996, p. 221) – deverá antecipar o objecto arquitectónico, procurando representá-lo na sua completude. Deste modo, será enquanto representação que o trabalho do arquitecto, substancialmente, se concretizará. E substancialmente porque, pese embora o esforço investido na completude da informação presente no projecto – ou seja, no plano da representação – o confronto com a obra poderá, ainda assim, revelar a parcialidade dessa completude. A experiência parece confirmá-lo. Então, essa inalcançada completude poderá advir de insuficiência do projecto, mas revelará, talvez, a inescapável diferença que sempre existirá entre a representação e o seu objecto.

Se a experiência nos permite verificar a incompletude da informação no termo de um projecto de arquitectura – apesar do esforço investido para que assim não suceda – então, no decurso de um processo projectual, essa incompletude é uma evidência. É-o, não só porque o objecto está ausente – pois não detém ainda uma existência no mundo – mas também, e principalmente, porque ainda se encontra indefinido. Será, então, no decurso de um processo projectual que uma solução arquitectónica vai ganhando, progressivamente, crescentes graus de definição, até se considerar atingir uma solução satisfatória.

1. 2 O DESENHO COMO SUPORTE DO PROJECTO DE ARQUITECTURA – GÉNESE

Ao longo da história, a arquitectura terá comportado, sempre, representações gráficas. Contudo, a origem da actual relação entre o desenho e o projecto terá a sua génese no Renascimento Italiano.

É no Renascimento Italiano que será reconhecida a dimensão intelectual do trabalho do arquitecto. A arquitectura passa a ser entendida como uma elaboração intelectual – como 'coisa mental' –, passando o arquitecto a ser aquele que projecta – o inventor – e ficando destinada a outros a concretização do processo de edificação. Separa-se, assim, portanto, o projecto da construção. O antecessor do arquitecto, o 'mestre medieval', era, no essencial, um homem de saber prático cujo trabalho se desenvolvia numa relação directa e estrita com a obra. Provinha "[...] das fileiras dos ofícios da construção, da carpintaria ou da cantaria ou, frequentemente, de ambas e participava no efectivo processo de construção em conjunto com os operários, como um deles" [2] (Kostof, 2000, p. 61).

O reconhecimento deste novo estatuto do arquitecto implicará o seu afastamento da obra. Não foi um afastamento imediato, cimentadas que estavam há muito práticas projectuais anteriores, mas seria esse o seu desígnio a partir de então. Necessariamente, esse afastamento exigiria a definição de mecanismos que garantissem o cumprimento do projecto, isto é, mecanismos capazes de assegurar uma correcta transmissão da informação projectual àqueles que iriam construir aquilo que havia sido projectado. Mas não só. Ao afastar-se da obra, o arquitecto teria também de garantir um meio que lhe permitisse inventar aquilo que se pretendia construir. O arquitecto deixa assim de ter uma relação directa com o objecto do seu trabalho – ao confrontá-lo à medida que este ia sendo construído, encontrando-se, até aí, em permanência no estaleiro –, para passar a ter uma relação mediada pela representação, transferindo-se, portanto, para a representação o objecto do seu pensamento. A representação estivera desde sempre associada à prática do projecto. Contudo, tornara-se agora na instância na qual, e com a qual, essa prática se concretizava. O progressivo afastamento do arquitecto da obra comportaria ainda uma outra exigência: a da antecipação tão completa quanto possível do objecto arquitectónico em definição. Era, pois, na representação que o projecto passava a ser fixado.

[2] Tradução da autora. No original: "[...] *the ranks of the building crafts, carpentry or the working of stone or commonly both, and took part in the actual process of constrution alongside the building crew as one of their own*" (Kostof, 2000, p. 61).

A compreensão destas alterações, em particular da afirmação de um novo estatuto do trabalho do arquitecto e do valor da representação daí decorrente, deve necessariamente considerar as teorizações de Alberti. Deve-se a Alberti a formulação, quer desse estatuto do arquitecto, quer da importância que para isso teria a representação. Formulação, essa, plasmada no seu texto '*De Re Aedificatoria*' concluído em 1452 (Tavares, 2004, p. 39). O valor deste texto pode ser entendido a partir das observações de Tavares "Convencionou-se entender esse texto de referência como o documento inaugural da arquitectura moderna, conferindo ao seu autor o estatuto de arquitecto que soube estabelecer a perfeita ligação da teoria à prática" (Tavares, 2004, p. 9).

Para que o arquitecto renascentista fosse reconhecido enquanto trabalhador intelectual, deveria ser um erudito. Isto significa que teria de deter um conjunto de saberes teóricos. Nomeadamente, o conhecimento da Antiguidade Clássica. Se ao homem de letras era requerido o conhecimento dos textos clássicos, então, ao arquitecto seria requerido o conhecimento da arquitectura clássica. Esta exigência teria consequências no modo como a concepção dos objectos arquitectónicos passaria a ser informada. Novas referências passariam a ser consideradas. "A sua ilimitada admiração pelos modelos Clássicos na literatura também estimulou o estudo das ruínas romanas, e, compreensivelmente, esperavam que este novo vocabulário formal recentemente descoberto fosse usado na arquitectura contemporânea" [3] (Ettlinger *in* Koostof, 2000, p. 97). O conhecimento do texto de Vitrúvio, o único texto clássico de arquitectura conhecido, seria para isso determinante. Este texto, que seria considerado, no fundo, um manual da arquitectura clássica, continha uma definição precisa das tarefas do arquitecto. A arquitectura era entendida como uma "ciência" (Ettlinger *in* Koostof, 2000, p. 101) e o arquitecto deveria possuir um conjunto alargado de saberes, tanto práticos quanto teóricos. "A ciência do arquitecto é ornada de muitas disciplinas e de vários saberes, estando a sua dinâmica presente em todas as obras oriundas das restantes artes. Nasce da prática e da teoria" (Vitrúvio Polião, 2006, p. 30). De certa forma, o texto de Vitrúvio vem legitimar o desígnio que se almejava para este novo profissional. Em síntese, sustentava-se "[...] a concepção do arquitecto como intelectual, [...] dotado de poder quase divino de criar a beleza em formas transcendentais de origem antropomórfica, que viria a divulgar a metodologia matemática de composição e novas técnicas de representar e construir o espaço" (Moreira, 1995, p. 305).

[3] Tradução da autora. No original: "Their unbounded admiration for the Classical models in literature also stimulated the study of Roman remains, and they understandably expected that this newly discovered formal vocabulary would be used in contemporary architecture" (Ettlinger in Kostof, 2000, p. 97).

De qualquer modo, só por si, sobretudo porque se perderam as imagens que o teriam acompanhado, o texto de Vitrúvio não permitia um conhecimento mais imediato da arquitectura clássica. Era a partir dos seus vestígios – das suas ruínas, portanto – que essa arquitectura poderia ser compreendida. Tornava-se, pois, essencial o seu estudo para a formação deste 'novo' arquitecto. Esta questão tem tanto mais importância quanto considerar-se que era, então, esperado do arquitecto a adopção do léxico clássico – ou o modo como esse léxico era compreendido – na invenção da arquitectura. Era assim, como uma reinvenção da arquitectura clássica que a invenção da 'nova' arquitectura era enfrentada. Dos construtores das catedrais góticas, pelo contrário, era esperada apenas a reiteração dos modelos há muito estabilizados pela tradição. Há, contudo, que objectivar como ocorria essa compreensão. Tratando-se de ruínas, a compreensão da configuração completa dos edifícios teria de ser conjecturada, surgindo como uma reconstrução mental, para a qual o desenho seria determinante. O desenho permitia não só efectuar o levantamento dos fragmentos observáveis dessas ruínas como, também – e esta é porventura uma sua dimensão até então ignorada – de ensaiar e, desse modo, auxiliar a desejada reconstrução mental desses edifícios. O [...] plano do desenho passa[ria] a ser o lugar da experimentação e da composição, quando até aí estava limitado ao papel de resolução de problemas. O Desenho torna-se, assim, o modo de pôr em problema e não só o processo de o resolver" (Côrte-Real, 2001, p. 29).

É esta relação entre o desenho e uma (re)invenção de um objecto arquitectónico que importa agora considerar. Naquilo que diz respeito à adopção do desenho, não haveria, afinal, substanciais diferenças entre a reconstituição dessas ruínas e o projecto de novas obras. Mais do que apenas fomentar um processo de procura conducente à definição da configuração conjecturada desses edifícios, o desenho tinha sobretudo de assegurar, quer uma sua representação tendencialmente completa, sem a qual essa configuração conjecturada não seria perceptível, quer de o fazer assegurando as relações dimensionais e geométricas subjacentes a essa configuração. Era no desenho que o arquitecto fixava o objecto do seu pensamento, quer esse objecto fosse uma obra nova, quer se tratasse da reconstrução mental de uma ruína. Por isso, afirmámos que o modo como o desenho era aí convocado não se distinguiria do modo como o mesmo seria convocado quando do projecto de um novo edifício.

Face àquilo que se exigia ao desenho, que não pode ser dissociado daquilo que se exigia ao arquitecto, será necessário reconhecer que não terá sido imediata a definição de um sistema de representação capaz de assegurar as valias agora exigidas ao desenho. Embora sempre tenha estado associado à prática projectual, a adopção do desenho

assentava sobretudo na manipulação de esquemas pré-definidos de organização sem que se lhe exigisse uma definição prévia e completa da obra. "O projecto medieval não antecede a edificação senão no modelo da organização e no esquema funcional [sendo] [o]s desenhos que visam o controle formal [...] produzidos à medida das necessidades (Côrte-Real, 2001, p. 16). Havia então que definir e estabilizar um sistema de representação gráfica capaz de cumprir este novo entendimento da arquitectura e do trabalho do arquitecto. Esse processo pode ser compreendido a partir do confronto entre as opiniões de James S. Ackerman (1991) e de Christof L. Frommel (in Millon e Lampugnani, 1997). Frommel e Ackerman abordam a mesma produção desenhada, desenvolvida sobretudo já no século XVI. Contudo, são distintas as conclusões a que chegam.

A partir de desenhos de trabalho do Alto Renascimento, Ackerman (1991) observa que a sua maioria é constituída por plantas e por detalhes, sendo os cortes utilizados apenas quando surgia a necessidade de resolver problemas específicos de construção, em particular as abóbadas. Observa, igualmente, que são quase inexistentes os desenhos de alçados. Face a este quadro, o autor conjectura o âmbito da adopção do desenho. "A partir desta evidência, apenas posso concluir que os desenhos não eram o meio de comunicação principal entre arquitectos e construtores. O enorme custo e esforço dedicados à construção de modelos para projectos de maior envergadura sugerem que muito do projecto continuou de uma forma plástica nesta fase. [...] Os construtores, mais do que trabalharem com especificações detalhadas, captavam do modelo a ideia do projecto e quando se deparavam com problemas, simplesmente obtinham resposta do arquitecto ou do supervisor, através do passa-palavra. [...] Penso que o palácio ou igreja correntes foram construídos a partir de desenhos grosseiros e de uma porção de detalhes" [4] (Ackerman, 1991, p. 373). Deve, pois, ser questionada a eventualidade de o desenho permitir a representação completa do projecto. E, sendo essa eventualidade ponderada, deve ser verificada como seria, então, assegurada essa representação. A compreensão da importância do desenho como instrumento de representação projectual não deve iludir a importância que, então, deverá ter tido a maqueta. As observações de Ackerman a esse propósito podem ser corroboradas com as investigações posteriores de Millon (in Millon e Lampugnani, 1997). A amplitude da adopção da maqueta que Millon verifica ter existido

[4] Tradução da autora. No original: "*I can conclude from this evidence only that drawings were not the chief means of communication between architects and builders. The enormous expense and effort devoted to the construction of models for the larger projects suggests that much of the designing went on in plastic form at this stage .* [...] *Builders, rather than work with detailed specifications, got the gist of the design from the model, and when they encountered problems, they simply got the answer from the architect or supervisor by word of mouth.* [...] *I think that the average palace or church was built from rough plans and a batch of details"* (Ackerman, 1991, p. 373).

até, pelo menos, ao início da segunda metade do século XVI (in Millon e Lampugnani, 1997, p. 19) leva a considerar que a maqueta cumprisse mais do que apenas um propósito de apresentação das propostas aos seus encomendadores. Além de maquetas de apresentação, muitas vezes resultantes de concursos, regista-se ainda a existência de maquetas destinadas aos estaleiros e maquetas de desenvolvimento do projecto. Esta adopção da maqueta é corroborada, por exemplo, por Wilkinson. "[...] [A] tradição medieval de construção de modelos em Itália continuou durante o Renascimento. Primeiro, o modelo era feito para o patrono e ocasionalmente para o público – um objectivo que ainda se mantém. Também era utilizado como guia para os construtores" [5] (Wilkinson in Kostof, 2000, p. 142). Na maqueta, com manifesta evidência para a clarificação do projecto e para a sua transmissão para a obra, aglutinavam-se 'planta', 'corte' e 'alçado'. Assim, no século XVI, não era ainda clara a existência de um sistema de representação desenhada capaz de assegurar uma fixação completa do projecto. De algum modo, a relatividade com que o desenho permitia essa fixação aquando das propostas de Alberti permanecia. Ao definir que competia ao arquitecto uma definição completa da obra prévia à sua construção, aparentemente, deveria existir um sistema de representação capaz de a assegurar. É possível confirmar essa relatividade do desenho a partir do modo como Tavares avalia a relação, precisamente, entre o modo como Alberti entende o projecto e a sua possibilidade de concretização. "[...] [O] projecto como ideia é algo muito seguro na teoria de Alberti, sendo no entanto mais difícil de encontrar o projecto consolidado como categoria instrumental já com um grau de codificação elevado" (Tavares, 2004, p. 92). No século XV, não estariam ainda implementados "[...] sistemas de desenho técnico organizado capazes de construir uma informação global, coerente e eficaz [...]" (Tavares, 2004, p. 93) do projecto. Ou seja, não existiria ainda uma sistematização do desenho tal como hoje ela é entendida.

Há, pois, que ponderar a oportunidade das observações de Frommel, mais ainda porque de algum modo parecem corresponder a um entendimento mais comum da importância do desenho na prática do projecto, pelo menos até à segunda metade do século XVI. Frommel considera que "[o]s métodos actuais de representação de projectos arquitectónicos já eram, na sua maioria, utilizados no início do século XVI. Os mestres do Renascimento faziam uso da tríade – planta, alçado e corte – bem como de vários tipos de perspectivas,

[5] Tradução da autora. No original: "[...] [T]he medieval tradition of model-building in Italy continued in the Renaissance. The model was first of all made for the patron and occasionally for the public – a purpose it still serves. It was also used as a guide for the builders" (Wilkinson in Kostof, 2000, p. 142).

com um grau de virtuosidade e precisão que desde então raramente foi igualado" [6] (in Millon e Lampugnani, 1997, p. 101). Sem pôr em causa as observações de Frommel, há contudo que ponderá-las considerando as observações já referidas por Ackerman. Não está em causa a existência de plantas, de cortes e de alçados, mas, antes, a sua articulação. Sendo, embora, manifesto que os actuais métodos de representação assentam no uso de plantas, de cortes e de alçados, o facto de se reconhecer serem, então, adoptadas essas representações gráficas não permite, por si, concluir que essa era uma adopção concertada, isto é, que permitia assegurar a representação completa do projecto. É longínqua a adopção desses tipos de desenho, remontando pelo menos ao Antigo Egipto (Koostof, 2000, p. 16-19). Contudo, nem sempre foram manipulados de um modo articulado. Será, afinal, essa ausência de articulação e, portanto, a sua relativa importância para a previsão da globalidade da obra, mais ainda quando se revela necessário reajustar a importância que para isso tinha a maqueta, que justifica uma escassa existência desses desenhos. Tal como observa Wilkinson: "Onde estão os desenhos de trabalho que poderiam, de alguma forma, corresponder aos desenhos técnicos utilizados num escritório moderno? Uma resposta é que desapareceram, utilizados no trabalho; outra é nunca terem existido. Certamente que desapareceu um grande número de desenhos, mas é intrigante que tão poucos dos desenhos que, de facto, restam possam ser identificados como desenhos de trabalho" [7] (in Kostof, 2000, p. 143). Independentemente de quais seriam, de facto, os desenhos adoptados por um arquitecto quer para projectar, quer para comunicar o seu projecto, a relação entre a representação e a prática do projecto parece comportar uma complexidade que tenderá, porventura, a não ser considerada. Assim sendo, há que questionar a eventual prontidão da definição de um sistema desenhado capaz de responder às exigências com as quais o arquitecto então se confrontava. Nem a desvinculação do arquitecto da obra foi imediata, nem o corte com práticas projectuais há muito estabilizadas foi súbito. "A grande diferença entre o que define a atitude do arquitecto medieval e a atitude do arquitecto renascentista é precisamente o modo como se relacionam com a sua *praxis*, mais do que ela própria" (Rodrigues, 2000, p. 140). A uma radical mudança de paradigma na concepção do trabalho do arquitecto e da própria arquitectura, correspondeu uma lenta evolução e,

[6] Tradução da autora. No original: "Present-day methods of representing architectural projects were for the most part already in use by the start of the sixteenth century. The masters of the Renaissance made use of the triad – plan, elevation and section – as well as various kinds of perspectives, with a degree of virtuosity and precision that has rarely been equaled since" (C. Frommel in Millon e Lampugnani, 1997, p. 101).

[7] Tradução do autora. No original: "Where are the working drawings that might in some way correspond to the blueprints used in a modern office? One answer is that they are gone, used up on the job; another is that they never existed. Certainly a great number of drawings have perished, but it is puzzling that so few of the drawings that do survive can be identified as working drawings" (Wilkinson in Kostof, 2000, p. 143).

portanto, uma certa continuidade das práticas de projecto. "Seriam ainda necessários muitos anos para levar à prática, com todas as suas consequências, a técnica do projecto explicada em *De Re Aedificatori*. Esta técnica de desmonte analítico da forma foi explicada ao Papa por Raffaello Sanzio (1483-1520), a maior autoridade do seu tempo em matéria de artes, como o instrumento necessário para o levantamento dos monumentos de Roma" (Tavares, 2004, p. 94).

Importa, assim, observar o documento comummente atribuído a Raffaello [8]. Na carta ao Papa, identificada como '*Lettera a Leone X*', é descrito, detalhadamente, quer o procedimento a implementar no levantamento dimensional das ruínas, quer o método de desenho a adoptar na sua tradução. No que concerne ao tipo de desenho a adoptar na tradução gráfica dos edifícios, o autor da carta propõe: "E porque o modo de desenhar que mais pertence ao arquitecto é diferente daquele do pintor, direi o que me parece conveniente para entender todas as medidas e saber encontrar todas as partes do edifício sem erro. Portanto, o desenho dos edifícios que pertence ao arquitecto divide-se em três partes, das quais a primeira é a planta, ou – podemos dizer – o desenho plano; a segunda é a parede de fora, com os seus ornamentos; a terceira é a parede de dentro, também com os seus ornamentos" [9] (Sanzio, 1519). Propõe-se, assim, um sistema de dupla projecção ortogonal – com plantas, alçados e cortes – estando latente a preocupação com o rigor dimensional da representação dos edifícios. Esta preocupação revela que era ainda necessário identificar os procedimentos próprios do arquitecto, distinguindo-os, no caso, dos procedimentos próprios do pintor. Não era, pois, completamente clara ainda a circunscrição do seu trabalho, formulada na sequência das propostas teóricas de Alberti. Alberti que, aliás, procurara já identificar os procedimentos próprios do arquitecto distinguindo-os também dos do pintor. O autor da carta segue, assim, o postulado de Alberti quando este afirma: "Entre o desenho de um pintor e o de um arquitecto há esta diferença: aquele esforça-se por mostrar relevo com sombreados, linhas e ângulos reduzidos; o arquitecto, rejeitando os sombreados, num lado coloca o relevo obtido a partir do desenho da planta, e noutro lado apresenta a extensão e a forma de qualquer fachada e dos flancos, mediante linhas invariáveis e ângulos reais, como quem pretende que a sua obra não seja apreciada em perspectivas aparentes, mas sim observada em dimensões

[8] A atribuição da autoria da '*Lettera a Leone X*' a Raffaello não é consensual. Além de Raffaello, o documento é também atribuído a Baldassare Castiglione (Ackerman, 2002, p. 64, nota 32).

[9] Tradução do autora. No original: "E perché el modo del dissegnar che più si appartiene allo architecto è differente da quel del pictore, dirò qual mi pare conveniente per intendere tutte le misure e sapere trovare tutti li membri delli edificî senza errore. El dissegno adunque delli edificî pertenente al architecto si divide in tre parti, delle quali la prima si è la pianta, o – vogliam dire – el dissegno piano; la seconda si è la parete di fuora, con li suoi ornamenti; la terza è la parete di dentro, pur con li suoi ornamenti" (Sanzio, 1519).

exactas e controladas" (Alberti, 2011, p. 189). Importa reiterar a distinção que Alberti faz entre a representação que cabe ao pintor e a representação que cabe ao arquitecto, sendo assim necessário concluir que a perspectiva, pelo menos nestas teorizações e, certamente, também na prática, estaria excluída do processo de projecto. Há, contudo, uma alteração significativa nos procedimentos agora propostos: enquanto Alberti identificava como representações que pertenciam ao arquitecto a planta e o alçado, embora não especificasse uma articulação entre ambos, o autor da carta não só faz acrescentar à planta e ao alçado – 'parede de fora' – o corte – 'parede de dentro' – como, sobretudo, constituindo isso uma novidade, os define articuladamente. Nesse sentido, é sintomática a sucessiva e pormenorizada descrição desses três desenhos: à elaboração da planta sucede-se a elaboração do alçado, articulados entre si através de linhas auxiliares, sucedendo-se-lhe, por fim, também articulado por meio das mesmas linhas, a elaboração do corte, decorrendo este dos anteriores. A minúcia da descrição deste método tem também como objectivo clarificar e, desse modo, assegurar esta articulação. Assim, conclui o autor da carta: "Em síntese, com estas três ordens – estes modos – pode considerar-se minuciosamente todas as partes de um edifício, de dentro e de fora" [10] (Sanzio, 1519). A importância desta descrição não pode ser avaliada sem se considerar também o seu destinatário. Ao ser dirigida ao Papa, a carta parece revelar que o sistema assim definido era não só um sistema novo ou, pelo menos, ainda pouco difundido, como também que se procurava desse modo garantir a sua instituição. Fosse esse um sistema já amplamente conhecido e adoptado, a sua apresentação seria talvez despropositada. Assim, é possível considerar, como o faz Frommel (in Millon e Lampugnani, 1997, p. 101), que no início do século XVI eram já utilizados a planta, o alçado e o corte. Contudo, só a partir de agora a sua adopção é claramente feita de um modo articulado. Independentemente da sua assimulação na prática projectual, que foi necessariamente gradual, a importância deste sistema é igualmente perceptível na tratadística que, com a invenção da impressa, foi assumindo uma evidente relevância na divulgação da arquitectura, quer para encomendadores, quer para arquitectos (Carpo, 2001). "A admiração que [Raffaello] merecia terá provavelmente estimulado os seus discípulos que foram tratadistas eminentes do século XVI, os quais começaram a articular por sistema os planos de projecção em vista e cortes com escala referenciadora das verdadeiras medidas das obras representadas" (Tavares, 2004, p. 94). Palladio (1508-1580), quer no seu texto, quer nas ilustrações que o acompanham – '*Quattro libri dell' architettura*' –, editado em 1570 (Palladio, 1997), seria quem pela primeira vez adoptaria na sua plenitude o sistema

[10] Tradução do autora. No original: "In somma, con questi tre ordini – over modi - si possono considerare minutamente tutte le parti d'ogni edificio, dentro e di fòra" (Sanzio, 1519).

preconizado na '*lettera*', tendo sido "[...] o primeiro artista da Renascença que se dedicou exclusivamente à arquitectura, não por se ter distanciado do conceito do homem universal, mas porque conduziu todas as suas energias para a conjugação estreita do projecto como técnica de domínio da construção, com a concretização dos ideais de beleza arquitectónica" (Tavares, 2008, p. 100). Sintomaticamente, Palladio não parece ter feito uso da perspectiva: "[...] todo o [seu] desenho é ortogonal, por partes, obedecendo a um princípio técnico de representação apoiado na geometria diédrica, em geral sem sombras e sem qualquer recurso à simulação espacial por efeito da perspectiva" (Tavares, 2008, p. 101). Deste modo "[e]m meados do século XVI, tornava-se possível construir um edifício sem maquetas" [11] (Wilkinson in Kostof, 2000, p. 145).

Ainda assim, a adopção do sistema de representação projectual preconizado na carta ao Papa não foi imediata. Pese embora Palladio o adoptasse na sua plenitude, é possível encontrar noutros autores, em Serlio (1475-1554), por exemplo, em '*Tutte l'opere d'architettura et prospettiva*' [12] (Serlio, 1982), registos nos quais se verifica um ainda não completo controlo desse sistema. E é possível verificar também uma evolução na concretização de cada um dos tipos de desenho considerados. "A planta principal [– que começou por ser uma representação coincidente com o pavimento –] evoluiria depois para uma fatia horizontal da parte inferior das salas principais do edifício" [13] (Evans, 1995, p. 113). De qualquer modo, seria esse o sistema que, gradualmente, seria implementado. Contribuiria para isso, quer, como se referiu, a divulgação da tratadística, quer, sobretudo, a capacidade de assim se representar de modo completo os objectos arquitectónicos, condição fundamental para a afirmação da dimensão intelectual do trabalho do arquitecto. "[C]ontudo, esta não era ainda a profissão na sua forma actual, a qual é uma criação do século XIX" [14] (Wilkinson in Kostof, 2000, p. 142). Só aí o sistema de representação dos objectos arquitectónicos se estabilizou de um modo análogo àquele que hoje ainda persiste. O desenho tornava-se na representação hegemónica da arquitectura, a ponto de por vezes se compreender que o trabalho do arquitecto tinha aí uma sua natural

[11] Tradução da autora. No original: "[B]y the mid sixteenth century, it was possible to build a building without a model" (Wilkinson in Kostof, 2000, p. 145).

[12] O tratado de Serlio é composto, inicialmente, por cinco volumes. Contudo, a sua publicação original não foi conjunta nem apareceu ordenada tal como hoje se apresenta. O Livro IV foi o primeiro a ser publicado, em 1537, em Veneza; o Livro III, em Veneza, em 1540; os Livros I e II, em Paris, em 1545; e o Livro V em Paris, em 1547. Os cinco livros foram publicados em conjunto apenas em 1584 (Veneza), sob o título '*Tutte l'opere d'architettura et prospettiva*' (Serlio, 1982).

[13] Tradução da autora. No original: "The principal plan would later evolve into a horizontal slice of the lower part of the major rooms of a building" (Evans, 1995, p. 113).

[14] Tradução da autora. No original: "*[H]owever, that this still was not the profession in its modern form, which is a creation of the nineteenth century*" (Wilkinson in Kostof, 2000, p. 142).

expressão. "Durante os séculos seguintes, a importância do desenho, que ainda no século XVI constituía uma relativa novidade para que os autores de tratados lhe dedicassem particular atenção, tornou-se num dado adquirido. Deste modo, por exemplo, no início do século XIX, o teórico francês J.N.L. Durand escrevia que 'o desenho é a linguagem natural da arquitectura'" [15] (Forty, 2000, p. 30).

1. 3 O DESENHO COMO SUPORTE DO PROJECTO DE ARQUITECTURA – REVISÃO

É a partir desta compreensão do desenho que importa observar o modo como foi discernido o seu impacto no trabalho do arquitecto. A assunção do desenho como 'linguagem natural do arquitecto', nas palavras de Durand, mesmo que isso possa surgir como uma sua valorização, determina afinal a sua relativização. "O que encontramos aqui é a certeza de que o desenho possa ser um meio neutro, através do qual as ideias passam inalteráveis tal como a luz passa pelo vidro" [16] (Forty, 2000, p. 31). O desenho é, pois, o veículo apenas do pensamento, nisso se esgotando. Assumir que o desenho interviesse também na definição desse pensamento significaria, porventura, pôr em causa a dimensão intelectual do trabalho do arquitecto. O desenho auxiliaria a definição dos objectos arquitectónicos, viabilizaria a sua comunicação a quem os encomendara e a quem os iria construir. Eventualmente, caso fosse menor o seu domínio, o desenho poderia até perturbar essa comunicação. Contudo, era sempre enquanto instrumento, isto é, apenas enquanto meio de o arquitecto fixar o seu pensamento e de o comunicar, que o desenho era considerado. "Assim era, até recentemente, o ponto de vista mais comum sobre o desenho no âmbito da prática arquitectónica" [17] (Forty, 2000, p. 31).

É, porém, essa visão que importa considerar. É certo que se aceita que o desenho possa interferir na comunicação do seu conteúdo já que se aceita que nunca será transparente qualquer comunicação. No entanto, é a eventualidade de o desenho se constituir como possibilidade de o arquitecto 'pensar' que temos de ponderar.

[15] Tradução da autora. No original: "During succeeding centuries the importance of drawing, which still in the sixteenth century had sufficient novelty for the authors of treatises to draw special attention to it, became taken for granted. Thus, for example, in the early nineteenth century, the French theorist J. N. L. Durand wrote, 'Drawing is the natural language of architecture'" (Forty, 2000, p. 30).

[16] Tradução da autora. No original: "What we find here is the belief that drawing can be a neutral medium, through which ideas pass as undisturbed as light through glass" (Forty, 2000, p. 31).

[17] Tradução da autora. No original: "Such was, until recently at least, the most common view of drawing within architectural practice" (Forty, 2000, p. 31).

A revisão do estatuto do desenho face ao pensamento pode ser equacionada a partir da noção de 'tradução'. É essa a opção que é desenvolvida por Evans (1997). Aparentemente, traduzir permite transportar algo de um meio para outro. Trata-se de uma noção associada sobretudo à linguagem, mas pode ser também tomada em relação à representação de arquitectura – traduz-se para um desenho um objecto arquitectónico, por exemplo, como se traduzirá um texto para uma outra língua. Mas nunca é completo esse trânsito. Pese embora o desejo de que assim não aconteça, aquilo que é o resultado da tradução não coincide na totalidade com aquilo que se pretendera traduzir. É possível considerar que se trata apenas de um processo de transformação, mantendo-se, contudo, um corpo fundamental de informação. Mas será, porventura, possível considerar também que, além de uma eventual transformação, se gera afinal, pelo menos em parte, nova informação.

Estas são questões iniciais que resultam de uma primeira aproximação à relação entre o desenho e pensamento projectual. Dessa primeira aproximação, resulta a suspeita de que, mais do que meio apenas de transmitir uma ideia anteriormente estabelecida, o desenho contribui para a constituição dessa ideia. De algum modo, o desenho permitirá ordenar o pensamento. Mas esta é, como se referiu, uma primeira aproximação.

A possibilidade de compreender o valor do desenho no desenvolvimento do pensamento projectual beneficiará do reconhecimento do lugar que o desenho aí tem face ao objecto arquitectónico: no projecto, o desenho está antes desse objecto; é por meio do desenho que esse objecto adquirirá a sua futura existência. Na origem desta relação entre o desenho e o futuro objecto arquitectónico, é possível encontrar as alterações formuladas no Renascimento: o projecto deve antecipar o objecto arquitectónico na sua completude, permitindo assim reconhecer ao arquitecto a dimensão intelectual do seu trabalho, ao ser esse trabalho dissociado de uma relação mais imediata com a construção. Projecto e construção separam-se. Assim, o desenho está pois confrontado com uma realidade que é não apenas ausente mas, sobretudo, ainda indefinida. Defini-la passa, precisamente, a ser a incumbência do desenho. Evans (1997) clarifica essa nova relação entre o desenho e o objecto arquitectónico num texto de 1986 – "Translations from drawinng to building" (Evans, 1997, p. 153-193) – que, de algum modo, seria percursor de futuras reflexões acerca da relação entre o desenho e a concepção dos objectos arquitectónicos. "O desenho, em arquitectura, não se realiza a partir da natureza, mas antes da construção; não é tanto produzido por uma reflexão sobre a realidade exterior ao desenho, quanto resulta de uma realidade que terminará exterior ao desenho. A lógica do realismo clássico inverte-se, e é nessa inversão que o desenho de arquitectura tem obtido um enorme e não reconhecido poder generativo: furtivamente. Pois quando afirmo não reconhecido,

pretendo dizer não reconhecido nos princípios e na teoria. A hegemonia do desenho sobre o objecto arquitectónico nunca foi verdadeiramente contestada. Aquilo que tem sido compreendido é a sua distância em relação àquilo que representa [...]" [18] (Evans, 1997, p. 165). Independentemente de outras considerações que as observações de Evans possam suscitar, importa sobretudo ponderar o 'poder generativo' que o desenho adquire. Por meio do desenho, o arquitecto procede não apenas à representação daquilo que já conhecerá, constituindo-se assim o desenho na instância de confirmação da validade desse conhecimento, como, sobretudo, à descoberta de nova informação capaz de assegurar a evolução do processo de projecto. Essa descoberta parece ser, aliás, condição necessária para a sua evolução. Só ao confrontar-se com nova informação, o pensamento poderá desenvolver-se. Advém daí esse poder generativo do desenho. A partir de Evans (1997), e pretendendo-se aferir a importância do desenho para o trabalho do arquitecto, é necessário ponderar como é que o desenho permite gerar informação no âmbito de um processo de projecto.

1. 4 AS PROPOSTAS DE HERBERT (1993)

Na sequência das propostas de Evans (1997), a relação entre o desenho e a concepção arquitectónica é retomada e aprofundada por Herbert (1993). Mais do que o desenho considerado de modo lato, é sobretudo o processo de elaboração do desenho, marca a marca, como referirá (1993, p. 64) em particular nos desenhos de estudo, que Herbert (1993) pondera. É de um outro nível de aproximação ao desenho que se trata. Ao fazer incidir a sua observação sobre esses particulares registos, distinguindo-os, desse modo, dos desenhos finais, quer estes se dirijam à obra, quer se dirijam à apresentação do projecto, Herbert assume ser determinante o seu carácter 'incompleto' e 'contingente'. De algum modo, é a dificuldade de sustentar uma eventual transparência do desenho que, assim, é antevista. "[A]o contrário dos desenhos finais completos, os desenhos de estudo são sempre incompletos e contingentes – são feitos marca a marca no interior de um processo projectual que evolui em tempo real e estão sempre posicionados entre um passado não resolvido e um futuro imprevisível. Estes desenhos são significantes, então,

[18] Tradução da autora. No original: "*Drawing in architecture is not done after nature, but prior to construction; it is not so much produced by reflection on the reality outside the drawing, as productive of a reality that will end up outside the drawing. The logic of classical realism is stood on its head, and it is through this inversion that architectural drawing has obtained an enormous and largely unacknowledged generative power: by stealth. For, when I say unacknowledged, I mean unacknowledged in principles and theory. Drawing's hegemony over the architectural object has never really been challenged. All that has been understood is its distance from what it represents [...]*" (Evans, 1997, p. 165).

não como objectos completos mas como parte de um processo de pensamento gráfico. Compreender os desenhos de estudo implica considerar como os processos mental e gráfico interagem, em tempo real, no processo projectual" [19] (Herbert, 1993, p. 2). Assim, se, por um lado, de um modo lato, se reconhece ao desenho uma manifesta importância para a concepção da arquitectura, ao reconhecer-se ser o desenho um suporte do pensamento, por outro lado, ao mergulhar-se no corpo do processo de projecto, no carácter particular do seu tempo, verifica-se que a compreensão dessa importância tem de confrontar-se com a imponderabilidade que perpassa esse processo. Ao contrário de operar, fixando-as, com intenções que estariam previamente definidas, sendo por isso essas intenções colocadas além das contingências da representação, o desenho passa, assim, a ter de operar, de novo fixando-as, com intenções que são não só ainda indefinidas, mas também, e de um modo porventura não antevisto, definidas ao longo do, e no, próprio acto de as desenhar. O desenho não regista essas intenções; mais do que isso, o desenho proporciona, antes, a sua definição. Afinal, se essas intenções estivessem previamente definidas, não haveria necessidade de as desenhar.

A questão que é, fundamentalmente, levantada por Herbert (1993) é a da possibilidade, ou da sua insustentabilidade, de o desenho transparecer na sua completude aquilo que o arquitecto pretende registar. Embora se possa considerar que, ao iniciar um desenho, esteja identificado um determinado propósito – uma determinada relação volumétrica, por exemplo –, é necessário verificar que o facto de a compreensão de um desenho assentar na sua interpretação não permite considerar que essa intenção será, enquanto tal, recuperada. Algo dessa intenção será recuperado, mas será também enfrentada informação que não fora prevista. Será sempre distinto daquilo que o motivara aquilo que se alcançará ao se interpretar um desenho. A já longínqua ligação que o desenho tem com a prática do projecto, mesmo que se reconheça que a sua actual configuração foi sobretudo estabelecida a partir do início do século XVI com a já referida *Lettera a Leone X*, tornará porventura quase imperceptível implicar o desenho uma interpretação. Contudo, considerando ser um desenho um modo de representar uma realidade que lhe é externa adoptando, necessariamente, para tal sistemas convencionados de sinais, a pertinência dessa interpretação tornar-se-á mais clara. Sem que esse seja o propósito desta reflexão, não pode deixar de se referir a abordagem aos sistemas de convenções da representação

[19] Tradução da autora. No original: "[U]nlike completed presentation drawings, study drawings are always incomplete and contingent – they are made mark by mark within a design task that envolves in real time, and are always poised between an unresolved past and an unpredictable future. These drawings are significant, then, not as completed objects but as part of a graphic thinking process. Understanding study drawings requires considering how mental and graphic processes interact in the real time of the design task" (Herbert, 1993, p. 2).

desenhada de arquitectura desenvolvida por Fraser e Henmi (1994) [20]. Fica aí claro estar em causa sempre, sempre que se elabora um desenho, a manipulação de sistemas convencionados sem os quais a representação não seria possível. E se essa impossibilidade poderá, talvez, ser mais perceptível tratando-se de comunicar o pensamento a terceiros, há também que considerar ser afinal impossível para o próprio arquitecto registar o seu pensamento sem recurso a esses sistemas. Esses sistemas não conferem apenas comunicabilidade ao pensamento; asseguram-lhe, sobretudo, uma ordenação e, portanto, uma possibilidade de existência. Os desenhos de trabalho parecem comportar uma apropriação menos rígida desses sistemas de convenções, mas isso não significa que sejam operados à sua margem. E também essa menor rigidez se revela importante para o processo projectual. "Uma vez que os desenhos de estudo são frequentemente feitos de um modo tão grosseiro, as convenções são interpretadas de um modo mais livre do que nos desenhos de apresentação ou nos desenhos de execução. De facto, essa liberdade é parte da ambiguidade que é essencial para o desenvolvimento do projecto" [21] (Herbert, 1993, p. 91).

É lícito, pois, prosseguindo com a noção de que o desenho requer uma interpretação, considerar que o desenho se intromete, pelo menos em parte, na compreensão daquilo que fora convocado para fazer apenas transparecer. Encontra-se nessa intromissão, porventura furtiva, como observa Evans (1997, p. 165), o 'poder generativo' do desenho que Evans (1997, p. 165), também, lhe imputa. "De facto, um registo não deixará de constituir-se como afirmação generosa de uma ideia. Contudo, quando for interpretado, já não será possível garantir que essa ideia seja o único entendimento que esse registo possa suscitar, até porque a própria definição dessa ideia parece estabelecer-se à medida que o seu registo vai sendo elaborado" (Duarte, 2004, 102). Necessariamente, terá também de ser reconsiderado o significado da ideia a partir da qual o arquitecto trabalha. Não está em causa o facto de um desenho procurar materializar uma formulação mental, procurando desse modo aferir a sua oportunidade; estão em causa, antes, as convicções quer na

[20] Fraser e Henmi (1994) em '*Envisioning Architecture an Analysis of Drawing*' procedem a uma taxionomia do desenho de arquitectura, tanto funcional, quanto expressiva. A partir de uma primeira classificação do desenho em três tipos, que identificam como projecções ortogonais, axonometrias e perspectivas, estabelecem um elenco para a sua aplicação que está em função da intenção ou do propósito comunicativo: desenhos de referência, diagramas, 'desenhos de estudo' ('*design drawings*'), desenhos de apresentação e desenhos visionários. Independentemente do seu propósito, esta classificação poderá porventura tornar redutora a compreensão do desenho, em particular no âmbito de um processo de projecto. Embora, por exemplo, um desenho possa ser elaborado como um desenho de referência ao ser incorporado num processo de projecto, no qual poderá muitas vezes até ser modificado – riscado, sobreposto, metamorfoseado –, esse desenho poderá adquirir mais tarde um carácter de 'desenho de estudo'.

[21] Tradução da autora. No original: "Since study drawings are often so roughly made, conventions are interpreted more freely there than for presentation or working drawings. Indeed, such freedom is part of the ambiguity that is essential for design development" (Herbert, 1993, p. 91).

eventual permanência dessa formulação ao longo de um processo de projecto, quer, em simultâneo, na sua não vulnerabilidade face à sua representação. São essas convicções que Ackerman contesta. A observação dos desenhos de projecto – Ackerman parte de um desenho elaborado por Michelangelo Buonarroti para a Igreja de San Giovanni de' Fiorentini, em Roma [22], embora as suas observações assumam depois um carácter mais generalista – permitem que Ackerman questione o significado que aí terá uma ideia: "[c]oloca[-se] a questão sobre o que significará um grafismo no caso de um esquisso ou de um estudo para uma estrutura que ainda não está totalmente definida na mente do arquitecto. Será, então, o sinal de uma imagem mental? Essa poderia ser uma explicação possível nos termos da psicologia Cartesiana que, conforme a interpreto, sustentaria que a imagem mental é fixa e inflexível perante o processo de desenho. Mas a elaboração de um esquisso de arquitectura é muito mais um processo interactivo, no qual uma ideia inicial é concretizada e o registo sugere um seu alargamento, que, então, resulta numa marca alterada" [23] (Ackerman, 2002, p. 308). É pois possível considerar, na sequência das observações de Ackerman, que é mais do que apenas instrumental o valor do desenho para o pensamento. O desenho revela-se afinal como a instância onde o pensamento adquire compreensibilidade. É essa uma conclusão necessária na sequência das observações de Renzo Piano (in Robbins, 1994), possíveis de articular com as anteriores observações de Ackerman (2002, p. 308). "Se não desenhares algo, não conseguirás entendê-lo. É um erro acreditar "agora entendo o problema, agora desenho-o". Pelo contrário, só na altura em que desenhaste é que percebeste qual era o problema e só aí o pudeste repensar" [24]. (Piano in Robbins, 1994, p. 127). Desenho e pensamento articulam-se; determinam a sua recíproca configuração.

As anteriores observações de Ackerman (2002, p. 308) e de Piano (in Robbins, 1994, p. 127) permitem melhor compreender o significado das observações de Herbert (1993), ao procurar este objectivar a interacção entre pensar e desenhar. É na procura da resolução

[22] O desenho em causa, uma planta elaborada à mão, foi realizado em 1559. O projecto não foi, contudo, concretizado (Ackerman,2002, p. 309).

[23] Tradução da autora. No original: "[P]oses the question of what the graphic sign signifies in the case of a sketch or study for a possible struture that has not fully materialized in the designer's mind. Is it then a sign for a mental image? That would be a possible explanation in terms of Cartesian psychology, which, I take it, would hold that the mental image is fixed and uninflected by the process of drawing. But architectural sketching is most often an interactive process in which an initial idea is put down and the mark suggests an extension of that idea, which then results in an altered mark" (Ackerman, 2002, p. 308).

[24] Tradução da autora. No original: "*Unless you draw something, you do not understand it. It is a mistake to believe that now I understand the problem and now I draw it. Rather, right at the time you draw you realize what the problem is and then you can rethink it*" (Piano in Robbins, 1994, p. 127).

da insuficiência que é sucessivamente observada no desenho, e observada precisamente ao se o executar, que Herbert identifica a presença do desenho no desenvolvimento do pensamento projectual. "O processo de reinterpretar cada marca conforme é feita e, assim, encontrar nova informação, significa que o processo de projecto, como um todo, é incerto. Esta incerteza intrínseca de todo o processo decorre da incerteza de cada passo desenvolvido. Um desenho requer tempo real e cada marca, conforme é feita, torna-se, imediatamente, um novo elemento que expande e redefine o processo de projecto. [...] Assim, cada marca requer do projectista a execução de uma nova interpretação de todas as marcas passadas, uma interpretação que não pode ser resolvida enquanto existir uma expectativa da próxima marca. E, como cada marca é feita em resposta a uma interpretação prévia, cada marca torna-se uma nova, imprevisível influência em cada marca seguinte" [25] (Herbert, 1993, p. 64). O desenvolvimento do processo projectual parece radicar-se, pois, num jogo de envios e de reenvios entre pensar e desenhar, desenhando-se o que se pensa e pensando-se o que se desenha, numa reciprocidade que não parece poder já ser ignorada. E parece ser neste jogo, também, que o processo projectual encontra condições para se desenvolver. É possível encontrar uma síntese das anteriores observações de Ackerman (2002, p. 308), de Piano (in Robbins, 1994, p. 127) e de Herbert (1993, p. 64) nas observações de Zumthor. "Projectar significa em grande parte compreender e ordenar. [...] Através de uma imagem interior que surge de repente, de um novo traço num desenho, toda a construção do projecto parece alterar-se e reconstruir-se numa fracção de segundo. [...] Tudo o que ainda agora sabia sobre o objecto a criar aparece sob uma clara e nova luz" (Zumthor, 2005, p. 190). O pensamento encontra uma possibilidade de ordem no desenho e o desenho confere ordem ao pensamento na medida em que permite que o pensamento se questione, ao confrontar-se com a sua insuficiência e, portanto, com a necessidade de se superar.

1. 5 O DESENHO COMO PENSAMENTO; O PENSAMENTO COMO DESENHO

A presente relação que se estabelece entre o desenho e o projecto de arquitectura tem a sua origem, como se observou, no início do Renascimento Italiano. Para sustentar o seu

[25] Tradução da autora. No original: "*The business of reinterpreting each mark as it is made and thereby finding new information means that the design task as a whole in uncertain. This built-in uncertainty of the whole task derives from the uncertainty of each incremental step. A drawing takes real time, and each mark as i tis made immediately becomes a new element that expands and redefines the design task. [...] Thus each mark requires the designer to make a new interpretation that cannot be resolved so long as there is the expectation of some next mark. And, since each new mark is made in response to a previous interpretation, each mark becomes a new, unpredictable influence on every next mark*" (Herbert, 1993, p. 64).

estatuto intelectual, o trabalho do arquitecto foi dissociado do trabalho do construtor, tendo assim o arquitecto de confiar ao desenho a representação completa do objecto arquitectónico que pretendia definir. O desenho passava assim a ser a instância onde o pensamento do arquitecto adquiria existência. A evidência mais imediata desta ligação poderá, porventura, ser observada no modo como o projecto se fixa no desenho. A corrente sobreposição do significado de ambos – de projecto e de desenho – confirma-o. Mas essa ligação pode também ser verificada no modo como o desenho passa a ter de antecipar, e de um modo tão completo quanto possível, o objecto arquitectónico. Assumir ser o desenho a instância onde o pensamento do arquitecto adquire existência significa aceitar que o desenho será não apenas um meio de o registar, como se esse pensamento tivesse uma definição prévia ao seu registo, mas, antes, como meio de o definir, isto é, como meio que determina também, pelo menos em parte, essa definição do pensamento. E assumir desse modo o desenho, significa assumir quer uma latente indefinição do pensamento, quer o contributo do desenho para a superação dessa indefinição. É na ordem possibilitada pelo desenho que o pensamento encontra uma possibilidade de se resgatar da sua indefinição. O desenho confere, assim, compreensibilidade ao pensamento. Sucessivamente, ao ser, em simultâneo, interpretado e executado (Herbert, 1993), o desenho permite que o pensamento se confronte com informação que não fora prevista. Mas essa é contudo informação determinante para o avanço do processo projectual. É ao fazê-lo confrontar-se com a sua indefinição que o desenho permite ao pensamento concretizar-se.

1. 6 O DESENHO A PARTIR DE MANUEL TAINHA

A presente compreensão da relação estabelecida entre o desenho e o pensamento projectual justifica uma atenção particular a algumas reflexões elaboradas por Manuel Tainha a esse propósito. Manuel Tainha, como se referiu, associou à sua prática projectual a reflexão crítica, debruçada também sobre a prática do projecto e sobre o seu ensino. Tratam-se de reflexões relativamente circunscritas, pequenos textos, a partir dos quais é possível compreender o seu entendimento acerca da arquitectura e da sua concepção. Essa atenção permitirá melhor enquadrar a observação da concretização dessa relação entre o desenho e o pensamento na sua prática projectual, o objectivo central desta investigação.

As reflexões de Manuel Tainha revelam um entendimento abrangente da relação entre o desenho e o projecto, verificável pelo modo como a compreensão dessa relação é ligada à alteração da concepção arquitectónica que está na origem dessa relação. É a transição de uma prática medieval assente numa relação directa com o estaleiro para uma prática renascentista preocupada com a afirmação da dimensão intelectual do trabalho do arquitecto e, portanto, com a sua dissociação do estaleiro que está em causa. "O acto da concepção como percurso que vai da Ficção ao Facto deixa de se apresentar aos seus olhos [do arquitecto] como um dado, um fenómeno sustentado por práticas ancestrais, para se converter num problema" (Tainha, 2006, p. 86). O projecto passa a comportar-se como um processo de invenção – a definição de um objecto arquitectónico –, ao longo do qual vão sendo problematizadas diversas hipóteses, sendo essa problematização suportada pelo desenho. Não se pretendia mais a reiteração de soluções há muito decantadas pela tradição, para cuja resolução o desenho importava sobretudo como simples repositório. O desenho torna-se, pois, como parece poder confirmar-se nestas observações de Manuel Tainha, na instância onde passava a ocorrer a definição dos objectos arquitectónicos.

Reconhecendo essa sua dimensão no processo de projecto, Manuel Tainha identifica três versões do desenho, ainda que nem em definitivo circunscritas, nem rigidamente correspondentes a fases específicas do projecto. A identificação dessas três versões, que poderão até ser mais, perspectiva sobretudo quer a diversidade da relação entre o desenho e o pensamento projectual, quer o carácter circunstancial de cada desenho, isto é, o facto de o seu valor não ser fixo. Assim, "[e]m todos os passos do percurso de um projecto eu encontro três versões do desenho – e podem ser 1003 – com as quais mantenho uma convivência amigável nem sempre isenta de conflito como acontece entre seres que se estimam" (Tainha, 2006, p. 68). A primeira versão parece ser aquela em que o desenho detém um valor mais circunscrito. De qualquer modo, o desenho parece ser aí assumido já como uma possibilidade de ordenação do pensamento, ao proporcionar o movimento de um caos inicial para uma ordem final. Trata-se "do desenho como forma de memorizar uma intenção, uma ideia arquitectónica. É um signo cujo contexto de referência só é conhecido do próprio (e às vezes nem isso): uma linha, uma figura, um símbolo, uma palavra, até. Ele pode ser visto por um milhão de pessoas mas só para o próprio tem significado. É o ruído à procura do som" (Tainha, 2006, p. 69). A segunda versão parece comportar já uma maior complexidade, que advém, de um modo que será talvez paradoxal, não apenas da síntese que possibilita, mas igualmente, se não mesmo sobretudo, de contínua alteração que pode sustentar. Trata-se agora "do desenho como guião de

trabalho para a formação de uma totalidade: o objecto arquitectónico. Compor e decompor, separar e reunir com o auxílio da imagem são os seus principais ingredientes. [...] É a forma à procura da geometria, o domínio soberano da geometria; e portanto da intuição construtiva" (Tainha, 2006, p. 69). A terceira versão parece comportar um valor mais rígido. Trata-se "do desenho como código de instruções para a construção do objecto representado. É o guião para a Obra, onde desenhar é acima de tudo construir" (Tainha, 2006, p. 69). De qualquer modo, mesmo esse valor será relativo, ou, pelo menos, estabelecido com alguma, intencional, latitude. "Acontece até que por vezes esse guião concede deliberadamente, intencionalmente uma certa e determinada margem de interpretação para ser negociada durante a Obra, à vista dos resultados que se vão obtendo. É a seu modo uma forma de auto-regulação" (Tainha, 2006, p. 69). Esta intencional latitude do desenho é confirmada pelo facto de Manuel Tainha considerar que "o ciclo de criatividade do arquitecto só termina na obra feita" (Tainha, 2006, p. 30). Aquilo que importa sobretudo considerar destas observações é o modo, quer como o desenho perpassa todo o processo de projecto, quer como viabiliza o permanente questionamento daquilo que está em definição. Discerne-se aí a conversão do acto de concepção num problema, conforme se verificara já nas observações de Manuel Tainha antes referidas (Tainha, 2006, p. 86). "O desenho, representação, pré-figuração [...] é de facto uma inevitabilidade em todos os passos de um projecto. E por isso tem muitas versões. Tantas quanto os momentos que vão da Ficção ao Facto. Entre as quais aquela [...] que é talvez a mais fértil versão do desenho. [...] [S]endo a mais problemática, exige um grande rigor, mais talvez do que o rigor do cientista. [...] É que, pensando nós a arquitectura em termos de "qualidades" de espaço e ambiente, há aquele fatídico momento em que temos de transcrever essas qualidades em termos de "quantidades" sob a forma de escrita iconográfia (plantas, cortes, alçados, etc.)" (Tainha, 2006, p. 29). Manuel Tainha corrobora este entendimento do desenho num outro conjunto de observações. "Ele [o desenho] é o meio que nas actuais condições nos permite percorrer com alguma (escassa) segurança o caminho nem sempre previsível que vai da Ficção ao Facto; caminho onde a reflexão estética (pragmática) e a reflexão racional (analítica) assim como os processos que lhes correspondem, se cruzam, se sobrepõem; dando lugar a uma rede de itinerários que convergem para a concepção sem que o arquitecto possa predizer o resultado" (Tainha, 2002, p. 89). O desenho parece assim confrontar o arquitecto com a imprevisibilidade do seu processo de trabalho, mesmo que seja a fixação tão rigorosa e ampla quanto possível da definição do seu objecto aquilo que pretende. "Como em todas as linguagens, a nossa processa-se também como um sistema de navegação: as coisas nomeadas são pontos de referência que permitem àquele que fala dizer a frase seguinte. Mas a Composição é isso

mesmo. É um jogo sem regras fixas à vista" (Tainha, 2002, p. 89). O desenho é pois ligado, se não mesmo considerado como estando na sua origem, à imprevisibilidade que marca o desenvolvimento de um processo projectual.

Paralelemente à compreensão mais imediata da relação entre o desenho e o pensamento projectual, Manual Tainha debruça-se também, de modo mais dirigido, sobre esse pensamento. É, de novo, o questionamento de uma certa linearidade do desenvolvimento desse pensamento que está em causa, sendo possível discernir aí uma avaliação análoga àquela que Ackerman (2002, p. 308) faz da noção de 'ideia' e da sua relação com a representação. "Embora a lógica intuitiva não disponha de um corpo de leis, como a lógica formal, creio que por detrás de um pensamento intuitivo está todo um passado de racionalidade, de reflexão racional, que o torna qualquer coisa em que eu posso confiar. E como dizia Poincaré: "a intuição é o instrumento da invenção". O que, acrescentarei, supõe uma certa dose de ignorância: aquele estado de ignorância que tantas vezes nos conduz à descoberta. No momento de fazer, as teorias confundem-me as ideias e tolhem-me os movimentos; embora eu não possa fazer menos do que conhecê-las" (Tainha, 2006, p. 24) [26]. Assim, o pensamento projectual confronta-se sempre com uma incontornável indefinição, cuja resolução, que será sempre transitória (Herbert, 1993), parece passar pelo modo como a representação o vai sucessivamente reflectindo. "O discurso arquitectónico, tal como o discurso verbal, é um discurso que se vai formando à medida que se avança. Tal como as palavras, as imagens não existem previamente, antes se vão criando, umas atrás das outras à medida que se compõe e decompõe o discurso" (Tainha, 2006, p. 28). Em síntese, considerando o modo como o pensamento projectual é informado, importa verificar que Manuel Tainha compreende que "boa parte do saber do arquitecto consiste em saber gerir o confronto casuístico entre aquilo que já sabe e o que ainda não sabe; exemplo vivo do princípio de negação da negação" (Tainha, 2006, p. 32).

Esta observação das suas reflexões permite verificar a complexidade da compreensão de Manuel Tainha quer do desenho, quer do pensamento projectual do arquitecto. O pensamento é tomado como sendo não linear, desenvolvendo-se de modo não previsível e concluindo-se somente estando o seu objecto construído, isto é, estando materializada a obra de arquitectura; o desenho é considerado como instância onde o pensamento adquire compreensibilidade e, desse modo, existência, surgindo por isso como possibilidade de o ordenar. Pensamento projectual e desenho são, aparentemente, indissociáveis. Porém,

[26] Estas observações de Manuel Tainha (2002, p. 24), ao referir, em particular, um 'estado de ignorância criativa que tantas vezes nos conduz à descoberta', encontram consonância numa exortação de David Mourão-Ferreira, autor considerado por Tainha, ao referir "Escrever sempre em estado de sonho. Reescrever sempre em estado de vigília" (Ferreira, 1998, p. 14).

sob estas observações, ou, talvez, apesar da sua formulação, é afinal uma prevalência do pensamento sobre o desenho aquilo que parece constituir a apreciação da relação entre ambos. A par das observações até agora referidas, Manuel Tainha não deixaria igualmente de afirmar que "[e]m qualquer arquitecto, julgo eu, o acto de "ver" tem lugar antes do acto de desenhar. Vou mais longe: o acto de desenhar é apenas uma breve interrupção num "ver permanente". Tal como o compositor ouve a sua música antes de a escrever, também o arquitecto vê a casa antes de a representar. O desenho começa por ser um recurso mnemónico, um acto de memorização (ou de comprovação) da "construção" que tenho em mente. Por isso o desenho é sempre redutor"(Tainha, 2002, p. 88). É certo que, não sendo a realidade que representa, não podendo reproduzi-la senão parcialmente, o desenho poderá surgir como sendo redutor. Contudo, esta qualificação revela afinal que o desenho é avaliado e, por isso de algum modo relativizado face a essa sua aparente insuficiência. O desenho é pois compreendido como sendo subsidiário do pensamento projectual, mesmo que se lhe reconheça a capacidade de constituir-se como ordem desse mesmo pensamento. Há, pois, nestas observações de Manuel Tainha uma contradição que importa assinalar. Não se trata, ao assim se considerar, de verificar a existência apenas dessa contradição, como se daí resultasse uma eventual fragilização do seu trabalho. Trata-se, antes, e porque se reconhece precisamente o impacto desse trabalho, de avaliar como pode ser mais complexa a relação que na sua prática existe entre o desenho e o pensamento projectual, confirmando-se porventura ser afinal o desenho mais do que apenas um registo simples do pensamento. Como o próprio Manuel Tainha refere, "[n]o momento de fazer, as teorias confundem-me as ideias e tolhem-me os movimentos; embora eu não possa fazer menos do que conhecê-las. Por natureza ou por formação, quando projecto, nunca sei encontrar um nexo entre uma teoria e a sua aplicação, que caucione racionalmente uma escolha" (Tainha, 2006, p. 24). Também aí o 'fazer' revela-se mais complexo do que a 'teoria' que pretende racionalizá-lo.

2 ENQUADRAMENTO AO AUTOR:

BIOGRAFIA DE MANUEL TAINHA: VIDA E OBRA

Ilustração 4

Ilustração 5 - Manuel Tainha. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Filipa Tainha).

Ilustração 6 - Programa de audição do Orfeão de Pepo de Arcos, 17 Junho 1933. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Paula Tainha).

Ilustração 7 - Manuel Tainha com os colegas de curso da ESBAL. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Filipa Tainha).

Ilustração 8 - Folha de calendário de 1949, com a anotação "Part.(para) Alemanha" (27 Decembro). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 9 - Diploma de Curso emitido pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (10 Julho 1950). Arquivo Manuel Mendes Tainha.

Ilustração 10 - Viagem do Curso de Formação Artística da SNBA ao Museo Amadeo de Souza-Cardroso, em Amarante. Arquivo Fernando Baguilho.

Ilustração 11 - Manuel Tainha com alunos à porta do Convento de São Francisco (ESBAL). Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Paula Tainha).

Ilustração 12 - Atribuição de grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, 2000. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Filipa Tainha).

Ilustração 13 - Pousada de Oliveira do Hospital (Pousada de Santa Bárbara), Povoa das Quartas. Fotografia nossa.

Ilustração 14 - Escola Agro-Industrial de Grándola. Fotografia nossa.

Ilustração 15 - Escola de Regentes Agrícolas de Évora. Fotografia nossa.

Ilustração 16 - Torres nos Olivais, Lisboa (com Hestnes Ferreira). Fotografia nossa.

Ilustração 17 - Grupo Escolar de 16 salas de aula para Olivais Sul, célula B, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 18 - Casa do Pico do Areeiro, Ilha de Madeira (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 19 - Tabiteira Sul, grupo 6, célula 12 A.G.L. Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 20 - Casa Jacinto Ivens, Ilha de Madeira (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 21 - Cooperativa Vale Pereiro, Grándola (Operação SAAL). Fotografia nossa.

Ilustração 22 - Casal Caveira (Operação SAAL). Fotografia nossa.

Ilustração 23 - Centro de Saúde de Sete Rios, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 24 - Casa Gerpot de Deputados, Santiago do Cacém (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 25 - Pavilhão Gimnodesportivo da Escola Secundária Antonio Damásio, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 26 - Casa da Cultura de Mora (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 27 - Instituto Superior de Tecnologia de Tomar (concurso). Fotografia nossa.

Ilustração 28 - Centro Cultural de Belém (concurso - 2º classificado). Fotografia nossa.

Ilustração 29 - Hotel da Pousa Longa, Sintra. Fotografia nossa.

Ilustração 30 - Câmara Municipal de Sesvé (concurso - 1º classificado). Fotografia nossa.

Ilustração 31 - Pavilhão Gimnodesportivo da Escola Secundária Antonio Damásio, Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 32 - Hotel da Pousada de Santa Bárbara, Oliveira do Hospital. Fotografia nossa.

Ilustração 33 - Sala de reuniões na Câmara Municipal de Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 34 - Pousada de Oliveira do Hospital (Pousada de Santa Bárbara), Povoa das Quartas. Fotografia nossa.

Ilustração 35 - Casa Interior Pedroso, Cheleiros. Fotografia nossa.

Ilustração 36 - Agrícola Europea de Seguranza Maritima (Observatório Europeu de Droga e Toxicodependência), Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 37 - Pousada de Oliveira do Hospital (Pousada de Santa Bárbara), Povoa das Quartas. Fotografia nossa.

Ilustração 38 - Instituto de Orientação Profissional (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação), Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 39 - Requalificação do antigo Pousada do antigo Pousada de Oliveira do Hospital. Fotografia nossa.

Ilustração 40 - Requalificação do antigo Escola Agro-Industrial de Grándola (Escola Secundária Antonio Damásio) e Pousada de Santa Bárbara. Fotografia nossa.

Ilustração 41 - Requalificação do antigo Escola Secundária Antonio Damásio (Parque Escolar). Fotografia nossa.

Ilustração 42 - Instituto de Orientação Profissional (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação), Lisboa. Fotografia nossa.

Ilustração 43 - Mora em Lisboa (18 Junho) — 2012

Ilustração 3

Manuel Mendes Tainha nasce em Pepo de Arcos (6 de Março). É o primeiro e único filho de Manuel Inácio Tainha (Alentejo, Beja) e Maria de Castro Mendes Tainha (Castelo Branco)

Ilustração 6

Ilustração 7

Ilustração 8

Ilustração 9

Ilustração 10

Ilustração 11

Ilustração 12

Ilustração 13

Ilustração 14

Ilustração 15

Ilustração 16

Ilustração 17

Ilustração 18

Ilustração 19

Ilustração 20

Ilustração 21

Ilustração 22

Ilustração 23

Ilustração 24

Ilustração 25

Ilustração 26

Ilustração 27

Ilustração 28

Ilustração 29

Ilustração 30

Ilustração 31

Ilustração 32

Ilustração 33

Ilustração 34

Ilustração 35

Ilustração 36

Ilustração 37

Ilustração 4

Biografia de Manuel Tainha: vida e obra

3 OBRA

POUSADA DE OLIVEIRA DO HOSPITAL, PÓVOA DAS QUARTAS.

“O irmão lusitano, no seu tempo, passou por ali. E, tal como eu, também ele parou para ver a paisagem. Mas com uma diferença. Para ele a paisagem era espaço a percorrer medido pela experiência do pé e do peito. Para mim, hoje, é pura imagem. E amanhã, o que será? A arquitectura é um acto em que o presente se dilata no passado e no futuro”.

(Tainha, s. d.)

3. 1 NOTA PRÉVIA

Visitas ao edifício:

1996 – visita turística com estadia;

27 e 28 de Janeiro de 2010; 4 de Abril de 2012 – visitas efectuadas no âmbito do trabalho de investigação, com a pousada inactiva.

O edifício da antiga pousada de Oliveira do Hospital [27] encontra-se, actualmente, encerrado tal como o estava à data das visitas efectuadas no âmbito da presente investigação, em 27 e 28 de Janeiro de 2010, e em 4 de Abril de 2012. Esta circunstância impossibilitou a vivência da sua actividade inerente. De qualquer modo, a memória que se guarda dessa actividade – na sequência de uma breve estada no ano de 1996 – terá intervindo na experiência adquirida durante as visitas posteriores.

Pelo facto de o edifício se encontrar desactivado, as últimas visitas permitiram-nos uma grande liberdade de movimentação em todos os seus espaços, sem quaisquer constrangimentos de tempo, de acessibilidade ou de qualquer outra natureza, circunstância que, com toda a certeza, teria sido menos possível com o edifício em plena laboração.

3. 2 LOCALIZAÇÃO

A antiga pousada de Oliveira do Hospital localiza-se em Póvoa das Quartas, freguesia de Lagos da Beira, concelho de Oliveira do Hospital, num terreno marginal à antiga Estrada da Beira – Estrada Nacional nº17 (EN17) –, sensivelmente a meio caminho entre o litoral português e a fronteira espanhola. A relativa equidistância entre as cidades de Coimbra e da Guarda poderá ter determinado a sua localização, sendo, quer à data da adjudicação do projecto (1954), quer à data da conclusão da pousada (1971), um lugar de passagem obrigatório para o viajante que atravessasse o país nessa região.

Póvoa das Quartas pertenceu até 1976 à então denominada província da Beira Alta [28], integrando-se actualmente na região centro e na sub-região do Pinhal Interior Norte.

[27] No decurso deste trabalho, optar-se-á pela designação de 'pousada de Oliveira do Hospital' por corresponder à usada durante o processo que deu origem à construção do edifício. A designação pela qual o edifício é vulgarmente conhecido – 'pousada de Santa Bárbara' – só lhe é atribuída à data da sua inauguração, em 13 de Junho de 1971. Entretanto, em 2003, esta pousada é desintegrada da rede de Pousadas de Portugal.

[28] Com a entrada em vigor da Constituição de 1976 (de 25 de Abril), foi definitivamente abolida a divisão do território nacional em províncias.

Inscreve-se numa área montanhosa de clima pouco ameno, com altitudes acima dos 550 metro, tendo a Sul, como pano de fundo, de Oeste para Leste, o maciço rochoso da Cordilheira Central que culmina nos contrafortes da Serra de Estrela.

Este território acidentado, com montanhas, vales profundos e encostas que atingem com frequência declives consideráveis, é composto geologicamente por granitos e xistos, sendo disso testemunho os afloramentos rochosos que se encontram com abundância à superfície. Estes materiais terão sido a principal matéria-prima para as construções edificadas até meados do século XX, num tempo anterior à chegada, tardia, da industrialização a esta região (Távora et al., 2004, p. 217-335). Ainda é possível encontrar, na proximidade de Póvoa das Quartas, alguns exemplos de construções simples que terão servido de apoio à actividade rural, erigidas integralmente com granitos e xistos.

À semelhança do território circundante, o coberto vegetal desta região é maioritariamente constituído por matas de pinheiro bravo, encontrando-se também outras zonas, que, apesar de actualmente estarem quase abandonadas, indiciam a existência de exploração agrícola anterior. Assim, às áreas de pinhal, que ocupam e caracterizam fortemente este território, contrapõem-se outras, em que o terreno não é arborizado e onde afloramentos rochosos – sobretudo graníticos –, por vezes com lajedos de considerável dimensão, intercalam os terrenos aráveis.

O trajecto de aproximação a Póvoa das Quartas – para quem percorre a EN17 no sentido Coimbra/Guarda (ilustrações 38 e 39) – é caracterizado por construção linear, mais ou menos dispersa, intercalada por maciços arbóreos de pinhal, através dos quais nos é dada a possibilidade de fruir, a Sudeste e de modo entrecortado, o contínuo montanhoso da Cordilheira Central. Essa visão panorâmica, mesmo intermitente, ou talvez até por isso, causa uma forte impressão pelo inegável domínio que exerce sobre a paisagem.

O lugar de Póvoa das Quartas tem a sua génese a Norte da EN17, tendo sido esta via que terá estruturado a sua expansão posterior, para Poente, com edificação mais dispersa. Nessa zona de expansão, a estrada nacional implanta-se numa linha de festo, a partir da qual os terrenos que a marginam se inclinam até cotas mais baixas atingindo declives consideráveis para Sul (ilustração 39).

É para este quadrante que se localiza a antiga pousada, debruçada sobre o vale do Alva [29] e com a Serra de Estrela como horizonte (ilustrações 40).

[29] O Rio Alva, afluente do Mondego, dista da pousada cerca de 1200 m, e corre no vale a uma cota 300 m inferior.

3. 3 IMPLANTAÇÃO

A parcela onde se implanta a antiga pousada de Oliveira do Hospital tem uma área de 15 000 m² (Portugal. [DGEMN], 1954.12.06, p. 2). Com uma configuração trapezoidal, descreve um ângulo agudo a Sul. Confina a Noroeste com a EN17 e é contornada a Nordeste e a Sudeste por um caminho de terra batida (ilustração 42). A outra estrema, a Sudoeste, fecha o trapézio no seu lado de maior dimensão. É paralelamente a esta estrema que se desenvolve o acesso ao interior da parcela, depois de entroncar perpendicularmente com a EN17. Todo o terreno se inclina e se expõe a Sul e a Sudeste beneficiando, por isso, tanto de uma favorável exposição solar, quanto de uma privilegiada visão panorâmica sobre a serra defronte.

O local escolhido para a implantação da antiga pousada, a Sudeste da parcela e afastado da estrada nacional, coincide com a zona do terreno onde o declive se acentua. Desta condição, associada ao facto de a construção estar adossada ao terreno, ajustando-se-lhe, resulta uma importante variação altimétrica entre as suas duas frentes Noroeste e Sudeste.

A rotação do edifício relativamente aos pontos cardeais poderá ser a resposta a dois factores, aparentemente, naturais: por um lado, a construção respeita a topografia do terreno, implantando-se na direcção das suas curvas de nível; por outro lado, e como consequência do factor anterior, o corpo principal do edifício expõe-se a Sudeste, usufruindo de visão panorâmica directa sobre a Serra de Estrela, que se encontra a Nascente.

O corpo principal do edifício tem um impacto considerável nas cotas inferiores do terreno. Relaciona-se com via de acesso automóvel por intermédio de outros dois corpos, a ele perpendiculares, que absorvem parte do declive. Em conjunto, esses três corpos definem um vazio exterior central – um pátio –, fechado por um quarto elemento: um muro, que integra o alçado Noroeste da pousada (ilustração 43).

Da articulação entre os diversos corpos do edifício resultam, ainda, dois outros espaços exteriores contidos: um, a Poente, relacionado com a chegada; outro, a Nascente, destinado a serviços e com acesso automóvel independente.

Dois outros volumes, autónomos da construção principal, completam o conjunto: a 'eira' [30], a Nascente, e as garagens individuais, a Norte.

Matas de pinhal contornam e ocupam a parcela a Norte e a Poente, protegendo a pousada e conferindo-lhe o carácter de edifício isolado (ilustrações 41). Pinheiros de grande porte destacam-se do seu entorno e constituem-se como importantes marcações do território próximo.

3. 4 EXPERIÊNCIA

No seu conjunto, os espaços da pousada desenvolvem-se em três pisos. Como se optou por uma implantação em encosta, o piso inferior (primeiro piso), destinado a serviços, tem uma ocupação parcial.

O piso intermédio (segundo piso) contém todos os espaços comuns do edifício. É aqui que se localizam as salas de jantar e de estar. Existe, ainda, uma outra sala, menor, que em conjunto com os dois únicos quartos existentes neste piso, pode constituir um alojamento autónomo. Este piso inclui, também, os serviços de cozinha, a despensa e zona de tratamento de roupa. A entrada principal – com vestíbulo e recepção – que perfaz este piso, implanta-se a uma cota superior, estabelecendo, assim, uma relação de nível com a via de acesso automóvel.

A maioria dos quartos, situados no último piso (terceiro piso), ligam-se por uma escada a partir da sala de estar, com acesso fácil desde a entrada. Dividem-se em dois grupos – nove mais cinco –, dispondo os primeiros de varandas. Todos estes quartos – tal como os dois situados no piso inferior – são dotados de instalações sanitárias próprias. O terceiro piso contém ainda uma copa de serviço de apoio aos quartos que, por sua vez, se relaciona com uma sala destinada ao pessoal da pousada e com o apartamento do concessionário. Este último dispõe de três quartos, escritório, sala de estar e instalações sanitárias.

O pátio central separa e relaciona as três áreas funcionais da pousada: a recepção, os serviços e as áreas comuns.

Todos os espaços destinados a utentes – salas e quartos –, expõem-se a Sudeste e integram o volume principal do edifício. Com três pisos, esse volume liga-se às cotas superiores do terreno por meio de outros dois: no primeiro volume, a Sudoeste, localiza-se

[30] No presente texto, será utilizada a designação 'eira' por ser aquela que é adoptada ao longo de todo o processo projectual da pousada, sendo também essa a que consta na publicação da DGEMN – 'Pousada de Santa Bárbara' – editada em 1971, à data da inauguração da pousada.

o vestíbulo, a recepção e desenvolve-se a zona de estar, em dois níveis, que se prolonga em terraço aberto sobre a paisagem; no segundo, a Nordeste, situam-se os serviços, com a copa, a cozinha e a despensa que, implantada a uma cota inferior, se articula altimetricamente com a restante área de serviço, sobre a qual se encontra o apartamento do concessionário.

A experiência arquitectónica resulta das visitas ao edifício dos dias 27 e 28 de Janeiro de 2010. Essa experiência não corresponderá ao itinerário comum do utente da pousada mas à ordem sequencial assumida no conjunto das duas visitas que, circunstancialmente, se iniciou pela leitura exterior do edifício, sendo o reconhecimento do seu espaço interno realizado em tempo posterior.

3. 4. 1 CHEGADA

A entrada na parcela faz-se numa cota superior, no ponto de convergência com a EN17. A partir daí, o terreno desce suavemente até encontrar o edifício, que se implanta, como mencionado, numa zona onde o declive se acentua. Desta circunstância, resulta que a primeira imagem da pousada seja a de um volume chão, cuja apreensão é feita de cima para baixo (ilustração 43) onde a telha romana de barro vermelho, os muros em granito aparelhado e as paredes rebocadas e brancas definem os seus limites.

A aproximação ao edifício faz-se em curva, pelo que a sua percepção é parcial e o seu entendimento progressivo.

3. 4. 2 FRENTES SUDOESTE/NOROESTE

Ao efectuar-se a curva, tem-se, pela primeira vez, uma leitura próxima da pousada. Aqui, somos acolhidos por um espaço exterior contido por dois planos perpendiculares. O diedro por eles formado conforma um recinto exterior inclinado onde parece permanecer o terreno natural, ocupado com vegetação autóctone, maioritariamente o pinheiro bravo (ilustração 43).

Um dos lados do diedro, definido pelo volume exposto a Sudoeste, acompanha a descida do terreno (ilustração 44). A um único piso junto à via, ganha-se um outro na intercepção com o volume exposto a Noroeste (ilustração 45) que resulta, quer do declive do terreno, quer da inclinação ascendente da cobertura.

Neste volume (Sudoeste), totalmente construído em aparelho de granito, a subtracção de massa no seu canto Oeste marca a entrada (ilustração 43). Uma gárgula afirma-se na intercepção dos planos convergentes da sua cobertura. No alinhamento da gárgula, um vão vertical rasga e interrompe o alçado, rematando num receptáculo curvo cravado obliquamente no terreno, que recebe e encaminha as águas pluviais (ilustração 46). Além deste vão sob a gárgula, este alçado é perfurado por três outros vãos de diferentes dimensões (ilustrações 47 e 48).

O outro lado do diedro, definido pelo alçado Noroeste, assume-se com dois pisos claramente identificados. Aquilo que os distingue é resultado da sua composição e dos materiais que os constroem (ilustração 45). O piso inferior, também em blocos de granito, promove uma continuidade material com o alçado Sudoeste. Constitui-se como uma massa, subtraída nos seus extremos por interrupção ou por vazio: de um lado, um grande vão, recuado, interrompe o alçado; no outro, a ausência do piso inferior cria um espaço exterior coberto que poderá constituir-se como um miradouro.

O piso superior, interrompido por cinco vãos verticais, sobressai pelo seu revestimento rebocado e branco. A regularidade do cheio/vazio deste plano branco parece revelar a sua sujeição a um sistema modular que contrasta com a maior variabilidade compositiva das frentes graníticas do seu contexto próximo (ilustrações 43-45).

3. 4. 3 MIRADOURO

Descendo a encosta e percorrendo o terreno natural a pé, acede-se ao espaço exterior coberto que remata o edifício a Sudoeste (ilustração 49). A progressiva aproximação a este espaço permite enquadramentos diferenciados e cada vez mais amplos da paisagem. Sob o coberto (miradouro), o usufruto dessa paisagem é pleno. Daqui, podem relacionar-se os dois lados do edifício – o da chegada (ilustração 50) e o da paisagem (ilustração 51) –, experimentando-se também, pela primeira vez, a visão próxima que se debruça sobre o vale (ilustração 52).

Deixando o miradouro e contornando o edifício, prossegue o percurso descendente do terreno que, aqui, atinge a sua maior inclinação (ilustração 50). Escadas em lajes de granito possibilitam a sua superação.

3. 4. 4 FRENTE SUDESTE

A sensação de precipício enfatiza-se. Agora, já não apenas provocada pela presença da íngreme encosta mas, também, pelo volume edificado que sobre ela se debruça. A relação próxima e escorçada que o observador tem com este volume amplifica a sua dimensão relativa e, consequentemente, o seu impacto. É para este lado que a construção atinge a sua maior altura. É para este lado que o edifício se expõe (ilustrações 53-58).

Este volume, que se vira para a Sudeste, desenvolve-se ao longo das curvas de nível do terreno. A sua dimensão longitudinal é atenuada pela descontinuidade do plano da sua frente, constituída por dois troços (ilustrações 59-61). No troço de maior dimensão, um contínuo de pilares em xisto, espaçados igualmente, apoia o último piso. Esses pilares, em tronco de cone, descolam-se da restante fachada e formam com ela um peristilo (ilustração 61). No troço de menor dimensão, o piso dos quartos também avança, este em consola, sobre os pisos inferiores (ilustração 60).

A posição, a dimensão e a textura dos pilares têm uma grande importância na leitura desta frente. A percepção dos pisos que lhe estão atrás é por eles interrompida, lendo-se de um modo entrecortado (ilustrações 59-62).

O piso inferior, que se configura como um embasamento em blocos de granito, é perfurado arritmicamente por vãos quadrados, de igual dimensão. Um contínuo de outros, rectangulares e interrompidos a espaços iguais, remata-o. O seu desenho repete-se na guarda do terraço, onde, em vez de janelas, se criam vazios. Não há alinhamento vertical entre esses vazios e os vãos que lhe estão abaixo.

É na zona do terraço que se opera a descontinuidade planimétrica deste alçado (ilustração 63). O seu espaço, reentrante, que se afirma como um vazio no plano da fachada, é continuado por um plano de vidro e de madeira: a madeira prolonga a guarda de granito da varanda; o vidro alinha-se com o vazio do terraço, sendo apenas interrompido pela caixilharia de madeira, que é sujeita a uma métrica regular (ilustrações 59, 60 e 62).

O tecto do terraço e da restante consola é também revestido em madeira, dando continuidade ao tecto do espaço interior.

O granito do embasamento e da guarda, e o xisto dos pilares, criam um forte contraste tonal com a frente de madeira e de vidro. O valor escuro destes materiais absorve o valor de sombra da varanda, promovendo-se, assim, uma certa continuidade entre ambos.

O troço maior do terceiro piso, em estrutura de betão, avança sobre os pilares de xisto, nos quais se encastra. O espaçamento destes pilares determina a modulação dos quartos, cujo desenho se vai repetindo em cada módulo. Todos estes quartos, num total de nove, dispõem de varanda cuja projecção coincide com a projecção da consola. Os restantes cinco quartos, localizados no troço menor desta frente, obedecem ao mesmo sistema modular, que também se expressa no seu desenho. Não dispondo de varanda, cada um destes quartos possui um vão de sacada e outro, de menor largura e de dinâmica vertical, que se coloca do lado oposto àquele.

A composição das frentes dos quartos – quer no troço maior, quer no menor – vai-se repetindo, podendo assumir desenho simétrico. Todos os vãos de sacada são dotados de portadas de correr exteriores, em ripas de madeira, que permitem a protecção e o ensombramento do espaço interno. Em conjunto com as reixas [31] das varandas, essas portadas assumem forte expressão no alçado, pelo contraste claro/escuro que promovem.

O posicionamento avançado, a sujeição a um sistema modular e os contrastes de materiais destacam e diferenciam o piso superior da restante frente onde se insere, diferença essa já manifestada no alçado oposto (Noroeste), virado para a entrada. Todo o piso inferior, recuado, e em parede resistente de granito, não parece sujeitar-se a uma regra de composição de base normativa. Os vãos que o compõem parecem, antes, sujeitar-se a um princípio outro, condicionado pela dimensão e pela resistência mecânica dos blocos de granito que constituem a sua parede e pelas necessidades do espaço interno, posicionando-se sem aparente relação com a métrica da composição do piso superior e no espaçamento regular dos pilares de xisto. Neste sentido, estamos na presença de dois sistemas de regras distintos, que poderão ter a sua génese nos processos construtivos adoptados – um de inspiração vernacular, outro de origem erudita –, sintetizando dois aparentes opostos.

O forte impacto visual da frente Sudeste do edifício parece alterar-se com a distância a que dela se encontrar o observador. A sua visão próxima implica uma inevitável leitura escorçada do conjunto, que se associa à forte impressão imprimida, por um lado, pela dimensão e pela textura dos pilares de xisto [32] e, por outro, pelos contrastes tonais da fachada. Quando o observador se distancia, descendo a encosta e olhando o edifício a partir do vale, junto ao Rio Alva, a impressão textural dissipa-se e o edifício assume uma

[31] Reixa – corresponde à estrutura em madeira, composta por uma trama quadriculada, que faz parte da frente do espaço de varanda dos quartos, situados no corpo maior do alçado Sudeste.
[32] A impressão textural dos pilares de xisto assemelha-se à dos troncos dos pinheiros, assumindo contudo uma direcção oposta (ilustrações 136 e 137).

maior diluição na paisagem: o granito, o xisto e a madeira, interpretam o entorno geológico e vegetal, e o contraste claro/escuro da fachada tende a diluir-se na envolvente de pinhal, ora denso, ora disperso (ilustrações 64 e 65).

3. 4. 5 EIRA

Retomando o percurso que envolve o edifício, chegamos ao seu limite Nascente. Um volume construído que contém um espaço exterior coberto – a eira –, destaca-se tanto pela sua posição, quanto pela sua configuração (ilustrações 59, 66 e 67). Com acesso por escadas a partir das cotas inferiores do terreno, este volume implanta-se num cabeço. A sua planta hexagonal contrasta com a ortogonalidade do edifício principal, do qual se autonomiza. A ligação entre ambos faz-se paralela a um muro de contenção de terras que culmina numa escada de acesso aos serviços de cozinha (ilustrações 68-72).

Com paredes em alvenaria de granito que o fecham para a construção principal, a eira abre-se para Nascente, relacionando-se frontalmente com os contrafortes da Serra de Estrela (ilustração 40). A sua cobertura de duas águas, com telha de barro vermelho sobre estrutura de madeira à vista, apoia-se em paredes e pilares de granito que marcam os planos, as arestas e o centro do volume hexagonal que conforma este espaço.

3. 4. 6 FRENTES NORDESTE E SUDESTE / RECINTO DE SERVIÇO

A eira, o muro de contenção de terras e os planos ortogonais do edifício principal limitam um recinto exterior resguardado (ilustrações 67 e 73). Independente em relação aos espaços de vivência social da pousada, este recinto corresponde a uma zona de serviço que se implanta numa plataforma de nível. Permite acesso automóvel autónomo, com local para cargas e descargas.

Um grande pinheiro marca este recinto e eleva-se acima da construção.

Os planos que limitam o edifício principal, e que contêm esta zona exterior de serviço, correspondem aos alçados Nordeste e Sudeste, respectivamente. No primeiro, de maior dimensão, assumem-se as duas águas da sua cobertura inclinada; o segundo tem remate superior horizontal e dimensão mais modesta (ilustração 67). Ambas estas frentes se constroem em aparelho de granito e também, em ambas, os diferentes pisos são denunciados pela laje que se anuncia e os separa. Contudo, a frente Sudeste, que

corresponde a serviços e aos aposentos do concessionário, sujeita-se a uma composição mais regular, onde o ritmo de cheios e de vazios se repete. Por contraste, na frente que lhe é perpendicular (ilustração 73), a composição mais variada parece denunciar a maior complexidade do seu espaço interno, para onde se orientam espaços de utilização pública – terraço recuado que remata o corredor de acesso aos quartos –, espaço de utilização privada – instalação sanitária do quarto de hóspedes – e outros destinados a serviços – cozinha, copa de apoio aos quartos e acessos verticais de serviço.

3. 4. 7 GARAGENS INDIVIDUAIS

Deixando o pátio de serviço e seguindo a direcção Noroeste, por onde se faz o acesso àquela zona, implanta-se outro volume edificado que comporta sete garagens individuais (ilustrações 74 e 75). Este volume, autónomo, em conjunto com o edifício principal e com o maciço arbóreo de protecção à EN17, forma um terreiro destinado a estacionamento livre (ilustrações 76 e 77).

3. 4. 8 FRENTE NOROESTE

A frente do edifício principal que se orienta para o terreiro, toda construída em aparelho de granito, desenvolve-se em extensão (ilustração 76). Vai sofrendo variações altimétricas que decorrem, por um lado, da pendente do terreno e, por outro, da manifestação exterior dos vários volumes que conformam o conjunto edificado. O muro que encerra o pátio tem menor altura e é desprovido de vãos, não existindo, assim, qualquer relação daquele espaço com o exterior. Pelo contrário, os outros volumes que perfazem esta frente são dotados de alguns vãos, sobretudo ao nível dos espaços inferiores destinados a serviços, a Norte. É nesta zona que o terreno atinge as cotas mais baixas e onde, consequentemente, esta frente atinge a sua maior altura. Mais uma vez, a divisão entre os pisos manifesta-se no desenho do alçado, com a laje de betão a interromper o aparelho de granito.

A Noroeste desta frente, um volume cúbico avança em relação ao plano da fachada (ilustrações 76-78). É aí que se localiza a entrada principal do edifício.

3. 4. 9 ENTRADA/RECEPÇÃO

A entrada na pousada é discreta, sendo fundamentalmente afirmada pela sua posição. Localiza-se em sítio visível, adjacente ao arruamento de acesso, e inscreve-se, como se mencionou, no volume cúbico que se salienta do plano da fachada. Coloca-se a Poente desse volume, num espaço reentrante. A porta de entrada ocupa toda a largura do plano onde se insere. Esse plano é recuado, protegido de Norte (ilustração 79).

A entrada no edifício é feita através de um guarda-vento de planta quadrada cuja área é coincidente com a dimensão da porta, como se fosse o rebatimento desta a ditar a dimensão daquele. Este espaço, em granito, tijoleira, madeira e vidro, opera uma zona de transição entre o exterior e o interior [33] (ilustração 80). Uma segunda porta permite o acesso à recepção. Esse espaço, também de planta quadrangular mas mais desafogado, tem, com os apoios sanitários que o integram, a sua manifestação exterior no volume cúbico mencionado. Para além da porta de entrada, a recepção é iluminada a partir de um vão superior onde a luz entra fragmentada, por entre as réguas de madeira verticais colocadas a espaços iguais (ilustração 79). Do lado oposto, a partir do balcão de atendimento, tem-se uma visão dirigida para a entrada e para a via de acesso automóvel, através do guarda-vento [34] (ilustração 80).

Passada a recepção, começa-se a descer para o interior da pousada. Essa variação altimétrica, possibilitada por quatro degraus – onde se faz a transição dos pavimentos de tijoleira para madeira –, é acompanhada pelo plano do tecto, também revestido a madeira, cuja inclinação descendente se inicia desde a recepção. Após os degraus, tem-se a possibilidade de ligação, quer ao pátio, quer à sala defronte.

3. 4. 10 SALA DE ESTAR

Uma porta pivotante faz a separação física entre a zona de recepção e a sala de estar. A sua transparência, bem como a do plano onde se insere, permite uma leitura contínua dos planos que fazem o pavimento e o tecto, possibilitando também uma primeira apreensão do espaço da sala em profundidade (ilustração 81).

[33] Quando a pousada foi construída, em 1971, o plano recuado por onde se faz a entrada no edifício não era dotado de porta, tendo sido a sua colocação posterior.

[34] A visão sobre o exterior a partir do balcão de atendimento é ampliada pelo corte da pedra a 45º (chanfro) que remata o canto Oeste do muro onde se posiciona a porta de entrada na pousada (ilustração 79).

A sala, com a sua cobertura ascendente, oferece-se numa enorme amplitude espacial que contrasta com a domesticidade dos espaços anteriores, desde o guarda-vento (ilustração 82). O volume interno dilata-se, tanto até ao piso dos quartos, quanto até à paisagem, tendo-se a percepção simultânea dos diversos espaços e das suas inter-relações (ilustração 84).

As zonas de estar distribuem-se por dois níveis altimétricos (ilustração 83). No superior, localiza-se uma primeira área, resguardada relativamente a quem chega. É servida por um bar e esconde-se por trás de uma parede que, possuindo uma superfície espelhada, confere uma nova tangibilidade à paisagem, ao reflecti-la. Confinado e recolhido, o bar vira-se para o pinhal, a Sudoeste, através do vão vertical que se coloca sob a gárgula (ilustração 46).

Alguns degraus ligam as duas cotas altimétricas onde o espaço de estar se desenvolve. Continuando o pavimento de madeira que vem desde a entrada, esses degraus marcam o início da tijoleira de barro vermelho que faz o restante pavimento, à cota baixa. Ao transpor essa escada – cujo penúltimo degrau se prolonga por toda a largura do espaço equipando-o com um banco contínuo – chegamos à zona da sala onde o pé-direito atinge a sua maior dimensão. A verticalidade deste espaço é enfatizada por três vãos posicionados a diferentes alturas, recortando a parede granítica. Estes vãos relacionam três lugares distintos: a zona inferior da sala, a zona de estar à cota do bar e o terceiro piso que se debruça sobre as anteriores num mezanino (ilustração 84). Por meio desses vãos, desde o chão até ao céu, vislumbram-se fragmentos dos pinheiros exteriores (ilustração 48).

Sob o mezanino, situa-se uma zona de fogo contida, tanto pela escada de acesso aos quartos, quanto por um muro de granito que a fecha à paisagem (ilustrações 85 e 86). Lateralmente à lareira – de pequena dimensão –, abre-se um vão que permite uma relação directa com o pátio, trazendo-o para o interior.

O restante espaço de estar à cota baixa, apesar de já não gozar de pé-direito duplo, expande-se horizontalmente sobre a paisagem através do terraço coberto que o prolonga (ilustração 87).

A configuração planimétrica regular da sala de estar – limitada lateralmente por muros de granito – contrasta com a variabilidade altimétrica que os seus tectos e os seus pavimentos definem. Esta solução reflecte a adaptação do edifício à topografia de um terreno em encosta, proporcionando, a par de outros factores, uma grande variação nas qualidades ambientais dos seus espaços internos.

3. 4. 11 SALA DE JANTAR

A sala de jantar desenvolve-se, em adjacência, a partir da sala de estar (ilustração 89), conquistando a espessura do terraço e estabelecendo, também com ele, continuidade espacial (ilustração 91). A sua frente, em vidro e madeira, avança sobre a paisagem longínqua e o vale, aproximando-se dos 'troncos' de xisto que se colocam a uma distância táctil. No lado oposto, quatro vãos interrompem a parede, também revestida em madeira, e viram-se para o pátio (ilustração 90). Para um lado, o precipício e o deslumbre da paisagem, para o outro a intimidade de um espaço claustral.

Esta sala (ilustrações 90-92), cuja ambiência também decorre dos materiais que a constituem – tijoleira, madeira e vidro –, configura-se num volume mais simples, cuja forma paralelepipédica contrasta com a maior complexidade formal e ambiental da sala de estar. Quatro pilares em betão marcam a modulação do espaço de jantar, alinhando-se com as colunas de xisto exteriores. A ligação entre estes diferentes elementos estruturais – a estrutura de betão e as colunas de xisto – sintetiza os dois sistemas construtivos adoptados [35], constituindo-se as colunas de xisto como o paradigma do seu encontro e da sua fusão [36].

A iluminação artificial da sala de jantar é formada por uma multiplicidade de pontos de luz colocados de um modo aparentemente casuístico, parecendo evocar o espaço sideral, um 'céu' de luzes. Encastram-se num tecto, revestido a réguas de madeira, que se prolonga para o exterior, criando uma zona de transição onde o interior e o exterior se oferecem.

O plano de madeira e de vidro que se afirmava no alçado Sudeste (ilustrações 60 e 62) tem a sua repercussão interior nesta sala. Com vãos colocados em continuidade e com o paramento inferior também revestido em madeira, parece evocar, em conjunto com terraço contíguo, as tradicionais varandas beirãs [37]. Paradoxalmente, a memória deste tipo

[35] Os dois sistemas construtivos mencionados baseiam-se, por um lado, num sistema tradicional em alvenaria de pedra e, por outro, num sistema de betão, com pilares, vigas e lajes.

[36] As colunas de xisto constituem-se como elementos estruturais que servem de apoio ao piso superior. A ligação da estrutura de betão armado a essas colunas faz-se por encastramento, com uma entrega inferior a um metro.

[37] As varandas beirãs correspondem a um tipo varandas alpendradas, muito utilizado em toda a região beirã, nomeadamente, no território onde se localiza a pousada de Oliveira do Hospital. Expostas predominantemente a Sul (nunca a Norte), constituíam-se como um espaço abrigado e bem iluminado onde se podia desenvolver o trabalho doméstico, participando, simultaneamente, do interior e do exterior das casas. Muitas possuíam escadas que permitiam a sua ligação directa à rua ou ao terreno. Quando as possibilidades económicas o permitiam, eram envidraçadas em toda a sua frente livre, dotando-as de maior conforto. No 'Inquérito à Arquitectura Portuguesa', desenvolvido entre 1955 e 1960, foi possível documentar um grande número destas varandas, que se encontram ilustradas e descritas em 'Arquitectura Popular em Portugal' (Távora et al., 2004, p. 217-335).

tradicional de terraço surge em espaços – salas de jantar e de estar – cuja amplitude espacial é viabilizada por uma estrutura que, por já não ser a tradicional e permitir maior distância entre apoios, reforça a ideia da síntese já mencionada.

A continuidade dos vãos da sala de jantar é possibilitada pelo descolamento do plano da fachada onde se inscrevem relativamente à estrutura formada pelas colunas de xisto. Esse descolamento tem continuidade no terraço, podendo constituir-se o plano formado pelas colunas de xisto como o limite do espaço interno. Além disso, a massa dessas colunas determina, também, a possibilidade de relacionamento com a paisagem: ora mais franco, quando o observador olha para o exterior numa visão perpendicular ao plano por elas formado, ora mais entrecortado, quando o observador olha para o exterior numa visão escorçada, onde, em limite, as colunas se podem constituir como um obstáculo à paisagem.

A fronteira entre as salas de jantar e de estar faz-se, também, em madeira e vidro (ilustrações 89 e 91). A porta e a estrutura de madeira que as separa permitem múltiplas relações espaciais entre as salas, tantas quantas as múltiplas posições que o observador pode assumir no espaço.

A ligação entre as salas faz-se encostada à zona do pátio e adossada ao muro de granito que, continuando pela zona de estar, oculta a lareira (ilustração 89). Esse mesmo muro integra um banco, no mesmo material, que o contorna até à sua outra face, dando apoio à zona de fogo. Constitui-se como um equipamento fixo (ilustração 86).

3. 4. 12 TERRAÇO

Na sala de estar, o espaço também é marcado por dois pilares em betão que continuam o ritmo modular já verificado na zona de jantar que lhe é contígua e que reforçam a relação entre estes dois espaços de uso público.

O terraço coberto que se desenvolve em toda a sua frente funciona como uma sua extensão para um exterior protegido. Configura-se como um espaço de transição, onde interior e exterior se pertencem e se diluem [38] (ilustração 87).

Do terraço tem-se acesso directo ao terreno natural, sendo esse percurso proporcionado por uma escada protegida pela consola do piso superior (ilustrações 93 e 94).

[38] Esta diluição é enfatizada, pela continuidade do plano horizontal do tecto em madeira da sala, que se prolonga para o terraço. A quase ausência de espessura do caixilho de madeira superior, que separa estes espaços, realça esta continuidade.

3. 4. 13 SALA DE LEITURA/QUARTOS

A partir da cota baixa da sala de estar, acede-se a uma outra sala de dimensão mais modesta (ilustrações 88, 95 e 96). É dotada de lareira e de uma grande abertura que, pelas suas posição e dimensão relativas, assumem considerável protagonismo neste espaço [39]. Pela grande abertura, domina-se o exterior, próximo e distante. Sem obstáculos. É constituída por um plano de vidro cuja entrega é feita directamente na parede de granito, conferindo a esta abertura um carácter de elemento excepcional na pousada, tanto pela sua maior dimensão, quanto por ser a única a não possuir caixilho. Um banco em madeira desenvolve-se em toda a sua extensão e ocupa a espessura interior da parede. Ali, sentimo-nos num exterior sem som (ilustrações 97-99).

Além desta grande abertura, esta sala é ainda dotada de outras duas. Uma também a Sudeste – por onde se pode aceder ao terraço – e outra, do lado oposto, que se coloca superiormente e pela qual se vê o plano escorçado do alçado Sudoeste com a sua gárgula saliente. As réguas verticais em madeira que compõem esta última abertura fragmentam e animam a leitura sobre o exterior, permitindo também em sentido oposto, e a partir do exterior, uma visão fragmentada sobre o espaço da sala de leitura e sobre a paisagem (ilustração 101).

É desta pequena sala que se tem acesso aos dois únicos quartos deste piso, o que lhes confere um carácter privado. O percurso até eles, estreito e sinuoso, reforça esse carácter (ilustrações 100 e 102).

3. 4. 14 TERCEIRO PISO: QUARTOS DE HÓSPEDES

A escada de ligação ao terceiro piso desenvolve-se a partir da sala de estar e na continuidade do percurso desde a recepção. É construída em madeira e por entre os seus degraus, desprovidos de espelhos, tem-se a possibilidade de ler o espaço em profundidade (ilustração 84). No topo da escada, já no mezanino, tem-se acesso a uma varanda que se debruça sobre o pátio (ilustrações 133-135).

O mezanino, por seu lado, participa no espaço de estar inferior, funcionando a cobertura inclinada como um elemento unificador entre os dois níveis (ilustrações 103 e 104). Aqui,

[39] É curioso verificar as diferenças entre as duas zonas de fogo existentes na pousada. A primeira, localizada na sala principal sob a escada, resguarda-se da paisagem e goza da visão recortada e serena sobre o pátio. A segunda, situada numa sala de reduzida dimensão, extroverte-se sobre a paisagem.

um plano frontal – composto por um ripado de madeira –, obstaculiza parcialmente a visão para as entradas dos quartos de hóspedes que lhe estão atrás, marcando, simultaneamente, a separação espacial entre a sala e a área de distribuição (ilustrações 105).

O acesso aos quartos processa-se através de dois percursos que seguem em direcções opostas e desencontradas (ilustrações 105 e 106). Constituem-se por dois corredores, cuja translação é consequência do desfasamento volumétrico que tem expressão no corpo principal do edifício, exposto à paisagem (ilustrações 59 e 60).

Dos catorze quartos deste piso, nove inscrevem-se no troço maior desse corpo e apoiam-se no contínuo de pilares de xisto, sendo dotados de varandas. A maioria destes quartos, tem possibilidade de articulação, constituindo quarto duplo. O corredor que lhes dá acesso desenvolve-se em paralelo e adjacente ao pátio (ilustração 106), que pouco se deixa revelar, e remata numa varanda recuada da qual se domina o recinto de serviço e, em visão longínqua, os contrafortes da Serra de Estrela (ilustrações 107-109). O vão de sacada desta varanda e os outros dois que se abrem para o pátio permitem a iluminação natural deste percurso (ilustração 106).

Para os restantes cinco quartos, segue-se a direcção oposta a partir da zona de distribuição (ilustração 105). Cinco vãos, colocados a espaços iguais e desencontrados relativamente às entradas nos quartos, interrompem o plano da fachada, permitindo estabelecer uma relação próxima com o exterior (ilustração 110). Possibilitando uma intensa iluminação deste corredor, esses vãos estão orientados para a zona de chegada à pousada, tendo, sobre ela, enquadramento privilegiado. No seu topo, o corredor possui uma janela quadrada que emoldura um fragmento de pinhal (ilustração 111). Este conjunto de quartos, não dispondo de varandas, apresenta janelas de sacada no plano da fachada.

Todos os quartos de hóspedes são idênticos e desenvolvem-se em extensão, permitindo a identificação clara das várias zonas que os constituem: vestíbulo, instalação sanitária, vestir, dormir e estar (ilustrações 113-117). As varandas, quando existem, prolongam a zona de estar para o exterior. Apesar de se poderem constituir como um lugar de domínio visual sobre a paisagem, oferecem a possibilidade de recato através de uma trama de madeira – reixa – que as oculta parcialmente. As mesmas varandas são parcialmente cobertas pela caleira que recebe e encaminha as águas pluviais da cobertura e que, embora se descole do plano da fachada, enfatiza a sensação de recato mencionada (ilustração 118).

Ainda neste piso, situa-se uma zona de apoio aos quartos para serviços de pequenos-almoços e de rouparia.

3. 4. 15 SERVIÇOS

Todas as demais zonas de serviço concentram-se a Nordeste da construção, tendo, no piso intermédio, a sala de jantar e o pátio como limites (ilustração 119).

Desenvolvem-se em dois volumes perpendiculares entre si e, à semelhança dos restantes espaços da pousada, estabelecem uma íntima conjugação topográfica com o terreno natural. Este princípio obriga a que os seus espaços internos se sujeitem a variações altimétricas, funcionando em pisos desfasados (ilustrações 67). Um acesso vertical autónomo, localizado na zona de intercepção desses dois volumes, permite a ligação entre os vários níveis desses pisos (ilustrações 121 e 122).

A cozinha, com todas as suas zonas específicas – dispensa, preparação, confecção, empratamento, copa suja e copa limpa – funciona à cota da sala de jantar e é a ela adjacente (ilustração 120).

Meio piso abaixo, situa-se a dispensa geral, a zona de tratamento de roupas com lavandaria e engomadaria, umas instalações sanitárias e ainda um acesso directo ao recinto de serviço, por onde se efectuam as cargas e as descargas.

O piso a cota inferior, que se implanta maioritariamente na extensão que integra o volume maior da frente Sudeste, contém a área destinada às instalações técnicas (casa das caldeiras), a arrecadação geral e os quartos destinados ao pessoal da pousada (ilustrações 123 e 124). Todos estes quartos são dotados de vãos que perfuram o plano granítico do embasamento e através dos quais é possível ver, de modo fragmentado, a paisagem e as colunas de xisto que, pela sua configuração em tronco de cone, assumem aqui a sua maior dimensão (ilustrações 125-127).

Meio piso acima, situa-se a sala do pessoal de serviço e, virada a Sudeste, sobre a lavandaria e engomadaria, desenvolve-se o apartamento do concessionário com três quartos, escritório, sala de estar e instalações sanitárias. É a partir deste nível que se tem acesso directo ao estacionamento exterior (ilustração 128) e ao percurso alpendrado que atravessa o pátio em direcção à recepção da pousada (ilustrações 129-132).

3. 4. 16 PÁTIO

O pátio separa e relaciona os três principais volumes edificados da pousada: o principal e os laterais que absorvem a pendente do terreno. Embora a sala de jantar se possa abrir sobre ele, este pátio constitui-se como um recinto íntimo e silencioso cuja atmosfera evoca a de um espaço claustral. Os vãos das fachadas laterais, desencontrados, protegem-se de olhares directos. O muro de granito fecha-o ao exterior. A varanda, para a qual se tem acesso a partir do mezanino, é o único elemento que se destaca dos planos das fachadas que conformam o pátio (ilustrações 129, 133-135).

A maioria da área do pátio é complanar com a da sala de jantar. A passagem alpendrada, que funciona do lado oposto à sala e a uma cota elevada, prolonga-se ortogonalmente até rematar numa escada de acesso à cota baixa, encostadas ao alçado Sudoeste. Cinco degraus fazem a transição entre os dois níveis.

3. 4. 17 MATERIAIS

Ao longo do texto, foram sendo referidos alguns dos materiais empregados na construção da pousada. Tendo sido essas referências pontuais, e parecendo existir uma íntima relação entre o emprego desses materiais e a atmosfera ambiental resultante, entendeu-se abordar este tema isoladamente.

Genericamente, a estrutura de suporte do edifício comporta um sistema misto onde é utilizada a parede de alvenaria contínua, em granito, e a estrutura de betão armado, composta por pilares, vigas e lajes.

O primeiro piso, semienterrado, que se desenvolve principalmente ao longo da frente Sudeste, é conformado por paredes exteriores integralmente construídas em granito. A laje do tecto é por elas apoiada e por um contínuo de apoios pontuais em betão armado que se prolongam até aos pisos superiores, visto a laje do tecto do piso principal ter de vencer um vão que irá atingir considerável dimensão ao nível do piso principal [40]. Ao nível da cave, a maioria desses apoios pontuais são absorvidos pelas paredes divisórias que a compartimentam [41].

[40] Na laje que faz o tecto do piso principal, a distância a vencer entre as colunas de xisto e a parede resistente de granito é de cerca de nove metro, obrigando à colocação de apoios intermédios em betão armado repartindo-se, assim, essa dimensão em duas menores de seis e três metro, aproximadamente.

[41] Existem apenas dois pilares detectáveis ao nível da cave: um, na arrecadação geral e, outro, na área destinada às instalações técnicas.

No segundo piso – entrada – mantém-se o mesmo princípio construtivo. As paredes de granito exteriores têm uma função resistente, prolongando-se algumas para o interior do espaço, nomeadamente todas aquelas que atravessam a pendente do terreno. A parede que integra a lareira da sala de estar pequena também é em aparelho de granito. Neste piso, o contínuo de pilares em betão armado é assumido espacialmente nas salas de estar e de jantar. Estes, em conjunto com as colunas de xisto e as paredes de granito, são responsáveis pelo suporte estrutural da laje em betão que separa este do piso superior.

O último piso, onde se encontram a maioria dos quartos de hóspedes, é constituído integralmente por uma estrutura de betão armado. Esta opção construtiva manifesta-se no contraste que este piso estabelece com os demais, com as suas paredes rebocadas e pintadas de branco.

A eira é a única construção em toda a pousada que parece constituir-se como excepção. Com paredes e pilares em granito e com estrutura de madeira a suportar a cobertura em telha romana, integra-se, apenas, num sistema construtivo tradicional.

Todas as restantes coberturas são inclinadas e revestidas em telha romana de barro vermelho.

No miradouro, coexistem dois apoios pontuais de dimensões e de naturezas expressivas diversas – um em betão e outro em aparelho de granito –, voltando a fazer-se aqui referência aos dois sistemas construtivos utilizados.

Os dois sistemas construtivos empregados na construção da pousada – um tradicional e outro em betão armado – declaram-se no exterior do edifício como se este se revelasse na sua verdade construtiva. As lajes de betão manifestam-se no plano das fachadas, interrompendo os muros de granito e intervindo na sua composição. Os vãos tendem a adaptar-se ao sistema onde se inserem: de menor dimensão e de composição mais variada quando perfuram as paredes de granito; de maior dimensão ou, mesmo, contínuos quando integrados na estrutura de betão, assumindo, neste caso, uma composição cujo princípio assenta na repetibilidade modular.

As colunas de xisto representam o paradigma do encontro entre os dois sistemas estruturais, onde betão e pedra se casam (ilustração 141).

As escadas exteriores, as guardas do terraço e do miradouro e a maioria dos pavimentos exteriores são em granito (ilustrações 138-140). Os pavimentos da eira, do acesso exterior à cozinha e do percurso elevado do pátio, são revestidos a tijoleira de barro vermelho.

A mesma tijoleira pavimenta a recepção, grande parte da área destinada a salas de utentes, circulações, varandas e zonas de serviço.

Os acessos aos quartos de hóspedes e a cota alta da sala de estar têm pavimentos em madeira. É o mesmo material que reveste os tectos de todos os espaços de estar e de jantar, bem como os tectos das circulações e dos quartos destinados a utentes. As escadas, os corrimãos, as guardas, as estruturas de separação entre espaços, as portas, as portadas e todos os caixilhos são em madeira.

O metal tem uma utilização pontual: prumos em ferro, de secção quadrada, fazem as guardas das varandas; o zinco é usado nos capeamentos das paredes de granito, moldando-se às superfícies.

3. 4. 18 EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO

Apesar de a presente investigação não contemplar os projectos de equipamento e de mobiliário [42] é importante, contudo, mencionar algumas questões que a eles dizem respeito. Incindindo apenas nas áreas destinadas a utentes, falar-se-á sucintamente do papel que o equipamento e o mobiliário assumem na construção do espaço da pousada.

As guardas do terraço e do miradouro assumem uma dupla valência, constituindo-se quer como protecção física, quer como assentos (ilustrações 51, 93, 94 e 140); os balcões da recepção e do bar limitam e conformam o espaço entre aquele que atende e aquele que é atendido; o desnível da sala é protegido por bancos que reforçam a configuração da zona de estar à cota alta (ilustração 83); à cota baixa, o prolongamento de um dos degraus que vence esse desnível constrói assentos, para ambos os lados (ilustração 83), contribuindo para a definição de duas zonas de estar distintas – uma contida pelo vão da escada de acesso aos quartos e outra sob a zona de pé-direito mais alto; o muro de granito lateral à lareira é envolvido por um banco que constitui uma estrutura fixa também em granito (ilustração 86); os roupeiros dos quartos, em madeira, definem um dos quatro limites desses espaços; as camas encostam-se a uma estrutura que integra as mesas-de-cabeceira e a secretária, permitindo a alteração da organização espacial do quarto pela alteração das posições relativas de todos estes elementos (ilustrações 116 e 117); o encabeçamento da guarda das varandas dos quartos é executado por uma peça de

[42] Os projectos de equipamento e de mobiliário são da autoria de Manuel Tainha e desenvolvidos entre 1968 e 1969. Em 1969, Fernando Bagulho ingressa no *atelier* de Manuel Tainha para prestar colaboração nesses projectos, sendo-lhe reconhecida a co-autoria dos mesmos (*vide* Apêndice F, p. 95-102).

madeira que descreve um ângulo obtuso, cuja 'concavidade' se ajusta à convexidade dos cotovelos ou do antebraço.

Estes exemplos são demonstrativos da estreita ligação que se verifica entre arquitectura, equipamento e mobiliário e onde a dificuldade em discernir os seus limites confirma a sua ligação. Há arquitectura que equipa e equipamento que constrói arquitectura [43].

3. 5 SÍNTESE

A experiência atrás descrita permite estabelecer uma série de evidências, que se passa a sintetizar:

- Localização da pousada num terreno marginal à EN17, exposto à Cordilheira Central e aos contrafortes da Serra de Estrela, usufruindo, em conjunção, de privilegiada orientação panorâmica e solar a Sul e a Sudeste.
- Implantação do edifício no interior da parcela, afastado da estrada, conferindo-lhe um carácter de edifício isolado.
- Implantação em encosta, numa zona onde o declive se acentua, permitindo a visão próxima sobre o vale e a visão distante sobre a paisagem serrana.
- Desenvolvimento do edifício em extensão e ao longo das curvas de nível do terreno, evidenciando-se uma estreita relação topográfica entre ambos.
- Dessa relação, resulta uma perda progressiva de altura para as cotas superiores do terreno, coexistindo, no mesmo edifício, uma significativa diferença de impacto entre as suas frentes: domesticidade para quem chega e imponência para a paisagem.

[43] Apesar de a nossa investigação não ter por objecto o projecto de equipamento da pousada de Oliveira do Hospital, foi ainda assim consultado o respectivo processo. Pretendemos com essa consulta avaliar o modo como era encarado por Manuel Tainha esse projecto, em particular a sua relação com o projecto de arquitectura. Pelo posicionamento ético e, portanto, disciplinar aí manifestado, a memória descritiva que informa o projecto de equipamento é reveladora de uma compreensão holística de toda a concepção arquitectónica. Por essa razão, entendemos ser pertinente transcrever o primeiro parágrafo dessa memória descritiva, que Manuel Tainha identifica como 'Ponto de vista'. "Todo o projecto de equipamento supõe sempre um conjunto programado de actividades a que serve de apoio, prolongo e informando os ambientes prèviamente definidos pela sua envolvente física (arquitectura). Importa portanto em primeiro lugar analisar esse conjunto de actividades.
Segundo uma ordem metodológica correcta, a interacção arquitectura-equipamento é de raiz dialéctica, não havendo entre ambos os termos uma nítida fronteira separativa mas sim um regime de vai-vem de informações e de decisões que anula à cabeça a ordem tradicional dos respectivos processos de design, segundo a qual à arquitecturação ou organização dos espaços se sucede o projecto de equipamentos.
Do nosso pondo de vista, não se trata pois de dois processos operacional e/ou conceptualmente distintos – um primeiro, outro depois – mas de dois níveis distintos de informação do mesmo processo de criação da matriz física na qual se vão inscrever as actividades e os actos humanos" (Tainha, 1970, s.p.).

- Emprego de dois sistemas construtivos: um, em alvenaria contínua de granito e colunas de xisto; e outro, em betão armado (pilares, vigas e lajes).
- Estreito vínculo entre os sistemas construtivos adoptados e a forma resultante, como se fosse a natureza da construção a ditar a natureza da forma.
- A matéria da construção – o granito, o xisto, a madeira – corresponde à matéria da envolvente, sem que o edifício a mimetize mas, antes, estabelecendo com ela uma relação dialogante.
- A valorização da paisagem decorre das inúmeras possibilidades de relação que o espaço de vivência da pousada oferece. No limite, o valor da paisagem também comporta a sua negação.

4 PROCESSO

POUSADA DE OLIVEIRA DO HOSPITAL, PÓVOA DAS QUARTAS.

PROJECTO: 1954-1960; CONSTRUÇÃO: 1968-1971

O pediatra da Sara fazia colecção de mochos. Antes da consulta anual, decidimos construir-lhe um mocho com massa de moldar. Como nunca tinha feito mochos, sugeri desenhar um mocho antes de iniciar a sua modelação com a massa. A Sara, intrigada com a minha sugestão, argumentou: “Mãe, não te preocupes, vamos saber quando fizermos”.

(Sara Rodeia (2003 –), 2009)

4.1 MAPA CRONOLÓGICO DA POUSADA DE OLIVEIRA DO HOSPITAL

1950

1951

1952

1953
- Celebração do contrato entre a Direcção-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) do Ministério das Obras Públicas (MOP) e o arquitecto Manuel Mendes Tainha, para a elaboração do projecto de uma Pousada a construir no lugar de Póvoa das Duartas, concelho de Oliveira do Hospital.
- Entrega do primeiro ante projecto (15 Dezembro)

1954
- Formalização da compra da parcela de terreno para a construção da pousada (28 Dezembro)

1955
- Entrega do segundo ante-projecto, por iniciativa de Manuel Tainha (18 Maio)

1956
- Entrega do terceiro ante-projecto (23 Janeiro)
- Entrega do projecto (Novembro)

1957
- Entrega do projecto final com desenhos de conjunto e de pormenor

1958
- Entrega dos projectos das especialidades

1959
- Revisão do projecto final - introdução de recinto para a recepção de excursionistas
- Conclusão dos projectos de arquitectura e especialidades

1960
- Aprovação do projecto final da pousada
- Suspensão do processo

1961

1962

1963

1964

1965

1966
- Prossecução do processo com possibilidade de actualização do projecto. Opta-se pela entrega da versão de 1959

1967
- Abertura de concurso público para adjudicação da empreitada (10 Fevereiro)
- Celebração do contrato de empreitada (18 Novembro)

1968
- Adjudicação, a Manuel Tainha, dos projectos de mobiliário, equipamento e decoração
- Início da obra da Pousada

1969
- Ingresso de Fernando Baguího no atelier para prestar colaboração nos projectos de mobiliário, equipamentos e decoração
- Entrega dos projectos de mobiliário, equipamentos e decoração
- Entrega do projecto de arranjo do espaço exterior (Gonçalo Ribeiro Telles)
- Participação de João Abel Manta e de Fernando Conduto em obras de arte a integrar no edifício

1970

1971
- Inauguração do edifício, sendo-lhe atribuído o nome de 'Pousada de Santa Bárbara'

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980
- A pousada de Santa Bárbara é entregue à Direcção-geral de Turismo

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987
- Construção de uma piscina e de um campo de ténis. Desconhece-se a autoria.

1988
- Imóvel registado em nome da 'ENATUR' (Empresa Nacional de Turismo)

1989

1990

1991

1992

1993

1994

1995

1996

1997

1998

1999

2000

2001

2002

2003
- A pousada de Santa Bárbara é retirada da rede de Pousadas de Portugal

2004
- O edifício da antiga pousada reabre como estalagem
- O edifício é classificado como imóvel de interesse público

2005

2006

2007
- O esbelecimento volta a encerrar

2008

2009

2010
- O edifício é adquirido por um particular (25 Fevereiro)
- Manuel Tainha é contratado para elaborar um projecto de remodelação e de ampliação da antiga Pousada

2011

2012
- Entrega do projecto de remodelação e de ampliação
- Aprovação do projecto pelas entidades competentes
- Classificação do edifício da antiga 'Pousada de Santa Bárbara' como Monumento de Interesse Público

2013

2014
- Inicia-se a obra de remodelação e de ampliação da antiga pousada de Santa Bárbara

2015

2016

4. 2 ENQUADRAMENTO

No início dos anos cinquenta do século XX o Governo Português decide implementar um novo plano a nível nacional, com vista à construção de novas pousadas [44]. Estava-se numa época de considerável crescimento turístico, tanto nacional quanto estrangeiro, e os equipamentos hoteleiros existentes na quase totalidade do território português revelavam-se claramente insuficientes, quer em número, quer em qualidade [45].

Em 1953, o arquitecto Leonardo de Castro Freire [46], então funcionário do SNI [47], desenvolve um estudo onde, a partir de um levantamento dos estabelecimentos hoteleiros existentes à data em Portugal, são propostos uma série de outros que visam suprir as carências de oferta. Nesse estudo [48], Castro Freire revelaria a necessidade de trinta e duas novas pousadas – contra as doze então existentes –, distribuídas por todo o território nacional, classificando-as em cinco tipos: "pousadas de estrada", "pousadas de fronteira", "pousadas de monumentos", "pousadas de interesse especial" e "pousadas de estímulo" (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 1).

Em resposta a esse estudo, o Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, pronuncia-se a 16 de Dezembro de 1953. No despacho [49] por si exarado, propõe a redução do número total de pousadas a instalar, passando de trinta e duas para doze ou treze, alegando que o plano das novas pousadas a construir não pretende "[...] resolver o problema hoteleiro do País [...]" (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 1), para o qual a iniciativa privada se deve "[...] impulsionar e favorecer [...]" (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 2), mas, antes, oferecer "[...] pontos de apoio ao viajante ou turista ao longo das estradas que, pela

[44] O primeiro plano de pousadas tinha sido executado no âmbito do Duplo Centenário, da Fundação da Restauração de Portugal realizado em 1940.

[45] A estas razões associar-se-iam outras de carácter político. Sobre este assunto, o Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, chega a mencionar num despacho por si exarado posteriormente que "o papel que [se atribui] às Pousadas se integra na orientação geral de propaganda do País [...]" (Portugal. [PCOS/MC], 1955.08.16, p. 2).

[46] Leonardo Rey Colaço de Castro Freire (Lisboa, 1917 – Londres, 1970). Arquitecto português. Entre outras obras, é autor da pousada da S. Gens em Serpa (1960) e da pousada de Santa Catarina em Miranda do Douro (1962) (Lobo, 2006, p. 72).

[47] Leonardo de Castro Freire exerce, nesta altura, as funções de arquitecto Chefe dos Serviços Técnicos do SNI.

[48] O conhecimento que temos do estudo de Castro Freire chega-nos de forma indirecta, a partir da resposta a si dirigida pelo Presidente do Conselho, em 16 de Dezembro de 1953 (*vide* Anexo A), sendo a sua autoria confirmada num outro documento, de 16 de Janeiro de 1954, dirigida ao Presidente do Conselho de Ministros, onde Castro Freire menciona na sua primeira página "[...] a orientação a seguir no estudo por nós elaborado sôbre a construção de novas Pousadas no Paiz" (*vide* Anexo B– Informação pedida no despacho de S. Ex.ª o Senhor Presidente do Conselho de 29-XII-1953 sôbre pousadas. 1954.01.16. Arquivo Salazar, código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B).

[49] *Vide* Anexo A – [Despacho] Pousadas. 1953.12.16. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B.

sua importância ou maior frequência, se podem considerar como grandes linhas dorsais do território nacional" (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 1-2). Também reduz para três, os cinco tipos definidos por Castro Freire, identificando-os como "pousadas de fronteira", "pousadas de estrada" e "pousadas de beira-mar" (Portugal. [AOS], 1953.12.16). Oliveira Salazar afirma ainda que "[d]eve fugir-se [...] a toda a espécie de estandardização quer no estilo que se deseja se case intimamente com a paisagem e se aparente com a arquitectura da região, quer nas acomodações ou divisão interior" (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 6). E como cada nova "[...] pousada se destina a satisfazer um conjunto de necessidades que não se repetem precisamente [...]" (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 6), justifica, vários arquitectos deverão ser responsáveis pelos respectivos projectos. Assim, propõe que os serviços do SNI façam os estudos necessários, tanto para a localização exacta das pousadas a instalar, quanto para o seu programa, "[...] enviando esses estudos ao Ministério das Obras Públicas com o qual deverá manter-se em estreito contacto e a mais íntima colaboração para a execução deste plano" [50] (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 6).

Na sequência do despacho do Presidente do Conselho, o SNI – novamente através de Castro Freire –, emite um documento [51] onde são definidas as linhas programáticas gerais a implementar nas novas pousadas [52]: Desaconselha-se a elaboração de um programa tipo. Recomenda-se, antes, o estudo caso a caso, alegando-se que cada local tem as suas características e exigências próprias e que os estabelecimentos a implementar deverão dar resposta concreta a essas exigências. Apesar das particularidades programáticas que cada nova pousada exigirá, são definidas para todas [53] quatro zonas distintas: recepção, alojamento, serviço e concessionário.

No mesmo documento, é referido que "[d]entro do espírito do despacho de Sua Excelência o presidente do Conselho de 17 de Outubro de 1950 [parece] acertado que cada

[50] Desde o início do processo para o plano das novas pousadas, Salazar define a necessidade de um "estreito contacto e a íntima colaboração" e logo, o envolvimento de duas entidades oficiais distintas: por um lado os serviços do SNI, tutelado pela Presidência do Conselho de Ministros ou seja, por si próprio e, por outro, o Ministério das Obras Públicas, tutelado pelo ministro respectivo.

[51] Esse documento é assinado por Leonardo de Castro Freire, enquanto Arquitecto Chefe dos Serviços Técnicos do SNI e por Manuel de Mello Correia, Chefe da Brigada das Pousadas e funcionário do mesmo organismo.

[52] *Vide* Anexo C – Generalidades acerca dos programas para as pousadas a construir segundo o novo plano. 1954.01.22. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN/DSARH-011/181-0247/01.

[53] O processo para a pousada de Oliveira do Hospital inicia-se em simultâneo com, pelo menos, os de outras cinco: pousada de Bragança, de José Carlos Loureiro e Pádua Ramos; pousada da Portela da Gardunha, de Francisco Blasco; pousada de Valença do Minho, de João Andresen; pousada de Vilar Formoso, de Nuno Teotónio Pereira e pousada da Nazaré, de Ruy 105

Athouguia. Todas estas pousadas partilhariam o mesmo programa geral: "Generalidades acerca dos programas para as pousadas a construir segundo o novo plano" (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p. 17, 21).

arquitecto encarregado do estudo de uma Pousada, escolha como íntimos colaboradores os artistas e decoradores que achar por bem, desde que essa escolha seja sancionada pelo Secretariado [...]" (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p. 21), acrescentando-se que, "[...] tal como se fez para as Pousadas do plano dos Centenários, deverá a respectiva decoração ser da exclusiva responsabilidade deste Organismo [do SNI]" (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p. 21).

Parece ambígua ou mesmo contraditória a orientação expressa quanto à responsabilidade da decoração pois se, por um lado, se afirma que será desenvolvida por decoradores escolhidos pelo arquitecto e em íntima colaboração com este, por outro, diz-se que deverá ser da exclusiva responsabilidade do SNI.

A 26 de Janeiro de 1954, realiza-se no gabinete do Ministro das Obras Públicas [54] o primeiro encontro entre representantes da DGEMN e do SNI. Desse encontro resulta um documento que resume as conclusões acordadas entre aqueles dois organismos, apontando estratégias para a execução do plano para as novas pousadas [55]. Uma das questões discutida prende-se com o critério para a escolha das localizações para as novas pousadas, tendo em conta os condicionamentos que se impõem: "[v]izinhança da estrada; [b]om panorama; [e]xistência de água [e f]acilidade de abastecimento de energia eléctrica [...]" (Portugal. [MOP], 1954.01.26, p. 20), entendendo que se devem considerar, desde logo, "[...] todas as pousadas previstas no plano geral que tenham de ser construídas de raiz [...] [nas quais está incluída a pousada para a] Estrada da Beira (região de Oliveira do Hospital)" (Portugal. [MOP], 1954.01.26, p. 20). Fica, então, acordado que os técnicos do SNI e da DGEMN irão iniciar, em colaboração com as Câmaras Municipais, a procura e a escolha dos terrenos para a construção dessas novas pousadas. Quanto à sua decoração, diz-se, ainda, que os projectos serão confiados "a outros tantos arquitectos [...] cuja elaboração será acompanhada pelo director dos Serviços de Construção da Direcção Geral dos Edifícios e pelo Arquitecto Castro Freire, do Secretariado Nacional de Informação" (Portugal. [MOP], 1954.01.26, p. 19).

Em 8 de Fevereiro de 1954, o Presidente do Conselho volta a pronunciar-se sobre o plano para as novas pousadas [56]. A partir do programa já referido, elaborado pelos serviços de

[54] Nesta altura o Ministro das Obras Públicas é (José) Frederico (do Casal Ribeiro) Ulrich (Lisboa, 22 de Dezembro de 1905 – Cascais, 19 de Fevereiro de 1982), que exerce o cargo entre 4 de Fevereiro de 1947 a 2 de Abril de 1954.

[55] *Vide* Anexo D – Plano de Pousadas. 1954.01.26. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/000-0007/01.

[56] *Vide* Anexo E – [Despacho] Pousadas. 1954.02.08. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B.

SNI – "Generalidades acerca dos programas para as pousadas a construir segundo o novo plano" (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p. 17,21) –, e da informação emitida pelo gabinete do Ministro das Obras Públicas, de 26 de Janeiro de 1954 (Portugal. [MOP], 1954.01.26, p. 18-20), Salazar diz aprovar a orientação geral, apontando, no entanto, algumas ressalvas. Uma das suas críticas prende-se, justamente, com a decoração e o mobiliário, afirmando que não lhe parecem ser "[...] perfeitamente conciliáveis as sugestões da informação do Senhor Ministro das Obras Públicas com o que se diz [...] [no programa do SNI, manifestando o desejo] que a decoração das pousadas [...] [seja] da inteira responsabilidade do Secretariado a quem mais fàcilmente se pedirão contas pela obra realizada" (Portugal. [AOS], 1954.02.08, p. 23). A ambiguidade que já se tinha verificado no programa do SNI quanto à responsabilidade da decoração parece, assim, ficar clarificada.

Outra questão mencionada por Oliveira Salazar no mesmo despacho diz respeito à importância agora atribuída à pousada para a região de Oliveira do Hospital. Esta localização não se entendia como prioritária no seu despacho anterior, de 16 de Dezembro de 1954, mas, agora, a propósito da escolha para a localização das pousadas, e no que diz respeito à região da Estrada da Beira esclarece "[...] que a missão encarregada da escolha pode agir com mais liberdade do que a que poderia presumir em face da referência precisa a Oliveira do Hospital no [...] [seu] primeiro despacho. Sabe-se quais as necessidades a satisfazer àquem da serra, e por aí se deve sobretudo guiar a missão" (Portugal. [AOS], 1954.02.08, p. 21). E dá orientações para a encomenda imediata dos "[...] projectos das 9 pousadas cuja construção de raíz se encara" (Portugal. [AOS], 1954.02.08, p. 22).

Os projectos para as novas pousadas não foram objecto de Concurso Público. Entre eles encontra-se o projecto para a pousada a localizar na Póvoa das Quartas, concelho de Oliveira do Hospital, cuja encomenda é solicitada directamente ao arquitecto Manuel Mendes Tainha. Sobre a ausência de Concurso Público argumentou-se, então, tratar-se de um trabalho urgente e "de natureza especial, [alegando-se a necessidade de o entregar a] técnicos competentes e de reconhecido mérito [evitando-se, com este procedimento, a] concorrência ilimitada" (Portugal. [DGEMN], 1954.06.26, p. 30).

O contrato de prestação de serviços estabelecido entre a DGEMN e o arquitecto Manuel Mendes Tainha é firmado a 15 de Setembro de 1954 [57] e integra o programa específico [58]

Vide Anexo F – [Despacho] Pousadas [Manuscrito]. 1954.02.08. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-8E1.

[57] *Vide* Anexo G – [Contrato de prestação de serviços para projecto de arquitectura e de especialidades referente a uma pousada a construir em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. 1954.09.15. Arquivo da

a implementar no projecto da pousada que lhe é destinado. O "[p]rograma para o edifício de uma pousada de turismo a construir na região de Oliveira do Hospital" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29-27) estabelece as mesmas quatro zonas funcionais do programa geral antes referido – recepção, alojamento, serviço e concessionário. Cada uma destas zonas terá de cumprir um conjunto de requisitos específicos, identificando-se, para cada área, as relações funcionais e espaciais a que deve obedecer tendo em conta o fim a que se destina e a especificidade da construção. Apesar de não se fazer referência particular a áreas mínimas a cumprir – parecendo ficar esta tarefa ao critério do projectista –, o programa define questões de carácter quantitativo, nomeadamente: "14 quartos de cama, sendo 10 na primeira fase e 4 na segunda" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 28); capacidade para servir setenta e duas refeições simultâneas, correspondendo a trinta e seis na sala de jantar e as sobrantes no terraço coberto ou na varanda, e garagens individuais para sete automóveis.

A estas questões, acrescentam-se outras de carácter qualitativo, que se podem identificar como:

- O propósito – a futura pousada pretende servir "[...] de ponto de apoio, em qualquer circunstância, ao turista que circula pelas nossas estradas" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29). Constitui-se, assim, como uma pousada de estrada;
- O princípio arquitectónico – apesar de o edifício ser uma "[...] obra de arquitectura actual [deve integrar-se] de tal forma nas características regionais, que nunca poderia ser construído noutro local" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29);
- A atmosfera espacial – o átrio, "[...] que será o fulcro da Pousada [...]"(Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29), deverá ser dotado de "[...] características de grande acolhimento e conforto [...]" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 28);
- As exigências técnicas – dever-se-á considerar aquecimento central e garantir "[...] o isolamento térmico e sonoro da construção [...] incluindo as portas e paredes divisórias dos quartos de cama" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 27).

Como refere o programa no seu segundo parágrafo, é fornecida uma planta de localização do terreno, mencionando a sua localização precisa, na Estrada da Beira "[...] (Quil. 81,4)"

Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

[58] Apesar do programa para a pousada de Oliveira do Hospital ser parte integrante do contrato de prestação de serviços estabelecido entre o MOP e Manuel Mendes Tainha, a sua elaboração é da responsabilidade dos serviços do SNI como se verifica pelo cabeçalho da sua primeira página (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29).

(Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29). Apesar disso, verifica-se que à data da adjudicação do projecto a aquisição da parcela ainda não se tinha concretizada [59], sendo só a 7 de Dezembro de 1954 que o Ministro das Obras Públicas – Arantes e Oliveira [60] – dá o aval para a sua consumação por despacho manuscrito sobre uma informação a ele dirigida pelos serviços da DGEMN (Portugal. [DGEMN], 1954.12.06, p. 2). A escritura para a aquisição da parcela realizar-se-á em 29 de Dezembro (Portugal. [DGEMN], 1954.12.29, p. 18-19, 16-17, 14-15, 12-13) [61], ultrapassando, por alguns dias, a entrega oficial do primeiro ante projecto da pousada.

4. 3 PRIMEIRO ANTE PROJECTO: 15 DE DEZEMBRO, 1954

4. 3. 1 INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DE TRABALHO: PRIMEIRO ANTE PROJECTO

Na posse do programa e escolhido o terreno da futura pousada, Manuel Tainha desloca-se ao local, daí resultando um levantamento fotográfico (ilustrações 144-153) e alguns registos desenhados e escritos (ilustrações 154-156).

A partir de vários pontos de observação, as fotografias revelam um terreno pedregoso, coberto com vegetação rasteira, pontuado por três grandes pinheiros mansos que se destacam do contexto. Uma construção em alvenaria de granito crava-se na encosta a Sudeste (ilustrações 144 e 151), virando-se para uma linha de água, e um maciço de pinheiros bravos forma uma barreira a Poente (ilustrações 144, 149, 151 e 153). Na zona de inflexão do terreno, quando este se dobra de Sul para Nascente, localiza-se uma eira granítica natural, ladeada por dois dos três pinheiros de grande porte antes referidos (ilustrações 145, 146 e 151).

[59] As negociações para a aquisição da parcela de terreno escolhida que irá acolher a pousada para a região de Oliveira do Hospital são objecto de alguma demora. Quando se procedem aos primeiros contactos para a expropriação da parcela, o MOP considera excessivo o valor solicitado pelas proprietárias do terreno – 20$00 por metro quadrado, perfazendo um total de 300 000$00 para os 15 000 m² de terreno a expropriar (Portugal. [DGEMN], 1954.12.06, p. 2). Enquanto as referidas negociações prosseguem, Manuel Tainha desenvolve a sua primeira versão para a pousada.

[60] Eduardo de Arantes e Oliveira (1907 – 1982), com formação em engenharia, desempenhou o cargo de Ministro das Obras Públicas desde 2 de Abril de 1954 até 12 de Abril de 1967.

[61] *Vide* Anexo J – [Escritura relativa à compra de uma parcela terreno para a construção de uma pousada, em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. 1954.12.29. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0251/3.

Ilustrações 154-156

Sobre duas folhas de pequena dimensão (aproximadamente A5), registam-se as primeiras impressões do sítio – a partir da observação directa no local – que se traduzem em duas perspectivas e uma planta esquemática, complementadas com uma série de anotações escritas (ilustrações 154-156). A concordância entre instrumentos riscadores e suportes como, e principalmente, as informações contidas nos desenhos e nas anotações que os complementam, denotam que todos estes registos tenham sido executados num mesmo tempo, existindo um estreito relacionamento entre os seus conteúdos e propósitos. Desta forma, não parece fazer sentido a sua leitura autónoma pelo que se procederá à sua interpretação conjunta.

Como oportunamente se esclareceu no capítulo 3 (Obra), o terreno escolhido para a localização da pousada expõe-se a Sul e a Nascente. É para esses quadrantes que se inclina, com pendente a princípio suave precipitando-se, a seguir, sobre o vale, por onde corre o rio Alva. Goza de excelente visão panorâmica sobre o maciço montanhoso da Cordilheira Central em toda a sua frente Sul, culminando a Sudeste nos contrafortes da Serra de Estrela (ilustrações 145-150).

De duas diferentes posições, que o autor denomina por "A" (ilustração 155) e por "B" (ilustração 154), olha-se o Sul representando-se a paisagem próxima e distante. O "ponto A" (ilustração 155) corresponde a um posicionamento central no terreno, na zona onde o seu declive é ameno; o outro é executado mais a Sul, no local onde o declive se acentua (ilustração 154). Desta segunda posição – "ponto B" (ilustração 154) –, que se "detém [...] sobre o vale", encontram-se definidos os vários planos em profundidade: o "1º plano" corresponde à zona onde o observador se coloca e onde se inicia a acentuação do declive; o "2º plano", ao terreno próximo a Sudeste, a cota inferior; o "3º plano" ao vale, por onde corre o rio Alva; o "4º plano" à encosta em frente, anotando-se a existência de uma "povoação"; o "5º plano" corresponde ao segundo nível de montanhas e o "6º" ao nível planimétrico mais distante, assinalado como "plano longínquo". Todas estas anotações complementam a informação veiculada no desenho, ajudando a sua compreensão: repare-se, por exemplo, que sem a anotação de "eira" sobre o lado esquerdo do desenho – colocada entre o arranque de um tronco de pinheiro e o observador – seria difícil o seu entendimento, pois o grafismo que a representa não a esclarece de forma cabal, apenas a situando espacialmente. O mesmo se passa na "povoação" assinalada no "4º plano": a sua marcação, representada com uma forma elíptica, não seria, por si só, esclarecedora.

Na ilustração 155, cujo enquadramento é mais recuado, é possível entender a posição relativa de dois grandes pinheiros – informação, aliás, confirmada pelo levantamento fotográfico (ilustrações 144-146, 151-153) –, representando-se a eira entre eles. Deste "ponto", mais afastado da zona de maior declive, " n[ão] se vê o vale".

Tanto as duas perspectivas quanto a planta, executadas no local (ilustrações 154 e 155), são bastante rigorosas do ponto de vista da leitura do lugar, provindo de um entendimento daquele território, ou antes, na sua própria elaboração estará implicado esse entendimento. Esses registos não se constituem como um fim em si próprio – não é o seu valor enquanto entidades autónomas que está em causa –, mas como processo, como um meio de compreensão de uma realidade que se vê e que se sente, e que o desenho permite fixar de um modo particular. E se, na feitura de qualquer registo de observação e representação do real, está inerente uma tomada de posição também particular – que resulta das múltiplas opções implicadas nesse acto, como a escolha do enquadramento, o tipo de escrita, o que se coloca, o que se omite –, neste caso concreto, cujo propósito é intervir sobre um lugar determinado, os 'pontos' de vista escolhidos pelo autor correspondem a uma atitude propositiva, constituindo-se, por isso, como uma acção de natureza projectual. Como refere Manuel Tainha, o conhecimento prévio do programa, como é o caso, "[...] exerce já forte influência na leitura do lugar onde se vai construir a obra, recolhendo aí novos e inesperados materiais para a formação do objecto (Tainha, 2006, p. 96). Neste sentido, a "[a]propriação do espaço é já pressentir a arquitectura, uma vez que esta se desenvolve a partir da simulação do habitável" (Rodrigues, 2002, p. 29).

Apesar dos desenhos não traduzirem, ainda, qualquer compromisso com uma forma arquitectónica, parecem, no entanto, revelar uma primeira aproximação relativamente à localização da futura pousada, manifestando-se os primeiros indícios quanto à preferência do autor para a sua implantação. Na planta esquemática (ilustração 155), estão localizados os 'pontos' "A" e "B", dizendo-se "local previsto" e "sector preferencial", respectivamente. Parecem colocar-se em confronto duas alternativas para a posição do edifício. Contudo, a posição "B", mais próxima da pendente, parece suscitar maior interesse: é um local que oferece mais possibilidades de usufruto das várias dimensões da paisagem, permitindo olhar o vale, imediatamente abaixo, e a paisagem próxima e longínqua. Recorde-se que na ilustração 154 estão identificados os seis planos de visão em profundidade, como se de planos cinematográficos se tratasse. Esse desenho contém, também, uma acutilante linha vertical – que corresponderá ao local onde o observador se coloca – que se relaciona com a anotação "este sector é melhor / nitidez de planos / maior

profundidade", parecendo indiciar uma maior inclinação por esta alternativa de implantação.

Na planta esquemática (ilustração 155), sugere-se a topografia do terreno percebendo-se o seu movimento por via da marcação de curvas de nível. Não se tratando de um levantamento topográfico 'rigoroso' – não é efectivamente executado com instrumentos de medição rigorosa mas apenas através de mecanismos perceptivos – é, no entanto, interessante verificar o rigor alcançado nesta representação, até por comparação com o levantamento topográfico (ilustração 143), constituindo-se como uma apropriação sensível da realidade topográfica. Esta planta contém, ainda, duas informações que parecem relevantes: a enfática marcação do Norte, talvez por ser o quadrante do qual, porventura, o edifício terá de se proteger; e uma figura oval onde se volta a fazer referência à "eira granítica". Esta eira marca o local onde o terreno se dobra para Sul e para Nascente, formando um cabeço (ilustrações 145 e 146) a partir do qual se pode dominar a paisagem nas duas direcções.

Os desenhos constantes nas ilustrações 154 e 155 revelam relações visuais e geométricas, sendo a tradução das imagens colhidas do lugar que se 'mostrou' ao autor. São desenhos para conhecer e para projectar. Onde se coloca o homem, colocar-se-á a sua obra, perante esta dimensão de mundo. Mas este lugar não se constitui como pura imagem visual, pois todo o corpo está presente e o sente. E o modo como se compreende este território é investido com as memórias de todos os outros que se conheceram antes, apesar de este ser único com os seus "aromas de urze, esteva e rosmaninho e pinheiro" (ilustração 156) que se experimentam e se registam para que a memória não se perca.

4. 3. 2 VERSÃO ENTREGUE: PRIMEIRO ANTE PROJECTO

Ilustrações 157-159

Além das ilustrações antes identificadas (154-156), não existem, actualmente, quaisquer outras que tenham dado origem ao primeiro ante projecto. Deverão ter existido, mas não se conservaram.

O primeiro ante projecto da pousada para Oliveira do Hospital é entregue à DGEMN por Manuel Tainha em 15 de Dezembro de 1954, exactamente três meses após a assinatura

do contrato [62]. É composto por uma memória descritiva e justificativa [63] e por desenhos onde se apresenta uma primeira solução 'estabilizada' do projecto: planta de implantação, à escala 1:1400 (ilustração 157); plantas dos pisos (ilustração 158) e cortes e alçados (ilustração 159), desenhados à escala 1:200.

A solução apresentada desenvolve-se genericamente em dois pisos. Três volumes edificados, perpendiculares entre si, contêm a maioria do programa e criam um recinto exterior por onde se acede ao edifício. Um quarto volume de um só piso, onde se propõem as garagens individuais, fecha e protege do Norte este recinto (ilustração 158).

A entrada no edifício acontece ao nível do piso superior, expõe-se a Poente e faz-se a partir do recinto de chegada. Destaca-se e autonomiza-se do plano de fachada, tanto pela sua localização quanto pela sua configuração irregular, que se diferencia da ortogonalidade do restante conjunto.

As áreas principais do edifício – salas e quartos de hóspedes – desenvolvem-se de Nascente para Poente sobre a zona de maior declive. O volume que as integra expõe-se à paisagem, a Sul, e descola-se das cotas inferiores do terreno por meio de uns pequenos montantes de pedra – com configuração em tronco de cone – nos quais se apoia ("alçado sul", ilustração 159).

Os quartos de hóspedes distribuem-se por dois pisos, perfazendo um total de catorze quartos. Uma linha de contorno, executada com riscador encarnado, identifica a segunda fase do projecto – solicitada no programa específico para esta pousada (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 28) – correspondendo aos dois últimos módulos, a Poente, que integrarão os quatro quartos adicionais (ilustração 158).

As salas de estar e de jantar posicionam-se na intersecção dos dois volumes principais do edifício. Relacionam-se verticalmente por meio de um duplo pé direito e abrem-se para a paisagem, também e apenas para Sul. No piso inferior, a sala de jantar prolonga-se para o exterior por meio de um terraço coberto, que se projecta sobre a encosta ("corte a-b", ilustração 159).

A partir das salas, desenvolve-se outro volume, de sentido Sul/Norte. No piso superior, em adjacência à sala de estar, propõe-se a sala de leitura – mais recolhida e virada a Nascente –, o vestíbulo, o concessionário e as instalações sanitárias de uso público. No

[62] Como já foi mencionado, o contrato de prestação de serviços, estabelecido entre a DGEMN e Manuel Mendes Tainha, é celebrado a 15 de Setembro de 1954 (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 21, 24-25, 22-23, 29-27).

[63] *Vide* Anexo H – Memória descritiva e justificativa [Primeiro ante projecto]. 1954.12.15. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN/DSARH-011/181-0163/03.

piso inferior, uma zona de bar faz a transição entre a sala de jantar e a copa, seguindo-se a cozinha com as suas áreas específicas, a dispensa e a sala de refeições do pessoal da pousada.

Os alojamentos do pessoal de serviço e do pessoal dos hóspedes [64] (motoristas) integram o terceiro volume e rematam a Norte o conjunto edificado, assumindo os seus três pisos a mesma direcção do volume destinado às garagens (Nascente/Poente). A ligação entre os dois primeiros níveis deste corpo (o "dormitório [do] pessoal fem[inino e os] quarto[s] de pessoal de hóspede[s]") pode ser executada, quer pelo interior do edifício, quer pelo seu exterior (ilustração 158). Aí, e pelo facto do remate dos degraus da escada se desenhar irregular, expressa-se a ideia da sua construção em pedra tosca. A ligação ao segundo e ao terceiro pisos – que integram, respectivamente, os "quarto[s] de pessoal de hóspede[s e] dormitório [do] pessoal masc[ulino]" (ilustração 158) – faz-se, por sua vez, através de uma escada de caracol que termina numa "s[ala] de estar", que se debruça, em mezanino, sobre o piso inferior.

A implantação da pousada propõe-se afastada da EN17, na zona onde o terreno assume uma inclinação considerável para Sul e para Nascente, libertando a parcela, a Norte e a Poente (ilustração 157). Dois percursos autónomos – para acesso de utentes e de serviço – atravessam obliquamente o terreno, sendo a sua importância hierarquizada pela sua dimensão relativa.

Os desenhos – plantas, alçados e cortes (ilustrações 158 e 159) – revelam sobretudo a organização espacial e o modo como se articulam os diversos usos no conjunto do edifício, traduzindo, de um modo mais explícito, as quantidades de espaço. A memória descritiva, por seu lado (Tainha, 1954.12.15, p. 7-2), incide principalmente nas qualidades espaciais e ambientais que se pretendem para a futura pousada. Nela são explicitadas as razões que, a partir do sítio e do 'Programa', presidiram à escolha da 'Posição' do edifício e ao 'Procedimento' [65] adoptado, estabelecendo-se alguns princípios para a formação do objecto arquitectónico.

[64] Nos anos 50 do século XX, existia a figura do 'motorista', que tanto podia ser o condutor de um carro de praça (por conta própria ou por conta de outrem), quanto empregado directo das pessoas que transportava. O programa específico para a pousada de Oliveira do Hospital contempla a existência de alojamento para os motoristas, sendo definido como "pessoal dos hóspedes" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 27). Este requisito já era solicitado no programa geral para as pousadas da nova geração (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p. 21).

[65] O "Programa", a "Posição" (ou "Lugar") e o "Procedimento" são nomeados por Manuel Tainha como "[...] o Princípio dos 3 P's [...] [que regula] o Fazer do arquitecto" (Tainha, 2006, p. 93), ideia desenvolvida num artigo escrito em 1999 – "O arquitecto deve saber falar daquilo que está a fazer" (Tainha, 2006, p. 89-101).

- O edifício é entendido "[...] como elemento de valorização paisagística" (Tainha, 1954.12.15, p. 7-6). Esta afirmação pode ser interpretada em dois âmbitos: por um lado, pela integração do edifício na paisagem – o edifício acrescenta-se à paisagem atribuindo-lhe novos significados – e, por outro lado, pela relação que se poderá estabelecer com a paisagem a partir do interior do edifício – a paisagem é valorizada a partir da posição do utilizador no interior do edifício.

- Das possíveis hipóteses para a implantação da pousada, escolhe-se a zona de maior declive, por ser aquela que permite pôr "[...] mais em evidência em relação à observação exterior, próxima e distante" (Tainha, 1954.12.15, p. 6). Recordemo-nos dos desenhos executados no local (ilustrações 154 e 155). Reflectiam, como afirmámos, o modo como Manuel Tainha olhou aquele território, entendendo-o como um 'material' fundamental de projecto. E esse modo particular de olhar parece reflectir-se nesta proposta, pela relação que as áreas principais do edifício – salas e quartos de hóspedes – estabelecem com a paisagem. Das zonas mais recuadas das primeiras, olha-se para o exterior numa visão mais horizontal não se vendo o vale ("ponto A", ilustração 155). Mas, diferentemente, junto ao duplo pé-direito da sala de estar (no piso superior) ou no terraço da sala de jantar (no piso inferior) é possível uma maior amplitude vertical sobre o exterior, permitindo o domínio visual tanto do horizonte médio e longínquo quanto do vale próximo, permitindo estabelecer uma correspondência com o enquadramento executado a partir do "ponto B" da ilustração 154. Quanto a este propósito, repare-se no "corte a-b" (ilustração 159), onde se assinala, com traço interrompido, a amplitude vertical de observação sobre o exterior a partir da sala de estar.

- Decorrente da implantação escolhida, resulta "[...] uma solução de encosta [...]" (Tainha, 1954.12.15, p. 6), fazendo-se a entrada ao nível superior do edifício, que se deseja "[...] em íntima conjunção topográfica [...]" (Tainha, 1954.12.15, p. 2) com o terreno – nos cortes "a-b" e "c-d" (ilustração 159) pode verificar-se a implementação deste princípio.

- "A entrada faz-se no côncavo do edifício em ponto abrigado dos ventos e visível da entrada [...]" (Tainha, 1954.12.15, p. 2), o que conferirá à pousada um "[...] carácter receptivo [...]" (Tainha, 1954.12.15, p. 6). A solução projectual escolhida por Manuel Tainha cria um recinto que, sendo exterior, se propõe abrigado. É este 'côncavo' que recebe e acolhe o viajante.

- Procura-se dotar o edifício de qualidades ambientais variadas, expressas nas relações que os seus espaços internos estabelecem entre si e com o exterior, privilegiando-se em certos casos continuidades espaciais – relação horizontal átrio/sala de estar/exterior; articulação vertical entre espaços de estar e de jantar – e noutros, o recolhimento, como o "[...] espaço dedicado à leitura, escrita" (Tainha, 1954.12.15, p. 5).
- Introdução de espaços de transição interior/exterior de diversas naturezas, tanto funcionais, quanto ambientais, nomeadamente: o terraço sobre o qual se prolonga a sala de jantar; um outro, mais pequeno e recolhido, lateral à zona de estar; um terceiro terraço coberto, que separa a zona do concessionário dos dormitórios do pessoal e, ainda, as varandas dos quartos dos hóspedes. Em todos estas situações se explora, de um modo particular, a relação interior/exterior.
- Outro princípio projectual que Manuel Tainha propõe consiste na "[...] aderência aos procedimentos locais quer na escolha e no emprego dos materiais, quer na sua tradução plástica e amplitude decorativa" (Tainha, 1954.12.15, p. 2), constituindo-se como um argumento que visará responder ao programa para a pousada, onde se recomendava que o edifício a construir deveria integrar-se "[...] de tal forma nas características regionais, que nunca poderia ser construído noutro local" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29). Contudo, Manuel Tainha propõe-se utilizar novos materiais, como o "[...] betão armado em pavimentos e [...] [o] alumínio no revestimento de coberturas [...] [alegando que a sua introdução se insere] na própria essência da tradição que é continuidade" (Tainha, 1954.12.15, p. 2). A adesão aos materiais tradicionais com a introdução de outros novos pressupõe, desde logo, a procura de uma síntese que resultará da conjugação destes aparentes opostos.

O corpo Sul do edifício é suportado por uma estrutura modular, que se traduz tanto na articulação espacial lida em planta, quanto na composição do seu alçado (ilustrações 158 e 159). Este corpo, com dois pisos, solta-se do terreno e avança sobre o declive apoiado numa estrutura pontual – os pequenos montantes de pedra já referidos – sendo o plano recuado do seu embasamento em pedra. Os dois pisos elevados – onde se acomodam todos os quartos dos hóspedes e as salas – assumem uma composição de base normativa, evidenciando o módulo que lhe dá origem e que, nos quartos, mantém uma

dimensão constante de 3,75 m [66]. Uns pilares em estrutura metálica apoiam a cobertura inclinada das salas, que se prolonga para o exterior garantindo a protecção do terraço.

O corpo menor, a Norte, onde se localizam os alojamentos do pessoal de serviço e dos motoristas, parece sujeitar-se também a uma composição modular na sua frente Sul (ilustração 159), que se manifesta pela repetição de aberturas idênticas a espaços iguais, em cada um dos seus três pisos.

Em contrapartida, os alçados Nascente e Poente (ilustração 159) parecem sujeitar-se a um outro princípio. A opção pelo muro de pedra com a sua construtividade própria condiciona a dimensão dos vãos, existindo uma clara predominância do cheio sobre os vazios, conferindo uma maior variação compositiva e complexidade geométrica e ao conjunto. Essa complexidade também decorre da inclinação das coberturas, afirmada nestes alçados, atribuindo-lhes um dinamismo que contrasta com a estaticidade das frentes expostas a Sul.

Parece, assim, optar-se pela adopção de dois sistemas construtivos distintos que resultam, por um lado, da aplicação de sistemas construtivos tradicionais e, por outro, pela implementação de novos – o sistema em alvenaria contínua de pedra e o sistema pontual em estrutura de betão armado e/ou metálica – determinando o diferente desenho dos alçados e compatibilizando-os numa síntese possível.

Como já se mencionou, os desenhos para o primeiro ante projecto apresentam-se à escala 1:200. Parece, contudo, constatar-se que o quarto de hóspedes foi objecto de um estudo mais aprofundado, porventura a escala maior, visto ensaiar-se a colocação do equipamento fixo e móvel (ilustração 158), revelando, como é mencionado na memória descritiva, "[...] a progressão [dos seus espaços] em profundidade [, com] vestíbulo, banho, vestir, dormir e zona de estar, esta repartida entre o interior e o exterior [...]" (Tainha, 1954.12.15, p. 4). É com o mesmo nível de detalhe que o quarto é representado no corte "c-d" (ilustração 159), propondo-se variações altimétricas ao nível dos seus tectos para a identificação, separação e qualificação das suas diversas zonas.

O corte "a-b" (ilustração 159), que atravessa as salas, também contém algum nível de pormenor, que se expressa pela marcação da caleira na confluência das águas do telhado e na colocação de uma sanca (de luz?) no ponto de intercepção dos planos da cobertura, pensando-se, enventualmente, para a sala de estar a possibilidade de luz indirecta.

[66] Dimensão aferida a partir de medição directa.

Apesar de este ante projecto se apresentar sob a forma de desenhos estabilizados – portanto, com uma carga semântica particular –, a solução que neles se apresenta não corresponderá, ainda, a uma solução realmente estabilizada, mas à solução possível nesta fase do processo. Embora Manuel Tainha já defina uma "estruturação primária [...] [, que dá] resposta às questões essenciais e prioritárias do problema" (Tainha, 1994, p. 69) dizendo, por exemplo, onde quer implantar o edifício e como pretende fazê-lo – "[...] solução de encosta [...]" (Tainha, 1954.12.15, p 6) e "[...] em íntima conjunção topográfica [...]" (Tainha, 1954.12.15, p 2) –, verifica-se não se encontrar totalmente aferida a relação entre o edifício e o terreno. Se os cortes transversais "a-b" e "c-d" (ilustração 159) parecem traduzir correctamente essa relação, o mesmo já não acontece no "alçado sul" (ilustração 159), verificando-se uma clara discordância entre o seu desenho e a informação constante na planta de implantação (ilustração 157): a frente Sul do edifício representa-se apoiada sobre um terreno de nível, contrariando a informação veiculada no levantamento topográfico – sobre o qual se implanta o edifício –, onde se verifica existir uma significativa diferença de cota na zona do terraço da sala de jantar, com uma descida acentuada do terreno. É, justamente, nesta zona que o terreno inflecte, descendo em duas direcções: para Sul e para Nascente.

Também é nesta zona de inflexão do terreno que se localiza a eira granítica. O edifício implanta-se, sobrepondo-se-lhe e, pelo menos, um pinheiro é negligenciado. O que não seria previsível, tendo em conta a importância que esses elementos assumem para Manuel Tainha, como é demonstrado tanto no levantamento fotográfico (ilustrações 144-153), quanto nos desenhos do sítio por si elaborados (ilustrações 154 e 155).

Como explicar, então, estas incongruências?

Por um lado, o programa específico da pousada para Oliveira do Hospital – integrante do contrato de prestação de serviços estabelecido entre a DGEMN e Manuel Tainha – mencionava, no seu segundo parágrafo, a junção de uma planta de localização do terreno. No entanto, não foi encontrada qualquer planta junto aos documentos que fazem parte desse contrato (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 21, 24-25, 22-23, 29-27). Este facto não exclui, como é evidente, a entrega da planta de localização mencionada.

Por outro lado, como já se referiu, a compra do terreno para a pousada de Oliveira do Hospital só se concretizou em 29 de Dezembro de 1954 (Portugal. [DGEMN], 1954.12.29, p. 18-19, 16-17, 14-15, 12-13). É, por isso, possível que durante o desenvolvimento do primeiro ante projecto, entregue em 15 de Dezembro de 1954, ainda não estivessem definidos com precisão os limites do terreno para a pousada. Na planta de implantação

entregue (ilustração 157), pode verificar-se que o terreno não se encontra delimitado a Nascente e a Sul, contendo apenas os limites físicos naturais: a EN17, a Norte, e um caminho público, a Poente.

Apesar das questões agora evocadas, continua a ser difícil justificar a incongruência detectada nas peças desenhadas relativamente à implantação do edifício, atendendo à importância que Manuel Tainha atribui a este tema [67] e que se encontra cabalmente expresso na memória descritiva e justificativa por ele entregue.

Não terá Manuel Tainha tido acesso, em tempo útil, ao levantamento topográfico no qual foi desenhada a implantação do edifício da pousada? Terá ocorrido um erro de desenho que resultou na deslocação para Sudeste dessa implantação?

Nunca saberemos. Seja como for, alguns princípios arquitectónicos parecem estar lançados, podendo adquirir, ainda, as mais diversas configurações. Sabe-se o que se quer, mas ainda não está precisado o modo de o alcançar, persistindo a interrogação "[...] como é que eu vou fazer isto aqui?" (Tainha, 2006, p. 97).

4. 3. 3 PARECERES: PRIMEIRO ANTE PROJECTO

O único parecer ao primeiro ante projecto a que tivemos acesso directo e integral, encontra-se nos arquivos da DGEMN. É emitido pela Direcção dos Serviços de Construção daquele organismo em 21 de Dezembro de 1954 [68] e coloca as questões que a seguir se enunciam:

- Propõe-se uma alteração na implantação do edifício, rodando-o "[...] entre 30º e 45º de Sul para Sudeste, de modo a obter-se uma melhor visibilidade e exposição sobre a Serra de Estrela [...]" (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41). Esta rotação é ensaiada a grafite na própria planta de implantação entregue (ilustração 157), provavelmente por quem avalia o projecto.

[67] A obra construída de Manuel Tainha revela uma preocupação constante e um subsequente rigor com a adaptação das edificações ao meio físico onde se inserem, quer sejam edifícios isolados quer se insiram em espaço urbano (Tainha, 2002). Desde o início da sua carreira enquanto arquitecto, esta preocupação está presente no seu trabalho, revelando-se já nas Piscinas do Tamariz (1954-1956) e na sua primeira casa construída, a Casa do Freixial (1958-1960). A pousada de Oliveira do Hospital (1954-1971) não se constitui como uma excepção a essa regra mas, antes, como um caso exemplar.

[68] *Vide* Anexo I – Parecer: Pousada de Oliveira do Hospital [Primeiro ante projecto]. 1954.12.21. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN/DSARH-011/181-0247/01.

- Refere-se a existência de pouca distância entre o piso inferior de quartos e o terreno, propondo-se o seu aumento "[...] para que o hóspede, quando no seu quarto, tenha a indispensável sensação de segurança e se sinta perfeitamente à vontade e sem preocupações" (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41).
- Como consequência, o espaço que resultará desse acréscimo de distância "[...] poderia comportar perfeitamente um pavimento térreo, onde talvez fosse possível instalar os quartos e dormitórios destinados aos empregados dos hóspedes e ao pessoal da pousada" (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41). Esta sugestão poderá conduzir ao aumento de um piso no corpo Sul do edifício e, em simultâneo, à eliminação do "[...] corpo de edifício destinado àquele fim [...], certamente com largo benefício de ordem económica [...]" (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41).
- Se a anterior sugestão for acatada, as garagens mudarão necessariamente de posição, podendo constituir-se como um prolongamento da zona de serviços, alterando a direcção da sua implantação "[...] com o benefício de não ser tão fàcilmente visível da pousada o interior das «boxes»" (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41).
- Uma vez atendidas as críticas enunciadas na elaboração do projecto definitivo, conclui o parecer, o "[...] ante projecto está em condições de merecer aprovação superior" (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41).

Além destas, parece-nos importante referir outras questões em que o ante projecto parece desviar-se do programa fornecido ou de alguns princípios estabelecidos na memória descritiva e justificativa que acompanha os desenhos entregues pelo autor:

- Não se verifica, como havia sido requerido no programa para esta pousada, independência entre os aposentos do pessoal de serviço e do pessoal dos hóspedes. Funcionam todos, por sobreposição, no corpo do edifício de três pisos situado a Norte.
- Como já foi referido, a implantação do edifício ainda não se encontra resolvida. São expressas claras intenções quanto a esse assunto nas peças escritas do projecto, mas as incongruências verificadas entre os seus desenhos ainda não respondem a essas intenções. A sugestão mencionada no parecer da DGEMN, de proceder a uma rotação na implantação da pousada poderia beneficiar a "conjunção topográfica" entre edifício e terreno, referida por Manuel Tainha (Tainha,

1954.12.15, p. 2), uma vez que o seu corpo principal se adaptaria melhor à topografia, assumindo a própria direcção do declive.

Apesar de nos arquivos consultados não termos descoberto qualquer parecer emitido pelos serviços do SNI, outros documentos encontrados referenciam a sua existência, nomeadamente uma informação, emitida por aquela entidade em data muito posterior, sobre a pousada de Bragança [69]. Nessa informação, pode verificar-se que Leonardo de Castro Freire, dos Serviços Técnicos do SNI, e o Chefe das Brigadas de Pousadas, do mesmo organismo, emitem parecer em 3 de Fevereiro de 1955 (Portugal. [SNI], 1957.08.29, p. 185) e que em 10 de Fevereiro, os "[...] "dossiers" referentes às Pousadas a construir nos [...] locais: Sítio da Nazaré, Oliveira do Hospital, Portela da Gardunha, Bragança [e] Valença do Minho [são enviados para a Repartição de Turismo do SNI tendo] apenso[s] o[s] parecer[es, quer] de Castro Freire [...] [, quer] da Direcção dos Serviços de Construção [DGEMN]" (Portugal. [SNI], 1955.02.10, caixa 4202). Por sua vez, a Repartição de Turismo do SNI emite parecer em 30 de Março de 1955. (Portugal. [SNI], 1957.08.29, p. 185).

Em 5 de Abril do mesmo ano, o processo da pousada para Oliveira do Hospital, em conjunto com os processos das outras pousadas, é entregue no gabinete do Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar. Esta entrega é acompanhada de um ofício do Secretário Nacional do SNI [70], onde se criticam duramente todos os projectos, chegando a pôr em causa o critério para a escolha dos seus autores. Diz-se, então, no ofício:

- Lamenta-se o "[...] êrro de origem no critério seguido, [...] e na fórmula audaciosa [...] [adoptada pelo MOP, na escolha de] [...] cinco arquitectos ousados e modernistas para elaborarem os ante-projectos [que] devia[m] ter sido acompanhad[os] [...] [por um] arquitecto experimentado e hábil [...] [do SNI]. A audácia [...] [dos primeiros teria sido] assim corrigida e mitigada pela experiência e serenidade do [...] [segundo] e de presumir era, em tais circunstâncias, que pudessem ter sido evitados os excessos condenáveis e recusáveis em presença dos quais nos encontramos" (Portugal. [SNI], 1955.04.05, p. 7).

[69] *Vide* Anexo W – Informação: Pousada de Bragança. 1957.08.29. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-53.

[70] *Vide* Anexo K – [Ofício] nº 47 [emitido pelo SNI, que acompanha a entrega ao] Presidente do Conselho [dos ante projectos de cinco pousadas da segunda fase]. 1955.04.05. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72.

- Refere-se, citando o parecer de Castro Freire, que os arquitectos autores dos ante projectos "[...] mais projectaram pequenos hotéis do que pousadas grandes [...]" (Portugal. [SNI], 1955.04.05, p. 8), afirmando-se não se compreender "[...] que se dê salto tão largo no espírito e na imagem [...] [destes edifícios, parecendo] perdidas as noções tradicionais e locais da arquitectura portuguesa e perdido o sentido acolhedor e íntimo das hospedarias nacionais a que se deu [...] o nome [...] de Pousadas" (Portugal. [SNI], 1955.04.05, p. 8).
- Conclui-se que "[...] todos os ante-projectos devem ser profundamente revistos nos seus aspectos arquitectónicos [...]" (Portugal. [SNI], 1955.04.05, p. 8).

Não obtendo qualquer resposta da parte do SNI, os serviços da DGEMN dirigem vários ofícios àquele organismo – datados respectivamente de 8 e 31 de Março e de 21 de Abril de 1955 (Portugal. [SNI], 1955.04.30, p. 59) – indagando sobre o andamento do processo da pousada para Oliveira do Hospital. Em 30 de Abril, o SNI emite um ofício comunicando que o ante projecto da referida pousada e o parecer dos seus "[s]erviços foram já há algum tempo entregues a s. Exª. o Presidente do Conselho para apreciação e despacho" (Portugal. [SNI], 1955.04.30, p. 59).

4. 4 SEGUNDO ANTE PROJECTO: 18 DE MAIO, 1955

4. 4. 1 INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DE TRABALHO: SEGUNDO ANTE PROJECTO

Enquanto o processo do primeiro ante projecto da pousada para Oliveira do Hospital se encontra no gabinete do Presidente do Conselho aguardando despacho, em Maio de 1955, sensivelmente cinco meses após a primeira entrega, Manuel Tainha decide apresentar, por sua iniciativa, uma nova proposta. Desconhecemos se teve qualquer tipo de informação sobre os conteúdos dos pareceres que já teriam sido emitidos pelas entidades oficiais. O que podemos verificar é que, entre a data de entrega do primeiro ante projecto – 15 de Dezembro de 1954 – e data de entrega do segundo – 18 de Maio de 1955 –, o estudo para a pousada é largamente desenvolvido pelo seu autor. Esse desenvolvimento é expresso pelo conjunto de registos que a seguir se interpretam e que irão dar origem a uma nova proposta, que será designada, neste trabalho, como segundo ante projecto.

Ilustração 160

Sobre esta folha (ilustração 160), encontram-se uma série de experiências onde se exploram possíveis relações planimétricas da disposição espacial do edifício.

A planta superior (desenho 'a') representa o piso da entrada parecendo a sua organização espacial decorrer da solução apresentada no primeiro ante projecto (ilustração 158). No corpo principal (Sul), mantêm-se os sete módulos de quartos e um espaço maior de sala, ambos separados por um vazio (varanda) e por dois pequenos compartimentos que poderão, à semelhança do primeiro ante projecto (ilustração 158), corresponder a serviços; no corpo perpendicular, no lugar da sala de leitura, surge um vazio/pátio que separa a sala da zona do "concessionário"; os apoios sanitários, representados esquematicamente, mantêm-se no mesmo lugar e uma forma irregular marca a entrada que, pela sua localização e configuração, também parece ter a sua génese no acesso ao edifício do primeiro ante projecto. Testa-se uma nova posição para a escada junto aos quartos, que agora se colocam em adjacência ao corredor e no seu topo e não como seu remate – esta nova posição permitiria, com maior facilidade, a divisão da obra em duas fases, como era requisito do programa para esta pousada (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29). Lateralmente à sala e na sua continuidade existe um outro espaço que, pelo modo como é representado, poderia induzir ao entendimento de um outro acesso vertical, embora a sua excessiva dimensão e o seu posicionamento nos remeta para a possibilidade em corresponder de um espaço exterior de terraço onde os grafismos empregados poderiam significar a estereotomia do pavimento. A ser esta segunda solução, a sala abrir-se-ia para duas direcções – Sul e Nascente –, permitindo uma visão panorâmica mais abrangente sobre paisagem.

A cota "24,5" que se assinala para o total de sete quartos determina um módulo de 3,50 metro, procedendo-se a uma redução da sua dimensão relativamente ao primeiro ante projecto que, como se verificou, era de 3,75 metro. Esta redução é confirmada no desenho 'd', onde se estuda o quarto isoladamente, atribuindo-lhe uma largura de "3,5" metro e um comprimento de "5" metro, acrescendo-se "2" metro para as instalações sanitárias e "2" metro para o corredor de acesso. Este pequeno registo é contornado a grafite, com marcas helicoidais.

O desenho 'b' parece iniciar-se como um corte transversal. Representa-se a relação topográfica do edifício com o terreno, bem como as relações altimétricas do espaço interno. Os montantes em pedra, a partir dos quais emerge a estrutura, herdam-se do primeiro ante projecto (ilustração 159), parecendo, agora, colocar-se a hipótese de

aproveitamento do espaço junto ao terreno com a criação de um novo piso. Se bem que as dimensões entre os pisos – pé-direito – pareçam, ainda, desajustadas, visto a altura dos dois níveis inferiores ser demasiado acanhada, estudam-se os acessos verticais, que remetem para a hipótese colocada na planta superior ('a'), o que denota a possibilidade do aproveitamento vivencial do espaço semienterrado junto ao terreno.

O prolongamento deste corte apresenta-se ambíguo. Obedecendo a uma estrutura de repetição modular, não cria correspondência com a planta superior ('a'), parecendo-se mais como uma alternativa à zona dos quartos representada em planta, até por conter o mesmo número de módulos e o mesmo tipo de remate. Mas, a partir de uma leitura mais aprofundada deste desenho, verifica-se que o prolongamento do corte parece ter início nuns ténues grafismos oblíquos cuja configuração remete para a cobertura sobre a zona de salas do "corte a-b" do primeiro ante projecto (ilustração 159).

Um outro corpo (desenho 'c') acrescenta-se ortogonalmente a partir do 'corte/planta', assumindo-se como uma representação em planta, onde módulos idênticos vão sofrendo pequenas translações entre eles. Repare-se que estes módulos se iniciam a partir de um vazio, assinalado com duas linhas oblíquas concorrentes – à semelhança do que acontecia na planta superior desta folha (desenho 'a') –, o que sugere estar a trabalhar-se a mesma zona, ainda que se experimente uma outra solução. Note-se também, em benefício desta hipótese, a existência de um corpo saliente que, pela sua idêntica localização, permite pensar tratar-se de uma variante para a zona de entrada. Este corpo ortogonal, representado em planta, apesar de se fundir – por se colar –, ao desenho superior, parece constituir-se como um desenho autónomo.

Regressemos ao desenho 'b', que inicialmente se definiu como corte e concentremo-nos mais um vez na estrutura modular que o prolonga. Pode-se especular que esta zona, neste caso também desenhada em corte, corresponderia à solução experimentada na planta 'c' imediatamente abaixo. Se assim fosse, o corte sintetizaria as duas soluções existentes nesta folha: na zona inferior do terreno, reflectiria a planta 'a' e na restante extensão traduziria a planta 'c', onde o volume que atravessa o terreno se fragmenta, por via da translação que ocorre entre cada módulo. A própria representação em corte – desenho 'b' – individualiza esses módulos onde, pelas suas coberturas de duas águas, se enfatiza a essa fragmentação.

Pelo que se disse, é plausível pensar que Manuel Tainha possa ter começado por desenhar a planta superior 'a' e, a partir desta, tenha iniciado a execução do corte 'b', sendo este, por sua vez, continuado com a influência da planta 'c', onde se coloca uma outra hipótese

de organização espacial, protagonizando uma outra solução. Seguindo este raciocínio, o corte 'b' seria o resultado de duas diferentes hipóteses, testadas a partir de duas diferentes plantas (desenhos 'a' e 'c').

A dificuldade em tirar conclusões exactas quanto a estes desenhos é reveladora da sua ambiguidade. O facto de um desenho possuir mais de uma valência interpretativa – ser corte, ser planta ou ser ambos em simultâneo – permite retirar diferentes ilações quanto ao seu significado e, em limite, não retirar nenhuma. Mas será nessa ambiguidade que poderá residir um dos valores do desenho, pois ao deixar uma solução em aberto, permite o avanço do processo projectual. Esta ambiguidade de que se fala é um valor que não se manifesta apenas na interpretação dos desenhos, mas também, e antes, na sua própria elaboração, parecendo ser, por isso, um valor constitutivo do próprio pensamento projectual de Manuel Tainha.

Os registos até agora abordados nesta ilustração são efectuados a esferográfica azul, sendo os restantes – desenhos 'e', 'e1', 'e2' e 'f '– executados com caneta de tinta permanente da mesma cor. O instrumento riscador utilizado, a diferente orientação destes desenhos em relação aos anteriores – assumindo uma posição oblíqua, que parece decorrer do aproveitamento do espaço disponível no campo da folha – e, fundamentalmente, a solução arquitectónica representada, leva a supor que a sua elaboração corresponda a um outro momento da investigação, eventualmente posterior.

Assim, na planta 'e', testa-se uma outra possibilidade que, ao contrário dos registos 'a' e 'b', se distancia da solução entregue no primeiro ante projecto. O corpo principal do edifício mantém-se em extensão integrando, apenas, os espaços comuns de salas. Um vazio exterior – pátio – ocupa o centro da composição, implicando a duplicação do volume transversal. Dessa duplicação, resultam dois volumes que atravessam a pendente do terreno – destinam-se provavelmente a diferentes usos – que, em conjunto com um terceiro volume, a Norte, definem o pátio.

Na organização espacial desta solução (desenho 'e'), a afectação de alguns espaços relativamente aos seus usos não se apresenta esclarecida. Contudo, alguns elementos colocados no interior do corpo principal, que conterá as salas, permitem conjecturar a definição de várias subzonas: sala de jantar, a Nascente, separada da de estar por um elemento rectangular com a anotação "madeiras"; um outro elemento, colocado centralmente na suposta zona de estar, poderá corresponder a uma grande lareira, definindo-se uma zona de fogo (ampliada no desenho 'e1'); para Poente, define-se um outro espaço, encerrado em três dos seus lados, que se constitui como uma área mais

contida, talvez de bar, que se apresenta ampliada no desenho 'e2'; dois elementos, de menor dimensão, implantam-se junto ao limite Poente do corpo principal do edifício, limitando uma zona exterior, talvez coberta. Exterior à construção, no seu extremo Nascente, uma série de linhas helicoidais concêntricas poderá designar a eira granítica pré existente.

Numa outra planta, mais esquemática e de menor impacto (desenho 'f'), testa-se uma configuração curva para o corpo Sul do edifício. O seu lado côncavo vira-se para a paisagem e a estrutura pontual de suporte, colocada em equidistância, afasta-se do limite da construção, ganhando autonomia formal. Apesar do esquematismo desta planta, repetem-se os três elementos constantes na planta 'e' – que marcam o interior do espaço –, constituindo-se como uma variação formal do corpo principal daquela, que lhe parece dar origem.

Ilustração 161

Nesta ilustração – que se constitui como o verso da folha anterior –, é usado o mesmo instrumento riscador dos últimos desenhos abordados, nomeadamente a planta 'e', verificando-se que o alçado e os cortes representados estabelecem relação com aqueles, devendo corresponder, por isso, a um mesmo tempo de acção que, como se mencionou, se julga posterior.

Partindo do pressuposto de que o corpo principal do edifício se expõe a Sul [71], o desenho superior desta página corresponderá ao alçado oposto visto a partir de Norte. Consequência da topografia do terreno, a construção possui um só piso para este quadrante. O corpo central do alçado corresponderá à frente do volume que fecha o pátio, onde as suas fenestrações equidistantes têm correspondência com a planta 'e' da ilustração 160, na qual se desenhavam, também, com uma métrica regular. O volume Nascente cria algum contraste com a restante construção, quer pela sua configuração, com cobertura inclinada de uma água, quer pela sua textura, que simula alvenaria de pedra.

No registo 'b', que corresponderá a um corte transversal executado na zona central do edifício, propõe-se um descolamento entre o piso e o terreno, permitindo dotar a cave de ventilação e de iluminação naturais – para onde se propõe o serviço de "lav[andaria]" –, que se coloca em adjacência vertical com os serviços de "coz[inha]". O descolamento

[71] Este pressuposto resulta da informação retirada do primeiro ante projecto, onde o corpo principal do edifício se expunha a Sul (ilustração 157).

referido também é representado no alçado Norte (desenho 'a'), fazendo-se aí uma abertura contínua apenas interrompida por uma estrutura pontual de suporte.

O desenho inferior ('c') volta a representar um corte transversal do edifício, agora em toda a sua extensão. Assumem-se claramente três pisos a Sul, fazendo crer que o corte seja executado junto ao limite Nascente da construção pois é aí que o terreno atinge a inclinação necessária para o aproveitamento do piso inferior. O terreno natural aparece desenhado com traço interrompido e a construção ajusta-se-lhe. Embora estejamos perante a figura de um corte, o piso inferior sugere um alçado se nos detivermos na imagem da estrutura pontual equidistante que o caracteriza.

Esta ocorrência conduz a uma outra reflexão. Qualquer representação gráfica inscreve-se num sistema de convenções que, por comportar uma dimensão codificada, torna possível o entendimento do seu significado. Apesar de Manuel Tainha trabalhar com o sistema codificado de 'projecções ortogonais', onde se inscrevem plantas cortes e alçados, os seus desenhos revelam, com frequência, a diluição dos seus limites e, consequentemente, do seu significado. Podem fundir-se numa mesma representação, planta e corte, corte e alçado, trabalhando-se tanto na afirmação estrita da convenção quanto na sua transgressão, consoante a exigência do momento. Será a própria dinâmica inerente ao processo projectual a ditar a necessidade dessa diluição.

Ilustração 162

O desenho central 'a' corresponde a uma planta de conjunto que, pela sua localização no espaço do suporte e pela sua importância no contexto, se deve constituir como o primeiro registo desta ilustração. Na solução representada, anotada com referências escritas e numéricas, experimenta-se uma outra geometria que se afasta da ortogonalidade do primeiro ante projecto, e se aproxima da experiência constante no desenho 'c' da ilustração 160. O corpo principal, composto por dois troços oblíquos – que forma um 'côncavo' para a paisagem –, integra a zona de "jantar", quatro quartos e, em adjacência, a Norte da construção, propõe-se o "estacionamento" exterior. O corpo Norte, cuja frente possui uma configuração idêntica ao anterior, mas simétrica, contempla as "boxes p[ara] autos [, a] recepção [, a] entrada de serviço [, os] serviços [de] cozinha [e,] em baixo [, os] aposentos das criadas [e o] armaz[ém]". Um terceiro corpo – com o "átrio" [da pousada e a] copa" de apoio à cozinha – liga os dois anteriores, criando com eles dois recintos exteriores protegidos, correspondendo, respectivamente, a uma zona de uso público por onde se fará a entrada de utentes, a Poente, e a um "pateo" de serviço, a Nascente.

Neste terceiro corpo, que intersecta a pendente do terreno, representam-se duas escadas: uma liga os dois níveis altimétricos do "átrio"; a outra faz a ligação ao piso superior, onde se deverão localizar os restantes quartos, distribuídos por dois troços, com "4" e "6" módulos, respectivamente. A escada que dá acesso aos quartos do piso superior adopta uma das direcções oblíquas dos corpos Sul e Norte, enquanto a outra respeita a direcção ortogonal do corpo intermédio que os relaciona.

O conjunto de notas escritas e numéricas, que se têm vindo a citar, ajudam a esclarecer a localização das várias zonas da pousada, permitindo perceber, entre outras questões, que a partir de uma mesma planta se podem pensar as suas diversas 'camadas', isto é, os seus diversos pisos, nomeadamente a sobreposição da zona de "serviços [da] cozinha" com os "aposentos [das] criadas". Assim, como aqui se verifica, poderá existir muito mais informação subjacente a um registo do que aquela que ele permite veicular.

No desenho 'c', volta a estudar-se o módulo para o quarto de hóspedes. Desta vez, além das informações numéricas já mencionadas no desenho 'd' da ilustração 160, acrescem-se anotações escritas, explicitando o desenvolvimento das diversas zonas do quarto em profundidade: "vestir", "dormir" e "estar". Esta última repartida entre o interior e o exterior. Mantêm-se as dimensões gerais do quarto – "3,5" metro de frente, por "5" metro de profundidade –, reduzindo-se a dimensão da instalação sanitária e a do "corredor", ambas com "1,5" metro.

Os números, inscritos num '8', que se encontram na zona superior do suporte (registo 'b') poderão significar o número total de quartos a construir, com "4" no piso inferior e "10" no superior. Quanto às letras colocadas ao seu lado – "N O P Q" –, repetidas em sobreposição, não descortinamos o seu significado, detectando apenas corresponderem a quatro letras consecutivas do alfabeto. "P" e "Q" poderiam referir-se a "P"óvoa das "Q"uartas, mas esta ilação é, sem dúvida, especulativa.

Num outro registo ('d'), abordam-se os apoios para um volume que se solta do terreno e que, supomos, corresponderá ao corpo Sul. Em tronco de cone e de robustas dimensões, esses apoios têm semelhança com os montantes em pedra representados no alçado Sul do primeiro ante projecto (ilustração 159). O aumento da sua altura provocaria uma ampliação significativa do seu impacto visual.

Na zona inferior do suporte, um registo, com uma escala gráfica aproximadamente de 1:1750, representa o alçado principal do edifício (desenho 'e'). Apesar da sua reduzida dimensão, é possível identificar uma série de propósitos projectuais, a partir do elevado

nível de pormenor. Uns ténues grafismos definem a topografia do terreno, afirmando-se o seu declive acentuado para Nascente junto ao limite da construção. O piso superior do alçado, com um remate de configuração curva (côncavo), assenta sobre uns apoios pontuais que o ligam ao terreno em toda a extensão do piso inferior. Duas árvores de grande porte que surgem por trás da construção evocam os monumentais pinheiros mansos existentes no terreno (ilustrações 144-147, 151-153). A concavidade superior deste alçado poderá colher a influência das frentes Sul e Norte propostas na planta 'a', transferida agora para esta frente edificada, experimentando-se, assim, uma nova alternativa formal.

Ilustração 163

À semelhança da ilustração anterior (ilustração 162), alguns dos presentes registos parecem estabelecer pouca relação entre si, tendo em conta o seu motivo, a adopção de diferentes modos de operar, o nível de pormenor, a variação de escalas, a sua dimensão e o seu impacto relativo no suporte. Colocam-se, em simultâneo, várias soluções para o mesmo problema como se o pensamento ocorresse por supetões e percorresse num mesmo tempo ideias arquitectónicas sem aparente nexo, não se detectando ainda uma lógica para o alcance de uma síntese. Neste caso, o desenho parece constituir-se como um recurso mnemónico para que algumas ideias arquitectónicas, ainda dispersas, não se percam.

O corte 'a' é elaborado por tentativa/erro, verificando-se a sobreposição de algumas 'camadas' que se vão construindo por níveis. Estuda-se a relação entre o quarto, as instalações sanitárias e o corredor de acesso, bem como a relação entre os dois pisos propostos e do edifício com o terreno. O quarto é decomposto em três subespaços: a partir de um espaço de estar ("1") – junto ao vão exterior – domina-se a paisagem, sendo esta ideia veiculada pelo posicionamento de uma figura (humana), a partir da qual se projecta a amplitude de visão possível sobre o exterior; uma segunda área ("2") corresponde à zona de dormir e, mais interiorizada, a área destinada a vestir ("3") onde se localizará o roupeiro. Na instalação sanitária, três setas verticais com sentido ascendente parecem indicar a ventilação natural desta instalação, que se fará através do desfasamento das águas da cobertura. Partindo-se do princípio de que os quartos se viram a Sul, o corredor que lhes dá acesso colocar-se-á do lado oposto, a Norte. Outra figura é aqui simulada, permitindo perceber, uma vez mais, a relação interior/exterior. Desta vez, numa visão

dominantemente horizontal e mais contida. Uma cota de "2,25" metro acrescenta-se à informação desenhada, definindo a altura do espaço de circulação de acesso aos quartos.

O piso térreo não é ocupado com construção. No vazio por ele formado, experimenta-se uma estrutura de suporte afinando-se, por sobreposição, o seu posicionamento e a sua configuração: a plasticidade formal e a dimensão da consola do piso superior remetem-nos para uma estrutura em betão armado. Desenha-se o terreno natural, desnivelado e contínuo, apondo-se-lhe uma plataforma artificial, enfatizada pela sua trama [72] de preenchimento. Esta plataforma poderá facilitar a utilização deste espaço.

No corte 'd', que resulta da ampliação de um fragmento do corte 'a', aprofunda-se o estudo para o remate Sul do quarto. Afere-se a zona de transição interior/exterior, aumentando a profundidade da varanda viabilizando, desta forma, uma área de estar exterior. Faz-se referência à "madeira", como material de separação entre a varanda e o exterior. A esta referência ao material da construção juntam-se indicações ao modo como se constrói: desenha-se a relação da laje da varanda com o plano de "madeira" e a guarda de protecção e representa-se uma solução para o remate do vão do quarto com o pavimento e com o tecto.

O corte 'e' corresponderá ao espaço de estar do quarto. Se no corte 'a' já se fazia referência à disposição do equipamento móvel, com cama e mesas no interior e no exterior, neste fragmento identifica-se com maior clareza a existência da mesa interior. No plano mais recuado – parede –, linhas horizontais reportam-nos para uma impressão textural, porventura simulando um revestimento em ripado de madeira.

No pequeno alçado esquemático 'b', afere-se a possível proporção do alçado Sul do edifício, permitindo uma leitura de conjunto. Representa-se a modulação dos quartos que se repercute no piso inferior. A plataforma de nível, ensaiada no desenho 'a' junto ao terreno, reaparece do lado Poente deste alçado.

O alçado perspectivado 'c' sugere o interior do quarto, onde se estuda uma possível disposição para os seus vãos exteriores. No plano lateral, perspectivado, linhas verticais remetem-nos, uma vez mais, para uma impressão textural, agora com um sentido inverso daquele testado no desenho 'e'.

No desenho 'f', retorna-se à solução já ensaiada nas ilustrações 160 (desenho 'c') e 162 (desenho 'a'). Corresponde a uma planta parcial dos quartos, onde os módulos que lhe

[72] Trama – estrutura visualmente resistente, constituída a partir da repetição de um elemento gerador.

correspondem se apresentam desfasados, a espaços iguais. Esse desfasamento permite que as varandas se resguardem umas das outras, possibilitando em simultâneo, a visão panorâmica privilegiada sobre os contrafortes da Serra de Estrela, que se localizam a Sudeste. Esta solução, apresentada em planta, não parece estabelecer relação com a solução expressa nos cortes superiores (desenhos 'a', 'd' e 'e'), onde os quartos se apresentam complanares.

O alçado de uma coluna em tronco de cone é representado no pormenor 'g' (ver ilustração 162, desenho 'd'). A possibilidade da sua construção ser pensada como a de um elemento maciço – por exemplo, construída com blocos de pedra ou noutro material com o mesmo tipo de resistência mecânica – é-nos transmitida pelas suas proporção e configuração. Esta coluna parece receber, por encastramento, um elemento estrutural mais esbelto – possivelmente em betão armado – que fará a ligação à laje do piso superior. O sistema estrutural misto, aqui expresso, poderá constituir-se como uma alternativa ao sistema estrutural ensaiado no corte 'a', confrontando-se, deste modo, possibilidades diversas para a resolução do mesmo problema.

O último registo desta folha (desenho 'h') tem um carácter ambíguo, não se revelando com clareza ao que se reporta. Poderá corresponder a uma planta – pela adopção da mesma direcção diagonal do desenho superior ('f') –, abordando-se, desta vez, o piso inferior onde se situarão os espaços comuns, pela referência a "estar". À esquerda, ténues grafismos que se colocam em paralelo e em translação parecem sugerir a fragmentação dos quartos testada na planta 'f'.

Ilustração 164

Neste suporte, são utilizados dois instrumentos riscadores permitindo deduzir, à semelhança da ilustração 160, que estes desenhos tenham sido executados em tempos diferentes. Mas, neste caso, o uso de esferográfica e de tinta permanente acontecem por sobreposição, construindo diferentes camadas nos registos 'a', 'b' e 'e': Às primeiras camadas, executadas a esferográfica, sobrepõem-se outras de maior impacto visual, a tinta permanente, numa sucessão progressiva de modificações.

A planta 'b', pelo seu posicionamento central e dimensão, e pelo seu peso visual relativo, assume uma maior importância no suporte. Trata-se de uma planta geral, não sendo definido o piso que se estuda, parecendo até, estudarem-se todos os pisos em sobreposição e em simultâneo. À semelhança de todas as soluções até agora alvitradas, o

corpo principal da pousada desenvolve-se em extensão, expondo-se a Sul. Um outro corpo, com a mesma direcção, implanta-se a Norte e um terceiro, de configuração quadrangular, faz a ligação entre os primeiros. Perpendicular ao corpo Sul e deslocado para Poente, surge um outro corpo, dividido em sete espaços, que poderá integrar os estacionamentos privados [73]. O volume principal e os que lhe são perpendiculares – definidos pelo volume central e o pelo estacionamento – formam um recinto exterior resguardado. Este recinto é ainda limitado por um plano que, rematando o volume do estacionamento, o protege a Norte

No corpo principal, uma série de módulos colocados em adjacência descrevem pequenas translações entre si. Como consequência desta fragmentação modular, este corpo resulta curvo, descrevendo uma superfície côncava virada à paisagem, a Sul.

Parece estudar-se a possibilidade de três acessos verticais para o edifício: o primeiro coloca-se em adjacência, destacando-se do plano convexo (Norte) do corpo principal do edifício; uma escada de um só lanço, mais central relativamente ao conjunto, posiciona-se na zona que julgamos destinar-se ao átrio, estabelecendo relação com a hipótese abordada no registo 'a' da ilustração 162; o terceiro acesso vertical localiza-se na zona de serviços, entre o "concessionário" e os quartos dos "mot[oristas]". O primeiro acesso, adjacente ao corpo principal do edifício, permite supor – à semelhança da solução para o primeiro ante projecto [74] (ilustração 158) – que os quartos se possam pensar distribuídos por dois pisos. A operação numérica anotada junto ao desenho – "3 x 3,75 = 11,25" – remete-nos, também, para a dimensão modular adoptada nesse primeiro estudo (3,75 metro).

O corpo localizado a Norte parece albergar três quartos de motoristas ("3 MOT"), com os dormitórios das "mulheres em baixo", o que prova estudarem-se os pisos em sobreposição. No corpo central, acrescem-se a esses três mais dois quartos destinados a motoristas ("2 MOT"), ocupando o concessionário, a zona Noroeste deste corpo. As salas de estar e de jantar e os quartos dos hóspedes devem integrar toda a extensão do volume Sul, distribuídos por dois pisos. Os serviços de cozinha não são mencionados.

Muito mais informação deverá estar contida nas múltiplas camadas deste desenho. Contudo, parece-nos que, mais importante do que a localização precisa dos diversos usos

[73] O programa específico para a pousada de Oliveira do Hospital mencionava especificamente que a "[...] garage dever[ia] alojar separadamente sete carros" (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p.27).

[74] No primeiro ante projecto os quartos localizavam-se no corpo principal do edifício, por sobreposição, e o acesso vertical rematava-os, a Poente (ilustrações 158 e 159). Esse acesso, apesar de se localizar na mesma zona assume, agora, uma diferente posição.

da futura pousada, este desenho revela a procura de uma geometria onde todas essas partes se ajustem num conjunto com sentido, com uma lógica interna. Apesar de não estarmos ainda na presença de uma síntese, a sua procura parece evidente.

Tentemos, então, analisar alguns vestígios dessa procura. O corpo Sul, nas suas primeiras camadas, começa por ser recto e/ou oblíquo assumindo, por fim, uma configuração curva que resulta da translação entre os seus módulos que, por sua vez, pode ser a consequência das experiências anteriores referidas; o corpo Norte experimenta-se também recto e oblíquo e em continuidade planimétrica com o corpo central, testando-se ainda, em sobreposição, a sua deslocação para Norte, desfasando-o do conjunto. Experimentam-se múltiplas alternativas sem se conseguir ainda a estabilização numa única solução.

Os restantes desenhos desta página assumem diversas figuras – cortes, alçados, esquemas, fragmentos –, que se vão colocando em torno da planta central, aparentemente condicionados pelo espaço disponível no suporte.

No registo 'd', representado por um corte esquemático, estudam-se as relações altimétricas entre os corpos Norte e central do edifício. Torna-se evidente o maior domínio da topografia do terreno por parte de Manuel Tainha, assumindo-se agora com clareza a sua pendente para Nascente: neste corte, as lajes desses dois corpos representam-se desfasadas, funcionando o concessionário em cota intermédia, entre os pisos dos dormitórios dos "homens", em baixo, e das "mulh[eres]", em cima.

O fragmento 'f' parece corresponder à ampliação de uma parte da planta geral 'b', na zona de intercepção do corpo Sul com o outro que lhe é perpendicular. A reentrância que os separa, e que já se indiciava nessa planta geral, assume-se neste fragmento com maior evidência.

No corte transversal 'a', que intersecta a pendente do terreno, começa-se por autonomizar os dois volumes que se implantam a Sul e a Norte, respectivamente. Essa autonomia inicial manifesta-se no desenho das coberturas – a Sul, de duas águas e a Norte de uma só água. Grafismos mais incisivos a tinta permanente sobrepõem-se aos primeiros – a esferográfica –, unificando a cobertura cuja pendente segue a topografia do terreno. O desnível representado entre os volumes Sul e Norte parece exagerado, tendo em conta a diferença altimétrica representada – de cerca de um piso e meio – entre o volume inferior e o superior.

Os registos esquemáticos 'c' e 'g' – cortes e/ou alçados – poderão corresponder a uma tentativa de articulação entre os módulos desfasados, que formam o corpo principal do edifício.

Sob a planta central (registo 'b'), desenha-se o alçado do edifício, visto a partir de Sul, que se assume com três pisos na sua maior extensão (desenho 'e'). O piso inferior é modelado por uma série de apoios pontuais. No lado onde o declive se acentua, esse piso solta-se do terreno, indiciando-se a existência de um terraço, que se prolonga para Nascente, ultrapassando do limite do edifício. Os dois pisos superiores apresentam-se simplificados, sem qualquer referência à modulação adoptada, não se percebendo se contêm apenas os quartos ou, também, algum espaço de utilização comum. No lado Poente, o alçado prolonga-se com único piso composto por quatro módulos, que poderão corresponder aos quatro quartos adicionais solicitados no programa, a construir numa segunda fase. Os grafismos que definem as lajes e os contornos exteriores do edifício são executados a tinta permanente azul, sobrepondo-se a outros mais ténues, a esferográfica da mesma cor.

A coexistência, nesta página, de plantas, de cortes e de alçados, mais ou menos esquemáticos e sem uma ordem aparente, manifestam a liberdade do pensamento que lhes subjaz, na procura incessante de dar resposta a um problema que se deseja resolver.

Ilustração 165

A presente ilustração – o verso da folha que corresponde à ilustração anterior – tem duas plantas representadas, definidas como desenhos 'a' e 'b', nas quais é utilizada tinta permanente azul, *medium* igual a um dos empregados na ilustração precedente (164). Apesar de as plantas serem desenhadas a escalas diferentes, a relação de posição entre os volumes que as compõem é semelhante: o volume Sul desenvolve-se em extensão, de Poente para Nascente, implantando-se nas cotas baixas do terreno; o volume central atravessa a zona de maior pendente, de Sul para Norte e o volume superior remata o conjunto, desenvolvendo-se para Nascente.

Na planta superior 'a', mais esquemática, representam-se e anotam-se seis módulos no volume principal do edifício, a que provavelmente corresponderão os quartos, obrigando à sua duplicação em dois pisos. Na restante área, a Nascente, localizar-se-ão, certamente, as salas de estar e de jantar, que poderão relacionar-se verticalmente, à semelhança do primeiro ante projecto (ilustrações 158 e 159). O corpo Norte da edificação assume uma direcção oblíqua – idêntica a uma das soluções experimentadas, por sobreposição, no desenho 'b' da ilustração 164 – e parece destacar-se do corpo central por uma pequena reentrância que se coloca na intersecção dos dois corpos, idêntica à solução também veiculada no esquema 'f' da ilustração 164. Além do acesso vertical representado, a distribuição espacial não se encontra esclarecida em desenho.

Na planta 'b', bastante mais detalhada, encontra-se esclarecida uma possível distribuição espacial para o piso da entrada (principal). O corpo Sul alonga-se, aumentando para dez o número de módulos que o constituem, situando-se, na maioria da sua extensão, as zonas comuns. A partir do último módulo anotado ("10"), este corpo estende-se para Poente, com traço interrompido, intuindo-se a inclusão dos quartos adicionais neste troço – uma seta nessa direcção apoia esta intuição. Os quartos de hóspedes deverão localizar-se ao longo de todo o piso superior, tanto pelo número de módulos anotado, quanto pela sua uniformidade dimensional.

É interessante verificar que se encontram sugeridas as curvas de nível do terreno junto aos últimos módulos. Estas definem um terreno com inclinação para Sudeste o que denota, uma vez mais, a consciência que Manuel Tainha tem relativamente à topografia, que também já se revelava no alçado 'e' da ilustração anterior (ilustração 164).

Diferentemente da planta superior, os três corpos que compõem esta planta apresentam-se ortogonalmente. A única direcção oblíqua adoptada corresponde à separação entre as supostas duas fases do projecto, destacando o troço representado a traço interrompido da restante construção.

Uma estrutura pontual equidistante, que se salienta do limite da construção, define a frente Sul onde estão as salas: a de jantar – também exposta a Nascente – é prolongada por um terraço exterior que a duplica em área [75] e goza da proximidade dos serviços de "cop[a]" e de "coz[inha]"; a sala de estar desenvolve-se de Norte para Sul, ocupando parte do corpo central do edifício. No alinhamento do acesso ao piso superior, surge uma marcação que poderá corresponder a uma lareira. Alguns degraus ligam e separam espaços a diferentes altimetrias possibilitando, por isso, uma maior conjunção entre a construção e o terreno natural e, comulativamente, uma maior diversidade ambiental.

A Poente do corpo principal, e mais contida, talvez se pense uma outra área de terraço, que se protege por construção do quadrante Norte. Nesta zona, parece criar-se uma entrada – uma seta sugere-a – e manter-se o acesso vertical, ambos salientes do plano da fachada.

Lateralmente aos serviços de "copa [e de] coz[inha]", o corpo transversal também integra o "concessionário", cuja posição permite uma visão privilegiada sobre a chegada, parecendo possuir acesso independente a partir Norte (uma seta sugere-a). Apesar de não se

[75] O programa para esta pousada requeria que "[...] a casa de jantar dever[ia] poder servir simultaneamente 36 pessoas [...] [e] o terraço coberto ou varanda dever[ia] poder servir simultaneamente [outras] 36 [...]" (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p.28).

encontrar identificado, o acesso público à pousada poderá fazer-se por Poente, ao lado do concessionário.

O volume menor, a Norte, possui cinco módulos, quatro dos quais poderão destinar-se aos aposentos dos motoristas ou ao pessoal de serviço. O quinto módulo corresponde a um vazio – varanda – marcando a separação entre volumes, hipótese já por várias vezes ensaiada ao longo deste processo.

Sete estacionamentos privados colocam-se, em volume autónomo, a Norte do edifício, formando com ele um recinto resguardado na zona onde, julgamos, se fará a entrada principal da pousada.

Na zona inferior deste suporte encontra-se uma operação numérica que reflecte duas intenções: por um lado, a adopção do módulo de "3,75" metro, mantendo-se a dimensão adoptada no primeiro ante projecto entregue (ilustrações 157-159); por outro, a colocação dos "14" quartos de hóspedes em continuidade, ampliando a extensão do volume Sul para "51,5" metro como se parece propor na planta inferior ('b').

Verifica-se alguma continuidade entre os ensaios constantes nestas plantas e na da ilustração anterior (ilustração 164, desenho 'b') com a proposta constante no primeiro ante projecto (ilustração 158), nomeadamente: proximidade formal do conjunto, que se declara na idêntica relação entre as várias partes que o constituem; colocação dos quartos dos hóspedes em sobreposição (ilustração 164 desenho 'b') e planta 'a' da presente ilustração; concentração dos quartos dos motoristas e/ou do pessoal de serviço no corpo menor, a Norte; manutenção de três acessos verticais – um, mais central, na zona do átrio; outro, aposto ao corpo principal servindo os quartos de hóspedes e, um último, junto à área de serviços entre os quartos e a cozinha; implantação das garagens a Norte, em volume autónomo, criando um recinto abrigado na zona da entrada principal da pousada.

A esta continuidade acrescentam-se, também, novas possibilidades projectuais: concentração das salas de jantar e de estar no piso principal, em continuidade planimétrica (planta 'b'); colocação dos quartos de hóspedes em extensão e num só piso; espessamento do corpo transversal do edifício, decorrente da colocação, em adjacência, de espaços comuns e de espaços de serviço; transferência dos aposentos do concessionário para a zona Noroeste da construção, permitindo relação visual directa sobre a chegada à pousada (planta 'b').

Ilustração 166

Ainda que o desenho desta ilustração possua um tipo de escrita assertiva, sem hesitações, parece-nos evidente a sua correspondência com a proposta veiculada na planta 'b' da ilustração anterior (ilustração 165). A escala das plantas é idêntica [76], sendo agora representado o piso superior de um modo esquemático, definindo-se a modulação dos diversos corpos que integram o edifício: confirmam-se os catorze módulos no corpo Sul, com "3,75" metro, que corresponderão à totalidade dos quartos de hóspedes para a primeira e segunda fases; a dimensão modular para o corpo transversal é de "3,25" metro; definem-se seis módulos para o corpo Norte – acrescentando-se mais um relativamente à planta 'b', 165, referida –, matendo-se o último destinado a varanda. O estacionamento privado contempla os mesmos sete lugares, desenhando-se, a traço interrompido, os percursos pedonais de ligação entre este e o edifício principal.

Apesar do esquematismo da representação, identifica-se a mesma localização para os acessos verticais na zona do átrio/sala de estar e, ainda, a marcação de um novo limite, a Norte e Poente, que poderá corresponder a um recinto exterior contido.

A presente ilustração integra uma nota [77] que nada terá que ver com a investigação gráfica, objecto da nossa investigação. Esta coexistência permite-nos verificar o carácter específico deste tipo de desenhos que, ao constituírem-se como processo e não como um fim em si próprio, são passíveis de serem produzidos sobre qualquer suporte, sendo o seu motivo determinado pela necessidade do momento – registar intenções que vão surgindo e que não se querem ver esquecidas.

Ilustração 167

Estamos perante três registos que se identificam por 'a', 'b' e 'c'. O primeiro corresponde a uma planta parcial cuja semelhança que estabelece com a planta 'b' da ilustração 165 permite supor que esta lhe tenha servido de base, justificando-se a maior assertividade daquela relativamente a esta, e verificando-se, também, a concordância entre os instrumentos riscadores em ambas. A planta parcial corresponde, assim, à zona central da construção por onde se fará o acesso público à pousada. Integrará o concessionário, a

[76] A interpretação dos desenhos foi elaborada, neste caso e sempre que possível, a partir da leitura dos originais. Esta circunstância permitiu visualizar os registos na sua verdadeira grandeza, isto é, à escala natural, permitindo-nos, assim, perceber com maior evidência as suas afinidades ou diferenças, quer ao nível das escalas adoptadas, quer ao nível dos instrumentos riscadores utilizados ou da qualidade dos grafismos empregados.

[77] Na nota referida, é escrito: "Telefonar para o Sr. Arq.to Barreiras".

Noroeste, seguindo-se a entrada, a recepção, as instalações sanitárias, terminando na zona do átrio ou da sala de estar, onde se localizarão os acessos verticais. O corpo 'apontado', a Nordeste, destaca-se do corpo central pela descontinuidade que possui na zona de intersecção, princípio arquitectónico adoptado desde o primeiro ante projecto (ilustração 158).

O alçado Poente (desenho 'b') e a "vista de Noroeste" (desenho 'c') confirmam a localização da entrada na pousada, a Poente, e identificam-na como um espaço reentrante (vazio) no plano da fachada pela utilização de dois traços oblíquos cruzados.

Tanto na perspectiva (desenho 'c') quanto no alçado (desenho 'b'), ensaia-se a relação entre os volumes que constituem esta parte da construção, procurando-se, por tentativa/erro, possibilidades para a sua articulação. A extensão do volume principal da pousada é veiculada pela perspectiva, que também representa um desfasamento entre as duas águas que conformam a sua cobertura inclinada, permitindo criar entre elas uma abertura contínua. Esta ideia aparece, neste processo, no corte 'a' da ilustração 163, onde esse desfasamento possibilitava a ventilação natural das instalações sanitárias dos quartos de hóspedes.

Enquanto a frente Poente parece possuir um só piso, na frente Norte identificam-se dois através da representação da sua laje de separação. O ganho de um piso a Sul resultará do ajustamento natural entre o edifício e o declive do terreno que, neste caso, também tem tradução no espaço interno da pousada, através da diferença de cotas na zona do átrio (desenho 'a').

Uma trama cruzada destaca-se do plano, interrompendo os dois pisos da fachada Norte (desenho 'c'). No piso inferior, parece prever-se uma entrada – marcada com trama sobreposta – e resguardada por uma pala que se salienta do plano da fachada. Se cruzarmos estes dados com as informações extraídas da planta 'b' da ilustração 165, verificamos que, na mesma zona, se representava um acesso vertical e um acesso ao interior do edifício, ambos destacados do plano da fachada, tornando-se evidente a correspondência entre os desenhos. Na perspectiva inferior ('c'), um muro prolonga para Poente o plano da fachada do corpo principal do edifício. Tendo em conta a correspondência atrás mencionada, este muro situar-se-á na zona prevista para os quatro quartos adicionais.

O alçado Poente (desenho 'b') é constituído com várias camadas sobrepostas. Curiosamente, a camada que estabelece correspondência com a perspectiva e a planta parcial que lhe estão adjacentes é a que tem menor peso visual, na qual se representa, a

Norte, um volume de duas águas que integrará o concessionário, seguido pelo vazio da entrada, cuja cobertura contínua e de pendente única se prolonga até ao corpo principal do edifício. No piso inferior deste corpo, surgem dois apoios pontuais que também integram a perspectiva em sobreposição com o muro antes referido.

As restantes camadas sobrepostas no alçado (desenho 'b'), apesar de se distanciarem da solução veiculada na perspectiva, poderão constituir-se como alternativas para a solução do mesmo problema.

Ilustração 168

Nesta ilustração – que corresponde ao verso da folha cuja frente é ocupada com a ilustração precedente –, à tinta permanente azul, acrescenta-se a grafite. O alçado Sul (desenho 'a'), executado a grafite, possui múltiplas camadas de acerto tornando os seus limites pouco definidos. O perfil do terreno indicia que o edifício se implante na zona do cabeço, onde a topografia inflecte para Sul e para Nascente (ver ilustrações 144- 146). Entre os diversos ensaios que este alçado encerra, surge uma nova solução que contempla uma cobertura com inclinação descendente na zona onde a topografia assume idêntica direcção, exactamente na zona do referido cabeço, a Nascente. O alçado é formado por três pisos, sendo o primeiro semienterrado – consequência do ajustamento do edifício à topografia –, e composto com colunas equidistantes que parecem suster os pisos superiores. O último piso também parece possuir ocupação parcial, decorrente da sua cobertura inclinada. Um volume que se coloca num plano recuado apresenta-se com uma cobertura de duas águas.

O esclarecimento deste alçado é sustentado pela planta esquemática 'b' que se encontra abaixo, onde se representam as coberturas, definindo-se as suas intersecções – cumeeiras [78], larozes [79] e beirais [80] – e os seus planos – águas mestras [81] e tacaniça [82]. Esta planta, com escala reduzida, desenha-se com uma orientação invertida relativamente a todas as

[78] Cumeeira – "Trave no alto do telhado onde se vêm encostar as extremidades dos caibros" (Rodrigues, Sousa e Bonifácio, 1996, p. 100).

[79] Laroz – "Aresta de ângulo convexo, entre duas águas de um telhado" (Rodrigues, Sousa e Bonifácio, 1996, p. 172).

[80] Beiral – "Última fileira de telhas que forma a aba de um telhado" (Rodrigues, Sousa e Bonifácio, 1996, p. 60).

[81] Água-mestra – "A maior das águas de um telhado" (Rodrigues, Sousa e Bonifácio, 1996, p. 21).

[82] Tacaniça – "Partes laterais de um telhado de forma piramidal, ou os lanços menores quando há águas-mestras" (Rodrigues, Sousa e Bonifácio, 1996, p. 251).

outras até agora interpretadas, nomeadamente as plantas entregues no primeiro ante projecto, o que corrobora a sua relação com o alçado superior 'a' [83].

Contudo, esta planta 'b' ter-se-á iniciado com uma orientação semelhante às demais, facto verificado pela leitura dos grafismos que a constituem: a linha que define a cumeeira do corpo central poderá ter correspondido, inicialmente, a um limite; a esse corpo central, mais estreito, ligar-se-iam outros dois – um maior, a Sul (ao qual se sobrepõe o alçado 'a') e outro menor a Norte, que se terá acrescentado quando se assume a planta invertida; a colocação inferior de um corpo extenso, formado por sete espaços iguais, sugere os estacionamentos, até pela sua posição relativamente à edificação principal, assumindo, assim, todo o conjunto a mesma composição da planta 'b' da ilustração 165.

Os restantes registos desta ilustração são simplificados. Duas plantas parciais do piso principal, desenhadas com tinta azul, representam a relação dos corpos central e Sul. A investigação parece centrar-se na procura de alternativas para a localização de espaços e de elementos arquitectónicos, testando-se novas relações.

Na planta 'c', transfere-se a escada de acesso ao piso superior para a esquerda, contrapondo-se a um outro elemento, que poderá corresponder à lareira – esta posição para a zona de fogo possibilitaria a criação de duas áreas diferentes de estar. Para transpor o desnível altimétrico da sala, colocam-se duas alternativas: uma escada, com degraus a toda a largura do espaço e, outra, mais estreita, que assume uma direcção perpendicular relativamente à escada de acesso ao piso superior.

Na planta 'f', volta a colocar-se a escada de acesso aos quartos à direita, implicando a deslocação da suposta lareira para Sul. Agora, o desnível altimétrico do piso principal faz-se entre as salas de estar e de jantar, implantando-se em adjacência à frente do edifício. Assinala-se a entrada na pousada a Poente. Do lado oposto, a Nascente, experimenta-se uma nova localização para os quartos dos motoristas – "*chauffeur*" – que passam a ocupar o espaço anteriormente destinado aos serviços de cozinha.

O esquema 'd' traduz as possíveis variações altimétricas do espaço interno da pousada, através de um corte longitudinal.

[83] Em regra, no decurso de um processo projectual, tende a assumir-se mesma orientação na representação das plantas que o integram, até por uma questão de economia intelectual. Não obstante, por vezes o próprio processo obriga à necessidade de mudança de orientação dessas projecções planimétricas, por forma a garantir um relacionamento mais imediato com as projecções altimétricas que lhes correspondem (alçados ou cortes), como se verifica nos desenhos 'a' e 'b' desta ilustração.

No corte transversal 'e' volta-se a abordar as relações altimétricas do espaço interno, parecendo este estudo incidir na relação entre a zona de entrada com as salas e os quartos.

O desenho 'g' representa uma planta de conjunto, cuja articulação entre partes a aproxima das experiências abordadas na ilustração 165.

Ilustração 169

A presente planta de trabalho apresenta-se à escala convencional de 1:200. É utilizado lápis de cor, explorando-se a diferença cromática entre o azul e o encarnado para a identificação de diferentes alternativas projectuais. Apesar da ampliação escalar desta planta relativamente às outras até agora interpretados, a ductilidade dos seus riscadores aproximam-na daquelas no que respeita ao nível de detalhe alcançado [84], visto haver uma relação semelhante entre a escala do desenho e a escala dos grafismos que o constituem.

Como afirmámos na introdução deste capítulo, os desenhos de trabalho de que dispomos [85] corresponderão a uma parte, certamente reduzida, daqueles que terão sido efectivamente elaborados. O presente caso parece ser disso testemunho, sendo credível que a sua execução tenha decorrido a partir de um desenho com uma base geométrica estabilizada [86], correspondendo, eventualmente, a uma tentativa de aferição da proposta de conjunto, até pela convencionalidade da escala adoptada. O suporte transparente adoptado – papel vegetal – permitiria desenhar, por sobreposição, sobre essa base, possibilitando transformações e acertos sucessivos.

Representa-se, uma vez mais, a planta do piso da entrada. A lápis de cor azul, desenham-se as várias áreas que compõem o conjunto, sendo a sua distinção espacial e/ou funcional efectuada pelo recurso a diferentes tramas. Mantém-se o corpo principal do edifício em extensão, sendo a sua modulação claramente identificada. Os catorze módulos que a constituem são numerados, coincidindo com o quantitativo total de quartos requerido para as duas fases do projecto. Os quatro quartos adicionais – que funcionam

[84] Os lápis de cor utilizados na elaboração desta planta correspondem a riscadores macios, resultando grafismos com significativa espessura. Esta circunstância aproxima o seu nível de pormenor relativamente a outras plantas já abordadas, nomeadamente o desenho 'b' da ilustração 164, onde a utilização de riscador fino possibilitava um grau de pormenor equivalente.

[85] A elaboração do presente desenho terá ocorrido entre Dezembro de 1954 e Maio de 1955, que correspondem respectivamente às datas de entrega do primeiro e do segundo ante projectos, tendo passado quase sessenta anos sobre a sua execução.

[86] A base geométrica estabilizada a que nos referimos corresponderá a um desenho executado com o recurso a instrumentos de rigor (régua, esquadro, etc.).

neste piso em volume autónomo – destacam-se do conjunto por um terraço, sendo o limite entre ambos definido com uma direcção diagonal (ver desenho 'b', ilustração 165). Do lado oposto, um outro terraço projecta-se para Sudeste (ver desenho 'b', ilustração 165), estabelecendo ligação directa com o terreno natural através de um acesso paralelo e adjacente à construção. A sala de jantar continua a relacionar-se com o terraço exterior e a zona de estar mantém o seu desenvolvimento Sul/Norte até à entrada. O desnível altimétrico deste piso, feito por escada, situa-se entre as salas referidas, hipótese abordada nos desenhos 'c' e 'f' da ilustração 168. Um volume de considerável dimensão – lareira (?) – transfere-se para esta zona criando, em conjunto com a escada, uma separação clara entre os espaços de jantar e de estar. Por sua vez, a área de estar parece repartir-se por três subespaços, procurando-se a diversidade ambiental potenciada pela variação de proveniências lumínicas: um, exposto à paisagem e adjacente à área de jantar; outro, na sua continuidade e com possibilidade de relação com o quadrante Norte e Poente, onde se localiza o acesso vertical de ligação ao piso superior que, nesta solução, assume uma direcção perpendicular; um terceiro subespaço, mais interiorizado, que integra uma zona de bar – aqui, Manuel Tainha usa uma trama diferenciada, relacionando-o com a zona de entrada, onde se encontra a recepção e as instalações sanitárias excluindo-se, nesta versão, a residência do concessionário (ver ilustração 165, desenho 'b'). O acesso principal da pousada vira-se a Poente e recua em relação ao plano da fachada, reiterando a solução constante na ilustração 167.

Uma trama cruzada permite a identificação de uma outra área, para a qual se propõe os serviços de cozinha, com ligação directa ao bar e à sala de jantar. Ocupa o corpo central da edificação e têm acesso independente a partir de Norte. À semelhança de quase todas as hipóteses até agora identificadas – a única variação corresponde ao desenho 'f' da ilustração 168 –, e em conformidade com a proposta do primeiro ante projecto, mantêm-se a Norte os aposentos do pessoal dos hóspedes e/ou da pousada. Nesta versão, o estacionamento privado experimenta-se adossado a esse corpo, criando-se entre ambos um acesso próprio aos aposentos referidos.

O terraço que aparta os quartos suplementares da zona de estar prolonga-se para Norte. Aí, o mesmo muro [87] que o limita do recinto de chegada – onde se ensaia um possível percurso automóvel através de um grafismo curvo que define a sua direcção – prolonga-se até ao interior do edifício conduzindo à entrada.

[87] Na perspectiva 'c' da ilustração 167, o muro autónomo que é representado no prolongamento do alçado Norte, assume um carácter idêntico a este, protegendo um terraço coberto que se expõe a Sul.

Sobreposta à solução descrita testam-se algumas variações formais, a lápis encarnado. Enquanto a camada desenhada a azul parecia apoiar-se numa base geométrica estabilizada, decorrente da assertividade do seu traço e da quase ausência de erro, esta nova camada possui um diferente carácter que revela um maior nível de incerteza parecendo, por isso, decorrer daquela. Com grafismos mais dinâmicos, ensaia-se a translação do corpo principal da pousada para Nascente. Com a medida de um módulo, essa translação implicará o reposicionamento dos quartos no piso superior e, eventualmente, a reconfiguração do terraço a Nascente, tornando-o complanar com a frente edificada. O terraço Poente reduz de dimensão e, a partir dele, situam-se os quartos adicionais – uma seta sugere-o. Em sobreposição, e de um modo mais expressivo, experimenta-se o recuo desses quartos para Norte, encostando-os à construção principal. Estuda-se, ainda, a possibilidade de ampliação – para Norte – da zona da entrada/recepção, que poderá relacionar-se com a inclusão dos aposentos do concessionário nesta área.

Nesta solução, considera-se o módulo de 3,50 metro [88] para a estruturação geométrica do corpo principal da pousada, dimensão já ensaiada no estudo isolado dos quartos constantes nas ilustrações 160 e 162. O facto de a actual planta – e da base que lhe terá dado origem – se desenhar a escala maior e convencional, poderá ter promovido o redução da dimensão modular de 3,75 metro para 3,50 metro.

Verifica-se que, ao longo deste processo projectual, são utilizados múltiplos recursos gráficos, dos quais resultam diferentes desenhos de trabalho – plantas, cortes e alçados a diferentes escalas, perspectivas, esquemas – que, em conjunto com as anotações escritas, se vão sucedendo sem a sujeição a uma lógica, ou antes, a uma lógica dedutiva. Obedecem, no entanto, a uma lógica de outra natureza, porventura intuitiva, no seio da qual é o próprio processo projectual a ditar as estratégias a adoptar em cada momento da sua progressão, visando a aferição permanente da proposta.

[88] Esta dimensão foi extraída da planta por medição directa.

Ilustrações 170 e 171

Sobre uma cópia heliográfica do primeiro ante projecto [89] (ilustração 170), desenham-se três projecções ortogonais – duas, a escala reduzida (desenhos 'a' e 'c'), outra com escala aproximada de 1:200 (desenho 'b') – e anota-se uma operação numérica (ilustração 171).

O desenho 'c' corresponde a uma planta do piso principal. O corpo Sul mantém-se em extensão, com as zonas de jantar e de estar em adjacência, e com dois terraços nos seus extremos. No corpo transversal, localiza-se a entrada – indicada por seta –, o átrio, com os acessos verticais, e os serviços. Um terceiro corpo remata o edifício a Norte. Apesar da velocidade de execução que o desenho denota – sendo disso testemunho, tanto os grafismos que o constroem, quanto a suas anotações –, a sua semelhança com a planta 'b' da ilustração 165 é evidente, tendo em conta a conformidade entre as suas escalas, as relações de tamanho e de posição entre as diversas partes constituintes do conjunto e a distribuição funcional.

Em conformidade com a planta ('c') representa-se um corte transversal (desenho 'b'), onde se estuda a implantação do edifício, ensaiando-se diferentes altimetrias para o espaço interno. Da cota da entrada ("1") – que funciona em piso intermédio – acede-se quer ao nível inferior das salas ("2"), quer ao nível superior dos quartos ("3"). Nesta zona, a cobertura experimenta-se com pendente única, oposta à inclinação do terreno, inflectindo apenas sobre parte da área afecta à entrada. Ainda que este corte se diferencie formalmente do "corte a-b" – referente ao primeiro ante projecto constante desta folha – a sua solução parece dele herdar o princípio de relacionamento vertical entre salas, agora transposto para a zona do átrio, que se constitui como um espaço unificador entre os diferentes níveis altimétricos que integra.

Sobre os desenhos mencionados, faz-se uma multiplicação – "14 x 3,5 [...]" – cujo produto, arredondado para "50" metro, determinará o comprimento total do corpo principal da pousada, visto existir uma correspondência – através de um leve grafismo – entre a citada operação numérica e o corte 'b'. Se as salas e os terraços ocupam toda a extensão do piso principal (planta 'c'), então os quartos – em número de "14" – terão forçosamente de se concentrar no piso superior, em continuidade, voltando-se a assumir o módulo de "3,5" metro, ensaiado na ilustração 169.

[89] Cópia heliográfica referente aos cortes e aos alçados integrantes do primeiro ante projecto, desenhados à escala 1:200, semelhante à da ilustração 159. Contudo, esta cópia integra o arquivo de Manuel Tainha, tendo sido consultado no seu *atelier* no decurso do presente trabalho.

Existe ainda um outro registo (desenho 'a') que se constitui como uma figura em extensão, ligeiramente curva. Sendo difícil precisar qual a projecção ortogonal representada – planta ou alçado –, é possível, contudo, identificá-la como o corpo principal da pousada. Existem experiências anteriores onde esta configuração se assume como planta (ilustração 164, desenho 'b') ou como alçado (ilustração 162, desenho 'e') inclinando-nos, neste caso, a lê-la enquanto alçado, pela relação posicional que estabelece, quer com o corte 'b' – que se encontra ao lado –, quer com o "alçado sul" do primeiro ante projecto – que está por baixo.

Ilustração 172

O desenho superior desta ilustração parece estabelecer uma relação com o último desenho abordado (desenho 'a', ilustração 171), insistindo-se na concavidade superior da frente edificada, cuja "diferença d" conduz à sua "acentuação perspéctica [...]". Representa-se apenas o piso superior, parecendo o motivo centrar-se na ideia da repetição modular – que se expressa na métrica que regula a colocação dos vãos dos quartos –, negligenciando-se o número exacto de módulos a implementar. No centro do alçado existe uma marcação que o interrompe, que poderá corresponder a um vazio ou a um terraço.

Além da afinidade formal, já referida, entre o contorno deste alçado e o da figura anterior (desenho 'a', ilustração 171), idêntica afinidade verifica-se também com outras experiências abordadas ao longo deste processo, nas quais se explora uma forma idêntica para a planta do corpo principal – ilustração 162, desenho 'a' e ilustração 164, desenho 'b' –, parecendo que as configurações de plantas e de alçados se vão influenciando reciprocamente.

Em contraponto ao alçado 'a', experimenta-se uma outra alternativa para a frente Sul (desenho 'c'). Através da representação de um troço dessa frente – que contempla todos os pisos – é possível identificar o mesmo princípio adoptado no alçado 'a', aplicando-se o módulo – de "3,5" metro [90] – para a sua estruturação geométrica. Contudo, a imagem que agora se propõe nada tem que ver com o alçado 'a': o piso superior é suportado por robustas colunas, em tronco de cone – ensaiadas isoladamente nas ilustrações 162, desenho 'd' e 163, desenho 'g' – simulando a estereotomia irregular da pedra; para o coroamento do edifício propõe-se a "madeira". A vibração dos grafismos que o rematam remetem-nos para a irregularidade de um revestimento em telha; no(s) piso(s) inferior(es), recuado(s), os vãos que se deixam ver através das colunas não se sujeitam,

[90] A medida de "3,5" metro integra as operações numéricas que se encontram nesta ilustração.

aparentemente, à mesma métrica que regula, tanto a cadencia das colunas, quanto o ritmo dos vãos do piso superior.

Todas as características apontadas que se traduzem, fundamentalmente, na aplicação de materiais tradicionais, permitem estabelecer um compromisso com a arquitectura da região, manifestando-se um dos princípios expressos por Manuel Tainha na sua memória descritiva e justificativa do primeiro ante projecto (Tainha, 1954.12.15, p. 2).

O corte 'b' representa o piso superior destinado aos quartos, sendo explorado o seu remate na zona de transição interior/exterior. Apesar da escala reduzida adoptada neste corte, estuda-se o detalhe da ventilação da cobertura – que se representa pela seta que penetra na laje – e ensaiam-se, por sobreposição, possíveis configurações para o tecto do quarto (recta, curva/angular).

Parecendo estabelecer uma maior relação com o alçado inferior – inclinação da cobertura (invertida), dimensão do coroamento, laje do piso – a linha oblíqua que aparece em vista apresenta maior afinidade formal com o alçado 'a'.

Ilustração 173

Esta ilustração apresenta um único desenho. Ao contrário da solução do primeiro ante projecto, em que o alçado Sul se representava sobre um terreno de nível, torna-se agora evidente a adequação entre a construção e o terreno natural. Desta adequação topográfica resulta o acréscimo de um piso, junto ao solo, com ocupação parcial. Os restantes dois pisos, totalmente emersos do terreno, desenham-se de um modo simplificado. Apesar disso, alguns dados relevantes parecem revelar-se: o número de módulos a que se sujeita o desenho do piso intermédio – em número de treze mais um, este último a Nascente e de menor dimensão -- perfaz o quantitativo de catorze módulos, que corresponde ao número total dos quartos requerido no programa para esta pousada. Este dado faz-nos suspeitar – tendo também em conta algumas plantas interpretadas (ilustrações 166 e 169) – que o último piso albergará a totalidade dos quartos de hóspedes, apesar de serem omissas as suas fenestrações.

No piso intermédio, onde se deverão localizar as zonas comuns destinadas a salas de estar e de jantar, é marcada uma estrutura pontual que nasce, ou do piso inferior, ou a partir do terreno – neste último caso, apoiada nuns pequenos montantes, à semelhança da solução preconizada no primeiro ante projecto (ilustração 159). A estrutura pontual marca um ritmo modular, a espaços iguais, sendo toda a extensão do piso intermédio recuada,

relativamente ao plano da fachada. Esta inferência parece evidente pela sombra representada.

Um acesso vertical, em dois lanços, liga a cota baixa e a cota alta do terreno, da qual, por sua vez, se sobe até ao piso intermédio. A dimensão deste acesso – com dois módulos – tem correspondência vertical com uma zona mais recuada do piso intermédio, manifestada pela maior superfície de sombra. Para aqui, poderá pensar-se um espaço de estar, exterior e coberto.

A representação das sombras projectadas permite ainda deduzir: a existência de um vazio sob o piso dos quartos, nos últimos quatro módulos, a Poente; a localização de um segundo terraço que, além de avançar para Nascente, também avança sobre o plano da fachada – identificado pela sombra de configuração triangular projectada sobre o piso inferior –, aparentemente protegido por uma laje.

O embasamento (cave) é perfurado por seis vãos: uma porta de acesso ao exterior e cinco janelas iguais e de pequena dimensão que, apesar de obedecerem ao ritmo imposto pela estrutura pontual do piso intermédio, desfasam-se do seu eixo.

O remate superior do edifício parece descrever uma ligeira curva, atingindo maior altura nos seus extremos, o que nos reporta para hipóteses já antes abordadas, nomeadamente na última ilustração.

Ilustração 174

Nesta ilustração, coexistem desenhos de vários tipos – do todo, de partes, de pormenor – correspondendo o alçado Sul (desenho 'a') àquele que tem maior impacto no campo do suporte, até pelo nível de pormenor relativo que possui.

A sua posição no suporte, a sua dimensão e proporção, a relação entre o edifício e a topografia, o ritmo da estrutura e o número de módulos representados, fazem supor que o alçado da ilustração anterior (173) lhe tenha servido como referência. A solução mostra-se, no entanto, mais esclarecida. Representam-se os vãos do piso superior que corresponderão aos catorze quartos enunciados no programa (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 28), dá-se maior ênfase ao claro/escuro [91], simulam-se diferentes texturas e sugere-se a envolvente. Ainda que a localização dos dois grandes pinheiros não seja exacta, a sua representação denota a importância que o autor lhes atribui. O posicionamento e a variação de tamanho da restante vegetação permitem, por um lado, o

[91] O claro/escuro representa tanto os valores da luz quanto os valores próprios dos materiais.

entendimento da pendente do terreno e, por outro lado, a sugestão do espaço em profundidade no plano do suporte.

A relação do edifício com a topografia parece apurar-se. O perfil do terreno desenha-se com maior rigor, percebendo-se a acentuação da sua descida a Nascente. Manuel Tainha afirmava na memória descritiva do primeiro ante projecto que "[...] o ponto escolhido [para a implantação do edifício] oferec[ia] também encosta para nascente [...]" (Tainha, 1954.12.15, p. 2). Se no alçado Sul do primeiro ante projecto (ilustração 159) este princípio ainda não se manifestava graficamente, torna-se agora uma evidência.

A curva que a cobertura do alçado constante na ilustração 173 parecia descrever, confirma-se. A ideia de "acentuação perspéctica da frente" edificada (ilustração 172) é reforçada no esquema 'f', onde essa curva se acentua, anotando-se o traço contínuo como "linha da fachada" e o traço interrompido como "linha da cobertura". No coroamento do alçado 'a', um outro limite – simétrico à concavidade superior da cobertura – é representado, separando, aparentemente, diferentes materiais.

No extremo Poente do alçado, uns ténues grafismos horizontais poderão corresponder a um corpo edificado colocado num plano recuado (garagens?). Também a Poente, sob os últimos quatro módulos dos quartos – que se confirma como vazio (ilustração 173) –, um muro descola-se da laje do último piso e prolonga-se pelo terreno, evocando a solução veiculada na perspectiva 'c' da ilustração 167. O facto de este muro ter relação vertical com os últimos quatro módulos, leva-nos a supor que os quartos que com ele se alinham possam corresponder aos quatro adicionais requeridos no programa da pousada (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 28) [92]. É interessante verificar a coincidência posicional do tronco de um dos dois pinheiros, com a fronteira que separa os quatro módulos mencionados. Intencionalidade ou acaso?

O faseamento do projecto em duas etapas constitui-se como uma premissa para o autor, tanto pelo escrito junto ao desenho 'i' – "solução dos 4 adicionais" –, quanto no apontamento entre os desenhos 'd' e 'g', onde se confirma a correspondência métrica entre a "1ª f[ase]" e a "2ª f[ase]" da construção, resultando as dimensões de "35 m" e de "50 m", respectivamente. A dimensão de 3,5 metro para o módulo parece, também, definitivamente assumida.

Todo o piso inferior deste alçado e o muro do piso intermédio têm um tratamento gráfico diferenciado cuja textura nos remete para uma superfície rústica em pedra. Dois

[92] Recordemo-nos que o programa para a pousada de Oliveira do Hospital solicitava a execução da obra e, por consequência do projecto, em duas fases: a primeira com dez quartos e a segunda com mais quatro.

elementos avançados são detectáveis pelas suas sombras projectadas sobre o muro [93]. Esses elementos e as colunas em tronco de cone, que nascem no solo e que apoiam o piso intermédio, também são desenhados com idêntica textura. No restante alçado, coexistem tramas diferenciadas. Com variações de valor subtis ou intensas e com dinâmicas particulares – verticais, oblíquas, cruzadas –, reportam-nos para a coexistência de diferentes materiais.

Sobre o mesmo suporte, estudam-se possíveis relações entre os módulos dos quartos. Estamos, agora, ao nível da parte e do detalhe.

Usando plantas a diferentes escalas, são ensaiadas duas alternativas de articulação: uma com os quartos em continuidade planimétrica e outra com translações constantes entre os seus módulos (ver ilustrações 160 e 162). Pensa-se a estrutura das coberturas, para as duas soluções, expressas nas plantas 'g' e 'i'. A estas experiências gráficas somam-se anotações escritas que remetem para questões de pormenor e de construtividade, tais como: "abertura vertical"; "banco / fechado c[om] abertura horiz[ontal]"; "ventilação da cobertura". A planta 'h' tem marcada uma estrutura pontual embebida nas paredes. No desenho 'd' estuda-se um pormenor de remate da cobertura (capeamento/caleira?) e no pormenor 'j' pensa-se as "soleiras dos 4 [quartos] adicionais".

Diferentes soluções para o mesmo problema convivem nesta ilustração. O alçado 'a' representa-se complanar pelo que só poderia ter correspondência com a solução preconizada nos desenhos 'c' e 'i', onde os quartos estão em continuidade planimétrica. Nos desenhos 'g' e 'h', onde se volta a insistir na translação entre os módulos dos quartos, implicaria, necessariamente, uma outra imagem do alçado, que parece experimentar-se timidamente no registo 'b'. Este registo, parcial, corresponderia a uma possível relação entre os módulos dos quartos, marcando-se a diferença de planos com linha vertical e enfatizando-se a sua separação pelas coberturas autónomas, de duas águas, (ver ilustração 160, desenho 'b').

Pelo facto de um processo projectual não se constituir como um processo linear – como se tem vindo a constatar pela interpretação dos desenhos referentes ao presente caso –, todas as versões do desenho que nele se possam identificar não se sujeitam a uma ordem sequencial. Antes, essa ordem outra parece ser determinada pelas necessidades impostas no seio do próprio processo projectual, onde os vários modos de proceder se vão

[93] No alçado esquemático da ilustração 173 já se verificava a existência de um destes elementos, sob o último módulo, a Poente.

adaptando às necessidades exigidas em cada momento, intercalando-se, misturando-se, sobrepondo-se, tendo como derradeiro propósito o avanço do processo para o qual foram convocadas.

A presente ilustração parece ser um desses exemplos. Se o alçado 'a' pode representar um 'ponto de chegada' relativamente a alternativas colocadas anteriormente, constituindo-se como uma síntese (ver ilustrações 172 e 173), esse mesmo alçado poderá constituir-se como 'ponto de partida' para a reconsideração da solução dos quartos em deslocação (desenhos 'b' a 'i'), voltando a colocar-se em confronto duas soluções diferentes. Obrigando, por isso, à procura de uma outra e nova síntese.

Ilustração 175

Nesta ilustração, coexistem registos gráficos e escritos. Ao contrário de outros até agora estudados, esses registos estabelecem uma coerência recíproca, parecendo existir, nesta fase do processo, a necessidade de se proceder a uma certa estabilização da proposta arquitectónica. Já não nos encontramos perante ideias arquitectónicas avulsas (Tainha, 2006, p. 69), eventualmente até contraditórias, mas antes diante da tentativa de obter uma sua conjunção. Estabelecem-se alguns princípios, sendo para isso determinante as orientações expressas nos registos nos escritos que, aqui, assumem grande importância.

No esquema topográfico central (desenho 'c') marca-se o "ponto de localização c[om] declive p[ara dois] lados Nasc[ente]-Sul", onde se representam as curvas de nível que definem a ondulação do terreno. O 'ponto' assinalado corresponde à localização da eira granítica existente que, no levantamento desenhado no local por Manuel Tainha, já havia sido considerado como determinante para a possível posição da pousada (ilustração 155). Agora, parece definitivamente assumido o local de implantação, permitindo que o edifício ganhe maior altura a Nascente e parte na frente Sul, conquistando um piso inferior através do aproveitando do declive.

A planta 'a' corresponde, uma vez mais, ao piso principal. O acesso ao interior do edifício parece ser marcado por um elemento de configuração curva, que se destaca do plano da fachada e funciona como um coberto de protecção da entrada. O recinto exterior de chegada é resguardado e contido, quer pelo volume das garagens, a Norte, quer pelo volume Sul que, nesta zona, parece ser vazado, permitindo ligação visual com a paisagem.

Nesta solução projectual retoma-se a solução do desfasamento modular no volume Sul do edifício que conduz, por um lado, à configuração curva desse volume e que implicará, por

outro lado, maior autonomização dos quartos ao nível do piso superior (esquema 'a1'). Verifica-se uma certa afinidade formal entre a configuração curva do corpo Sul e a do coberto junto à entrada, podendo este ter decorrido da influência daquele.

As salas de estar e de jantar funcionam em adjacência e voltam a localizar-se no corpo principal do edifício, relacionando-se directamente com a paisagem. Propõe-se uma "saída p[ara o] exterior desde a sala [de estar]" permitindo, assim, uma relação física com o terreno defronte. Lateralmente às salas encontram-se dois terraços que as servem: um de apoio a refeições, e outro, de estar, onde se marca e legenda um "fogão exterior" – verifica-se que nas ilustrações 169 e 171 já existia uma marcação idêntica nesta zona, deduzindo-se que a ideia para um fogão exterior já tivesse sido pensada. Além disso, a presente proposta mantém, no geral, a organização espacial dessas plantas e ainda a da planta 'b' da ilustração 165: mantêm-se os serviços de copa e cozinha no corpo transversal do edifício, bem como a entrada, recepção e parte da sala de estar; o corpo Norte, paralelo ao principal, que integra nesta solução o "ref[eitório do] pessoal" e a entrada de serviço, forma com aquele um recinto resguardado a Nascente; as garagens individuais voltam a colocar-se a Norte (ver ilustração 165 desenho 'b'), persistindo-se na solução entregue no primeiro ante projecto (ilustração 158), criando um grande recinto de chegada e conferindo à pousada o "carácter receptivo" mencionado na respectiva memória descritiva (Tainha, 1954.12.15, p. 6).

Apesar de esta planta corresponder ao piso principal pensam-se, a partir dela e em sobreposição, os restantes pisos. Aos estacionamentos privados, sobrepor-se-á o "aloj[amento] do pessoal dos hóspedes", cujo acesso se fará por "rampa" desde a entrada na pousada. Esta solução ensaia-se em corte (desenhos 'b' e 'd') e o texto aprofunda o tipo de correspondência que se pretende entre as garagens e os alojamentos que se lhe sobrepõem, definindo-se "[e]ntre eixos [a dimensão de] 2,60, [perfazendo um total de] 18,20 m de comprimento [para] este corpo q[ue] protege a entrada do Norte".

Todos os quartos de hóspedes se concentram a Sul, sobre as salas, como se revela pela identificação numérica que legenda a planta – "10 [+] 4" –, esclarecendo-se, novamente por anotação escrita, a importância de que "toda a construção de ampliação, [que corresponderá aos quatro quartos adicionais,] prossegu[irá] s[em] entrar p[ara] o existente". A separação entre as duas fases da obra é demarcada por um muro transversal que se prolonga para Sul, e que estabelece continuidade com o alçado Poente.

A articulação entre os vários espaços da pousada clarifica-se no corte 'd' e no esquema 'f', constituindo-se estas figuras com aquelas onde melhor se afere a relação entre a

construção e a topografia. Pela sua leitura conjunta podem-se localizar: os quartos, que ocupam o piso superior do corpo Sul; as salas e os terraços que lhes estão por baixo, no piso intermédio; as zonas com cave utilizável, a Nascente e parte da frente Sul, que integram os "dorm[itórios do] pessoal masc[ulino e] fem[inino, a] arrecad[ação, a] lav[andaria, os serviços técnicos e ainda os aposentos do] conc[essionário]". Assim, como se refere no texto, "[...] todos [os compartimentos destinados ao pessoal de serviço e ao concessionário] têm [diferente e] boa orientação solar & panorâmica uma vez que se trata de habitação permanente [...] procede[ndo esta característica] em função do declive do terreno". Da conjunção topográfica entre o edifício e o terreno, também resultam pavimentos desfasados a Norte e a Sul da construção. A partir do nível intermédio da entrada e do átrio faz-se a distribuição para a cota inferior das salas e para o piso superior dos quartos, proposta já intentada anteriormente – ilustração 164, desenho 'd' e ilustração 171, desenho 'b' – mas, agora, mais aprofundada e, consequentemente, mais controlada.

A cobertura (corte transversal 'd') mantém a configuração ensaiada na ilustração 171, desenho 'b'. Com duas águas, a maior com inclinação oposta à pendente do terreno – permitindo ganhar o piso dos quartos – e a menor sobre parte da recepção, onde ambas se interceptam.

A observação comparada entre a planta 'a' e o corte 'd' permite, ainda, o esclarecimento dos três elementos que se marcam naquela – na zona da "copa" –, que correspondem, respectivamente, aos "monta-cargas p[ara] peq[uenos] almoços e roupas [e a uma] escada helicoidal c[om] 2 m de [diâmetro]" que faz a ligação entre os três pisos.

No texto ainda se esclarecem outras intenções de carácter técnico e espacial, afirmando-se, por exemplo, a intenção de "[a] cozinha [...] [ser] ventilada transversalmente e [...] [de haver] possibilidade de dar terraço ao refeitório do pessoal", que corresponde ao espaço situado entre o refeitório e a cozinha, desenhado com traços interrompidos cruzados (planta 'a'). Reafirma-se a existência de "[...] uma passagem directa p[ara] o exterior (terraço) e [introduz-se] uma passagem indirecta [...], passando por debaixo da escada principal, c[om] pé direito de 2,40 ou 2,25, onde estão t[am]b[ém] os aposentos do concessionário", devendo esta passagem corresponder à marcação quadrangular adjacente ao concessionário, executada no desenho 'f'.

Como mencionámos no início, e pelo que se constata após a interpretação dos registos desta ilustração, estamos perante uma tentativa de estabilização da solução projectual, revelada pela conjunção das várias ideias arquitectónicas – gráficas e escritas – aqui expressas. Contudo, esta solução ainda conterá 'pontos em aberto', não havendo, por

exemplo, uma imagem arquitectónica para a frente Sul do edifício compatível com proposta da planta 'a', pelo que, a presente solução ainda não formará a "[...] totalidade [...] do objecto arquitectónico" (Tainha, 2006, p. 69), ou seja, ainda não constituirá uma sua síntese. Apesar disso, como tem vindo a ser recorrente no âmbito deste processo, a investigação, quer ao nível do conjunto, quer ao nível do pormenor, ocorre em paralelo, revelando-se a sua indissociabilidade: parece existir, em cada momento do percurso, a necessidade de testar a construtividade de uma dada possibilidade e, simultaneamente validar a sua integração numa solução de conjunto e, vice-versa.

Ilustração 176

Estamos perante uma planta geral, na qual se representa o edifício e a sua relação com a envolvente próxima.

Uma "cortina de verdura protectora" resguarda a construção da "E[strada] Nacional nº17" (Norte) e, a Sudoeste, existe o "pinhal" como limite. Entre estes dois conjuntos arbóreos – um proposto, outro existente –, faz-se o acesso principal à pousad, e um outro, de serviço, paralelo à estrada. A construção implanta-se a Sudeste da parcela e alguns grafismos ondulados configuram a topografia, simulando o seu "declive".

Nesta planta, também se articulam os vários espaços que compõem a pousada, parecendo a proposta decorrer de uma síntese de vários ensaios anteriores, constantes nas ilustrações 165, 169, 171 e 175. Assim, o corpo principal do edifício – com as salas de "jantar[, de] estar [e] terraço[s]" em baixo, e com os quartos em toda a extensão do piso superior – mantém-se côncavo e vira-se para o "panorama" (ilustração 175); no corpo transversal, encontram-se os "serviços de cozinha & industriais" e, no seu topo, a residência do "concessionário" (ilustração 165); na sua adjacência, a "entrada de serviço" separa-o dos "aposentos do pessoal" – que se desenvolvem para Nascente (ilustrações 165, 169 e 171) – dotando-o, simultaneamente, de acesso independente; o corpo Norte é completado com as "garagens" individuais que, agora, se propõem em continuidade planimétrica.

A "entrada" de utentes, que volta a ser marcada por um elemento curvo (ilustração 175), desloca-se para Sul. Aí, existe o "acesso horizontal" ao interior da pousada e o "acesso vertical princip[al]" de ligação ao piso superior dos quartos. Se na ilustração anterior (175) já se propunha uma área exterior contida e ajardinada a Sul da entrada, agora, entre a "entrada" e as "garagens", surge um "páteo" de significativa dimensão.

Ilustração 177

Para esta planta – que se centra no piso principal da pousada –, é adoptada uma escala semelhante a outras já interpretadas (ilustrações 165, 175 e 176) e recorre-se à utilização de vários instrumentos riscadores, sendo possível identificar, em sobreposição, as diferentes camadas que a constituem. Se o registo da folha anterior possuía uma 'escrita' fluida e desinibida, este parece ser elaborado num tempo mais dilatado por tentativa/erro, afinando-se progressivamente o seu resultado. Apesar da sua escala reduzida, próxima da 1:500, o seu elevado nível de pormenor é propiciado, tanto pelos instrumentos riscadores escolhidos quanto pelo modo de operar adoptado. A primeira camada é executada com lápis encarnado, à qual se sobrepõe a esferográfica azul para marcação dos elementos que se representam em corte.

Mantém-se, genericamente, a organização espacial das ilustrações 165, 175 e 176, aferindo-se, agora, a proporção dos, e entre eles, espaços do piso principal. Volta-se a propor uma solução em continuidade planimétrica no corpo Sul – sem desfasamento modular – e a sua composição espacial mantem-se sustentada na repetição de um mesmo módulo, como se evidencia pela marcação de uma estrutura pontual.

A sala de jantar, de configuração regular ocupa, agora, um lugar central no corpo Sul do edifício, recorrendo-se à estereotomia do pavimento para a sua identificação espacial. Os seus limites são constituídos por um grande terraço, pelos serviços de cozinha, pela sala de estar e pela paisagem que se encontram respectivamente a Nascente, a Norte, a Poente e a Sul.

Por sua vez, a sala de estar reparte-se em vários subespaços mais ou menos autónomos, explorando-se, a partir das suas diferentes localizações e proveniências de luz, ambientes distintos e complementares. Assim, adjacente à sala de jantar e dotado de uma lareira – que por fazer a separação das salas tem condições de servir ambas (ver ilustração 169) –, existe um primeiro espaço de estar aberto à paisagem; mais interiorizado e na continuidade do primeiro, desenvolve-se outro que se prolonga pelo corpo central do edifício, até à recepção, integrando os acessos verticais e dotado de iluminação fragmentada de Poente e de "iluminação superior zenital" como se desenha e anota – esta anotação parece ser colocada num outro tempo, eventualmente posterior, visto utilizar-se um instrumento riscador diferente (caneta de tinta permanente azul [94]); lateral à escada de acesso ao piso superior, surge um pequeno espaço mais encerrado e íntimo – o bar (ver

[94] Este instrumento riscador é apenas utilizado em dois casos: nesta nota e na datação do desenho ("Fev. 55").

ilustração 169) – que possui uma ligação directa com os serviços de cozinha; finalmente, propõe-se um último espaço relativamente autónomo que, apesar de se localizar no corpo Sul, parece não ter contacto directo com a paisagem defronte.

Algumas notas escritas revelam intenções quanto a este último espaço: uma, prende-se com a "explora[ção d]esta solução", aparentemente paradoxal, que é a negação da paisagem; outra, é a possibilidade de iluminação, a partir de Norte, através de uma "janela baixa p[ara] ter às costas". O desenho revela, contudo, a existência de uma área ajardinada, contida e coberta – terraço/pátio? –, através da qual esta sala receberá iluminação natural indirecta. Recordemo-nos que o programa para a pousada de Oliveira do Hospital requeria uma "[...] pequena sala de leitura e escrita [...]" (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 29-28), que se encontra contemplada no primeiro ante projecto entregue (ilustração 158). As qualidades ambientais deste último espaço de estar – localização, dimensão e proveniências lumínicas – levam-nos a supor destinar-se a esse fim.

Defronte da área de estar, representa-se um terraço com forma irregular. Resultante da topografia, a sua implantação far-se-á a cota inferior, junto ao terreno natural, para o qual possui acesso por escada. Por outro lado, a ligação ao terraço a partir do interior do edifício não se encontra esclarecida [95].

A entrada na pousada mantém-se a Poente, como se mantém o coberto exterior sob o qual se lhe acede, de configuração curva e irregular (ilustrações 175 e 176).

A partir da recepção – que integra o balcão de atendimento e os apoios sanitários –, tem-se acesso, quer às zonas de uso público – estar e jantar –, quer à área de serviço.

O corpo Norte é apenas representado pelos seus contornos exteriores. Talvez contenha o concessionário, a Noroeste, e os aposentos do pessoal de serviço no restante volume (ilustração 176). Um acesso vertical, com dois lanços, surge nesta zona, constituindo-se como alternativa à escada em caracol antes proposta (ilustrações 175 e 176).

Este constitui um dos raros desenhos de trabalho datados por Manuel Tainha, tendo sido elaborado cerca de dois meses após a entrega do primeiro ante projecto, em "Fev.55".

Ilustração 178

Esta ilustração contém registos diversos, quer em tipo, quer em escala, misturando-se plantas, cortes e uma perspectiva.

[95] Na ilustração 175 propunha-se um acesso "indirecto [...] p[ara] o exterior (terraço) [...] passando por debaixo da escada principal".

Se nas plantas se propõem novas hipóteses de articulação espacial, como o reposicionamento do terraço, a Sul, ou a criação de um vazio no centro da construção, já a perspectiva reitera a solução da ilustração anterior (177), usando-se, inclusivamente – e apenas neste caso –, o mesmo instrumento riscador: esferográfica azul. Parece ser esta a imagem que se propõe para o edifício a partir de Noroeste. Corresponde a uma visão superior, sendo o ponto de vista escolhido idêntico à perspectiva 'c' da ilustração 167, o que denota a importância que Manuel Tainha atribui a esta visão específica: é deste sítio que se percepcionará o edifício por parte de quem chega, numa leitura escorçada das frentes Norte e Poente, como se confirma pela planta geral da ilustração 176.

Na perspectiva 'e' que, assim, se relaciona com a planta da ilustração precedente (177), esclarece-se a volumetria do edifício. Nela, assumem-se coberturas inclinadas e convergentes, coincidindo a intersecção dos seus planos com a parede de separação entre a recepção e a sala de estar: se as inclinações da cobertura se reflectirem no espaço interno, à recepção corresponderá um tecto descendente até à referida parede e a sala de estar, por sua vez, dilata-se, quer inferior, quer superiormente, sendo no primeiro caso resultado da diferença de cotas da sala e, no segundo caso, pelo tecto ascendente e contínuo. Esta continuidade relacionará a área de estar com o piso superior dos quartos, criando-se na primeira um duplo pé-direito. Na planta da ilustração 177, confirma-se esta intenção, que se traduz na representação da laje do piso superior a traço interrompido.

Além da inclinação das coberturas, a perspectiva 'c' revela uma planta de composição ortogonal, sendo o coberto, que marca e protege a entrada, o único elemento formalmente dissonante.

Na planta anterior (ilustração 177), a separação entre o recinto de serviço e o terraço da sala de jantar é propiciada por um muro que, nesta perspectiva, se solta da construção principal. As duas chaminés que se afirmam na cobertura, confirmam a existência da lareira entre as salas e a localização do lugar destinado à confecção de refeições, que ocupará um lugar central no espaço da cozinha. Os quatro quartos suplementares, a Poente do corpo principal, também são representados em ambos os desenhos. Mas se esta perspectiva incide na mesma solução da ilustração anterior, já nas três plantas que ocupam este suporte se exploram novas possibilidades.

A planta 'a', genérica e esquemática, parece integrar, em sobreposição, os vários pisos da pousada. Confirmam-se alguns usos com recurso a notas: a Norte, os aposentos do "pessoal" e o "concessionário". Do lado oposto, o "terraço", que agora ocupa uma posição central no corpo Sul, mantendo, contudo, uma configuração irregular (paralelogramo).

Junto ao terraço, e integrada no corpo principal, representa-se uma escada que poderá ligar o interior (sala) e o exterior (terraço). Duas setas assinalam a entrada principal e a de serviço. A primeira a Poente, a segunda a Norte.

À direita deste desenho registam-se operações numéricas onde se multiplica o módulo de "3,5" por "6", "5" e "3", respectivamente. A presença do módulo e de sequências modulares diversas, que se expressam, quer por anotações, quer por operações algébricas, andam a par dos desenhos e estão presentes em inúmeras ilustrações por nós interpretadas. Constituem-se como um procedimento recorrente no processo projectual de Manuel Tainha, correspondendo a um suporte matemático/geométrico através do qual se vai aferindo e garantindo o controlo formal da solução arquitectónica.

Na planta 'b', a investigação gráfica concentra-se na área central do piso da entrada, onde se posiciona parte da zona de estar e os serviços de cozinha agora separados por um espaço exterior. Procede-se por tentativa/erro, parecendo o surgimento desse espaço exterior – pátio – consequência desse procedimento, revelado pelo reforço dos seus contornos. Note-se que este pequeno pátio ocupa a área que antes se destinava a bar (ilustração 177), estando presente, em sobreposição, um grafismo ondulado que nos remete para a 'ideia' de balcão, até pela sua semelhança formal com o balcão representado na zona de recepção.

Recordemo-nos de que a figura de um pátio central já aparecia na primeira ilustração desta fase do processo – ilustração 160, planta 'e' –, tendo sido referido, nessa altura, pelas razões então apontadas, que essa planta parecia corresponder a uma fase posterior da investigação.

Na planta 'b', ainda se testa um novo posicionamento do terraço que resulta da expansão, para Sul, do terraço afecto à sala de jantar. Mantendo uma configuração irregular, próxima da planta 'a', este grande terraço relaciona-se com o terreno por escada e a sua laje é interrompida e interpenetrada por vegetação. No extremo oposto, a Sudoeste, os últimos quatro módulos destinam-se a um outro terraço – limitado pela sala e por um muro – que servirá a sala de estar e ao qual se irão sobrepor os quatro quartos adicionais a construir na segunda fase. A Norte do muro que encerra este terraço, representam-se lugares de estacionamento virados para o recinto de entrada principal. A entrada de "serviço" propõe-se na continuidade do pátio central, anteriormente referido, podendo daí receber iluminação natural. Por fim, os estacionamentos privados experimentam-se, pela primeira vez, perpendicularmente à construção principal, formando, com ela e com um outro muro, a Norte, um recinto protegido.

Sobreposto ao corpo Sul, e em toda a sua extensão, contorna-se a lápis encarnado a área afecta aos catorze quartos do piso superior, constatando-se existir correspondência entre a solução preconizada na presente planta com os alçados (Sul) representados nas ilustrações 173 e 174.

Resultante da investigação efectuada na planta 'b' surge a experiência 'f', onde o pátio se assume com uma dimensão mais folgada, relacionando-se com as áreas de uso público e com serviços de "coz[inha]" que, por sua vez, se viram a Sul e a Nascente, garantindo a ventilação transversal que se manifestava nas anotações da ilustração 175. Se o surgimento do pátio, na planta superior, implicou a anulação do espaço destinado a bar, nesta, o bar reaparece com uma nova localização – a Sul do pátio –, discernindo-se este facto pela adopção do mesmo grafismo curvo para a representação do balcão.

Nos cortes 'c' e 'd', desenhados a escala reduzida, testam-se de um modo esquemático possíveis relações entre partes da construção, e desta com a topografia.

Ilustração 179

Estamos na presença de registos maioritariamente constituídos por plantas, com a excepção do apontamento perspéctico superior. Na metade superior do suporte, as plantas interpenetram-se, não sendo imediato o discernimento dos seus limites.

Começamos por interpretar a planta esquemática inferior ('g') por parecer corresponder a uma variação da solução ensaiada na ilustração anterior (178, plantas 'b' e 'f'). Também aqui, um pátio ocupa o centro da construção, alterando-se a sua posição, que passa a separar a sala de "ref[eições]" e a "coz[inha]", obrigando a que a sua comunicação se faça um corredor, cuja extensão não facilitaria o serviço de refeições. Acresce, que o percurso dos 'sujos' [96] e dos 'limpos' [97], necessariamente autónomo, obrigaria à duplicação desse percurso e, consequentemente, à duplicação da sua área.

Na área superior da folha, onde os desenhos se interpenetram, um pequeno esquema (desenho 'c') mostra outra alternativa para a relação da "coz[inha]" com a sala de refeições e o terraço, estando a primeira em adjacência aos dois últimos espaços. Lembrando que no programa para esta pousada era exigido que os serviços de cozinha

[96] Os 'sujos' é a designação corrente correspondente à louça suja, cujo percurso se faz no sentido da sala de refeições para a cozinha.

[97] Os 'limpos' é a designação corrente correspondente à louça limpa, cujo percurso se faz no sentido da cozinha para a sala de refeições.

tivessem a capacidade de servir setenta e cinco refeições simultâneas, distribuídas entre o interior (sala) e o exterior (terraço) (Portugal. [DGEMN], 1954.09.15, p. 28), a solução funcional que se propõe nesta solução seria vantajosa em relação à da planta 'g'.

Uma planta geral ('d') 'encaixa-se' dentro de uma outra, parcial ('b'), assumindo ambas escalas distintas, aproximando-se a dimensão da rampa da segunda ao corpo Norte da primeira.

Na planta geral 'd', a entrada principal na pousada mantém a sua posição insistindo-se, também, na configuração irregular do seu coberto. O pátio transita para Poente, encerrado desse quadrante por um plano e contornado por construção nos restantes. Parece ensaiar-se, pela primeira vez, o posicionamento dos quatro quartos suplementares na perpendicular dos restantes, virando-os, também, a Poente.

A planta parcial 'b' representa a zona das salas. A separação dos seus espaços é proporcionada por uma lareira e, na sua espessura, alguns degraus promovem a diferença de cotas entre áreas de jantar e de estar. Do outro lado da lareira, desenha-se uma escada de um só lanço limitada por paredes. Uma zona de bar parece localizar-se por trás dessa escada: o seu posicionamento e a configuração 'ondulada' de um suposto balcão remetem-nos para o posicionamento idêntico e para o grafismo ondulado representado nos desenhos 'b' e 'f' da ilustração 178.

A anotação "*wc*" [98] corresponderá às instalações sanitárias para utentes. Localizam-se apostas ao corpo Sul da construção, dele separadas por um muro. Do lado oposto, encostada a esse mesmo muro, uma rampa com "15%" de inclinação faz a ligação da sala de estar com o exterior.

Na planta 'e' repete-se a mesma solução da planta 'b', possuindo ambas uma escala aproximada. Anotam-se a sala de "jantar", a sala de "estar" e acresce-se uma "lareira exterior", provavelmente localizada junto ao terreno natural. Mas, se na planta anterior não se apresentava esclarecida a direcção da lareira, agora parece virar-se para a zona de estar.

A perspectiva 'a' relaciona-se com as duas últimas plantas abordadas ('b' e 'e'). Representa um ponto de vista desde a sala de estar, a cota mais baixa, para a sala de jantar. A lareira interpõe-se entre ambas e é contida lateralmente pelas duas escadas mencionadas: uma que liga os diferentes níveis altimétricos das salas e outra que deverá

[98] "*Wc*" é um anglicismo que corresponde à abreviatura de *water closet*.

ligar ao piso superior. Um murete promove a separação física entre as salas, apesar de permitir a sua relação visual, lendo-se, ao fundo da zona de jantar, um plano envidraçado. O murete, a lareira e a sua chaminé descentrada compõem-se num único elemento. No lugar onde o observador se coloca, e que corresponde à zona de fogo, sugere-se um pavimento de matriz ortogonal.

No esquema 'f' configura-se um rectângulo alongado, com "35,00" metro de comprimento por uma largura de "4,00" metro – mais cerca da metade desta largura –, composto por dez módulos. Corresponderá ao corpo Sul, constituído por "10 Q[uartos]", com uma dimensão modular de "3,5" metro. Mais duas notas são colocadas neste esquema: o "terraço" e a sala de "ref[eições]", que ocupam dois e três módulos, respectivamente.

O dimensionamento do quarto de hóspedes, abordado nesta fase do processo (ilustrações 160 e 162), prevê as medidas de 3,50 x 5,00 metro, pelo que, a profundidade de "4,00" metro para esses cómodos, neste esquema, nos parece insuficiente. Perante esta circunstância, é plausível supor que o perímetro representado no esquema 'f' corresponda à ocupação prevista para o piso inferior, que se encontra semienterrado. Se cruzarmos estes dados com a informação que se retira da leitura do alçado Sul (ilustrações 173 e 174), verifica-se que o piso em cave, que faz o embasamento do edifício, comporta o mesmo número de módulos, ou seja, dez ao todo. Será esta uma ilação plausível, ou tratar-se-á de uma mera coincidência?

Nesta ilustração, tal como na ilustração 177 e na próxima (ilustração 179), encontra-se anotada a data de "Fev. 55", constituindo-se como os únicos registos deste tipo [99] datados por Manuel Tainha em todo o processo para pousada para Oliveira do Hospital.

Ilustração 180

Esta ilustração volta a integrar um conjunto diverso de registos. Misturam-se desenhos de âmbito geral e desenhos de pormenor, adaptando-se as suas escalas gráficas aos objectivos de cada investigação específica. Todas estas variações parecem não obedecer a uma intenção pré estabelecida, mas, antes, parecem ser o resultado do próprio decurso de uma acção que reflecte o pensamento, ou melhor, que se constitui como o próprio pensamento em acção.

[99] Constituem-se como excepção algumas fases correspondentes a entregas oficiais.

No canto inferior esquerdo da ilustração (desenho 'g'), representa-se uma planta esquemática do piso principal [100], onde se define a organização espacial da pousada com os seus usos claramente separados por zonas. A Norte, os espaços destinados ao "pessoal" da pousada e, na sua continuidade desenvolvem-se as "garagens" individuais. A Sul, as salas de estar e de jantar, separadas, quer pela diferença de cotas a que estão implantadas, quer pela lareira que se desenha com dupla frente, servindo, assim, ambos os espaços. A sala de jantar possui um grande "terraço" com acesso directo ao terreno (ver ilustração 178, planta 'f') e, da sala de estar, nasce uma rampa para o mesmo fim, que liga a um "terraço jardim". O corpo central integra os serviços de cozinha. O acesso ao piso superior – e, eventualmente, à cave – faz-se por uma escada de um só lanço que se coloca entre as salas e a cozinha e, adjacente à zona de estar – mas separadas por um muro – posicionam-se as instalações sanitárias confirmando-se, em ambos os casos, as posições adoptadas no desenho 'c' da ilustração precedente (179). A entrada na pousada desloca-se para Sul (ilustração 178, desenho 'a') com ligação imediata, quer às instalações sanitárias, quer aos acessos verticais mencionados, quer, ainda, à sala de estar. Esta primeira zona interior da pousada – recepção – é limitada a Norte por um muro oblíquo que, em conjunto com os corpos central e de garagens, limita um recinto exterior que se constitui como a zona de chegada.

Uma variação interessante, que se verifica nesta e na ilustração anterior (179), é a orientação invertida adoptada na representação das plantas. Até agora, todas as plantas se orientavam a Sul, como se o observador percepcionasse a pousada a partir da entrada no terreno. Qual será, então, a razão desta mudança? Será que o desenho que se tomou como referência – se é que existiu – para a realização destas plantas foi colocado de modo invertido e foi seguida essa orientação, ou a orientação agora assumida corresponderá a um acto aleatório?

O registo 'f' representa o alçado Sul, retomando-se à solução já testada nas ilustrações 172-174, onde se explora o efeito de "acentuação perspéctica" (ilustração 172) que resulta da diferença de cércea entre o centro e os extremos do alçado. Contudo, neste alçado não se considera espaço utilizável no piso inferior, aparentemente desprovido de quaisquer fenestrações. O centro do piso principal é ocupado pelas "salas" e os seus extremos por um "terraço" e por um "terraço jardim", que se ligam ao terreno por escada e por "rampa" respectivamente: todas estas anotações repetem as constantes na planta inferior ('g'), mantendo-se a localização dos espaços, o que denota a relação entre os dois

[100] Também na ilustração 179, uma planta geral colocava-se nesta mesma posição no campo da folha.

desenhos. Na zona destinada ao "terraço jardim", simula-se vegetação. Num plano avançado, parece existir um muro de suporte com a mesma textura do embasamento, sugerindo alvenaria de pedra. A existência do muro de suporte de terras poderia permitir o usufruto físico do "terraço jardim" e de toda a área nesta frente da edificação que, como já se verificou, tem uma pendente muito acentuada.

Na área inferior do alçado, e com ele relacionado, existem algumas anotações alfanuméricas. Numa delas, volta-se a multiplicar a dimensão métrica de "3,5" pelos "10" módulos, resultando "35 [metro de] comprimento a Sul". Ainda se anotam "2 T", "3 SJ" e "4" que poderão significar à atribuição de "2" módulos para o "T[erraço]" Nascente, "3" módulos para a "S[ala de] J[antar]" e de "4" módulos para a sala de estar.

Os desenhos 'b' e 'c' representam, esquematicamente, um troço do alçado principal. Em ambos se atribuem cotas altimétricas ao embasamento, aos pisos e ao remate do edifício correspondendo o primeiro a "1,40 [metro, as] salas colec[ivas a 2,60 [metro, os] quartos ind[ividuais a] 2,60 [metro e a altura do remate a] 1,40 [metro]". O remate representa-se recto, assumindo-se uma estratégia diferente da do alçado 'f'. Nestes esquemas, ao invés desse alçado, volta-se a considerar uma estrutura pontual de suporte para os pisos superiores através de uns pequenos montantes em pedra que permitem descolar o edifício do terreno, ressurgindo, assim, a solução preconizada no primeiro ante projecto (ilustração 159). A representação de uma figura humana no esquema 'b', que acresce ao conjunto de medidas anotadas, poderá ter servido para um melhor controlo dimensional da proposta.

O registo 'a' mostra uma outra alternativa de articulação para os módulos dos quartos, sem correspondência aparente com a planta inferior ('g'). Nesta opção, a frente Sul desenvolve-se a partir de duas direcções oblíquas, que se intersectam num ângulo obtuso (ver ilustração 162). A configuração angular da frente dos quartos também se relaciona com o registo 'b', da ilustração 160, onde, os módulos dos quartos apresentavam uma configuração idêntica [101]. A dimensão definida para o módulo mantém-se ("3,5 m") e estuda-se a distribuição espacial do quarto, representada pelo desenho do equipamento móvel, com zona de dormir, mais interiorizada, e zona de estar junto ao vão exterior. Este vão, por sua vez, ocupa um dos planos oblíquos que limita interior e exterior, correspondente ao ponto colateral Sudeste, tornando possível a visão panorâmica frontal sobre os contrafortes da Serra de Estrela. A anotação "luz superior" corresponderá à

[101] Como tivemos oportunidade de referir na altura, o desenho 'b' da ilustração 160 apresenta-se ambíguo, tanto se podendo ler como planta, quanto como alçado: no primeiro caso, teria uma relação mais próxima com o actual registo, no segundo possuiria uma relação indirecta visto, nesse caso, a configuração angular de cada módulo ter correspondência a uma imagem vertical (corte), o que permitiria a sua identificação unitária.

intenção de colocar, no outro plano oblíquo, uma entrada de luz junto ao tecto, dotando os quartos de outra fonte de luz, desta vez de Sudoeste.

O corte 'd' atravessa transversalmente o corpo principal da pousada. O piso inferior, vazado, faz supor tratar-se de um dos extremos da construção, correspondente a uma das duas zonas de terraço. Dois apoios suportam o piso superior: um deles é construído em alvenaria de pedra, com configuração em tronco de cone, no qual se encastra um elemento estrutural mais esbelto que promove a ligação com a laje do piso superior; o tipo de estrutura do outro apoio não é identificável, parecendo a sua espessura decorrer das várias camadas de grafismos, onde se afere, por tentativas sucessivas, a sua localização. Também a cobertura se estuda por tentativa/erro. Aos grafismos iniciais que a definem como um único plano inclinado – com correspondência à perspectiva 'e' da ilustração 178 –, apõem-se outros, que a intersectam ou que a 'quebram', procurando-se uma solução para a ventilação cruzada da caixa-de-ar, entre a cobertura e os quartos. O "balanço variável", anotado no remate Sul da cobertura, estabelece correspondência com o alçado 'f', sendo essa variação a promover o efeito de acentuação perspéctica, já antes abordado pelo autor.

Aparece cotada a dimensão da profundidade do piso superior, que contempla o quarto – com zona de "dormir" e de "banho" – e o respectivo "corredor" de acesso. Se a medida de 3,5 metro para a dimensão do módulo, que define a largura dos quartos de hóspedes, se mantém constante desde o início desta fase do processo, já a dimensão da sua profundidade parece resultar de ponderações anteriores, constantes nas ilustrações 160 e 162 onde se propunha, respectivamente, 9 metro e 8 metro. A dimensão de 10 metro, agora apontada, deverá contemplar a espessura de paredes exteriores e divisórias, estando-se a trabalhar ao nível da construtividade do objecto arquitectónico.

Devido ao nível de indefinição do registo 'e', seria possível a sua leitura enquanto planta, corte ou alçado. Contudo, a sua posição no campo da folha, alinhada horizontalmente com o corte precedente, permite relacioná-lo com aquele discernindo-se correspondências entre ambos: por um lado, o volume saliente que intersecta o plano da cobertura sobre a zona de "banho" no corte 'd' relaciona-se com os rectângulos colocados em equidistância no registo 'e'; por outro lado, os grafismos oblíquos que 'quebram' a cobertura única ao nível do corte, poderão corresponder aos outros, também oblíquos, que definem coberturas autónomas entre módulos, permitindo a identificação dos quartos. Se esta ilação estiver correcta, o desenho 'e' constituir-se-á como um ensaio para o alçado Norte, integrando fenestrações a espaços iguais, que servirão o corredor de acesso aos quartos.

Ilustrações 181 e 182

Pela concordância formal – tipo de escrita, tipo e dimensão do suporte, instrumentos riscadores adoptados – mas, principalmente, de substância – objecto da investigação – constantes nas ilustrações 181 e 182, afigura-se-nos pertinente proceder à sua interpretação conjunta. Através de três esquemas perspécticos – provavelmente os mais adequados a este tipo de investigação – testam-se possibilidades de relação entre os diversos níveis altimétricos do espaço interno da pousada, bem como a sua relação com o terreno, aferindo-se a implantação. Para isso, são ensaiadas três soluções alternativas que, de algum modo, colocam em confronto algumas experiências anteriores.

Dois dos esquemas – "esquema 1" (ilustração 181) e "esquema 2" (ilustração 182) – apresentam uma solução semelhante quanto à localização do desnível nas zonas de uso público do corpo principal, propondo-se uma escada entre as salas de estar e de jantar (ver ilustrações 169, 175, 179 e 180) que, por um lado, acompanha a topografia do terreno mas que, por outro lado, poderá comprometer o aproveitamento da cave sob a zona de jantar. No "esquema 1", o pavimento dos quartos (nível "4") – reforçado com riscador encarnado – é mais alongado para Nascente, relativamente ao "esquema 2", representando-se, ainda, um nível junto ao terreno (nível "0"), que deverá corresponder a um terraço, com ligação directa à sala de estar. No "esquema 2", essa ligação não parece contemplada, simulando-se o terreno natural na área referente ao suposto terraço.

No "esquema 3" (ilustração 181), as zonas de público integradas no corpo principal – "terraço[, sala de] refeições[, sala de] estar [e sala de] leit[ura]" – assentam no mesmo plano de nível (ver ilustrações 165, 177, 178 e 179, desenho 'g'). A Poente, e a cota inferior, representa-se um "terraço jardim" (ilustração 180) de configuração irregular (ilustração 177) Na zona do átrio o acesso vertical, de um só lanço, que liga ao piso dos quartos desloca-se para Poente (ilustrações 165, 166, 167 e 175), invertendo-se a sua posição relativamente aos outros dois esquemas (ilustrações 162, 168, 177, 178 e 179), bem como com a da escada que faz a transição entre os níveis altimétricos da recepção com a zona de estar. O "esquema 3" (ilustração 181) é o único onde os usos aparecem identificados: o corpo principal contempla os já referidos espaços de uso público – salas e terraços – funcionando no piso superior a totalidade dos quartos de hóspedes, divididos por conjuntos de "4 [+] 6 [+] 4 q[uartos]"; o alojamento do "pessoal [da] pous[ada] fem[inino]" ocupa o corpo transversal do piso superior, com proximidade aos quartos de hóspedes e, a Norte, propõem-se o alojamento do "pessoal [dos] hósp[edes e os aposentos do] concessionário"; a recepção funcionará sob o concessionário e, na sua continuidade, o

alojamento do "pess[oal da] pous[ada] masc[ulino]"; por exclusão de partes, e tendo como referência as soluções propostas nas ilustrações anteriores, os serviços de copa e de cozinha localizar-se-ão em adjacência à sala de "refeições", ocupando a profundidade do corpo transversal do edifício.

Ainda que não seja explícita qualquer marcação de um acesso vertical de serviços, tanto o "esquema 3" – com a marcação de um vazio (quadrado) ao nível do piso superior (ilustração 178, desenho 'a') –, quanto o "esquema 1" – onde se representa uma linha helicoidal, de direcção vertical e sentido ascendente, que remete para a dinâmica de uma escada em caracol (ilustrações 175 e 176) – parecem fazer-lhe alusão.

Em todos os esquemas é anotado um sistema de numeração sequencial – de "0" a "4" e de "1" a "4" – para a identificação dos diversos níveis altimétricos. No "esquema 2" (182), uma legenda atribui a esses níveis dimensões precisas: de "± 0" m, para a sala de jantar; de "+ 0,80" metro para a zona de estar; de "+ 2,00" metro para a recepção e de "+ 3,00" metro para os quartos.

Os esquemas que acabámos de estudar reflectem, de algum modo, o processo projectual até agora desenvolvido no que concerne às múltiplas alternativas para a localização das mudanças de nível no interior da pousada em função do terreno existente, numa tentativa que visa a sua redução a duas únicas possibilidades.

Ilustração 183

Esta ilustração contém um conjunto de registos com escalas e naturezas diversas. Se o fragmento do alçado representado no registo 'a' assume, pela sua escala e dimensão, uma maior importância no campo do suporte, outros desenhos gravitam no restante espaço disponível, fundindo-se pontualmente com aquele, nomeadamente a perspectiva 'b', o esquema 'c', o pormenor 'd' e a planta 'e'.

Apesar de, na aparência, todos estes registos estabelecerem alguma relação formal com os registos 'a' e 'e' da ilustração 180, voltando a explorar-se uma figura não ortogonal, agora, a exploração dessa figura é ensaiada, quer ao nível das planimetrias (plantas 'c', 'd' e 'e'), quer ao nível das altimetrias (alçado 'a' e perspectiva 'b'). Assim, e diferentemente da ilustração referida (180), o presente conjunto de registos inter-relaciona-se, procurando encontrar-se um sistema que permita conjugar a estrutura formal e a estrutura portante.

O desenho 'a' representa um fragmento do alçado Sul cuja escala adoptada – muito próxima da 1:100 – permite especular sobre a existência de registos executados com

instrumentos de rigor que lhe possam ter servido como referência. Esse fragmento mostra o piso principal e parte do piso superior, sendo simuladas texturas que remetem para o emprego de diferentes materiais – a pedra nas colunas, a madeira na guarda da varanda e em parte da frente dos quartos –, reportando-nos, por exemplo, ao alçado 'c' da ilustração 172. Só que neste caso, e pela primeira vez, o posicionamento das colunas que suportam o piso dos quartos não se coloca no alinhamento da sua divisão modular mas, antes, no eixo do próprio módulo. Esta nova solução estrutural impõe uma nova solução formal – ou vice-versa –, adaptando-se a figura não ortogonal, acima mencionada, aos elementos de ligação entre a estrutura do piso (que coincide com a divisão modular) e as colunas, através de duas vigas oblíquas que para elas convergem parecendo, pela sua plasticidade – desenho e dimensão – constituir-se em betão armado. E, se tomarmos como referência ensaios anteriores – fragmento 'g' da ilustração 163, alçado 'c' da ilustração 172, corte 'd' da ilustração 180 –, estas (duas) colunas em pedra poderão receber, por encastre, a estrutura superior de betão armado.

Como consequência desta nova solução estrutural, onde os apoios verticais inferiores estão desfasados das divisões modulares superiores, a planta esquemática 'c' parece constituir-se como uma solução para a articulação das vigas de pavimento do piso dos quartos (que coincidem com as divisões dos módulos) e os apoios verticais (colunas), resultando numa configuração hexagonal. Mas, pela conjunção deste esquema com o alçado anterior ('a'), a obliquidade dessas vigas manifestar-se-ia tanto altimétrica, quanto planimetricamente.

A planta inferior ('e') representa um fragmento da frente Sul. O desfasamento entre o primeiro plano – formado pelas colunas – e o plano da fachada, faz-nos supor tratar-se do piso principal das salas, até pela ausência de compartimentação do espaço interno. No plano recuado da fachada umas peças em 'U', alinhadas com as colunas defronte, definem a modulação e insiste-se na adopção da mesma figura angular para a marcação e identificação do módulo – ver planta 'a' (quartos) da ilustração 180 –, verificando-se existir correspondência com o desenho superior ('a') ao nível da métrica dos vãos. A investigação projectual incide, ainda, ao nível do detalhe, estudando-se a possibilidade de abertura dos dois vãos – oblíquos entre si, como já foi mencionado – a partir do eixo onde se intersectam os planos que os contêm. No pormenor 'd', que corresponde à zona de articulação entre esses vãos, tenta-se perceber, pelo desenho, a possibilidade da sua abertura simultânea, testando-se as vantagens e/ou os conflitos desta solução.

Na planta 'e' também é representado um muro com direcção perpendicular ao plano de fachada – cuja trama de preenchimento simula aparelho de pedra – que, tanto pode definir um limite da construção, quanto uma parede divisória.

Inscrita no alçado 'a' surge uma perspectiva ('b') que se cinge apenas ao piso superior dos quartos. Uma vez mais se adopta a mesma figura oblíqua para a identificação do módulo, agora aplicada aos planos das suas coberturas inclinadas. Além disso, os módulos dos quartos voltam a ser sujeitos a pequenas translações retomando-se soluções anteriores (ilustrações 160, 162-164, 174-176) não compatíveis com a proposta veiculada nos restantes registos.

Importa verificar que a utilização de uma qualquer figura – recorrentemente adoptada no decurso de um processo – aplicada a uma determinada situação projectual, possa espoletar o seu ressurgimento noutras fases do percurso, aplicada a outras circunstâncias de projecto, onde se reinventa, se transforma, se metamorfoseia. Contudo, o uso recorrente dessa figura comportará, também, uma ideia de permanência que se pode constituir como um princípio seminal, estando esse princípio na base da evolução dessa mesma ideia.

Ilustração 184

Se na ilustração anterior (183) existia alguma relação formal e de substância entre os seus registos – decorrente da exploração de uma mesma figura – a principal característica da presente ilustração consiste na multiplicidade de hipóteses para a imagem da frente Sul do edifício. Contudo, todas essas variações se submetem a um mesmo sistema modular, que é uma constante desde o início do processo, corroborando o que se disse, ou seja, que a variação ou a evolução de uma ideia arquitectónica parece ter existência se advier da permanência de alguns princípios que se constituem como ordenadores, no seio do próprio processo.

Tendo como base o princípio da repetição modular, testam-se uma quantidade de possibilidades para o alçado Sul da futura pousada (desenhos 'b'-'i'). O modo como essas possibilidades se apresentam na área central do suporte dificulta, quer a identificação dos registos, quer a validação da solução escolhida, constituindo-se o desenho como o meio que poderá propiciar uma escolha e consequente validação futura. Assim, colocam-se em confronto sistemas estruturais diversos: sistemas onde se insiste na coluna de pedra, de secção regular (desenho 'c') ou variável (desenho 'h'), na qual se encastra um elemento

que permite a sua ligação à laje; sistemas onde se assumem outro tipo de apoios pontuais cuja proporção e/ou plasticidade implicará o recurso a outras estruturas, nomeadamente em betão armado ou metálica (desenhos 'b', 'd' e 'i'), e, ainda, um ensaio (desenho 'e') onde se propõem arcos de volta perfeita fazendo-se a alusão a um sistema construtivo tradicional. E, decorrente desta diversidade de sistemas estruturais resulta uma multiplicidade de soluções formais, discernindo-se uma íntima relação entre a forma e a sua construtividade, que Manuel Tainha nomeia como a "construtividade da forma" (Tainha, 2011, p. 79, Apêndice D).

Como já tinha sido ensaiado na ilustração 183, volta a colocar-se em hipótese o desfasamento entre os apoios pontuais e os módulos que tanto se expressa no fragmento 'g' (alçado), quanto na planta 'm', na qual se insiste num sistema de vigas com configuração hexagonal. No entanto, na planta 'l' testa-se uma nova possibilidade para esse sistema de vigas, desta vez assumindo uma configuração em losango.

Esta ilustração também contempla representações em corte – cortes transversais 'a', 'n', 'p' e 'q'.

No corte 'a', executado a escala maior, representam-se uma série de segmentos de recta que relacionam as várias alturas da edificação a partir de um ponto situado no terreno abaixo, para o qual convergem, simulando, eventualmente, a altura de um observador. Este ensaio poderá constituir-se como um modo de aferir o impacto do edifício a partir daquela localização específica, na consciência de que a arquitectura nunca se percepciona em verdadeira grandeza, nomeadamente em alçado. Neste corte, o último piso e/ou a cobertura avança e inclina-se sobre o vale, precipitando-se sobre a paisagem. Testam-se, em sobreposição, várias possibilidades para o remate superior do edifício bem como para o tecto do quarto, voltando-se a equacionar a possibilidade de iluminação das instalações sanitária partir de um volume saliente ao nível da cobertura. Os dois pisos inferiores recuam e uma robusta coluna coloca-se-lhes defronte, na qual se ensaia o sistema estrutural misto já mencionado. A laje do piso intermédio avança em consola sobre o declive.

Na área inferior do suporte estão os restantes três cortes transversais: o corte 'p' representa apenas o piso superior e repete a solução do corte precedente ('a') para a configuração do tecto do quarto e para a possibilidade de iluminação superior da instalação sanitária, através de uma descontinuidade no plano da cobertura; o corte 'q' já contempla os três pisos, sendo o último suportado por um pilar de configuração irregular (betão?), idêntico ao do desenho 'd', apoiado num pequeno montante que faz a sua ligação

ao terreno natural; no corte 'n', o limite do piso superior estabelece continuidade com a direcção oblíqua do apoio que o suporta (metal?) e estuda-se a relação interior/exterior, testando-se a amplitude visual possível a partir de um observador colocado dentro do espaço da sala.

Nos esquemas que se encontram em adjacência (registo 'o'), a investigação incide no mesmo tema: agora em planta, e a partir de várias posições assumidas dentro do espaço interno, aferem-se os níveis de transparência ou obstrução visual produzida pela estrutura pontual, decorrente de enquadramentos ora mais frontais, ora mais escorçados.

Os desenhos 'j e 'k' parecem constituir-se por representações em planta: no primeiro abordam-se os apoios pontuais, que definem o primeiro plano Sul da edificação, assentes sobre um suporte de maior dimensão; o segundo parece incidir no plano recuado da fachada, estudando-se ligações entre diferentes materiais, pontos de tangência, métrica dos vãos.

Ilustração 185

Três registos ocupam esta ilustração, que ocupa o verso da folha cuja frente contém a ilustração anterior. O registo de maior impacto corresponde a uma planta geral. Os outros dois apontamentos são esquemáticos: se o registo 'c' representa a frente principal do edifício simplificada, já o registo 'b' representa um detalhe, que parece traduzir a ligação de um vão a um elemento de remate, não se conseguindo precisar se a secção é executada na vertical (corte) ou na horizontal (planta).

A planta geral ('a') representa o piso principal. Mesmo sem possuir grande detalhe, é possível entender a distribuição funcional do piso pela proximidade desta solução com outras já ensaiadas, nomeadamente, a planta constante na ilustração 177. Apesar das diferenças, ambas possuem uma escala idêntica – próxima da 1:500 – e uma configuração semelhante, que traduz a articulação dos seus espaços. Em ambas, o corpo central do edifício inclui os serviços de cozinha, a entrada com as instalações sanitárias de apoio e os acessos. O átrio/sala de estar desenvolve-se de Norte para Sul e, em adjacência, a sala de jantar ocupa a área restante do corpo principal da pousada. Detecta-se ainda uma outra concordância, que se prende com a introdução de uma outra sala, mais pequena e contida, que deverá destinar-se a "[...] leitura e escrita [...]" (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 29) A presente planta parece reconsiderar este espaço onde uma profusão de grafismos o delimita, em acertos sucessivos.

Lateral a este espaço reconsiderado, mas integrada na zona de estar principal, surge uma figura rectangular que poderá corresponder a uma alternativa para a localização da lareira ou de um espaço de bar (ilustrações 160, desenho 'e', 178, desenho 'f', 179, desenho 'b'). A ser a primeira opção, a lareira já não se constituiria como um elemento de separação entre os espaços de estar e de jantar (ilustrações 169, 177-179) nem os poderia servir a ambos (ilustração 180, desenho 'g').

Recuado relativamente ao plano da fachada, testa-se uma nova localização para um terraço coberto que, ocupando toda a frente da sala de estar, se constituiria como um seu prolongamento para o exterior, dotando, desta forma, este espaço de transição com uma dupla pertença. Os limites interiores deste terraço são ensaiados por tentativa/erro, como forma de aferir a sua profundidade.

Uma estrutura pontual é marcada, uma vez mais, em toda a extensão do corpo Sul, descolando-se fachada. Esta solução permitirá uma maior liberdade na composição da frente das salas, tornando possível, se se quiser, a sua a total abertura à paisagem. Persiste-se na numeração dos módulos, neste caso em duplicação.

Também é reconsiderada a posição dos apoios sanitários junto à entrada. Presumindo-se que a recepção se localiza a Norte – que tem vindo a ser uma constante –, a nova posição desses apoios implicaria um estreitamento da passagem entre aquela e a zona de átrio/sala de estar.

O aparente esquematismo desta planta, que resulta do reduzido nível de detalhe que comporta, não contradiz o rigor da sua representação, revelado, por exemplo, na precisão dimensional dos módulos que regulam o desenho do corpo principal do edifício. O que parece acontecer, nesta fase do processo, é já existirem uma série de decisões assumidas pelo autor, pelo que a investigação incide apenas em espaços cuja solução ainda se encontra em aberto.

Ilustração 186

Diferentemente da variação de soluções para uma mesma questão, presente na ilustração 184, ou em outras antes abordadas, a presente planta corresponderá a uma tentativa de estabilização da proposta arquitectónica para a obtenção de uma síntese. Utilizando-se a grafite como riscador e o papel de esquisso como suporte, esta planta é desenhada à escala 1:200, com instrumentos de rigor, traduzindo de um modo preciso dimensões e quantidades de espaço.

A planta representa o piso principal, traduzindo a sua organização espacial: as instalações sanitárias, junto à entrada, separam a recepção – a Norte – e a zona de átrio/estar (ilustração 185); esta zona, por sua vez, integra os acessos verticais e sugere-se – através do traço interrompido que limita a laje do piso superior – uma área com pé direito duplo que se relaciona com um pátio exterior ajardinado (ver ilustração 175); no extremo da sala de estar, perfazendo a restante área do volume principal da pousada, desenvolvem-se, em adjacência, tanto a sala de jantar, a Nascente, quanto uma outra sala, mais pequena, do lado oposto; a autonomia e o recolhimento desta última sala é propiciada, quer pela existência de uma lareira e de um desnível que a separa da sala principal, quer por se fechar à paisagem (ilustração 177), relacionando-se, apenas, com o pátio coberto, dotado, aparentemente, de "fogão exterior" (ilustrações 175); a partir deste pátio coberto, desenha-se, à mão levantada, um acesso ao terreno natural; mantêm-se e numeram-se os catorze módulos no corpo Sul, que terão correspondência com os catorze quartos a instalar no piso superior, e assinala-se o eixo da estrutura a espaços iguais, com uma dimensão modular de 3,50 metro [102].

Como já se propunha na ilustração 185 – mas agora em toda a extensão da frente Sul – um terraço faz a mediação entre o espaço interior e exterior, constituindo-se como um espaço de transição e, simultaneamente, de sombra.

No piso inferior, parece aproveitar-se o desnível do terreno a Sudeste para a integração de "3 Q[uartos] p[ara] P[essoal] F[eminino da] Pousada [e mais] 3 Q[uartos] p[ara o] Concessionário". Esta solução, embora não se desenhe, é explicitamente anotada – com lápis encarnado –, tal como são anotados, no outro extremo da construção, "4 Q[uartos] p[ara o] pessoal [dos] hóspedes [e] 2 quartos p[ara] P[essoal da] P[ousada]". Este conjunto de quartos propõe-se sobre o estacionamento privado, formando um volume autónomo, a Norte, que, em conjunto com o restante edifício, forma o terreiro de acesso à pousada. Os quartos destinados ao pessoal dos hóspedes (motoristas) já tinha sido ensaiado sobre as garagens na ilustração 175, propondo-se, nessa altura, uma "rampa de acesso" à cota inferior. Agora, para a ligação entre os dois níveis, propõe-se escada mantendo-se, no entanto, um trajecto de ligação à entrada da pousada, através de uma passagem recta, que se fecha com muro para Nascente.

Os serviços ocupam parte do corpo central e Norte da construção, possuindo acesso autónomo. Apesar do desenho não explicitar as funções afectas aos referidos serviços, parte dessa informação é anotada a lápis encarnado, permitindo esclarecer a intenção

[102] Dimensão obtida por medição directa a partir do original.

quanto à localização de "Lavandaria[,] Rouparia & aquecimento & arrec[adação]". A cozinha, apesar de não estar identificada, deverá corresponder ao espaço quadrangular adjacente, quer à sala de jantar, quer aos demais serviços, verificando-se a integração de uma escada "de caracol p[ara] os quartos", que nos remete para o acesso de serviço, de génese idêntica, constante em soluções testadas nas ilustrações 175, 176, 178, 181 "esquema 1").

Com maior concentração no lado direito do suporte, encontram-se uma série de operações algébricas conducentes à definição geométrica da planta. Nos cantos, observam-se marcas que acusam a calibragem do riscador – trata-se de garantir uma espessura homogénea do traço.

Esta ilustração constitui-se como a primeira, de entre os desenhos existentes, executada com instrumentos de rigor. Mas o facto de o ser não significa que o tenha sido no decorrer do processo pois, como tivemos oportunidade de mencionar na introdução deste capítulo, terão sido mais os desenhos de trabalho dos quais se prescindiu após a conclusão da obra do que aqueles que terão sido preservados. E, apesar da presente ilustração possuir esta natureza específica, outra já houve que, não sendo executada com instrumentos de rigor, deles terá resultado (ilustração 169), o que permite verificar que ao longo de um processo projectual surge a necessidade de ir testando a solução a partir de sínteses de informação que os desenhos deste tipo propiciam, implicando escolhas para a formação de um todo com coerência e, principalmente, constituindo-se como momentos intercalares de estabilização da proposta, ainda que essa estabilização se possa constituir como base para o surgimento de novas transformações.

Ilustrações 187 e 188

As duas plantas que se apresentam possuem o mesmo carácter da anterior (ilustração 186): são ambas executadas com instrumentos de rigor e desenhadas a grafite sobre papel de esquisso. Correspondem, respectivamente, aos pisos inferior (ilustração 187) e superior (ilustração 188) do edifício sendo concordantes entre si quanto à solução apresentada, facto verificável pela sobreposição dos desenhos [103].

A ilustração onde está representado o piso inferior (188) é assinada e nomeada pelo autor como "Planta dos serviços".

[103] Tendo tido acesso aos desenhos originais, foi possível a sua sobreposição.

Devido ao declive do terreno, este piso encontra-se parcialmente enterrado com possibilidade de se abrir para os quadrantes Sul e Nascente. Possui entrada por Norte, a partir de uma via e de um recinto exterior de serviço, anotando-se, quer no exterior, quer no interior dos espaços, cotas altimétrica compatíveis, de "89,60" metro, "89,50" metro e "89,90" metro, respectivamente.

Após a entrada no edifício dispõem-se, em sucessão, cinco compartimentos de pequena dimensão, que poderão destinar-se a arrumos ou dispensas. A estes seguem-se-lhes outros espaços de maior dimensão – 60 m², 30 m² e 18 m² [104] – permitindo-nos supor corresponderem à cozinha e apoios complementares, integrando-se aí um acesso vertical de serviço. A partir destes espaços, tem-se ligação a duas zonas distintas: uma, que completa o corpo Sul, implantada a uma cota superior ("89,90 [metro]") – que decorrerá do ajustamento do edifício à topografia do terreno –, onde estão os dormitórios do pessoal da pousada, masculino e feminino, em espaços autónomos e simétricos, dotados de instalações sanitárias próprias e com capacidade individual para albergar quatro residentes; outra, enterrada, que se desenvolve para Norte, onde funcionarão os restantes serviços, nos quais se inclui a casa da "cald[eira]".

Numa outra área, limitada e contida, tanto pelo corredor de acesso aos dormitórios do pessoal e pelos serviços, a Norte, quanto por um muro exterior nos demais quadrantes (Norte e Poente), é anotada a cota altimétrica de "91,5 [metro]", levando-nos a suspeitar destinar-se a um pátio exterior relacionado com o piso intermédio, viabilizando também a iluminação e a ventilação naturais dos espaços em cave que lhe estão adjacentes.

Os eixos da estrutura encontram-se assinalados na planta, com linhas cruzadas, assim como os eixos das fenestrações em toda a extensão do alçado Sul, verificando-se que estes se propõem centrados relativamente àqueles.

A ilustração 188 representa o último piso, onde se concentram os quartos de hóspedes e uma área de serviço. Como já foi referido, a sua correspondência com a planta da cave (ilustração 187) é evidente, verificando-se uma total concordância entre ambas quanto aos limites da construção e quanto à ocupação prevista para piso intermédio.

Os dez quartos, a construir na primeira fase, ocupam a extensão do corpo Sul, prevendo-se os restantes, correspondentes à "2ª fase" da construção, na sua continuidade e a Poente. Todos se sujeitam ao módulo de 3,5 metro [105], que determina a estrutura pontual

[104] Áreas obtidas por medição directa a partir do original.

[105] Dimensão obtida por medição directa a partir do original.

assinalada na cave (ilustração 187), encontrando-se neste piso absorvida pelas paredes divisórias. Se na cave os eixos das fenestrações eram centrados com os eixos da estrutura, neste piso propõe-se um desfasamento entre ambos, representando-se os vãos e anotando-se sua dimensão unitária ("1,50" metro). Um dos quartos ("4") é estudado com maior pormenor, introduzindo-se as instalações sanitárias e parte do equipamento móvel.

É a partir do piso intermédio que se terá acesso aos quartos através de uma zona com maior pé-direito que, nesta planta, se assinalada com dois traços oblíquos cruzados. Esta ideia já se coloca no início desta fase do processo, desde a ilustração 165, constituindo-se, por isso, como um princípio projectual. Assim, a área de distribuição para os quartos terá uma relação directa com a zona de estar, formando um único espaço de maior amplitude volumétrica que, por sua vez, contactará a Poente com o pátio exterior contido pelos muros antes referido, solução também explorada na ilustração 186. A partir dessa área de distribuição, o acesso aos quartos desenvolve-se em duas direcções opostas, permitindo percursos menos extensos.

A área de serviço do piso superior desenvolve-se em extensão, sobrepondo-se a uma área congénere em cave, contendo todos os apoios necessários ao serviço de quartos e o acesso vertical (de serviço) que ligará os três pisos da pousada. Por detrás deste acesso representam-se três montantes – com correspondência no piso da cave (ilustração 187) – que permitirão o transporte de roupas e de víveres entre os diversos pisos.

Apesar de a planta do piso intermédio não existir reportada a esta solução, são identificáveis os espaços funcionais que acolherá: manter-se-á a entrada, a recepção, os apoios sanitários gerais, as salas de estar e de jantar e, tomando como referência as plantas agora abordadas (ilustrações 186 e 187), é possível deduzir-se a transferência, para este piso, dos aposentos do concessionário e do pessoal dos hóspedes.

A Norte da construção principal, em volume autónomo, mantém-se o corpo destinado às garagens individuais que protege o recinto exterior de chegada à pousada. Por outro lado, prescinde-se da expansão do corpo central para Nascente. Ensaia-se, pela primeira vez, uma alteração relevante que se prende com o desfasamento altimétrico entre os serviços de cozinha e a sala de jantar, optando-se pela sua colocação em sobreposição.

4. 4. 2 VERSÃO ENTREGUE: SEGUNDO ANTE PROJECTO

Ilustrações 189 e 190

Os desenhos de trabalho antes interpretados dão origem a uma versão estabilizada que, não tendo sido solicitada [106], dará entrada oficial na DGEMN a 18 de Maio de 1955 [107]. Esta entrega não integra documentação escrita, nomeadamente memória descritiva, sendo apenas composta por desenhos: duas folhas, assinadas e datadas por Manuel Tainha, que correspondem, respectivamente, às plantas dos pisos (ilustração 189), ao alçado principal e a um corte transversal (ilustração 190), representados à escala 1:200.

As plantas são nomeadas por "serviços", "recepção" e "quartos" (ilustração 189). A solução proposta ao nível dos "serviços" e dos "quartos" decorre das plantas antes observadas (ilustrações 187 e 188), devendo estas constituir-se como base para a execução daquelas. Como já se tinha deduzido, a planta da "recepção" apresenta diferenças importantes em relação à solução proposta na ilustração 186, confirmando-se a exclusão dos serviços de cozinha e a integração dos aposentos do concessionário e do pessoal dos hóspedes.

O facto de estarmos na presença de desenhos que correspondem a uma entrega formal obriga a que a proposta arquitectónica que veiculam possua um valor semântico particular. Por isso, ainda que não possuam cotas, o facto de serem representados a uma escala convencionada (1:200), possibilita a medição dos vários compartimentos e respectivas áreas, esclarecendo-se a organização funcional dos espaços pelas anotações escritas que se acrescentam.

No piso inferior, confirma-se a localização dos serviços de cozinha, que ocupam uma área considerável, e que integram zonas de confecção ("cozinha"), de "preparação" e "copa". Lateral a estes serviços encontra-se um espaço destinado ao "refeit[ório]" do pessoal e, integrado na "copa", o acesso vertical de serviço que – juntamente com três montantes (elevadores) – permite a ligação entre todos os pisos da pousada.

[106] Recordemo-nos que, nesta data, ainda não tinha sido emitido o parecer oficial relativo ao primeiro ante projecto, entregue por Manuel Tainha em Dezembro de 1954.

[107] As duas folhas de desenhos que correspondem a esta versão estabilizada (ilustrações 189 e 190) foram consultadas no arquivo Manuel Mendes Tainha que, actualmente, se encontra disponível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Contudo, constatou-se que o arquivo da DGEMN possui desenhos idênticos (Tainha, 1955.05.18, DES. 0418076 e DES. 0418077), verificando-se, assim, a efectivação da entrega desta versão do projecto àquela entidade.

É por este piso que se farão os "abastecim[entos]", através de acesso próprio, localizando-se aí as várias "dispensas", que por sua vez estabelecem uma ligação fácil com a cozinha. Parecem ainda existir outros acessos a este piso: um, junto à escada de serviço e, no seu alinhamento, um outro, que possibilitará o abastecimento de combustível a partir do exterior. O "depósito [de] combust[ível e a] caldeira[, a] lavandaria[, a] engom[adaria] e [uma zona destinada a] repar[acções]" ocupam a zona mais interiorizada do piso em cave, embora se garanta a sua iluminação e ventilação a partir de Poente. Os "dormit[órios]" destinados ao pessoal da pousada, em conjunto com os serviços de cozinha, completam o corpo Sul, expondo-se à paisagem.

É por cima deste corpo que, no piso intermédio – "recepção" –, se encontram a maioria dos espaços comuns, tanto interiores, quanto exteriores – "terraço[s] coberto[s, zona de] lareira[,] s[ala de] leitura[,] s[ala de] jantar[, e] copa [de apoio]". À excepção da "copa" todos os outros espaços se viram para Sul e para Nascente, através de terraços ou espaços de transição que contornam o edifício (ver ilustrações 184 e 187), e que atenuam a relação entre o exterior e o espaço interno.

A Nascente situa-se o "terraço coberto" de apoio à sala de jantar. Uma escada exterior permite a ligação entre a sua plataforma elevada e o recinto de serviço, por onde se fazem os "abastecim[entos]".

Do lado oposto, um outro terraço 'serve' a "s[ala de] leitura". Fechando-se a Sul e a Norte, é para este terraço que a sala se abre, reabilitando-se a solução arquitectónica da ilustração 177. A "s[ala de] leitura" constitui, assim, um espaço mais resguardado em relação ao exterior, permitindo, apesar disso, visões escorçadas sobre a paisagem – o estudo ilustrado no esquema 'o' da ilustração 184 pode ser aplicado a este caso particular.

Outro princípio é adoptado na restante frente Sul, onde se encontra a "lareira [e a] s[ala de] jantar": um vão contínuo, que se autonomiza da estrutura pontual de suporte, possibilita uma relação directa e franca com a paisagem. Apesar de se verificar muita investigação – nos desenhos de trabalho que antecedem a entrega do segundo ante projecto – para a ligação física entre as salas e o terreno natural, a presente solução não contempla essa possibilidade.

O restante programa desenvolve-se a partir do "*hall*", sendo esta a zona onde se interceptam os corpos Sul e central da pousada. Integra os acessos verticais que ligam as várias cotas do edifício e assume-se como uma zona diferenciada, quer pela maior amplitude espacial conferida pela sua cobertura ascendente (ver ilustração 190, "corte A-B"), quer pela relação que estabelece com o "páteo" exterior, a Poente.

No corpo central encontram-se a zona de entrada, os aposentos do concessionário – com acesso autónomo – e os quartos do pessoal dos hóspedes (motoristas). A entrada é formada pelo "vestíb[ulo, zona de] incriç[ão e] i[nstalação] [s]anitária" dividida por sexos. É a partir do vestíbulo que se faz a distribuição para as diversas áreas da pousada: para Sul, desenvolvem-se os espaços comuns já mencionados; para Nascente acede-se aos aposentos do "concession[ário]" – com "s[ala] comum[, dois] quarto[s]" e instalação sanitária independente –, e aos quatro quartos destinados a motoristas (ver ilustração 168) que, possuindo arrumos e lavatórios próprios, partilham os restantes apoios sanitários. Sobre estes apoios e o corredor que os separa dos quartos que servem, são desenhadas, a traço interrompido, duas linhas oblíquas cruzadas que corresponderão a uma iluminação superior, como se confirma pelos volumes representados em vista no "corte A-B" da ilustração 190.

Todos os quartos – tanto do concessionário, quanto dos motoristas – se encontram em continuidade, sendo a parede Nascente que comporta todos os seus vãos. Contudo, a visão sobre o exterior a partir destes quartos é dirigida para Sul/Nascente, na direcção dos contrafortes da Serra de Estrela, consequência da obliquidade de um dos seus enxalços laterais

Entre os aposentos do concessionário e a "copa" de apoio à sala de jantar, propõe-se um acesso alternativo que proporciona ao concessionário um maior controlo sobre os diversos espaços da pousada. A própria localização dos seus aposentos, junto à entrada, e com domínio visual sobre o recinto exterior de chegada, é a evidência dessa estratégia.

À semelhança da proposta constante na ilustração 186, a zona de chegada principal faz-se a partir de uma área de recepção exterior, protegida de Norte pelas "garag[ens] priv[adas]". O "estacionamento" em regime livre prevê-se a Sul em adjacência a um "terreiro", sobre o qual, estão previstos os quatro quartos suplementares correspondentes à "2ª fase" da construção.

A entrada na pousada mantém-se a Poente. O passadiço que dá acesso ao "vestíb[ulo]" desde o exterior inicia-se sob um "alpendre", atravessando uma área de cota mais baixa que, em conjunto com o "páteo" adjacente, possibilitam a iluminação e a ventilação natural dos compartimentos de serviço que se encontram em cave.

O piso superior ocupa apenas o corpo principal do edifício (Sul). Nele distribuem-se, em continuidade e adjacência, os dez quartos da primeira fase, com casa de banho própria. Têm acesso desde um espaço de distribuição mais dilatado que se debruça sobre o "hall". As entradas para os quartos são reentrantes em relação ao plano da parede onde se

inscrevem, proporcionando percursos cadenciados. Estes, formados por dois corredores autónomos e de larguras desiguais, procurarão definir-se como percursos menos monótonos, condição já mencionada na memória descritiva e justificativa do primeiro ante projecto (Tainha, 1954.12.15, p 6), que agora se retoma e enfatiza.

Adjacentes ao corredor mais estreito e na prumada das demais, localizam-se as "copas", separadas por usos, com uma instalação sanitária de apoio e o acesso vertical de serviço.

No "corte [transversal] A-B" [108] (ilustração 190), retoma-se a proposta volumétrica já testada nas ilustrações 171, 175, 178 (perspectiva 'e') e em vários ensaios para o remate Sul do edifício expressos na ilustração 184. As coberturas do edifício propõem-se inclinadas, convergentes para uma caleira – a cota inferior – situada no encontro da zona de entrada e das áreas comuns. Se, nas plantas (ilustração 189), já se conseguia intuir as variações volumétricas entre os diversos espaços da pousada, este corte permite essa verificação. A qualidade e a diversidade dos espaços internos resultam, não só, das proveniências lumínicas adoptadas – fontes de luz –, como do ajustamento da construção à topografia e do modo como as coberturas são manipuladas, tirando-se partido quer do aproveitamento espacial resultante das suas inclinações, quer das diversas altimetrias propostas nas zonas com tectos horizontais.

Implantadas nas cotas superiores do terreno, encontram-se a residência do concessionário e a zona de entrada. A primeira possui acesso directo desde um pátio – de planta quadrada e carácter semiprivado (ver planta da "recepção", ilustração 189) – confinado por muros. A zona da entrada, com acesso por Poente, possui uma cobertura inclinada descendente, no sentido do percurso para as zonas comuns. Aqui, propõe-se uma contracção de espaço, pelo rebaixamento do tecto suspenso, agora de nível, contracção que também ocorre ao nível da planta (ver ilustração 189). A partir da chegada às zonas comuns, o espaço volta a dilatar-se dominando-se quer o piso inferior de estar, em toda a sua extensão, quer a zona de distribuição para os quartos de hóspedes, no piso superior, quer ainda o "páteo" exterior a Poente, que se oferece ao espaço interno.

As outras zonas de estar, representadas neste corte, possuem tectos horizontais: a zona de fogo ("lareira") identifica-se pela altura do seu tecto, ligeiramente rebaixado, e, a restante área de estar, a Sul, estabelece uma relação directa com o exterior através do espaço de transição do terraço.

[108] A marcação do corte na planta da "recepção" (ilustração 189) apresenta-se orientada no sentido inverso àquele em que é representada no "corte A-B".

Quando interpretámos o primeiro ante projecto, verificámos que era dada especial atenção à disposição funcional dos quartos, pela caracterização dos seus diversos espaços em profundidade (plantas 158, 159, corte c-d). Neste ante projecto, revela-se o mesmo cuidado, mantendo-se a zona de entrada contida por um tecto mais baixo e desenvolvendo-se o espaço principal do quarto com uma cobertura côncava que continua e remata a cobertura ascendente que nasce no "*hall*".

Apesar de todas estas variações altimétricas, que temos vindo a observar poderem não estar, ainda, totalmente articuladas e, portanto, estabilizadas, constata-se uma clara intenção quanto ao desejo da sua existência, parecendo procurar-se nessas variações um enriquecimento ambiental dos espaços da futura pousada. O enriquecimento ambiental também é promovido pela variação de proveniências de luz, tendo-se o cuidado de dotar todos os espaços de iluminação natural, mesmo os mais interiorizados: o corredor de acesso aos quartos dos motoristas e as respectivas instalações sanitárias são iluminados superiormente a partir de três volumes representados em vista no "corte A-B", bem como as instalações sanitárias dos quartos de hóspedes, reabilitando-se, nestas, ideias já ensaiadas nas ilustrações 163, 180, 184.

Verifica-se que a entrega deste ante projecto não contempla planta de implantação, sendo de supor que a posição do edifício não se altere relativamente ao primeiro, elegendo-se "[...] o Sul como orientação geral mais favorável [...] [e implantando o edifício na zona de] inflexão do terreno [...] onde começa o declive mais pronunciado [...]" (Tainha, 1954.12.15, p 6). Também se verificou que o ajustamento do edifício à topografia foi motivo de persistente investigação no decurso do processo que dá origem à presente solução, factor que poderá ter concorrido para o aproveitamento do piso inferior, conseguindo-se agora um melhor ajustamento entre o edifício e o terreno. Assim, o "alçado sul" já não se representa sobre um terreno de nível (ver ilustração 180), mas sobre um terreno inclinado.

Todo o piso inferior emerge do terreno, formando o embasamento do edifício. É totalmente construído em alvenaria de pedra, na qual parece encontrar-se uma função estrutural e uma qualidade plástica. O piso intermédio é caracterizado por elementos estruturais mais esbeltos (betão armado?) colocados a espaços iguais, atrás dos quais surge uma superfície envidraçada contínua – interrompida por um plano texturado que encerra a sala de leitura. Nos extremos deste piso encontram-se os vazios destinados aos terraços e, em dois planos recuados e sucessivos, a Poente, encontra-se um muro de pedra – que faz a separação do "terreiro" com o recinto de chegada – e as "garagens priv[adas]". O último piso é ocupado pelos quartos, representando-se apenas os que correspondem à primeira

fase da construção. Os restantes quatro acrescentar-se-ão, para Poente, na área delimitada a traço interrompido.

O coroamento do edifício possui uma altura significativa, com cerca de 2 metro. A sua superfície é revestida com réguas de madeira colocadas verticalmente, ilação que se retira do ensaio que parece constituir-se como a génese deste alçado, constante na ilustração 174 que, por sua vez, decorrerá de experiência anterior – ilustração 172 –, na qual se anota o termo "madeira" para remate do edifício.

O "alçado sul" e o alçado ensaiado na ilustração 174 possuem uma imagem semelhante: em ambos está presente uma composição assente na repetição modular, com uma relação idêntica entre cheios e vazios; os materiais empregues – pedra, betão (?), alvenaria, vidro e madeira – são os mesmos, estabelecendo contraste, quer ao nível das texturas, quer ao nível dos seus valores próprios; a marcação de elementos vegetais, com as suas variações posicionais e dimensionais, permite a simulação do espaço em profundidade que, no caso do presente alçado, é acentuado pela sugestão da envolvente, num plano recuado. Apesar da posição dos pinheiros representados não corresponder à posição dos pinheiros existentes, a sua representação parece revelar o desejo de conjunção entre estes elementos e o objecto arquitectónico: uma ideia ainda à procura da sua realização.

Como se verificou aquando da leitura das plantas que terão servido de base para a execução das plantas constantes nesta entrega (ilustrações 187 e 188), também agora as aberturas do piso inferior se posicionam centradas com os elementos estruturais, estando as aberturas dos quartos descentradas em relação a esses mesmos elementos.

Ao nível da cave, à excepção da variação rítmica criada pelas aberturas horizontais, que ocupam a totalidade do módulo – correspondentes às instalações sanitárias do pessoal da pousada –, todos as outras marcam um ritmo constante no alçado, possuindo larguras iguais. Todas as aberturas se alinham inferiormente: mas enquanto as que servem os quartos do pessoal atingem a altura da laje, as outras, que servem a cozinha, são mais baixas. No entanto, propõe-se um vão horizontal em toda a extensão da cozinha, que poderá permitir a sua ventilação superior, possibilitando também, pela alternativa que oferece, um melhor funcionamento desse espaço.

Para os quartos de hóspedes, apesar de não se considerarem varandas, propõem-se vãos de sacada. Um vão horizontal percorre toda a extensão do alçado, dotando os quartos de iluminação superior e descolando os paramentos de alvenaria do plano de madeira que remata o edifício.

Pela leitura comparada entre o segundo ante projecto e o primeiro pode-se verificar o seguinte:

- A dimensão do módulo reduz-se de 3,75 metro para 3,50 metro. Apesar de esta redução só se estabilizar a partir da ilustração 169, a redução da dimensão modular aplicada ao quarto de hóspedes é ensaiada logo no início, na ilustração 160.

  No primeiro ante projecto propunha-se a sobreposição dos quartos, em dois pisos (7+7). Essa solução parece reequacionar-se na ilustração 165 e 166 testando-se, pela primeira vez, a concentração de todos os quartos no último piso e em continuidade. Essa proposta, que não mais se abandona, pode ter conduzido à estabilização do módulo em 3,5 metro, como forma de minimizar o aumento da extensão do corpo Sul do edifício, resultando assim, uma diferença global de 1,5 metro (módulo de 3,5 metro) em vez de 3,5 metro (módulo de 3,75 metro) relativamente à proposta do primeiro ante projecto [109].

- Mantém-se a separação entre os acessos exteriores para hóspedes e de serviço, agora com evidente autonomia do segundo, como se verifica pela representação dos percursos respectivos, expressas nas plantas dos "serviços" e da "recepção" (ilustração 189).

- Como testemunha o desenho do alçado Sul (ilustração 190), atinge-se um melhor ajustamento entre o edifício e a topografia, tendo-se verificado que este tema é objecto de extensa investigação ao longo do processo. Recordemo-nos que o primeiro ante projecto apresentava este alçado assente sobre um terreno de nível (ilustração 159).

- Menor dispersão da edificação, quer pelo aproveitamento de parte da cave como espaço habitável, quer pela concentração da restante construção num único corpo (central), que atravessa o declive do terreno até às suas cotas mais altas.

- Colocação dos espaços de estar e de jantar em adjacência, conferindo-lhes, no entanto, diferentes relações com o exterior. Assim, mantém-se um dos princípios mencionados no primeiro ante projecto, continuando-se, pela abertura da sala de jantar a Nascente, a garantir, entre os dois espaços, "[...] variaç[ões] de ângulo de visão panorâmica [...]" (Tainha, 1954.12.15, p 5).

[109] Dimensões retiradas por medição directa a partir dos originais (ilustrações 158 e 189).

- Colocação dos serviços de cozinha em cave, sob a sala de jantar, implicando uma relação menos franca entre os dois espaços. Deste modo, esta solução constitui-se como uma alteração funcional relevante, tanto em relação ao primeiro ante projecto, quanto às soluções ensaiadas durante o processo, onde a cozinha e a zona de jantar se colocavam no mesmo piso e em adjacência.
- Supressão do espaço destinado a bar. Embora este espaço não fosse solicitado no programa para esta pousada (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 29-27), era considerado no primeiro ante projecto entre a sala de jantar e a copa e é reconsiderado, com frequência, ao longo dos desenhos de trabalhos que dão origem a esta solução, ensaiando-se para ele diversas localizações, sempre relacionadas com a zona de átrio/estar (ilustrações 169, 177-179).
- Apesar dos quartos de hóspedes se concentrarem no último piso, a zona de distribuição que lhes dá acesso é-lhes central, mantendo-se a sua divisão "[...] em dois grupos, a fim de evitar longos e monótonos percursos, e sobrecarga nos encargos gerais", como o autor mencionava na memória descritiva e justificativa do primeiro ante projecto (Tainha, 1954.12.15, p 6).
- São suprimidas as varandas nos quartos dos hóspedes.
- Continua a não existir ligação do piso principal da pousada com o terreno natural, apesar de terem sido pensadas várias possibilidades para essa ligação, como se observa nas ilustrações 165, 169, 173-175, 177-180 e 187.
- Maior independência entre as duas fases solicitadas no programa fornecido, promovendo uma fácil execução da obra em dois tempos. Cumpre-se o que Manuel Tainha mencionava na ilustração 175, onde referia a importância de "[...] a construção de ampliação prosseguir s[em] entrar p[ara] o existente".
- As peças desenhadas do segundo ante projecto introduzem alguns elementos naturais a salvaguardar – pinheiros existentes –, apesar de não estar ainda aferida a sua correcta localização.

A proposta do segundo ante projecto constitui-se como uma síntese do processo que lhe dá origem, onde se negligenciam algumas questões e se privilegiam outras, equilibrando-se a solução entre aquilo que se perde e aquilo com que se fica.

4. 4. 3 PARECERES: SEGUNDO ANTE PROJECTO

Como já tivemos oportunidade de referir em 3.4.1, o desenvolvimento do processo projectual por parte de Manuel Tainha ocorre em simultâneo com a actividade processual no seio das entidades oficiais, estando ainda, à data da entrega do segundo ante projecto, o processo do primeiro no gabinete do "Presidente do Conselho para apreciação e despacho" (Portugal. [SNI], 1955.04.30, p. 59). Apesar disso, em 27 de Junho de 1955, é emitida uma informação no seio da DGEMN, dirigida ao "[...] Engenheiro Chefe da Repartição Técnica" daquela entidade (Portugal. [DGEMN], 1955.06.27, p. 54) [110], dando resposta "[...] às [suas] determinações verbais [...]" (Portugal. [DGEMN], 1955.06.27, p. 54), onde se criticam algumas questões relativas a segundo ante projecto para a pousada de Oliveira do Hospital.

- Põe-se em causa a posição das instalações sanitárias, junto à entrada, alegando que se colocam "[...] numa excessiva evidência [...]" (Portugal. [DGEMN], 1955.06.27, p. 54) causando, também, o estrangulamento da passagem entre o vestíbulo e o *hall*. Como modo de ultrapassar este problema, propõe-se a troca de posição entre a zona de inscrição de hóspedes e os citados sanitários
- Entendem-se excessivas as áreas, em cave, destinadas a serviços. Na verdade, verifica-se que as áreas destinadas a cozinha e copas, estas últimas repartidas entre a cave e o piso intermédio, são substancialmente maiores do que a área reservada à sala de jantar.
- Critica-se a ausência de terraços privados nos quartos de hóspedes, entendendo-se que estes "[...] seriam grandemente valorizados se [os] possuíssem [...]" (Portugal. [DGEMN], 1955.06.27, p. 54).
- Considera-se inconveniente a existência de um grande número de pilares nos espaços em cave destinados a serviços. Sem se desaconselhar "o sistema de estrutura projectado [...]" (Portugal. [DGEMN], 1955.06.27, p. 54), recomenda-se a sua revisão, com vista à supressão desses pilares.
- Propõe-se uma outra orientação para as garagens privadas, de modo a "[...] que as suas portas não sejam visíveis da entrada da pousada e do respectivo pátio" (Portugal. [DGEMN], 1955.06.27, p. 54). Esta recomendação já constava no

[110] *Vide* Anexo L – Informação n.º 153. [Apreciação ao segundo ante projecto para uma pousada a construir em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. 1955.06.27. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT DGEMN/DSC-0398/198.

parecer ao primeiro ante projecto, elaborado pelos Serviços de Construção da DGEMN (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41).

4. 5 TERCEIRO ANTE PROJECTO: 23 DE JANEIRO, 1956 [111]

O Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, recebe em 5 de Abril de 1955, os processos relativos aos ante projectos de cinco pousadas [112] – que incluem a de Oliveira do Hospital –, acompanhados dos respectivos pareceres e do ofício do Secretário Nacional do SNI (Portugal. [PCOS/MC], 1955.04.05, p. 7-9) [113]. Como referimos no final de 4.3.3, esse ofício criticava duramente as propostas apresentadas, considerando a necessidade de se proceder a uma profunda revisão dos projectos. Decorridos mais de quatro meses, Oliveira Salazar pronuncia-se, afirmando concordar com ofício do Secretário Nacional do SNI. No seu despacho, datado de 16 de Agosto de 1955 (Portugal. [PCOS/MC], 1955.08.16, p. 2) [114] (Salazar, 1955.08.16, p. 4-6) [115], vai mais longe quando esclarece "[...] que o papel que [...] [se atribui] às Pousadas se integra na orientação geral da propaganda do País em muitos dos seus aspectos pelo que, no que a eles se refere, não pode o parecer dos serviços do S.N.I. limitar-se ao aspecto funcional dos projectos. E ou é possível levar estes àquela afinação que [...] [se deseja], ou é preferível prescindir-se da construção de mais pousadas" (Portugal. [PCOS/MC], 1955.08.16, p. 2), dando instruções para que se envie ao MOP o ofício do Secretário Nacional do SNI, acompanhado dos pareceres "[...] do Chefe da Brigada das Pousadas e [...] do arquitecto Castro Freire, pela matéria útil que uma e outra informação conteem" (Portugal. [PCOS/MC], 1955.08.16, p. 2).

---

[111] Ainda que tenha existido, por iniciativa de Manuel Tainha, uma entrega intercalar a 18 de Maio de 1955 – que neste trabalho é nomeada como segundo ante projecto – a presente entrega constituir-se-á, para as entidades oficiais (DGEMN e SNI), como o segundo ante projecto.

[112] Recordemo-nos de que, além da pousada para Oliveira do Hospital, os outros processos mencionados correspondiam à pousada de Vilar Formoso, de Teotónio Pereira, pousada de Valença do Minho, de João Andresen, pousada da Portela da Gardunha, de Francisco Blasco e pousada da Nazaré, de Ruy Athouguia (Anexo X – IHRU, PT DGEMN/DSARH-011/181-0247/01, TXT.02126474).

[113] *Vide* anexo K – [Ofício] nº 47 [emitido pelo SNI, que acompanha a entrega ao] Presidente do Conselho [dos ante projectos de cinco pousadas da segunda fase]. 1955.04.05. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72.

[114] *Vide* Anexo M – [Despacho do Presidente do Conselho ao ofício nº 47]. 1955.08.16. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72.

[115] *Vide* Anexo N – [Despacho do Presidente do Conselho ao ofício nº 47]. [Manuscrito]. 1955.08.16. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72.

Na sequência destes acontecimentos, em 24 de Setembro, a DGEMN dirige uma convocatória a Manuel Tainha para comparecer, a 28 desse mês, no gabinete do Ministro das Obras Públicas, "[...] a fim de tomar parte numa reunião para apreciação do projecto da Pousada Oliveira do Hospital [...], de que é autor" (Portugal. [DGEMN], 1955.09.24, p. 65).

Alguns dias após a citada reunião, em 3 de Outubro, o mesmo organismo envia outra missiva a Manuel Tainha, onde solicita que o "[...] ante-projecto da Pousada de Oliveira do Hospital [...] seja remetido [...] [para aquela] Direcção Geral até ao [...] [final do mês seguinte], depois de devidamente remodelado de harmonia com a orientação estabelecida por Sua Exª. [o Ministro das Obras Públicas]" [116] (Portugal. [DGEMN], 1955.10.03, p. 67).

Não se consumando a entrega do ante projecto no prazo estabelecido, no início de Janeiro de 1956, Manuel Tainha volta a ser interpelado, para que entregue ao arquitecto Leonardo Castro Freire a remodelação solicitada, de modo a que o respectivo processo dê entrada na DGEMN, "[...] com a maior urgência possível [...]" (Portugal. [DGEMN], 1956.01.03, p. 69), devidamente acompanhado do parecer daquele técnico [117].

Assim, a 23 de Janeiro de 1956, Manuel Tainha entrega oficialmente o seu terceiro ante projecto para a pousada de Oliveira do Hospital (Tainha, 1956.01.23, p. 73).

4. 5. 1 INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DE TRABALHO: TERCEIRO ANTE PROJECTO

Todo o trabalho desenvolvido durante o processo que resulta no segundo ante projecto entregue por iniciativa do autor – de 18 de Maio de 1955 –, contribuirá para a reformulação agora solicitada ao primeiro, dando origem, em conjunto com os desenhos de trabalho que a seguir se apresentam; à terceira versão do ante projecto para a pousada de Oliveira do Hospital.

[116] Nesta mesma altura, é solicitada a reformulação dos ante projectos "[...] das pousadas de Vilar Formoso, [...] Valença, Gardunha e Nazaré [...]" (Portugal. [DGEMN], 1955.09.30, p. 66) dos arquitectos Teotónio Pereira, João Andresen, Francisco Blasco e Ruy Athouguia, respectivamente.

[117] A partir de Dezembro de 1955, a DGEMN estabelece um contrato de prestação de serviços com o arquitecto Leonardo de Castro Freire, ficando este com a incumbência de [...] prestar a sua colaboração junto dos técnicos autores dos projectos dos edifícios destinados às pousadas de Valença, Bragança, Nazaré, Vilar Formoso, Oliveira do Hospital e Gardunha [...]" (Portugal. [DGEMN], 1955.12.06, p.2). Esse contrato será renovado cerca de um ano depois, em Janeiro de 1957 (Portugal. [DGEMN], 1957.01.05, p.16-15).

Ilustração 191

A presente planta, desenhada à escala 1:200 e à mão levantada, representa o piso principal do edifício. O suporte transparente utilizado – papel vegetal – permitiu desenhar por sobreposição a partir da planta da "recepção" (ilustração 189) ou de uma outra subsequente que se terá constituído como o seu ponto de partida, sendo este facto comprovado pela correspondência (quase) integral das áreas de "*hall*, lareira, jantar, copa [e] terraço coberto". Circunscrevendo a leitura da planta a essas áreas, é possível verificar algumas variações: o terraço coberto, a Nascente, é ligeiramente ampliado implicando o acréscimo de dois pilares para suporte do piso superior; nesse mesmo espaço, a escada de acesso ao piso inferior – que antes ligava ao recinto de serviço – transfere-se para uma posição perpendicular, encostando-se à parede que limita a sala de jantar; da nova posição deste acesso resulta o encerramento total do pano parietal ao qual se encosta, prescindindo-se da abertura da sala de jantar para Nascente que, além de inviabilizar a relação panorâmica com esse quadrante, dificulta a própria relação espacial e, portanto, de uso, entre a sala de jantar e o terraço; os pilares que, no segundo ante projecto, se encontravam inseridos no espaço da copa (ilustração 189), são agora absorvidos pela parede que a divide da sala de jantar, sendo esta alteração coincidente com uma das observações apontadas ao segundo ante projecto (Portugal. [DGEMN], 1955.06.27, p. 54) [118]; ainda na copa, parece alterar-se o tipo de acesso vertical de serviço, transformando a anterior escada de dois lanços, numa escada em caracol reabilitando-se soluções já experimentadas (ilustrações 175, 176 e 186); em toda a extensão da parede Nascente do *hall* marcam-se pequenas fenestrações, dando a este espaço a possibilidade de usufruir da iluminação deste quadrante, cumulativamente à iluminação já prevista a partir de Poente.

As restantes áreas, a Poente e a Norte, respectivamente, são objecto de uma maior transformação. Talvez por isso sejam desenhadas em várias camadas que se identificam, quer pela cor do instrumento riscador utilizado, quer pelo seu impacto visual. É de supor que o primeiro ensaio tenha sido executado a grafite por corresponder ao riscador utilizado nas áreas já interpretadas, parecendo-nos natural que na elaboração de um desenho haja este tipo de continuidade. Deste modo, propomo-nos prosseguir a interpretação da planta de acordo com esta hipótese, iniciando a sua leitura pela 'camada' desenhada a grafite.

[118] Desconhecemos se Manuel Tainha teve acesso à informação interna da DGEMN, na qual se desaconselhava a existência de um grande número de pilares nos espaços em cave destinados a serviços (Portugal. [DGEMN], 1955.06.27, p. 54). Ainda que essa informação lhe tenha sido transmitida, é natural que a alteração agora proposta corresponda, também, a uma exigência pessoal do autor.

Assim, por trás da lareira e integrada na zona de estar, parece continuar a existir uma área que deverá corresponder à anterior "s[ala de] leitura" (ilustração 189) que, já não possuindo terraço próprio para Poente, se abre à paisagem a Sul. A partir desta sala, reconsidera-se um acesso por escada ao exterior, onde se encontrava o "terreiro" (ilustração 189), cuja área, nesta solução, se circunscreve apenas ao espaço que está sob os quartos a construir na segunda fase. Uma trama formada por grafismos paralelos parece fazer alusão ao ensombramento por eles produzido, definindo também os limites da área exterior coberta que, agora, deixa de possuir limite físico para Sul.

A restante edificação já não se desenvolve, apenas, de Sul para Norte – como acontecia no segundo ante projecto –, para se desenvolver também, na direcção Nascente/Poente nas cotas mais altas, com uma configuração mais alongada e paralela ao corpo principal. Entre este e aquela mantém-se o pátio que, nesta versão, se alonga, tanto quanto a dimensão dos corpos que o contêm, encerrando-se a Poente por um muro e contido por construção nos demais quadrantes, tendo possibilidade de ligação por escada com a área exterior coberta.

No corpo Norte, a profusão e o impacto da maioria dos grafismos tornam pouco clara a leitura de outros que lhes subjazem. Contudo, e partindo do princípio que esta solução integra os mesmos espaços que eram contemplados no segundo ante projecto (planta da "recepção", ilustração 189), diríamos que a recepção poderia constituir-se como a continuidade do *hall*, integrando as instalações sanitárias, a Poente – rectângulo preenchido com trama oblíqua e densa –, a inscrição, a Nascente – contorno rectangular do lado oposto aos sanitários –, o concessionário em adjacência e após a recepção e, os cinco módulos que se desenvolvem para Poente corresponderiam aos quartos dos motoristas que, em conjunto com as instalações sanitárias colectivas que os rematam, completariam o corpo superior da construção. A entrada na pousada far-se-ia por Norte com acesso directo à recepção – é perceptível, nesta zona, a interrupção do muro exterior desenhado a grafite –, a partir da qual se faria a distribuição para o concessionário (Nascente), o *hall* (Sul) e quartos dos motoristas (Poente), separados da restante construção por um pequeno pátio. Desta forma, o conjunto formado pelos cinco quartos de motoristas – mais um relativamente ao considerado no segundo ante projecto – estabeleceria uma relação directa com o pátio defronte através dos seus terraços individuais.

O pátio, que agora assume uma localização mais central no conjunto edificado, é preenchido por tramas e por grafismos ondulantes, desenhados a lápis verde, que sugerem massas vegetais.

Com lápis azul, preenche-se o corpo Norte com uma trama cruzada e reforça-se o seu limite. Uma série de grafismos, mais leves, são desenhados perpendiculares e exteriores à construção, possuindo alguns setas na sua direcção, podendo indiciar a nova direcção para os acessos – nomeadamente ao concessionário – e/ou, também, quer a possibilidade de estacionamento exterior, quer a necessidade de protecção da construção relativamente ao quadrante Norte. Ainda a azul, é marcado o contorno que liga os corpos Norte e Sul da edificação – que integra os quartos dos motoristas, o pátio, e o coberto sob os quartos de hóspedes – ultrapassando o limite Sul da construção, sugerindo o prolongamento do "terreiro" (ilustração 189) sobre a encosta. Nesta zona, grafismos curvos marcam um forte limite, parecendo definir duas áreas, aparentemente ajardinadas, onde, várias marcas circulares ocupam o espaço do coberto e a sua extensão, ora desenhadas apenas por contorno, ora preenchidas por trama. O limite sugerido pelo grafismo curvo referido parece estabelecer correspondência formal com o alçado que se representa do lado direito da planta, a escala reduzida.

Grafismos a lápis encarnado assinalam, quer o percurso de serviço, quer as várias possibilidades de acesso ao interior da construção, a acontecer no piso inferior.

Ilustração 192

Se a ilustração anterior era representada à escala 1:200, a presente volta a ser desenhada a escala reduzida, pouco maior que a 1:1000, que se ajusta à reduzida dimensão do suporte. Em duas plantas (desenhos 'a' e 'b') e num corte (desenho 'c') ensaiam-se novas disposições espaciais para o piso principal, com consequências na imagem do edifício (alçado 'd').

Na planta esquemática 'a', o corpo principal do edifício não parece contemplar os quatro quartos suplementares. Na continuidade do corpo central, acrescenta-se um outro, mais esbelto, que poderá corresponder a uma nova possibilidade para a disposição das garagens individuais. A entrada na pousada parece fazer-se a partir de Norte, em adjacência a um outro corpo – que se desenvolve no sentido Nascente/Poente –, que poderá decorrer da experiência ensaiada na ilustração anterior (191), tanto pela proximidade entre as suas proporções, quanto pela marcação de um vazio, representado com duas linhas oblíquas concordantes. No centro da construção volta a surgir um "pátio" (ilustração 189) que, sugerido pelos grafismos empregados, parece estender-se para Sudoeste como área ajardinada, reportando-nos para o ensaio anterior, constante na ilustração 191.

A planta 'b' apresenta-se mais esclarecida, tanto pelo seu nível de detalhe, quanto pelas anotações que possui. Assume-se com uma configuração quadrada, à qual se acrescenta um corpo, a Poente, que, em vez de albergar os quartos dos motoristas (ilustração 191), parece integrar – pelas instalações sanitárias individuais sugeridas – os quartos a construir na "2ª fase", fazendo-se corresponder à mesma figura uma outra função. O novo uso destinado a esse corpo implica a sua translação para Sul, de modo a que, passada a recepção, o acesso de hóspedes se faça já dentro da área do *hall*, da qual também se acede aos restantes quartos, no piso superior à cota inferior das salas. As salas de jantar e de estar, o terraço coberto, a sala de leitura, o *hall* e o pátio estabelecem um sistema de relações muito semelhante ao adoptado no segundo ante projecto (ilustração 189). Mas, se é possível verificar estas concordâncias, existem uma série de outras proposições: o retorno dos serviços de "copa [e de] cozinha" para este piso, com ligação directa e de nível à sala de jantar; o ressurgimento de uma zona de bar encaixada nos serviços e integrada na área de estar (ver ilustrações 169, 177, 178 desenho 'b'); uma nova centralidade do pátio relativamente à construção, que resulta do diferente posicionamento dos quartos complementares que, por sua vez, determinam a deslocação da entrada da pousada para Norte e, por último, a colocação de lugares de estacionamento desde a zona de recepção e em toda a extensão dos quartos complementares, ocultando-os relativamente ao interior da pousada. No alinhamento do estacionamento, mas no sentido inverso (Nascente), sugere-se o desenvolvimento da construção que, porventura, a escassez de espaço disponível no suporte não permitiu efectivar.

Sobrepondo-se parcialmente à planta 'b', o corte transversal 'c' constitui uma representação esquemática onde se estudam as relações altimétricas entre os vários espaços da pousada, aferindo-se o posicionamento relativo da entrada, das salas, dos quartos e da cobertura inclinada.

Na zona inferior do suporte, representa-se o alçado principal (desenho 'd'). Este desenho é testemunho de uma certa despreocupação no que concerne ao número de módulos representados, quer no piso superior – seis módulos em vez de dez –, quer no piso inferior – três módulos em vez de quatro –, intuindo-se que a sua elaboração teve como principal motivação o ensaio de um possível desfasamento altimétrico entre os quartos correspondentes à primeira e à segunda fases do projecto, reiterando a solução ensaiada na planta 'b'.

Verifica-se que ao longo deste processo projectual não existe um critério para a escolha nem dos instrumentos riscadores adoptados, nem dos suportes utilizados. A escala dos

desenhos de trabalho vai-se adequando à dimensão dos suportes e estes, por sua vez, assumem as mais diversas dimensões.

Ilustração 193

A presente ilustração é constituída por dois desenhos – um corte transversal e uma planta –, cuja dimensão, escala, instrumento riscador e tipo de escrita correspondem aos da ilustração precedente (192). Embora o corte transversal (desenho 'a') se apresente no sentido inverso ao corte 'c' daquela ilustração, é representado o mesmo sistema de relações entre os diversos espaços internos da pousada, acrescentando-se, nesta, a relação do edifício com o terreno natural. São anotadas duas cotas – "226 [119] [e] 301 [cm]" –, que corresponderão aos diferentes pés direitos do espaço de estar, encontrando-se, à direita do corte, uma operação algébrica – onde se multiplica o número de degraus ("5") pela altura do seu espelho ("15" cm) que permitirá vencer a diferença de "75" cm – cujo resultado determina a diferença altimétrica proposta para esse espaço. A cave parece ser aproveitada como espaço utilizável e um montante de considerável dimensão solta-se do plano da fachada, suportando o piso superior.

A planta é objecto de maior transformação relativamente à sua precedente (planta 'b' da ilustração 192). Se aí se propunha um pátio envolvido por construção, agora, ao transferir-se para Nascente, o pátio assume uma clara centralidade no conjunto, ganhando o carácter de 'espaço interior sem tecto'. Além disso, promove a separação entre as áreas funcionais da pousada – serviços, a Nascente, salas, a Sul, recepção e átrio, a Poente – fechando-se com muro do quadrante Norte.

Prescinde-se do espaço de transição de varanda que antes envolvia toda a extensão das salas (ilustrações 191 e 192) e, na sua vez, surgem dois terraços – um, a Nascente, de apoio a refeições, outro, na continuidade da sala de estar. Este último terraço, tanto reentra no interior da sala, quanto se expande sobre o exterior, debruçando-se sobre o vale. Talvez por isso – apesar de reaparecer a lareira como elemento de separação entre as salas de estar e de jantar (ilustração 189) – surja uma localização alternativa para a zona de fogo, inscrita na zona de estar de pé direito menor.

[119] A dimensão de 2,26 metro corresponde à medida de um homem com o braço levantado apresentada em "*Modulor 2*", escrito entre 1954 e 1955 e publicado em 1955 por Le Corbusier (Sequeira in Le Corbusier, 2010, p. 9-15).

A entrada na pousada mantém-se a Norte, claramente identificada, e os quartos suplementares colocam-se em adjacência à sala de estar, deslocando-se para Sul relativamente à ilustração anterior (192).

Ilustração 194

Esta ilustração é ocupada por quatro registos que, apesar de se sobreporem, são identificáveis. Parece-nos que, numa primeira fase, terão sido desenhados os alçados 'a' e 'b' e o corte 'c' – até pela sua proximidade escalar –, aos quais se sobrepôs a planta, desenhada a uma escala superior.

Ambos os alçados correspondem ao corpo principal do edifício, visto a partir de Sul. Mantém-se o mesmo princípio ensaiado no corte 'a' da ilustração 193, no qual o piso superior é apoiado numa série de montantes que se soltam dos dois pisos inferiores, constituindo, com aquele, o plano avançado da fachada. No alçado 'b', a laje entre os pisos inferior e principal ganha algum destaque e acrescentam-se fenestrações ao nível da cave que obedecem à mesma métrica que regula o posicionamento dos referidos montantes, apesar de não se proporem centradas com o espaço entre os seus eixos (ver ilustração 173).

A solução veiculada no corte 'c' revela o mesmo princípio, propondo-se os pisos inferiores – cave e principal – recuados relativamente à estrutura que suporta o piso dos quartos.

A planta 'd' assume uma maior importância nesta ilustração, não só pela sua dimensão relativa, como pela investigação que encerra. Representa-se um fragmento do piso principal que contém a entrada, o átrio, parte das salas e os quartos suplementares, sendo interessante verificar que se ensaiam para estes, dois posicionamentos distintos, colocando-se em confronto as soluções constantes nas ilustrações precedentes (191, 192 e 193). A estrutura pontual que se solta da fachada possui uma configuração circular, retomando-se experiências anteriores (ilustrações 162, 163, 172, 1, 180 e 184). O terraço prolonga-se para o exterior – ultrapassando o plano formado pelas colunas –, reforçando-se a ideia ensaiada na ilustração precedente (193), podendo este avanço ter relação com o destaque atribuído à laje no alçado 'b'. A lareira assume-se no centro da zona de estar, sob o mezanino e a escada de acesso ao piso superior mantém-se adossada à parede Poente do átrio. Parece propor-se um acesso ao terreno natural, inscrito no primeiro módulo do corpo destinado aos quartos suplementares. As diferentes tramas empregues contribuem para a identificação dos espaços, diferenciando as zonas de átrio/sala, de estar/terraço e de sala de jantar/pátio.

Apesar de a zona de recepção se manter a Norte, rematando o corpo transversal da pousada – para o qual se atribui a largura de "8" metro –, a entrada parece resguardar-se desse quadrante, propondo-se lateral.

Ilustração 195

A lateralidade da entrada reafirma-se nesta ilustração. Propõe-se por Nascente, através de um primeiro espaço – que antecede a recepção e funciona como antecâmara –, contido por muros e protegido de Norte. A partir da recepção, mantém-se a mesma distribuição espacial: o grande átrio, que integra o mezanino e a escada que lhe dá acesso, seguido da zona de fogo e, a cota inferior, o restante espaço de estar virado à paisagem. Daqui, tem-se "saída" directa para o terreno e, para Poente, desenvolvem-se os quatro quartos suplementares.

A proposta arquitectónica volta a contemplar o pátio interior, que funciona, cumulativamente, como uma zona de ligação e de separação das várias funções da pousada. No pátio e na sala de jantar, simula-se um pavimento cuja estereotomia – apesar de ser executada com uma escrita mais veloz e escala exagerada – se aproxima da representada para as mesmas zonas na ilustração anterior (194).

Na área inferior do suporte, é desenhada uma forma alongada com sete divisões, que deverá ter correspondido inicialmente à planta com os sete lugares de estacionamento privado mas que, ao espessarem-se as paredes divisórias, se transformou numa outra imagem, que poderá compatibilizar-se com um fragmento do alçado principal.

Ilustração 196

Uma vez mais, estamos perante um pequeno suporte onde diversas projecções ortogonais se sobrepõem, sendo constituídas por uma planta, um corte transversal e dois esquemas planimétricos, ensaiando-se nestes alternativas para acessos verticais que, aparentemente, se relacionam com possibilidades de ligação entre o piso principal da pousada e o terreno.

A planta inferior é parcial, incidindo na zona de intersecção dos corpos Sul e transversal. A lareira mantém a posição assumida nas ilustrações precedentes (193-195), definindo-se a sua direcção, relacionada com o átrio. Sugerem-se duas alternativas para o acesso ao terreno natural, colocando-se em confronto as experiências anteriores – no terraço, alinhados com a fachada (195) e numa posição perpendicular, a Poente da sala de estar

(ilustração 194). A estrutura pontual, que define a frente do edifício, mantém a já ensaiada secção circular, ideia que se repercute na coluna representada no corte transversal onde se propõe um capitel como seu remate superior. No interior da sala de jantar representam-se apoios de configuração alongada (ver ilustrações 193 e 194), alinhados com os montantes que definem a estrutura exterior. Como tem vindo a acontecer, são adoptadas tramas para a marcação de pavimentos, neste caso diferenciando espaços interiores – átrio e salas – e espaços exteriores – terraço e pátio.

Ilustração 197

Agora, explora-se a área Sul da sala de estar e envolvente próxima, definindo-se a lareira, o terraço, o acesso ao terreno e a ligação aos quartos suplementares, através de dois tipos de representação – a planta e a perspectiva.

Na planta 'a', a zona de fogo mantém a sua posição e direcção – sob o mezanino e virada para o átrio. É rodeada por assentos individuais, parecendo, também, propor-se um outro equipamento, como banco corrido.

O terraço projecta-se sobre o exterior e, a Poente, propõe-se a escada de ligação ao terreno. Com acesso desde a sala, é também para Poente que se desenvolvem os quartos suplementares a partir de um pequeno pátio que se constitui como espaço de pausa entre estes e aquela. Ensaiam-se diferentes pavimentos para a sala e para o terraço, contrapondo-se a estereotomia regular da primeira com a irregularidade da segunda.

A aparente parede maciça que limita a sala do terraço dilui-se na planta 'b', onde se assume um plano transparente, interrompido com uma estrutura pontual. Esta estrutura inscreve-se num contorno que poderá significar – tendo como referência os assentos propostos à volta da zona de fogo –a intenção de colocação de equipamento fixo com a mesma função.

A perspectiva superior ('c') reflecte os ensaios ilustrados nas plantas, representando o troço da fachada que contém o terraço e a escada de acesso ao terreno.

Ilustração 198

Voltamos a estar na presença de uma planta de conjunto. É, de novo, considerado o pátio central, cuja experiência já aparecia na ilustração 160 (desenho 'e') aquando do início do processo que dará origem ao segundo ante projecto. Como dissemos na altura, essa experiência parecia não corresponder àquele tempo de projecto, verificando-se que,

durante o lapso temporal decorrido até às presentes ilustrações, essa ideia apenas surge timidamente na ilustração 178, sendo só agora retomada com insistência e, aparentemente, assumida como solução projectual.

Assim, volta a ser o pátio o centro da construção à volta do qual se distribuem os diferentes espaços da pousada, separados por funções, aos quais se acrescentam os quartos suplementares a Sul/Poente e as zonas de serviço (pessoal?) a Norte/Nascente das quais, nesta planta, apenas se representa o seu arranque.

O terraço, que faz a frente da sala de estar, ultrapassa o plano formado pelos pilares e apresenta-se subdividido, sendo ambíguo o seu significado (socalcos acompanhando a descida do terreno?). Coloca-se em dúvida a posição da escada entre a sala e o terraço, confrontando-se duas opções já ensaiadas – paralela e perpendicular ao plano da fachada.

Na zona inferior do suporte surgem dois cortes esquemáticos, total e parcialmente sobrepostos à planta. Naquele que se localiza à direita, volta-se a representar o piso superior apoiado numa coluna, para cujo remate já não se propõe o capitel da ilustração precedente, parecendo reabilitar-se a solução de encastre recorrentemente explorada (ilustrações 162, 163, 172, 183, 184).

Uma série de cálculos são anotados sob os desenhos, buscando-se uma possível síntese entre um rigor matemático no seio da lógica intuitiva inerente à acção projectual, constituindo-se aquele como um meio para a sua regulação.

Ilustração 199

Projecções ortogonais, operações matemáticas e uma nota escrita convivem neste pequeno suporte. O corte transversal (desenho 'a') adquire maior importância no conjunto, quer pelo peso seu visual relativo, quer pelo contorno que o envolve e destaca. Apresenta um grande terraço, que tanto ultrapassa o plano da fachada, quanto ocupa uma área considerável de espaço coberto sob a laje do último piso. Atribui-se-lhe uma altura livre de "425" [120], com um desnível de "160" relativamente à sala de estar que, por sua vez, possui um pé direito de "265". Para transpor esta diferença de cotas seriam necessários "10" degraus com "16" centímetro de altura, como esclarecem os cálculos anotados, aumentando-se ligeiramente a altura de cada degrau relativamente ao proposto no corte 'a' da ilustração 193 (15 centímetro).

[120] A unidade de medida adoptada neste desenho é o centímetro.

No corte 'b', ensaia-se a expansão do terraço para o interior, criando-se um espaço mais contido, sob a laje da sala. Esta proposta implicaria o aumento entre as cotas dos dois pavimentos e, por consequência, a redução do pé direito da sala.

A zona inferior do suporte é ocupada com registos que representam dois troços da frente principal do edifício. O alçado 'c' relaciona-se com o corte superior ('a'), traduzindo a variação altimétrica das várias zonas: a Nascente, a sala de jantar que se eleva do terreno permitindo o aproveitamento da cave; a Poente o terraço, que goza de maior amplitude espacial e com acesso ao terreno natural. É interessante verificar a semelhança deste troço da frente Sul com o desenho 'b' da ilustração 195, tendo em conta que esse desenho se terá iniciado com um pretexto diverso – planta dos estacionamentos privados.

Surge, ainda, uma nota onde se faz referência à "Capela da Lourosa perto de Oliv[eira do] Hospital" [121], parecendo este apontamento constituir-se como mnemónica para uma possível visita.

Ilustração 200

Com poucas excepções ao longo deste processo (ilustrações 179 e 180), tem-se constituído como regra a colocação das plantas com o quadrante Sul direccionado para a zona superior do suporte, desde o levantamento topográfico (143) até às soluções estabilizadas que integram os dois ante projectos entregues (ilustrações 158 e 189). Por coincidência, ou não, é com esta mesma direcção que se percepciona o terreno quando a ele se acede desde a antiga estrada da Beira. Essa mesma regra é adoptada nas plantas constantes na presente ilustração. Apesar de assumirem várias direcções no campo da folha, verifica-se, contudo, que essas direcções se referenciam com quatro limites do suporte.

Além das plantas, os demais registos desta ilustração possuem um elevado nível de pormenor apesar da sua reduzida dimensão. São executados com riscador fino, a escalas que oscilam entre a 1:200 e a 1:400, implicando uma visão próxima e dirigida e a gestos 'finos'. Estes factores obrigam que área do suporte na qual se desenha se coloque próxima da fonte de visão para garantir um maior controlo sobre o que se vai produzindo, reduzindo os seus níveis de deformação, o que não sucederia com uma visão mais distante e, consequentemente, mais oblíqua, da qual resultaria uma leitura escorçada e, por isso, distorcida. Todas estas razões terão concorrido para que um suporte com estas dimensões

[121] Igreja de S. Pedro, Lourosa da Serra (Oliveira do Hospital) – edifício moçárabe, cuja edificação remonta ao ano de 912 (Almeida, 1986, p. 128). Dista cerca de 12 Km da pousada de Oliveira do Hospital.

– 365 x 495 milímetro – fosse preenchido por troços que, neste caso, se relacionam com seus os limites físicos, tendo implicado a rotação do suporte no decorrer do seu preenchimento. Assim, e por uma questão operatória, propomo-nos interpretar esta ilustração com essa mesma lógica, considerando os quatro quadrantes da folha, cuja ordem seguirá o sentido contrário aos ponteiros do relógio: Sul, Nascente, Norte e Poente.

Quadrante Sul

Junto ao limite inferior do suporte, é desenhada uma planta de conjunto que, mais uma vez, corresponde ao piso principal da pousada. O acesso público mantém-se a Norte mas, agora, a entrada no edifício propõe-se resguardada desse quadrante, fazendo-se o acesso à recepção lateral, a partir de Nascente (ilustração 195). Na continuidade da recepção, prevê-se um "estacion[amen]to coberto com esteira ou caniço" que, em conjunto com os quatro quartos suplementares, formam o corpo Poente, mantendo-se um pequeno "páteo" entre estes e o corpo principal do edifício. Assumindo uma direcção perpendicular e na continuidade dos serviços de cozinha, propõem-se as "garagens", que se ligam à recepção por uma passagem coberta, adjacente ao muro que encerra o "páteo" central.

Nesta planta, estão representadas três árvores – uma junto à "eira", outra a Nascente dos serviços de cozinha e, ainda, uma outra inscrita no pátio –, que corresponderão aos pinheiros de grande porte existentes no terreno (ver levantamento fotográfico, ilustrações 144-153). Se, até esta fase, se negligenciou o seu correcto posicionamento, fazendo-se apenas referência à sua existência (ilustrações 172 desenho 'e', 174, 175, 189 e 190), agora – tendo como referência o levantamento topográfico do terreno (ilustração 143) – a sua posição é representada com rigor: acrescenta-se, assim, o 'como fazer' ao que se 'quer fazer'.

A solução também se apura quanto à definição das zonas específicas dentro dos serviços de cozinha, quer pelo seu desenho, quer pelas anotações que o esclarecem, nomeando-se os seus diversos usos: "dispensa[,] ref[eitório,] prep[aração,] cocção [e] distrb[ribuição]".

Apesar de se manter a solução genérica de distribuição espacial, verificam-se alterações de detalhe nas zonas comuns, tendo como referência o segundo ante projecto (ilustração AP189), nomeadamente: os acessos verticais inscritos no átrio passam a relacionar-se em continuidade, encostando-se ambos a Nascente; a nova posição da lareira (ilustrações 193-198), em conjunto com a escada que a prolonga, acentua a diferenciação espacial e ambiental entre espaços de estar; propõe-se um desfasamento entre as salas de jantar e de estar, pelo recuo da segunda relativamente ao plano de fachada (ilustrações 193, 194, 196, 198), criando-se, em toda a sua frente, um espaço de terraço; a partir do terraço

tem-se acesso por escada ao terreno natural, que se reconsidera desde a ilustração 191, e que se ensaia em diversas posições nas ilustrações que lhe sucedem; a solução passa a contemplar a 'eira' existente, com ligação à sala de jantar, podendo, eventualmente, destinar-se a apoiar este espaço; a dimensão do módulo reduz-se, pela segunda vez, assumindo a nova medida de "3,25" metro.

Parece, ainda, testar-se várias localizações para os acessos verticais de serviço, colocando-se em confronto diferentes possibilidades – em adjacência à sala de jantar (herança do segundo ante projecto?), laterais à zona de "cocção" e, ainda, duas alternativas na área que separa os serviços de cozinha e as "garagens".

Alguns traçados auxiliares são reveladores da procura de geometrias, quer na zona do pátio central, quer na zona do átrio/sala de estar, ensaiando-se para esta última zona, a proporção do rectângulo de ouro.

Acima desta planta fazem-se experiências em duas zonas específicas:

Na mais próxima, aos quatro quartos suplementares acrescentam-se varandas (ilustrações 193, 194, 198) e atribui-se a cota de "6,00" metro para a profundidade dos quartos e respectivas instalações sanitárias, reduzindo-se, a par da largura do módulo, a profundidade destes espaços, que no segundo ante projecto correspondia a 7,50 metro [122].

Na outra, mais acima, testam-se possibilidades de relação com a paisagem exterior a partir de localizações específicas, desde as salas de estar e de jantar – visão frontal para quem está na zona de estar e visões frontal e oblíqua para quem permanece na sala de jantar –, ensaiando-se transparências e opacidades espaciais a partir das variações de amplitude visual sobre o exterior. Cremos que as escolhas destas posições serão extensíveis a outros espaços e reveladoras de uma intenção projectual.

Ocupando o espaço superior deste quadrante, ensaia-se, a partir de um corte transversal, a relação entre o edifício e a topografia. O piso inferior parece ocupado com construção e, no limite Sul, os dois primeiros pisos são percorridos por um montante (ilustrações 193-199), que se simula em pedra. Uma escada faz a ligação ao terreno natural, colocando-se numa posição perpendicular à da representada na planta inferior. O desfasamento das águas da cobertura, já antes ensaiadas (ilustrações 163, 180 e 184), permitirá a ventilação e/ou a iluminação natural das instalações sanitárias dos quartos de hóspedes.

[122] Dimensão verificada por medição directa.

Quadrante Nascente

Os registos deste quadrante correspondem a ensaios onde se estuda a relação entre o átrio com o pequeno pátio que lhe é adjacente.

São representadas cinco plantas parciais – duas delas mais esquemáticas –, um corte e duas perspectivas, não existindo diferenças significativas no que concerne à solução apresentada, estudando-se a possibilidade de uma interrupção no muro de separação entre o átrio e o pátio, através de uma abertura vertical. Testa-se a entrada directa de luz, a partir de Poente, diferenciando-se zonas iluminadas e zonas de ensombramento (planta à esquerda, perspectiva superior e corte superior direito) e, numa das plantas esquemáticas, junto ao limite inferior do suporte, anota-se a grafite a intenção de integração de uma "escultura" nessa zona. Uma mesma intenção já se manifestava na planta geral do quadrante Sul, nesse caso inserida no plano Poente do pátio central.

Quadrante Norte

Neste quadrante do suporte, valoriza-se a planta como modo de ensaio, incidindo a investigação projectual sobretudo na zona da entrada, ainda que outras áreas sejam desenhadas por extensão.

Na planta à esquerda, parece reconsiderar-se a entrada a partir de Norte (ilustrações 192 e 193), acrescendo-lhe um outro espaço, que poderá corresponder a uma antecâmara. Será deste espaço que se acederá à recepção e, a partir desta, às demais zonas da pousada. O acréscimo deste novo espaço, já ensaiado anteriormente e que proporcionará uma transição mais atenuada entre o exterior e o interior da pousada, conduz a que o seu volume se prolongue para Sul, em adjacência ao átrio e até à sala de jantar. A densidade de grafismos nesse volume acrescentado, decorrente de inúmeras experiências sobrepostas, dificulta o entendimento das propostas. Contudo, parecem ensaiar-se a colocação de instalações sanitárias e de acessos verticais, até pelas plantas que se encontram à direita, testando-se na primeira a colocação instalações sanitárias – com acessos independentes colocados nos dois extremos da escada de acesso ao piso superior – e, na segunda, o que parecem ser duas possibilidades de colocação de acessos verticais, anotando-se ainda uma "escult[ura]" no muro exterior do pátio. Ainda nesta planta, colocam-se anotações numéricas "1[,] 2 [e] 3" para os espaços da antecâmara, da recepção e do átrio, respectivamente.

Na zona inferior do suporte, à direita, é desenhada uma planta na qual se enfatiza a zona destinada a antecâmara, com a marcação da entrada a Norte, acrescida de uma pequena área que parece penetrar o pátio interno, resultando numa reentrância junto à sala de

jantar. Nesta planta negligenciam-se as proporções dos restantes espaços, como se verifica pelos corpos correspondentes quer à sala de jantar, quer aos quartos suplementares.

As duas plantas superiores sobrepõem-se parcialmente: na da esquerda, retoma-se a antecâmara que, agora, se prolonga pelo pátio como um vazio, que poderá corresponder a um espaço coberto de passagem para ligação à sala de jantar; na outra, que já integra os serviços de cozinha, as garagens e parte da sala de jantar, volta-se à solução constante na planta geral do quadrante Sul.

Quadrante Poente

Aqui convivem projecções ortogonais e perspectivas, continuando a trabalhar-se ao nível da 'parte'. Desenvolvem-se várias experiências da zona de estar, retomando-se a relação de continuidade entre os quartos suplementares e a sala pela translação daqueles para Sul (ilustrações 193-198).

Na planta superior, lança-se a hipótese de uma grande abertura na zona do átrio, por ruptura do pano da parede Poente, que se ensaia perspecticamente no desenho superior. Esta solução repete-se na planta abaixo, onde se definem três espaços de estar distintos e se procuram ambientes particulares. No primeiro (zona "A"), que corresponde a uma área com pé-direito duplo, repete-se a hipótese colocada na planta acima, com uma abertura franca para Poente, possibilitando a relação espacial sobre a zona de chegada e o pinhal próximo. As zonas "B" e "C" são separadas pelo volume da lareira: a primeira, sob o mezanino, configura-se como um espaço mais contido, resultado da sua maior interioridade; a segunda, além de se constituir como a zona de fogo, expande-se sobre paisagem permitindo o seu pleno usufruto, quer próximo, quer distante.

À esquerda, testam-se duas alternativas para a colocação da lareira ensaiando-se implantações simétricas – para Norte e para Sul, respectivamente – experimentando-se, na inferior, a possibilidade de relação visual para Poente, através de uma pequena interrupção da fachada.

Na planta inferior esquerda, que corresponde ao piso dos quartos, representa-se um espaço de estar na zona do mezanino que, além de estabelecer relação plena com o átrio, possui uma varanda que se salienta do plano da fachada Poente. Assumindo a mesma localização da lareira, existe uma marcação circular que poderá corresponder a uma fonte de calor, à volta da qual se dispõem assentos. Um plano promove a separação entre este espaço de estar e a entrada dos quartos, protegendo também a sua visibilidade a partir da zona inferior do átrio.

Esta ilustração integra um único desenho geral, que corresponde à planta do piso principal, localizada no quadrante Sul. Apesar de ser evidente a incidência da investigação na 'parte' – todas as zonas parciais da pousada aqui abordadas – essa investigação só é possível na exacta medida em que o 'todo' está sempre presente.

Ilustração 201

Estamos de novo na presença de registos muito diferenciados que comportam uma perspectiva, plantas, cortes, representados a escalas que oscilam entre a 1:400 e a 1:2000. Aqueles que, pela sua dimensão – neste casso, associada à escala – assumem maior destaque no conjunto (desenhos 'a', 'b' e 'c'), contemplam a zona de acesso e do grande átrio de chegada à pousada, reiterando ensaios explorados na ilustração anterior (200).

A planta 'a' congrega quer a zona de entrada no piso principal, quer o piso superior dos quartos. A primeira mantém-se lateral e protegida de Norte, transformando-se a antecâmara proposta nas ilustrações 195 e 200, quadrante Norte, na própria recepção. Como se ilustra na perspectiva 'b' e no corte 'c', o átrio continua a pensar-se como um espaço aglutinador, onde a zona de estar inferior, o mezanino que sobre ela se debruça e a escada que os liga, se conjugam para a formação de um único espaço procurando-se, em concomitância, a diversidade ambiental nas suas várias subzonas através da alternância de fontes lumínicas, de amplitudes e/ou contenções espaciais e de relações variadas entre o interior e o exterior. O vão vertical que interrompe o muro Poente do átrio recupera experiências ensaiadas no quadrante Nascente da ilustração 200.

Tanto à esquerda, quanto na zona inferior do suporte, e em escalas muito reduzidas (desenhos 'd'-'i'), voltam a representar-se soluções que correspondem a fases anteriores deste processo – alternativas para o posicionamento de acessos verticais (desenho 'd'), translação dos módulos com consequente encurvamento da fachada (desenho 'e'), cobertura única de uma água em toda a extensão do corpo transversal (desenho 'g'), espessamento desse mesmo corpo pela anulação do pátio central (desenho 'h') – parecendo que a síntese já alcançada se reitera no confronto com aquilo que se rejeitou. Neste sentido, será, por vezes, tão importante desenhar o que não se quer, quanto o que se julga querer num dado momento, podendo este modo de operar constituir-se como uma possibilidade de evolução posto que o processo projectual é sempre de natureza transitória.

Ilustração 202

Se a ilustração 200 incide fundamentalmente na investigação espacial de fragmentos de espaço – a parte –, não descurando, como dissemos, a sua integração no conjunto – o todo –, a presente ilustração parece corresponder a um esforço de estabilização da proposta arquitectónica, "[...] para a formação de uma [nova] totalidade [...]" (Tainha, 2006, p. 69). São representados uma planta e um corte – que se desenham à mão levantada e a uma escala não convencional – cujo nível de rigor se expressa quer pelos desenhos, quer pelas anotações.

A planta geral da ilustração 200 (quadrante Sul) constitui-se como base para a execução da presente planta, sendo a sobreposição entre ambas propiciada pela adopção de um suporte transparente – papel de esquisso. Se aquela era elaborada por tentativa/erro e contemplava construções geométricos para a aferição de proporções em determinados espaços, esta, por seu lado, constitui-se como um desenho onde não se verificam hesitações, no qual se introduzem algumas das inúmeras experiências parciais testadas na ilustração referida (200).

O "páteo" central continua a ser o elemento que liga e separa as várias funções da pousada: com serviços de cozinha, a Nascente, entrada e átrio, a Poente e salas e quartos suplementares, a Sul, os últimos acrescidos de varandas e separados do átrio por um pequeno espaço de "terraço, páteo ou jardim". As "garagens" individuais mantêm-se na continuidade dos serviços de cozinha configurando, em conjunto com os muros Sul e Norte – o primeiro encerra o pátio central, o segundo protege a construção, tanto de Norte, quanto da estrada –, o recinto de chegada à pousada. São desenhados circuitos automóveis autónomos de utentes e de serviço, que se intersectam junto à "saída" do terreno. Uma "cortina de arvoredo" constitui-se como mais uma barreira de protecção da pousada relativamente à estrada nacional (ver ilustração 176).

Se esta planta confirma a redução do módulo para "3,25" metro – que determina o espaçamento da estrutura pontual da fachada Sul e, consequentemente, a largura de todos os quartos –, também acrescenta, relativamente à planta que lhe dá origem, uma série de informações de ordem construtiva: o preenchimento de paredes exteriores com trama, acompanhado da nota "muro[s] feito[s] c[om] calhaus de granito s[em] leito n[em] contra leito encostando em alguns pontos tomados com argamassa [...]", indicia o emprego de paredes portantes, que se diferenciam de outras que o não serão; prevêem-se, para a sustentação da cobertura sobre a passagem que liga as garagens à entrada na pousada, "prumos de madeira assentes em pedra"; na zona do "estacionamento coberto c[om]

esteira" marcam-se apoios pontuais, que corresponderão a uma solução estrutural do mesmo tipo, estando referido (no corte) o emprego de "prumo[s] de madeira c[om] base de pedra".

Ainda se anota uma série de cotas que fixam dimensões lineares, globais e parciais – para o comprimento total do corpo Sul, para quartos, corredores, estacionamentos, espessura de paredes –, conferindo a este desenho um elevado grau de definição métrico. A par destas informações, surgem outras – reveladas no desenho –, que acentuam a distinção entre alguns espaços da pousada, simulando revestimentos: pavimento regular para as salas de jantar e de estar e pavimento irregular em lajes de pedra para o terraço, marcando-se ainda, nas varandas dos quartos e no trajecto até à "eira", uma trama de direcção vertical. As ilustrações 194, 195 e 196 são testemunho de experiências análogas, onde se coloca em questão o mesmo problema.

À direita da ilustração, surge um corte transversal executado pela zona dos quartos a realizar na "2ª fase". As cotas altimétricas anotadas definem a diferença de altura entre o espaço interno e o terreno natural, esclarecendo, a par do desenho, a relação entre o edifício e a topografia.

O volume de um só piso – que integra a varanda, o "quarto [com casa de] banho [integrada, o] corredor [e o] estacionamento" exterior coberto – é rematado por uma cobertura de duas águas que permite, pela diferença altimétrica das suas cumeeiras, a "Iluminação" superior do corredor de acesso aos quartos. As varandas descolam-se do terreno e apoiam-se em montantes de pedra. A restante construção assenta sobre o mesmo plano que, no estacionamento, corresponderá ao terreno natural mas que no espaço interno (quartos e corredor) corresponderá a uma laje sob a qual se propõe uma "caixa de ar c[om] 60 cm". Muitas destas questões incidem em aspectos construtivos, revelando que Manuel Tainha se preocupa com a viabilidade construtiva das soluções que propõe, como nos revelou na entrevista de 13 de Janeiro de 2009 (Tainha, 2009, p. 25, Apêndice A).

Apesar de este corte se constituir como uma figura bidimensional, a representação da sua envolvente remete-nos para a sugestão de espaço em profundidade através das diversas linhas do horizonte que o completam, onde se vão reduzindo a escala e o grau de pormenor dos elementos naturais e vegetais que sobre elas se colocam.

Na zona superior da ilustração, encontra-se um fragmento da planta onde se experimenta a inversão da implantação da lareira, cujo ensaio já constava na ilustração 200, quadrante Poente. Esse fragmento é elaborado no verso da folha, que se dobrou e se sobrepôs com a

planta de conjunto abaixo, à direita da qual se anota a decisão de "[...] inverter a posição da lareira [...] fica[ndo] a abrir para [...] [a zona com] pé direito mais baixo [...]".

Os registos desta ilustração são executados num tempo dilatado – que transparece no seu nível de detalhe, no emprego de tramas de preenchimento e nas inúmeras anotações onde se definem métricas e soluções construtivas –, sendo plausível intuir que essa espessura temporal é resultado de uma reflexão profunda e de uma maior convicção relativamente ao que se pretende propor.

Quando se repete um gesto, repete-se uma afirmação, reitera-se uma convicção, ainda que dela se possa vir a duvidar mais tarde, no eterno jogo que liga e separa aquilo que se pensa e aquilo que se representa.

Ilustração 203

Numa das críticas apontadas pelos serviços da DGEMN ao primeiro ante projecto (ilustrações 157-159), já referida em 4.3.3, propunha-se a rotação da implantação do edifício "[...] entre 30º e 45º de Sul para Sudeste, de modo a obter-se uma melhor visibilidade e exposição sobre a serra da Estrela [...]" (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41), à qual nós acrescentámos, que a "[...] conjunção topográfica [...]" (Tainha, 1954.12.15, p. 2) entre a construção e o terreno, expressa pelo autor na memória descritiva desse ante projecto, poderia beneficiar com essa rotação, visto o corpo principal do edifício assumir, desse modo, a direcção do declive. Se, até agora, esta intenção não se tinha revelado em qualquer desenho de trabalho, pelo menos de um modo explícito, a presente ilustração, pelo contrário, parece contemplá-la com clareza. Por se representar o edifício e a envolvente, e tendo a EN17 como referência, constata-se a rotação daquele para Sudeste, alterando-se a relação dos espaços principais da pousada com a paisagem. A partir das diagonais marcadas subtilmente sobre a planta do edifício, cuja intersecção ocorre na zona central do espaço de estar, é possível verificar a possibilidade de alcance visual sobre os contrafortes da Serra de Estrela, que se situam a Nascente, oferecendo-se esta valência a zonas mais interiorizadas da pousada.

A alteração da implantação verificada poderá implicar uma outra, que este desenho também contempla: o percurso de ligação entre o edifício e a eira granítica deixa de ser recto, como se propunha na ilustração 202, passando a sofrer uma inflexão cuja amplitude angular coincide com a da própria rotação.

Quanto à restante proposta, não se verificam alterações significativas relativamente às soluções anteriores mantendo-se a mesma organização espacial de conjunto. As localizações dos acessos principal e de serviço conservam as suas posições relativas, acrescendo-se um outro, que corresponde à "entrada [do] concessionário". A introdução deste novo acesso inviabilizaria a colocação das garagens individuais na continuidade dos serviços de cozinha (ilustração 202), explorando-se outras alternativas: concentradas, no centro do recinto, a Norte da construção, e em extensão, paralelas à construção. Se estas experiências se identificam pelo instrumento riscador adoptado – lápis encarnado – também se enfatizam os percursos automóveis pelo reforço a riscador azul, mantendo-se a lateralidade do acesso à pousada desde a EN17.

Tomando como base a presente ilustração e tendo em conta a rotação implementada na implantação da pousada, deixará se fazer sentido a adopção dos pontos cardeais – Norte, Sul, Nascente e Poente – para a identificação dos seus alçados.

Passaremos, a partir de agora, a adoptar os pontos colaterais para essa mesma identificação: Noroeste, Sudeste, Nordeste e Sudoeste.

Ilustrações 204-206

Duas plantas (ilustrações 204 e 205) e um alçado (ilustração 206) – executados com instrumentos de rigor e à escala 1:200 – dizem respeito a uma mesma solução, que se constitui como uma síntese da proposta arquitectónica.

Nesta fase do processo, parecem estar assumidos pelo autor o princípio do pátio central e a redução do módulo para 3,25 metro [123], parecendo também relativamente estabilizada a localização relativa das várias funções da pousada.

Através da leitura da planta do piso principal (ilustração 204), deduz-se que o acesso automóvel se mantém oblíquo (ilustrações 202 e 203) a partir de Oeste, tendo em conta a localização do parqueamento automóvel e da entrada. O primeiro coloca-se a Noroeste do edifício, repartido entre "garagens" individuais e "estacionamento" cobertos, em regime livre, propondo-se também coberto o acesso pedonal que os liga à "entrada" no edifício. O espaço da "entrada" subtrai-se ao pátio sendo o seu acesso propiciado pela interrupção do muro que o encerra, o que permite a sua ligação (adjacente ao muro) à zona de serviço, a Nordeste e, claro, à própria recepção. Aí, localiza-se o balcão de atendimento, a cabine telefónica – que, em conjunto, delimitam o espaço de chegada – e as instalações

[123] Dimensão aferida por medição directa a partir do original.

sanitárias, que se propõem rodadas 90º relativamente às soluções anteriores. Desta rotação surge uma nova proposta para a iluminação dessas instalações, passando a fazer-se zenital, como se pode verificar pelo contorno representado na planta do piso superior (ilustração 205).

A partir da recepção mantém-se o grande espaço do átrio, aberto totalmente para Sudoeste, com o seu duplo pé-direito e com os acessos – quer ao piso superior, quer à cota baixa – relacionados lateralmente. Se existe coplanaridade ao nível dos pavimentos entre a cota baixa do átrio e os restantes espaços de uso público, será ao nível dos seus tectos, e das diversas fontes de luz, que se propõe a sua diferenciação ambiental. Sob o mezanino encontra-se a zona de fogo – "lareira" – que se abre para quem chega (decisão tomada na ilustração 202) e que se integra num espaço mais contido, possuindo apenas uma abertura para o pátio através da qual a visão é dirigida para o pinheiro aí existente. O volume da lareira promove a separação da zona de fogo com um outro espaço de "estar" que, em conjunto com a sala de "refeições", ocupa quase toda a extensão da frente Sudeste. Por contraponto – visto que toda a sua frente se abre à paisagem –, propõem-se zonas de maior recato na sala de "refeições", contidas por paredes que, obedecendo à métrica da estrutura pontual da fachada (ver ilustrações 193, 196 e 198), criam um género de nichos.

O corpo transversal de serviços recua em relação ao plano da fachada, propondo-se aí uma "varanda" que, por transpor esse mesmo plano, se debruça sobre o vale. Esta "varanda" liga-se à "eira ou terraço coberto", sendo previsível que estes espaços exteriores acolham o serviço de refeições [124].

Os espaços destinados a serviços ocupam, neste piso, quer o corpo transversal mencionado, quer o corpo Noroeste, que se alinha ao muro do pátio. No primeiro, localizam-se os serviços de cozinha – com uma relação franca com a sala de "refeições", a "varanda" e a "eira ou terraço coberto" –, dividida por várias subzonas: "copa[, zonas de] lavag[ens, de preparação e] dispensa". O segundo integra o "refeit[ório de pessoal]", os acessos verticais de serviço, um coberto – provavelmente destinado a cargas e descargas –, a "lavandaria" e, no limite Nordeste, uma área reservada ao "concession[ário] com abrigo automóvel, acesso e escada independentes.

O apartamento do "concessionário", com "sala", dois "quarto[s]" e instalações sanitárias, propõe-se para o piso superior (ilustração 205). Na sua continuidade, e com ligação entre

[124] Recordemo-nos que o programa para esta pousada mencionava a necessidade de servir setenta e cinco refeições simultâneas, repartidas entre o interior – sala de refeições – e o exterior – "[...] terraço coberto ou varanda [...]" (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 28).

ambos, desenvolve-se o "alojamento do pessoal dos hóspedes" (motoristas) – com três quartos e instalações sanitárias comuns –, o acesso vertical de serviço e um "vazio" sobre o "refeit[ório]", dotando este espaço de maior amplitude volumétrica. Sobre a cozinha – com zonas independentes para "copa [e] roupas" –, encontram-se os serviços para apoio aos quartos de hóspedes que, nesta solução, se concentram todos no último piso.

À excepção de um ("10"), todos os quartos são iguais e dispõem de instalações sanitárias próprias. Agrupam-se em dois conjuntos que correspondem, respectivamente, aos quartos a construir na "1ª [e na] 2ª fase[s]" como se encontra explicitado no alçado Sudeste (ilustração 206). Além da descontinuidade planimétrica verificada em planta (ilustrações 204 e 205), também se propõe um ligeiro desfasamento altimétrico entre os dois conjuntos de quartos (ilustração 206). Da transferência dos quatro da "2ª fase" para o último piso resulta uma zona de "alpendre" – à cota da sala e com acesso desde a zona da lareira –, a partir da qual se propõe ligação ao terreno natural por uma escada de um só lanço.

Apesar do pátio assumir uma posição central no edifício, não constitui um espaço de interacção entre as diversas zonas funcionais da pousada, sendo antes um espaço que as aparta e as identifica. No entanto, quer pela sua distribuição – mais compartimentada –, quer pela especificidade inerente a alguns espaços de serviços – por exemplo, a necessidade de ventilação transversal na cozinha já enunciada na ilustração 175 –, é no alçado Sudoeste do pátio que se concentram o maior número de aberturas. Pelo contrário, as zonas de uso público encerram-se para o pátio, explorando-se apenas enfiamentos visuais privilegiados – a já referida abertura na zona de fogo e uma outra junto à cabine telefónica, ambas dirigidas para um dos pinheiros de grande porte, a preservar.

O aproveitamento da cave como espaço habitável traduz-se, implicitamente, a partir da planta do piso da entrada (ilustração 204), onde se representam dois acessos verticais que permitirão a ligação a esse nível – um na zona de serviço, junto ao refeitório, e outro na sala de "estar" – e, explicitamente, a partir do desenho do alçado Sudeste (ilustração 206), onde a cave aparece identificada, sob a extensão das salas. Por não terem sido contemplados nas plantas integrantes deste estudo, e tomando como referência o segundo ante projecto entregue (ilustrações 189 e 190), é possível deduzir que sob a sala de jantar se situam os dormitórios para o pessoal de serviço (homens e mulheres) separados pelas respectivas instalações sanitárias. Sob a sala de estar, e tendo em conta o acesso vertical aí proposto, dever-se-á localizar um espaço de uso público – sala de

leitura, bar (?) –, até pela maior dimensão dos seus vãos, que se colocam na continuidade dos que lhe estão acima.

A frente Sudeste propõe-se complanar no troço que contém as salas e os quartos correspondentes à "1ª fase" (ilustrações 204 e 205), recuando apenas nos dois últimos módulos do piso intermédio (cozinha), onde se propõe a varanda. O embasamento do edifício simula-se em alvenaria de pedra, que contrasta com o material proposto para o último piso, representado por uma trama vertical que, pela semelhança, nos reporta para alçado Sul do segundo ante projecto (ilustração 190) e para as experiências das ilustrações 172 e 174 que lhe terão dado origem, onde se propunha a madeira como revestimento. Por contraste, para frente dos quartos correspondentes à "2ª fase" parece pensar-se um outro revestimento que, associado aos desfasamentos dos planos, vertical e horizontal a que está colocada, acentuará a sua diferença relativamente à restante construção.

Neste alçado, introduzem-se os três pinheiros pré-existentes no local, como elementos integrantes do conjunto arquitectónico e, portanto, a preservar. Se, em toda a extensão da frente do piso principal são os pilares de pedra que determinam a referida métrica – agora, de secção rectangular e no plano da fachada –, tanto no embasamento, quanto no piso dos quartos, serão os vãos que definem o ritmo da composição consubstanciados à mesma métrica. Como já se ensaiava no segundo ante projecto (ilustração 190), propõem-se os vãos dos quartos desfasados em relação ao eixo do módulo – bem como de outros, no seu alinhamento e ao nível da cobertura, que poderão iluminar os corredores de acesso aos quartos (ver ilustração 202) –, submetendo-se ao mesmo princípio os vãos que perfuram o embasamento de pedra: uma vez mais se constata a ocorrência de um jogo entre o cumprimento rígido de uma regra – a adopção de um sistema modular a partir de uma medida constante –, e um nível outro, de variações dentro dessa mesma regra – que se manifesta no desfasamento dos vãos da cave e dos quartos.

O desenho do alçado Sudeste, que se encontrou sob a forma de um 'reprolar' [125], contém uma anotação na sua margem inferior – "2 colecções azul 80" –, que terá que ver, considerando a época, com cópias heliográficas a cor azul impressas num papel de 80 grama. Parece-nos plausível que a necessidade de fazer duas colecções de cópias, com

[125] O desenho do alçado Sudeste (ilustração 206), tal como os das plantas (ilustrações 204 e 205), foi consultado no *atelier* de Manuel Mendes Tainha antes do seu arquivo ter sido doado à Fundação Calouste Gulbenkian. O primeiro – alçado –, já só existia em 'reprolar'; dos segundos – plantas – foram encontrados, tanto as cópias heliográficas, que correspondem às ilustrações 204 e 205, quanto os originais que lhe deram origem (representados a grafite sobre papel vegetal). A nossa decisão em apresentar as cópias em vez dos originais prendeu-se com o facto de aquelas possuírem mais informação do que estas, tendo-se-lhes sido acrescentadas as anotações com a designação dos compartimentos e a assinatura do autor.

um papel dessa gramagem e assinadas pelo autor – como se constata nas plantas apresentadas (ilustrações 204 e 205) – tenha correspondido a uma prévia formalização da proposta arquitectónica, ainda preliminar, com vista à sua apresentação a terceiros, eventualmente ao arquitecto Leonardo de Castro Freire, que, nesta altura, tem como função específica o acompanhamento dos processos relativos às pousadas da segunda fase [126].

Ilustração 207

Depois de uma estabilização preliminar da proposta arquitectónica (ilustrações 204-206), colocam-se de novo em questão algumas soluções projectuais de pormenor sem, contudo, pôr em causa a concepção arquitectónica geral.

Volta-se a trabalhar a escala reduzida e à mão levantada. Numa planta que apenas abrange a zona Sudoeste do edifício, ensaia-se uma nova localização para a escada interior de acesso à cave – antes localizada na sala de "estar" (ilustração 204) –, que agora se propõe sob o anterior "alpendre". Em sobreposição, é desenhada uma outra, em caracol, inscrita numa área quadrangular. Na mesma zona, uma marcação de configuração menos regular, pode corresponder a uma alternativa para o acesso exterior de ligação entre a cota alta do edifício e a cota baixa do terreno natural.

A fachada da sala de refeições volta a deslocar-se da estrutura pontual que faz o plano avançado do alçado. Os pilares que formam essa estrutura são alongados, alinhando-se aos outros, no interior da sala – de secção quadrada –, invertendo-se as suas posições relativas tendo como referência a planta geral da ilustração 204.

Assinalam-se uma série de aberturas no muro de separação entre o pátio e a zona de estar, permitindo dotar este espaço de uma fonte de luz mais recortada, que funcionará como contraponto à que provém do grande vão que lhe está defronte. Ainda na zona de estar, voltam a ensaiar-se relações com o exterior a partir de três pontos específicos no espaço: da posição "1" (átrio) domina-se o "pinhal", a Sudoeste, e a paisagem serrana; da zona de fogo (posição "2"), a visão pode dirigir-se para Oeste enquadrada pelo grande vão do átrio; da sala (posição "3") tem-se uma relação mais próxima com a paisagem, acrescentando-se o domínio sobre o vale próximo.

[126] A partir de Dezembro de 1955, a DGEMN estabelece um contrato de prestação de serviços com o arquitecto Leonardo de Castro Freire, ficando este com a incumbência de "[...] prestar a sua colaboração junto dos técnicos autores dos projectos dos edifícios destinados às pousadas de Valença, Bragança, Nazaré, Vilar Formoso, Oliveira do Hospital e Gardunha [...]" (Portugal. [DGEMN], 1955.12.06, p.2). Esse contrato será renovado cerca de um ano depois, em Janeiro de 1957 (Portugal. [DGEMN], 1957.01.05, p.16-15).

Anotam-se cotas altimétricas e planimétricas onde se esclarece a diferença de cotas entre o átrio e os espaços comuns, bem como as espessuras das paredes de pedra, que se propõem com "[0,]80 [e 0,]60" metro.

Na zona inferior da ilustração, encontra-se um corte esquemático – executado longitudinalmente – que intersecta a cave e o piso principal. Testa-se uma nova posição para os acessos verticais – paralelos à fachada principal – que permitem a ligação das salas com a cave e com o exterior. Neste caso, a partir de uma outra sala implantada junto ao terreno, onde aparece a anotação "sala c[om] saída p[ara] fora".

Ilustração 208

Se o corte da ilustração anterior já o propunha, a presente planta reproduz a nova localização para os acessos verticais aí implementada, quer entre as zonas comuns, quer entre o piso principal e a cave, desenvolvendo-se ambas paralelas à fachada principal. Deste modo, a diferença de cotas no piso principal deixa de se vencer no átrio ("esquema 3" da ilustração 181), seguindo-se o princípio adoptado nos "esquema[s] 1 [e] 2" das ilustrações 181 e 182, respectivamente, o que determina uma nova divisão da área de estar "3" (ilustração 207) em duas áreas diferenciadas. Deste novo espaço – zona "4" –, ter-se-á acesso a um outro espaço de estar em cave, com acesso ao exterior, cumprindo-se o propósito enunciado no corte da ilustração anterior ("sala c[om] saída p[ara] fora").

Os quatro quartos suplementares (segunda fase) regressam a este piso (ilustrações 192-195, 198, 200, 202), separando-se da restante construção por um espaço exterior reentrante e por uma escada em caracol provavelmente destinada a um percurso de serviço para apoio dos quartos, que decorrerá da experiência efectuada na ilustração 207.

A Noroeste, o muro que delimitava a zona de recepção prolonga-se e inflecte, ressurgindo o recinto resguardado que se propunha no segundo ante projecto (ilustrações 189), para o qual se pensa a integração de uma escultura. O átrio passa a relacionar-se com este recinto, substituindo-se a abertura contínua (ilustração 204) por um plano fragmentado.

Além de todas estas modificações ao nível da 'parte', ainda se pensa o detalhe, tanto para o desenho do equipamento fixo entre a zona de entrada e o pátio, quanto para o alçado do "fogão" a integrar na sala de estar – em aparelho de pedra –, que nesta solução ocultará o acesso à cave.

Ilustração 209

A planta que se apresenta, executada à mão levantada e à escala 1:200, constitui-se como uma planta de conjunto onde se introduzem as experiências efectuadas nas últimas ilustrações (207 e 208), nomeadamente: reconsideram-se os quatro quartos suplementares neste piso; propõe-se uma escada em caracol de serviço entre esses quartos e a restante construção; confirma-se a localização do desnível entre zonas de estar, bem como o acesso vertical para a cave; mantém-se o recinto a Sudoeste protegido por muros, persistindo-se na marcação de uma "escult[ura]" (ilustração 208); assume-se o desenho para o equipamento fixo na zona da entrada ensaiado na ilustração 208.

Se todas estas alterações ocorrem a Sudoeste da construção, outras são propostas nas restantes áreas. Tendo a solução preliminar como referência (ilustrações 204-206), verifica-se, antes de mais, que a implantação do edifício recua para Noroeste, afastando-se da "eira". O pátio central assume uma configuração menos alongada que se relaciona com o encurtamento do espaço afecto à sala de refeições, para o qual se propõe a redução de um módulo. Os serviços de cozinha avançam para o plano da fachada mantendo-se, no corpo que os integra, a mesma distribuição funcional e espacial, com a única excepção do acesso vertical que passa a desenvolver-se num só lanço. Esta alteração vai permitir a ligação daquele corpo ao que lhe é perpendicular, no qual se prevêem os aposentos dos motoristas – concentrados num único espaço – e do concessionário, que, nesta solução, estão à mesma cota da sala de jantar ("94,80" metro). A mudança para este piso desses alojamentos vai permitir que o acesso, desde o exterior, se faça directamente a partir de Noroeste, em grande proximidade aos estacionamentos – garagens individuais e parqueamento colectivo –, que se colocam na perpendicular do edifício, como já se havia ensaiado na ilustração 203.

São desenhados os "limites de propriedade" e as curvas de nível do terreno permitindo, por um lado, confirmar a rotação da implantação do edifício para Sudeste – que passámos a assumir desde a ilustração 203 – e, por outro lado, confirmar que essa rotação promove uma melhor conjunção com a topografia.

Informações escritas esclarecem sobre os novos espaços que se propõem para o piso inferior, nomeadamente a "sala de leitura & escrita [...] em ligação c[om] o terraço coberto", confirmando-se que a escada existente na sala lhes dará acesso e que o terraço se transfere para esse nível. Também se aferem os "p[és-]d[ireitos]" das salas, atribuindo-se "2,25" metro para as zonas "2 [e] 3" e "2,95" metro para as zonas "4" e para a sala de jantar, resultando uma altura de degrau de 17,5 centímetro.

Sobre o *reprolar*, que se constitui como o suporte desta planta, são anotadas uma série de cotas, a lápis encarnado, onde são definidas as espessuras de todas as paredes e pilares, e a dimensão de módulos – "3,25" metro para frente a construir na primeira fase e "3,75" metro para os quartos a construir na segunda – aferindo-se, ainda, algumas medidas do espaço destinado a jantar.

Ilustração 210

Esta ilustração contém uma planta parcial e uma perspectiva aérea a partir de Noroeste.

A perspectiva representa o edifício e a envolvente, testando-se volumetricamente a proposta constante na ilustração 209 à qual se acrescenta uma redução da área do recinto murado, a Oeste, que se ensaia na planta parcial.

A estrada (Norte) com a "cortina de verdura de protecção" (ilustração 176), o pinhal (Poente) e a paisagem (Sul/Sudeste) constituem a envolvente próxima e distante da pousada.

Com a estrada (EN17) como referência, confirma-se a rotação da implantação do edifício. A conjunção entre o corpo principal e os que lhe são perpendiculares é propiciada pela cobertura única, de uma água, que se desenvolve em quase toda a extensão transversal do edifício: o facto de esta cobertura se desenvolver no sentido contrário à pendente do terreno, permite tanto o ganho de um piso no desenvolvimento do edifício para Sudeste, quanto o atenuar do seu impacto para quem chega de Noroeste. É só ao nível do corpo principal, sobre os quartos, que a cobertura inflecte. O desfasamento entre as duas águas da cobertura permitirá – tendo como referência as ilustrações 163, 167, 200, quadrante Sul, 206 –, a ventilação natural das instalações sanitárias dos quartos de hóspedes.

À semelhança do que se intentava na proposta preliminar anteriormente interpretada (ilustrações 204-206), propõe-se iluminação zenital para as instalações sanitárias junto à recepção como se verifica, tanto na perspectiva quanto na planta parcial superior, onde essa área se apresenta na mesma posição relativa.

Apesar da unidade que a cobertura confere ao conjunto, o pátio continua a afirmar-se como um espaço determinante na identificação dos vários volumes da pousada, aos quais correspondem as funções específicas já identificadas

Uma vez mais se confirma a hegemonia que o corpo Sudeste tem no conjunto edificado e que se constitui como um princípio projectual desde o início do processo: apesar das

inúmeras configurações já ensaiadas para o edifício, esse "princípio de formação" (Tainha, 2009, p. 20, Apêndice A) nunca se abandonou.

Ilustração 211

A presente ilustração volta a ser palco de inúmeras experiências que percorrem o conjunto e o pormenor estudando-se, em diferentes níveis de aproximação, a imagem do alçado principal do edifício. Os meios utilizados são as projecções ortogonais – plantas, alçados, cortes – e as perspectivas, que assumem duas direcções distintas no suporte, ortogonais entre si, tendo sido o preenchimento do campo da folha objecto de uma ocupação despreocupada no sentido de um melhor aproveitamento do seu espaço disponível.

Apesar de estarmos na presença de soluções alternativas para a resolução do mesmo problema, retoma-se o desfasamento planimétrico no alçado principal que não se verificava na solução preliminar (ilustrações 204 a 206) mas que foi largamente explorado nos desenhos que a antecederam (ilustrações 193-198). Assim, os dois pisos inferiores propõem-se recuados em relação ao superior, apoiado em montantes de pedra – que com ele definem a frente mais avançada do edifício –, para os quais se ensaiam diferentes alternativas ao nível da sua configuração, parecendo-nos ser este um dos motivos da presente investigação. Deste modo, volta-se a colocar a hipótese do emprego da coluna em tronco de cone em alternativa ao pilar de secção rectangular, talvez até pelo facto de este elemento portante já não absorver os vãos, pois não lhes é complanar (ilustrações 204-206), mas funcionar como um elemento autónomo da fachada.

Da leitura dos dois alçados colocados horizontalmente no suporte – um geral e outro parcial – pode verificar-se: os montantes de pedra e o piso dos quartos definem o primeiro plano da fachada; sob os quartos situam-se as salas (de estar e de jantar) e os terraços; os quatro quartos suplementares cumprem a proposta da ilustração 209 e colocam-se à mesma cota das salas mantendo-se, também, uma área de terraço que separa estas daqueles; o piso inferior absorve a variação topográfica e é ocupado com construção em parte da sua extensão, sob as salas; a composição continua a sujeitar-se a um sistema métrico rígido – que a adopção de um mesmo módulo impõe – no seio do qual ocorrem variações, como a alternância entre 'cheios' e 'vazios' (salas e terraços) e a lateralidade posicional dos vãos dos quartos em contraponto à centralidade dos vãos da cave.

Sob o alçado parcial surge uma representação em planta onde, à frente (ou atrás?) dos apoios pontuais, se ensaia uma forma irregular – ondulada – que poderá corresponder a uma alternativa para a configuração do terraço.

No limite inferior esquerdo da ilustração, assumindo a mesma direcção de leitura que temos vindo a adoptar (horizontal), surge uma perspectiva escorçada do alçado onde os apoios pontuais são intersectados por uma guarda com a mesma largura.

Muitos outros registos povoam o suporte, sendo a sua maioria colocada numa direcção perpendicular aos atrás identificados, ou seja, desenhados com a folha colocada ao alto. Explora-se de novo a coluna, em tronco de cone, rematada com capitel, havendo ainda um registo onde se experimenta a dupla coluna com a mesma configuração.

Recorre-se à figura do corte para o estudo dos remates e das ligações entre diferentes materiais, aferem-se os pés-direitos dos quartos ("2,45" metro), a espessura das lajes ("[0,]45" metro), chegando-se a desenhar o pormenor de persianas articuladas para o ensombramento dos vãos com o respectivo mecanismo de abertura.

A coexistência entre desenhos gerais e desenhos de pormenor é uma presença constante neste processo, que ocorre desde os primeiros desenhos por nós interpretados. A preocupação com o detalhe, já antes observada, continua a ser uma constante, convivendo lado a lado desenhos de âmbito geral e desenhos de pormenor.

4. 5. 2 VERSÃO ENTREGUE: TERCEIRO ANTE PROJECTO

Ilustrações 212-220

Em 23 de Janeiro de 1956, Manuel Tainha entrega o terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital (Tainha, 1956.01.23, p. 73) com as seguintes peças escritas e desenhadas [127]: memória descritiva [128], planta de implantação e fotomontagens da proposta arquitectónica, definição do tipo de estrutura a implementar e dos materiais a aplicar, plantas dos pisos, corte transversal, alçado principal, perspectiva de conjunto e, ainda, um esquema com as instalações de águas e de esgotos (ilustrações 212-220). Como foi observado, este novo estudo é resultado de uma extensa e complexa investigação conducente ao apuramento da proposta arquitectónica, que se inicia logo após a primeira entrega (ilustrações 160-188, 191-211) dando, inclusivamente, origem a uma versão intercalar – segundo ante projecto (ilustrações 189 e 190) – procurando-se,

[127] Embora a pasta referente ao terceiro ante projecto tenha sido consultada no arquivo de Manuel Mendes Tainha, constatámos existirem dois exemplares idênticos no arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Tainha, 1956.01.23, DES.523264 a DES.523269).

[128] *Vide* Anexo O – [Memória descritiva e justificativa do terceiro ante projecto para a pousada a edificar em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital, Coimbra]. 1956.01.12. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

em simultâneo, dar resposta às observações apontadas ao primeiro ante projecto, entretanto transmitidas ao autor.

Como tivemos oportunidade de mencionar em 3.3.3, apenas encontrámos um parecer escrito, elaborado pelos serviços da DGEMN (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41-40) [129]. Contudo, através da restante documentação a que tivemos acesso, nomeadamente o ofício que o Secretário Nacional do SNI dirige ao presidente do Conselho (Portugal. [SNI], p. 7-9), verifica-se que aquela entidade critica duramente o primeiro ante projecto da pousada, mencionando que a proposta deverá ser objecto de uma profunda revisão. A resposta de Oliveira Salazar é concordante com o referido ofício, reprovando o primeiro ante projecto (Portugal. [PCOS/MC], 1955.08.16, p. 2). Será apenas em 28 de Setembro de 1955, aquando da reunião no gabinete do Ministro das Obras Públicas (Portugal. [DGEMN], 1955.09.24, p. 65), que Manuel Tainha terá conhecimento oficial das observações ao seu primeiro ante projecto, com vista à revisão da proposta.

Tendo como suporte todo o trabalho desenvolvido, a solução para o terceiro ante projecto (ilustrações 215 e 216) estrutura-se à volta de um pátio central – aberto para quem chega – em torno do qual se distribuem as diversas funções da pousada: o corpo principal (Sudeste) contém a maioria dos espaços destinados a utentes – salas e quartos –, concentrando-se, nos dois corpos transversais, os serviços (Nordeste) e a recepção com os restantes espaços de estar (Sudoeste). Mantendo a mesma localização e distribuição funcional da proposta preliminar (ilustração 205), mas funcionando à cota do piso da entrada (ilustração 209), encontram-se a "residência do concessionário [e os] quarto[s do] pessoal [dos] hóspede[s]" (motoristas), que completam o volume edificado principal. Em volume autónomo, a Noroeste, localizam-se as "garagens" individuais, ao lado das quais se prevê uma "lavandaria" exterior (Nordeste) e o "depósito d' água" (Sudoeste) colocado entre dois muros que definem a direcção da passagem protegida de acesso ao "coberto de entrada" (ilustração 215). Este, por sua vez, define um dos limites do pátio, que passa a funcionar como o espaço de recepção do próprio edifício.

O aproveitamento da eira granítica pré-existente como espaço de utilização da pousada – ensaiado nas ilustrações 200, 202-204 – é integrado nesta proposta arquitectónica. Com ligação ao edifício principal – "copa" e "sala de refeições" –, constitui uma área exterior protegida – resguardada de Norte e de Nascente por um muro contínuo – da qual se poderá ter um pleno usufruto da paisagem (ilustrações 215 e 218). Apesar de não ser

[129] *Vide* Anexo I – Parecer, pousada de Oliveira do Hospital [Primeiro ante projecto]. 1954.12.21. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN/DSARH-011/181-0247/01.

representado em desenho, este espaço é legendado pelo autor como "terraço-eira coberto" (ilustração 215).

A maioria dos quartos de hóspedes funciona no último piso: dos dez quartos propostos, oito têm possibilidade de articulação para a formação de quartos duplos, destinando-se os dois últimos módulos a uma *suite*. Todos estes quartos se apoiam em colunas que, com eles, definem o plano avançado do alçado Sudeste, funcionando os pisos inferiores num plano recuado (ilustrações 196, 200 e 211). O descolamento da frente das salas relativamente aos elementos estruturais, em conjunto com o sombreamento provocado pelo avanço do piso superior, permite, por um lado, uma composição mais livre do seu alçado, e, por outro lado, a existência de uma de atenuação lumínica na transição exterior/interior.

Entre a "sala de refeições" e a "sala de leitura" propõe-se uma "saída p[ara o] exterior" com acesso, por escada, a um "terraço descoberto" de configuração irregular (ver ilustração 177) que, por sua vez, tem ligação ao terreno natural através de uma rampa (ilustração 218). Se na planta constante na ilustração 207 eram ensaiadas possíveis relações espaciais com o exterior a partir de alguns pontos específicos do espaço interno, neste ante projecto, essas relações são ilustradas com fotografias obtidas no local (ilustração 215): a partir do "átrio", sobre o pinhal próximo e a serra (Sudoeste); da "sala de refeições", sobre os contrafortes da Serra de Estrela (Sudeste); do "terraço descoberto", sobre a paisagem próxima e longínqua (Sudoeste).

A localização dos "quarto[s] de hósp[edes a construir na] 2ª fase", em piso diferente dos demais, obriga à criação de uma "escada de serviço" na sua adjacência (ver ilustrações 208 e 209). Tanto estes quartos, quanto a residência do concessionário, do lado oposto, têm acesso directo desde o exterior e os muros que os integram contêm interrupções irregulares – parecendo decorrer de subtracções de blocos de granito ao aparelho de pedra – que formam pequenas fenestrações.

Pela leitura comparada entre a presente proposta e a que lhe antecede (segundo ante projecto) pode verificar-se:

- Como se aconselhava no parecer da DGEMN ao primeiro ante projecto (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41) – que o segundo estudo ainda não contemplava –, a implantação do edifício sofreu uma rotação para Sudeste. Esta alteração vai permitir uma melhor adequação à topografia (ilustração 213) e, em concomitância, possibilitar que os espaços principais da pousada – salas e quartos – gozem de melhor visão panorâmica sobre os contrafortes da Serra de Estrela.

- Desdobramento do corpo transversal do edifício em dois corpos autónomos separados por um pátio central, resultando uma melhor identificação dos vários espaços funcionais da pousada.
- As entradas, principal e de serviço, mantêm-se distintas, transferindo-se a primeira para Noroeste. Esta alteração parece ser uma consequência natural da rotação da implantação do edifício.
- Manutenção de uma métrica regular para a estruturação espacial e compositiva do corpo principal da pousada, introduzindo-se uma nova redução do módulo, que passa a assumir a dimensão de 3,25 metro.
- Os serviços de cozinha voltam a estar em contiguidade horizontal com a sala de refeições e não em contiguidade vertical – como acontecia no segundo ante projecto (ilustração 189) –, implicando, por um lado, uma significativa redução da área a eles destinada e, por outro – citando Manuel Tainha na sua memória descritiva – a aproximação desta solução ao "[...] regime de vida interna [...] dos meios rurais ou semi-rurais, em oposição a outro tipo de relação, [...] mais urbana, onde êstes dois elementos [...] [poderiam ser] mais diferenciados" (Tainha, 1956.01.23, p. 2). Assim, a solução de contiguidade planimétrica entre cozinha e refeições seria mais consentânea com a vida de uma pousada – 'uma grande casa de família' – afastando-se do conceito do "pequeno hotel" (Portugal. [SNI], 1955.04.05, p. 8) que, recorde-se, se constituía como uma das críticas do SNI ao primeiro ante projecto.
- Os quatro quartos suplementares, a construir na segunda fase, transferem-se para o piso intermédio – à cota e na continuidade das salas (ilustração 215) – propondo-se, na sua adjacência, uma escada de serviço que, pela sua dimensão e desenvolvimento – em caracol – não parece proporcionar grande conforto.
- São introduzidas varandas apenas nos quartos suplementares. A sua configuração irregular – que se prolonga pelo embasamento, em pedra, até intersectar o terreno (ilustrações 215 e 219) – poderá ter a sua génese na planta da ilustração 211 – colocada sob o alçado parcial – que, naquele caso, se reportava ao limite do terraço da sala.
- O "terraço descoberto" que esta proposta recupera (ilustrações 177, 178, 180, 181, "esquema 3") e o "terraço-eira coberto" que se introduz – e que 'substituem' o "terraço coberto" do segundo ante projecto (ilustração 189) – representam um

acréscimo de área exterior utilizável para apoio às salas, com a vantagem de essa área se repartir por dois espaços onde se procuram ambientes distintos.

- O aproveitamento da cave (corpo principal) como espaço habitável era uma das recomendações dirigidas, no parecer da DGEMN, ao primeiro estudo entregue, visto a proximidade entre os quartos e o terreno comprometer a privacidade dos hóspedes (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41). Se essa alteração já se tinha introduzido no segundo ante projecto – que, recordemo-nos, foi entregue por iniciativa de Manuel Tainha antes de ter conhecimento acerca do conteúdo deste ou de qualquer outro parecer – já a alteração de posição das garagens, que não se queriam visíveis a partir dos quartos de hóspedes (Portugal. [DGEMN], 1954.12.21, p. 41), é só agora contemplada – a partir da ilustração 200 –, constando na solução entregue.

- Os três pinheiros de grande porte existentes (ver levantamento fotográfico, ilustrações 144-153) aparecem correctamente localizados e integrados na proposta apresentada, deixando de corresponder apenas a uma referência a considerar – como se verificava no segundo ante projecto (ilustrações 189 e 190) –, mas, antes, constituindo uma ideia concretizável de projecto (ilustrações 215, 217, 219).

A proposta para o terceiro ante projecto é, de todas, a mais bem ilustrada, não só pelo número, como pelo pormenor que os desenhos comportam (ilustrações 213-220). Evidencia-se uma extensa aplicação da parede de "alvenaria granítica com paramentos vistos" (ilustração 214), verificando-se que a sua utilização não tem uma apenas função aparente, mas também estrutural e, por extensão, ambiental, cujo valor já se encontrava referido nas peças escritas do primeiro ante projecto (Tainha, 1954.12.15, p. 2). Na memória descritiva e justificativa da presente proposta, Manuel Tainha insiste neste tema quando esclarece que o facto da "[...] região onde a Pousada se [...] [irá] situar [...] [ser] abundantíssima em granito [...] [e d]ada a secular utilização dêste material nada mais natural do que instigar-se a imaginação e a invenção no sentido da sua aplicação" (Tainha, 1956.01.23, p.1). Contudo, reforça a sua posição perante este assunto ao defender que "[...] [o] teor de integração local de uma construção não se afere pela aplicação dos materiais que êsse mesmo local fornece, mas sim pelos valores arquitecturais que êle comporta e consagra no curso da sua evolução" (Tainha, 1956.01.23, p.2), acrescentando que por seu "[...] lado não foi então a abundância de granito, da madeira e da telha que determinou a sua aplicação, mas antes a [...] [sua] colocação cultural diante do assunto, o

conhecimento das realizações espontâneas e cultas da região, e por consequência, os seus valores espaciais e práticos" (Tainha, 1956.01.23, p.2).

4. 5. 3 PARECERES: TERCEIRO ANTE PROJECTO

Oito dias após a entrega, a 30 de Janeiro de 1956, Leonardo de Castro Freire [130] emite o seu parecer ao terceiro ante projecto da pousada para Oliveira do Hospital (Freire, 1956.01.31, p. 81-80) [131].

De uma forma geral, elogia a solução referindo que a proposta "[...] parece solucionar bem o problema [...] [e que] as diversas zonas de que se compõe [...] estão bem separadas e inter-ligadas" (Freire, 1956.01.31, p. 81), acrescentando que a [...] atmosfera [...] [criada] no átrio e nas restantes dependências que formam a zona de estar deve seguramente surtir efeito[, tendo-se tirado] também grande partido do panorama que se observa das diferentes dependências" (Freire, 1956.01.31, p. 81). Os seus reparos incidem apenas sobre questões de ordem funcional e dimensional, que a seguir se descrevem:

- No piso inferior, onde se localizam os quartos do pessoal feminino e masculino, Castro Freire refere que seria vantajoso "[...] existir um pouco mais de distância e recato entre as portas que [lhes] dão acesso [...]" (Freire, 1956.01.31, p. 80).
- Quanto ao piso intermédio, julga subdimensionada, quer a zona da entrada, quer a área destinada a serviços de cozinha (Freire, 1956.01.31, p. 81).
- Faz o mesmo reparo às casas de banho dos quartos, no último piso, que considera exíguas, afirmando, contudo, "[...] [ter] conhecimento [132] de que o autor está [...] a estudar o projecto [...] à escala 1:100 e que chegou à conclusão de que deveria aumentar não só os módulos, o que virá beneficiar as [referidas] casas de banho, como também a área da cozinha" (Freire, 1956.01.31, p. 80).
- Castro Freire refere ainda que o "[...] emprego do material da região é bem combinado [...]" (Freire, 1956.01.31, p. 80) o que proporcionará um bom

[130] Nesta data – recordemo-nos –, o arquitecto Leonardo de Castro Freire está contratado pela DGEMN, tendo como função a colaboração com os "[...] técnicos autores dos projectos dos edifícios destinados às pousadas [...]" (Portugal. [DGEMN], 1955.12.06, p.2), nos quais se inclui o de Oliveira do Hospital.

[131] *Vide* Anexo P – Parecer sobre a segunda solução do ante-projecto de uma pousada a construir na região de Oliveira do Hospital. 1956.01.30. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

[132] O facto de Leonardo de Castro Freire ter conhecimento das alterações que Manuel Tainha está a introduzir no projecto prova a existência de contactos informais entre ambos.

> ajustamento do edifício na paisagem, concluindo que "[...] est[á] [...] absolutamente convencido[...] que o edifício, tanto plásticamente como funcionalmente está certo, e [...] [que] os pontos que apont[ou] fácilmente serão de corrigir quando o autor passar a projecto e tratar o problema numa escala maior" (Freire, 1956.01.31, p. 80).

Em 29 de Fevereiro de 1956, é emitida a informação final da DGEMN [133], que é enviada ao Ministro das Obras Públicas – Arantes e Oliveira – para despacho. A apreciação que contém reitera o parecer de Castro Freire acrescentando ser "[...] de louvar o autor pelo bom trabalho apresentado" (Portugal. [DGEMN], 1956.02.29, p. 83), visto ter "[...] tirado sobejo partido dos elementos construtivos da região, parecendo [...] que o edifício se integr[a] perfeitamente na paisagem [...] [, defendendo-se que] [...] o estudo [...] se encontra em perfeitas condições [...] [de servir de base para a] realização do projecto [...]" (Portugal. [DGEMN], 1956.02.29, p. 83-8). A informação integra, ainda, uma estimativa de custo "[...] dos trabalhos a realizar [...] [no montante global de] 3.250.000$00" (Portugal. [DGEMN], 1956.02.29, p. 83-82).

No dia seguinte, Arantes e Oliveira despacha à mão a referida informação, como passamos a citar: "Concordo. Considere-se aprovado o ante-projecto com as reservas postas e a menos de qualquer observação adicional que venha a ter de ser enunciada em face da apreciação do S.N.I.. Elabore-se o projecto definitivo que estará concluído até 30.IV.56" (Portugal. [DGEMN], 1956.02.29, p. 83).

Uns dias depois, é dirigida uma Ordem de Serviço ao Director Geral da DGEMN com a transcrição do despacho do Ministro das Obras Públicas, informando-o, ainda, que "[...] nes[s]a data se leva o assunto ao conhecimento do autor do projecto e do arqtº. Castro Freire" (Portugal. [DGEMN], 1956.03.06, p.15), significando que Manuel Tainha terá tido conhecimento do parecer da DGEMN, antes do SNI se pronunciar sobre o assunto.

Terão de passar cerca de três meses para que o SNI elabore e emita o seu parecer sobre o novo estudo apresentado para pousada para Oliveira do Hospital (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 98-97) [134]. Diferentemente dos pareceres anteriores, este é menos lisonjeiro nas suas observações:

[133] *Vide* Anexo Q – Pousada de Oliveira do Hospital: Informação. 1956.02.29. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

[134] *Vide* Anexo R – Pousada a erigir em Oliveira do Hospital (Póvoa das Quartas). [Parecer emitido pelo SNI relativo ao ante projecto]. 1956.06.03. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

- Embora se inicie o texto afirmando que o projecto se encontra "[...] bastante melhorado, [refere-se, logo de seguida,] que continua [...] a ser caracterizado por uma grande dispersão de serviços[, implicando, por um lado, um maior] custo construtivo [e, por outro lado, a] dificuldade em imprimir ao edifício carácter de pousada, sem cair na semelhança com o pequeno hotel" (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 98). Recordemo-nos que esta era uma das críticas relevantes feitas aos ante projectos da segunda fase (Portugal. [SNI], 1955.04.05, p. 8), utilizada por Salazar para os inviabilizar (Salazar, 1955.08.16, p. 5-6).
- Entende-se "[...] supérflua [...] a criação do recinto interior[,] [...] exclusivamente virado à entrada do edifício[, não possuindo] [...] quaisquer aberturas de salas ou de compartimentos que p[o]de[riam] contribuir para maiores atractivos da pousada [...]" (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97).
- Considera-se difícil "[...] o serviço de pequenos almoços aos quartos [...]" (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 98) a construir na segunda fase, situados no segundo piso (entrada).
- Ainda se julga mal "[...] solucionado o serviço destinado aos excursionistas pois, sendo feito no terraço [...] [a Sudoeste, tem] falta de ligação com a copa, no caso de funcionamento de refeições" (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97), verificando-se também "[...] não existirem instalações sanitárias destinadas aos forasteiros" (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97).

Esta última crítica causa-nos alguma perplexidade visto no programa para esta pousada (Portugal. [MOP], p. 29-27), não ser mencionada a necessidade de acolhimento específico para "excursionistas" ou para "forasteiros". Também não encontrámos qualquer referência escrita sobre este assunto nos documentos consultados nos diversos arquivos. Contudo, o facto do parecer do SNI lhe fazer referência, leva-nos a conjecturar sobre a possibilidade desta informação ter sido transmitida a Manuel Tainha – ou na reunião de 28 de Setembro de 1955 ou através de Castro Freire ou, ainda, por qualquer outro meio –, parecendo-nos improvável o absoluto desconhecimento do arquitecto quanto a este tema. Apesar disso, não deixa de se verificar a introdução de uma nova exigência programática em pleno decurso do processo projectual.

Constata-se, também, uma aparente incoerência no parecer do SNI: por um lado, afirma-se existir "[...] uma grande dispersão de serviços[,] [...] [aproximando o edifício do] pequeno hotel [e, por consequência, afastando-o do] carácter de pousada [...]"; por outro lado, o parecer termina fazendo referência "[...] ao aspecto plástico [...] [do edifício, traduzido no

alçado Sudeste, concluindo-se que o ante projecto] é de molde a servir de base ao desenvolvimento do projecto definitivo" (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97 e 98). É sobre este parecer que Oliveira Salazar emite o seu despacho, datado de 25 de Junho de 1956, onde diz "[c]oncor[ar] [...] [com] as observações pertinentes feitas pelos serviços Técnicos do SNI" (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97), indicando que se enviem para o Ministério das Obras Públicas

Arantes e Oliveira, em despacho posterior exarado com base no parecer do SNI, refere que se "[c]onsidere [...] [o que nele é mencionado] na elaboração do projecto definitivo em curso [...]" (Portugal. [DGEMN], 1956.06.29, p. 30), confirmando-se que, nessa data, Manuel Tainha se encontra em pleno desenvolvimento do projecto.

4. 6 PROJECTO: NOVEMBRO, 1956

Os registos que desta fase se preservaram são em menor número do que os das fases precedentes – segundo e terceiro ante projectos –, devendo esta questão decorrer de dois factores: por um lado, a proposta encontra-se mais estabilizada e como tal, no que à sua concepção geral diz respeito, não será objecto de alterações relevantes; por outro lado, a maioria dos desenhos poderá ter sido executada às escalas 1:200 ou 1:100 – as mesmas escalas a que se apresentaram os ante projectos e que se apresentará o projecto, respectivamente –, resultando, por isso, suportes de grandes dimensões, porventura, difíceis de conservar.

4. 6. 1 INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DE TRABALHO: PROJECTO

Ilustração 221

A planta geral 'a' representa o piso da entrada. Testa-se uma nova localização para os aposentos do concessionário que, pela primeira vez, ocupam o limite Sudoeste do edifício. A planta parcial que se encontra à direita do suporte (desenho 'b') traduz, em conjunto com a primeira, a distribuição desses aposentos, com espaço de estar, dois quartos, instalação sanitária e com acesso directo desde o exterior. Entre o concessionário e a restante construção prevê-se um "terraço" exposto à paisagem do qual se tem acesso ao terreno e, certamente, às zonas de uso público que lhe são contíguas.

A escada que faz a diferença de nível entre as salas de estar e jantar volta a considerar-se paralela à fachada principal do edifício e o grande vão previsto para o "átrio", que no

terceiro ante projecto (ilustração 215) resultava na total supressão da parede a Poente, reduz-se significativamente, alterando-se, na mesma medida, a relação interior/exterior.

A entrada na pousada também é objecto de modificações: ao ser deslocado para Sudoeste, o acesso ao interior do edifício deixa de se fazer no pátio (ilustração 215), entrando-se directamente na recepção através de um coberto que se destaca do plano da fachada e que atenuará a transição entre o exterior e o interior da pousada. A partir da recepção, é possível aceder quer ao espaço interno da pousada (Sudeste), quer à zona de serviço (Nordeste) para a qual se propõe uma passagem coberta lateral ao muro, que se torna a considerar para o encerramento do pátio. No limite desse percurso coberto, testam-se posicionamentos para acessos verticais que farão a ligação entre diferentes cotas altimétricas, ensaiando-se uma solução alternativa na planta parcial 'c'. Surge, ainda, uma lareira no espaço antes destinado ao "refeitório do pessoal" (ilustração 215) cujo volume se repercute no muro Sudoeste do pátio.

As "garagens" afastam-se da entrada, deslocando-se para Nordeste (ver ilustração 215). Colocam-se, como hipótese, duas alternativas para a sua implantação – paralelas ou perpendiculares à construção principal.

Na área exterior circundante à entrada, surgem algumas anotações – "escultura", "flores", "banco" – e, junto à planta parcial 'b', aparece referida a medida de "3,55" metro, que poderá corresponder à nova dimensão do módulo a adoptar que, como se verificou, foi objecto de progressivas reduções no decurso do processo projectual, assumindo as dimensões de 3,75 metro (primeiro ante projecto), 3,50 metro (segundo ante projecto) e 3,25 metro (terceiro ante projecto), respectivamente.

Ilustração 222

Uma perspectiva simula a zona de recepção a partir do átrio, representando-se o volume que deverá conter as instalações sanitárias e a escada que une os dois espaços citados. O posicionamento da escada aqui proposto diferencia-se da versão entregue no terceiro ante projecto, bem como o da hipótese colocada na ilustração precedente (ilustração 221), onde esse acesso se colocava na continuidade da escada que dá ligação ao piso superior (ilustração 215), ou seja, sensivelmente no lugar onde, agora, se coloca o observador. Diferentemente, nesta versão – já ensaiada na ilustração 204 –, os dois acessos propõem-se em adjacência, vendo-se o plano inferior da escada que faz a ligação ao piso dos quartos. À frente do volume atrás referido – que conterá as instalações sanitárias –, justapõe-se um plano horizontal que, relacionando-se com os degraus, poderá servir de

assento, ensaio também presente na ilustração 204). É anotada a medida de "90" centímetro para altura total dos degraus, resultando 15 centímetro para a sua dimensão unitária.

Sob a perspectiva, é representada uma planta parcial esquemática onde se desenham os dois acessos verticais e o banco corrido.

Ilustração 223

No canto inferior esquerdo do suporte, surge um pequeno apontamento perspéctico. O ponto de vista assumido é exactamente no sentido oposto ao da anterior perspectiva (ilustração 222), ou seja, a partir da recepção. O observador parece colocar-se a uma cota mais alta, conseguindo uma leitura abrangente sobre o amplo espaço do átrio. Sugere-se a cobertura ascendente que o liga ao piso superior, assinala-se com um grafismo ziguezagueante a respectiva escada que lhe dá acesso e, com maior peso visual, marca-se a guarda do mezanino que se debruça sobre o átrio. Sob o mezanino, surge o volume da lareira e, em plano recuado, a zona de estar junto ao limite exterior (Sudeste).

As restantes representações – que são desenhadas em planta e a uma escala maior – parecem corresponder à lareira, testando-se alternativas para a sua configuração.

Ilustração 224

Nesta ilustração apresenta-se um ensaio para o mapa de vãos exteriores da pousada. As medidas que o constituem – "27", "43", "70", "86", "113", "140", "183", "210" – correspondem às definidas por Le Corbusier no '*Modulor 2*', publicado em 1955. Pelas operações aritméticas anotadas no topo da folha – "183 [+] 27 [=] 210", "183 [-] 70 [=] 113" –, verifica-se existir uma relação proporcional particular entre essas medidas, possibilitando inúmeras outras combinações, tais como: 27 + 43 = 70; 27 + 86 = 113; 43 + 70 = 113; 27 + 113 = 140; 70 + 70 = 140; 43 + 140 = 183; 140 + 70 = 210. Assim, as medidas aplicadas no presente mapa são geradas a partir de um sistema aritmético de proporções segundo o qual, através de um conjunto restrito de regras, é possível gerar um conjunto mais extenso de possibilidades combinatórias, em limite, infinitas. Neste sentido, este sistema parece aproximar-se de uma gramática generativa, que corresponde a uma

"gramática formal capaz de gerar o conjunto infinito das frases [...] por meio de um conjunto finito de regras" [135].

Como se verificou aquando da interpretação do terceiro ante projecto, Manuel Tainha propõe a aplicação extensiva da "alvenaria granítica com paramentos vistos" (ilustração 214) como se confirmou, tanto pela leitura dos desenhos (ilustrações 213-215, 217-219, como pelas intenções expressas na memória descritiva (Tainha, 1956.01.23). Permitindo o muro granítico a implementação de uma quantidade infinita de configurações de vãos, apenas limitada pela capacidade de tracção desse material, a adopção de um sistema aritmético de proporções – neste caso, adoptando as medidas do '*Modulor 2*' – poderá conferir uma ordem de regulação, dentro da qual actuará "[...] a imaginação e a invenção [...]" (Tainha, 1956.01.23, p. 1).

Ilustração 225

A configuração genérica e a proporção do corte transversal que se apresenta aproximam-se de várias experiências interpretadas do decurso deste processo (ilustrações 161, 163, 175, 184), deduzindo-se, por isso, tratar-se de um corte por um dos quartos de hóspedes. A inclinação da cobertura repercute-se no espaço interno, dando a possibilidade de aproveitamento do mezanino na zona de maior pé-direito para o qual se acede por uma escada de um só lanço. Esta solução permitiria a ampliação do espaço destinado ao quarto, pela possibilidade de colocação da zona de dormir à cota superior (mezanino), em benefício do espaço inferior, totalmente destinado a estar. Apesar do esquematismo do corte, encontram-se representados o corredor comum de acesso aos quartos, o espaço reservado à instalação sanitária e o roupeiro – que corresponderá ao elemento rectangular preenchido com dois segmentos de rectos oblíquos concorrentes.

Contornada a lápis encarnado, é anotada a medida de "2,26" metro para a dimensão do pé-direito do corredor, que também tem correspondência com o '*Modulor 2*' de Le Corbusier mencionado na ilustração 224. A outra medida anotada, de "18" centímetro, poderá corresponder a uma tentativa de relacionamento com a primeira, não existindo, contudo, uma relação directa entre ambas pois o resultado da sua conjugação resultaria numa dízima infinita não periódica. A medida de "18" centímetro seria submúltipla de 2,25 metro (medida mais próxima de "2,26"), numa razão de 12,5.

[135] "Gramática generativa", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, http://www.priberam.pt/dlpo/gram%C3%A1tica%20generativa [consultado em 12-05-2014].

Ainda que em contexto diferente, a solução ensaiada para este quarto parece também inspirar-se no esquema utilizado por Le Corbusier nos apartamentos das 'Unidades de Habitação" [136], nomeadamente na de Marselha onde terá sido aplicado pela primeira vez o *Modulor* de um modo extensivo (Baltanás, 2005, p. 113).

Ilustração 226

Apesar da implantação da pousada já se propor a um nível inferior do terreno relativamente a quem chega, assume-se na presente perspectiva um ponto de vista superior, permitindo ler-se, quer o interior do pátio central, quer a relação volumétrica entre os vários corpos do edifício.

O corpo principal, que se expõe a Sudeste, tem uma clara hegemonia no conjunto, até por incorporar os quartos suplementares no último piso, na continuidade dos demais. Parece propor-se um vazio (terraço?) sob parte desses quartos e, a seguir-se a solução da ilustração 221, uma escada dará acesso directo desde o exterior aos aposentos do concessionário.

A pousada mantém as coberturas inclinadas, o que permite, tanto um melhor ajustamento à topografia – visto que para Sudeste assumem a sua direcção –, quanto diminuir o impacto visual do edifício para o lado oposto – chegada –, conferindo-lhe um carácter doméstico, de uma 'grande casa'.

O pátio central adquire novas qualidades relativamente ao terceiro ante projecto, fechando-se ao exterior (Noroeste) e abrindo-se ao espaço interno (Sudeste). As grandes aberturas que o relacionam com a zona de refeições permitirão, também, uma outra relação com a paisagem serrana.

O acesso viário à pousada altera-se relativamente a propostas anteriores – ilustrações 203, 210 e ao terceiro ante projecto (ilustração 213) –, passando a aproximação ao edifício a fazer-se por uma curva acentuada, o que implicará uma abordagem lateral e, consequentemente, uma leitura progressiva e escorçada do edifício. Esta alteração poderá decorrer quer do encerramento do pátio, a Noroeste, quer da consequente transferência da entrada para Sudoeste, que esta perspectiva indicia.

Ainda aparecem representados os estacionamentos, que se propõem em socalcos, alinhando-se ao corpo transversal da pousada.

[136] "Unidades de Habitação" de Le Corbusier: Marselha, 1947-1952; Rezé-les-Nantes, 1955; Berlim, 1957; Briey-en-Forêt, 1961; Firminy-Vert 1963-1968 (Baltanás, 2005, p. 113).

Ilustração 227

Nesta ilustração estão registados uma planta parcial e esquemas planimétricos e perspécticos. A planta parcial (desenho 'a') corresponde ao topo do corpo transversal da pousada que integra a recepção e o átrio e é representada à escala 1:100, provavelmente a partir uma outra planta executada com instrumentos de rigor, o que pressupõe a sua existência [137] e corrobora o que mencionamos em 4.6, ou seja, a dificuldade em conservar desenhos de grandes dimensões num processo que, como se tem vindo a verificar, foi objecto de uma extensa investigação gráfica.

Confirma-se a alteração da localização da entrada no edifício, passando a fazer-se lateralmente – como já tínhamos intuído na ilustração precedente (226) –, a partir de uma passagem coberta – "coberto ligeiro". Na recepção, do lado oposto da entrada, prevê-se um acesso directo ao pátio, mudando-se a direcção da escada relativamente à proposta da ilustração 221.

O espaço do átrio/sala a lareira mantém a sua posição mas inverte o seu sentido, voltando a colocar-se em problema esta questão, já largamente explorada nas ilustrações 200 e 202.

Amplia-se a área destinada a recepção que, por deixar de integrar as instalações sanitárias, passa a ocupar toda a frente do corpo transversal da pousada. Por sua vez, esse corpo encontra-se avançado relativamente à restante construção – anotando-se "libertar esta parede" –, permitindo uma melhor identificação da entrada por parte de quem chega. As paredes do corpo transversal propõem-se em pedra, anotando-se a medida de "70" centímetro para a sua espessura.

No recinto exterior, junto à entrada, é desenhado o "estacionamento" em regime livre que se intercala com o "pinheiral".

Na zona superior do suporte, simulam-se alternativas para o remate do volume da entrada. Para isso, são utilizados esquemas perspécticos, parecendo o primeiro (desenho 'b') relacionar-se com a planta 'c' e os outros (perspectivas 'd' e 'e') com o esquema planimétrico 'f'.

[137] Apesar de se pressupor a existência de uma planta executada com instrumentos de rigor, não se verifica a sua conservação.

No canto inferior direito do suporte, sobre a assinatura do autor, é representado o alçado Noroeste que contém a recepção (desenho 'g'), ensaiando-se a composição das aberturas e do nicho que constam na planta parcial 'a'.

Ilustrações 228 e 229

Utilizando-se papel de esquisso como suporte, simulam-se duas perspectivas do edifício: uma, geral, a partir de Nascente (ilustração 228) e, outra, parcial, a partir de Norte (ilustração 229). Representam, respectivamente, a frente Sudeste da pousada com o recinto de serviço e o remate do corpo principal, a Nordeste, que faz uma das frentes desse mesmo recinto

Como já se propunha no terceiro ante projecto (ilustrações 213, 215, 216, 218 e 219), o alçado principal do edifício divide-se em dois troços não complanares entre si. Os quartos que integram o troço maior – que corresponderão àqueles a construir na primeira fase – avançam sobre os pisos inferiores, apoiados em colunas que, com eles, formam o plano avançado da construção. Nesta proposta, são apresentadas varandas para todos estes quartos. Os restantes, a executar na segunda fase, parecem regressar ao piso superior (ver ilustração 226). Verifica-se existir um grande contraste entre o impacto do corpo principal da pousada (ilustração 228) – que por se implantar às cotas inferiores do terreno, se afirma com três pisos –, e o impacto do edifício por parte de quem a ele acede (ilustração 226). E se o alçado principal assenta num desenho de base normativa – por via da estrutura pontual marcada pelas colunas e da métrica regular dos vãos dos quartos –, já o mesmo não parece suceder em outras frentes, tanto pelo seu remate superior – onde se manifesta a inclinação das coberturas (ilustrações 229, 226) –, quanto pela maior diversidade compositiva traduzida na colocação dos vãos (ilustrações 226, 227; desenho 'g' e 229).

O volume que integra os quartos de hóspedes e o respectivo corredor que lhes dá acesso salienta-se da frente Nordeste da construção (ilustrações 228 e 229), destacando-se relativamente ao corpo transversal. Sob o avanço do primeiro, propõe-se uma escada de acesso à cozinha a partir do recinto exterior de serviço (ilustração 229). Propõe-se, ainda – a solução insistentemente explorada no decurso deste processo –, a possibilidade de ventilação natural das instalações sanitárias dos quartos de hóspedes através do desfasamento resultante da intersecção das coberturas inclinadas (ilustrações 228 e 229).

A eira granítica, que surge em primeiro plano na ilustração 228, parece constituir-se como um elemento determinante na escolha da posição do edifício.

Ilustrações 230 e 231

Por não terem correspondência com qualquer outro registo até agora interpretado, os desenhos constantes nestas duas ilustrações assumem alguma singularidade neste processo, reportando-se ambos ao mesmo tema. Representam uma cobertura elíptica, construída por uma estrutura reticulada (ilustração 230) que é suportada por elementos pontuais periféricos (ilustração 231). A estrutura da cobertura é revestida por planos triangulares, que permitem o resguardo – sombreamento e protecção à chuva – da área que cobre, onde se representa uma cena festiva composta por uma série de figuras, algumas a dançar [138] (ilustração 231).

A configuração elíptica da cobertura e a cena que sob ela se representa levam-nos a suspeitar estarmos na presença de uma proposta para um coberto na zona da eira [139], podendo destinar-se a albergar excursionistas. Talvez se procure, desta forma, uma solução para a crítica feita pelo SNI ao terceiro ante projecto, onde se mencionava – tendo como referência o "terraço descoberto" proposto junto ao terreno (ilustração 215) –, estar mal "[...] solucionado o serviço destinado aos excursionistas pois, [...] [não possuía] ligação com a copa, no caso de funcionamento de refeições" (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97). Nesse sentido, a transferência desse espaço para a zona da eira permitiria uma maior proximidade com a copa e os serviços de cozinha.

4. 6. 2 VERSÃO ENTREGUE: PROJECTO

O 'projecto definitivo' solicitado a Manuel Tainha (Portugal. [DGEMN], 1956.02.29, p. 83) será entregue em Novembro de 1956 [140]. Dele constarão a memória descritiva e justificativa [141], fotografias do local (ilustrações 232 [142] e 233 [143]), índice das peças

[138] Esta sugestão é traduzida pelo dinamismo das figuras humanas representadas.

[139] Verifica-se, no terceiro ante projecto entregue, que o espaço referente à eira granítica pré-existente, para o qual se tem ligação desde a cozinha, é legendado por Manuel Tainha como "terraço-eira coberto" (ilustração 215).

[140] O conhecimento da data de entrega do projecto advém da informação recolhida nos arquivos da DGEMN, onde as peças desenhadas se encontram datadas pelo autor (Tainha, Novembro 1956, DES.523251-DES.523261).

[141] *Vide* Anexo S – [Memória descritiva e justificativa do projecto]. Novembro.1956. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

[142] Esta ilustração é parte integrante de um processo entregue à DGEMN por Manuel Tainha, em Novembro 1956. Contém quatro fotografias do local coladas sobre cartolina preta (Tainha, Novembro 1956, fotos 0335572 a 0335575).

desenhadas (ilustração 234) e peças desenhadas do projecto (ilustrações 235-245). Estas últimas são constituídas por planta de localização, plantas dos pisos e de coberturas, seis cortes e a totalidade dos alçados (alguns omissos até esta fase), permitindo um melhor esclarecimento da proposta arquitectónica, para o qual concorre o nível de pormenor que a escala 1:100 propicia.

Na introdução da memória descritiva e justificativa, o autor refere que o projecto entregue corresponde ao primeiro volume – "[...] exclusivamente constituído pelos desenhos de conjunto à escala 1:100 [...] [que] fixam em definitivo a solução arquitectónica do edifício [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 1) – ao qual se juntará um segundo volume, onde constarão a solução "[...] definitiva dos projectos de betão e especialidades [...] [, as] peças de pormenor (e pequenos conjuntos) a escalas maiores [...] [e a] [f]ixação do caderno de encargos e custo definitivo da obra" (Tainha, Novembro 1956, p. 1).

Como foi mencionado no início deste subcapítulo (4.6), o projecto resulta do aprofundamento do terceiro ante projecto, conservando e consolidando os 'princípios de formação' que estão na sua génese, nomeadamente:

- "[D]esenvolvimento planimétrico do conjunto [...] gerando um espaço livre interior – pátio [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 1) – à volta do qual de organizam as diversas áreas funcionais da pousada.
- Implantação do edifício "[...] em estreita aderência ao declive do terreno [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 2), implicando um desfasamento altimétrico em toda a extensão Noroeste do edifício – zona de entrada, aposentos dos motoristas e serviços de lavandaria –, que funcionam em níveis intermédios.
- "[O]rientação única [...] [para a maioria das zonas comuns e] para todos os quartos de cama [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 2), privilegiando-se as vistas panorâmicas sobre a Serra de Estrela.
- "[U]tilização extensiva da pedra granítica e [de] outros materiais de uso comum na região" (Tainha, Novembro 1956, p. 2).

Sem se afastar dos 'princípios de formação' identificados, o projecto introduz as seguintes alterações:

[143] Esta ilustração é parte integrante de um processo entregue à DGEMN por Manuel Tainha em Novembro 1956. Contém cinco fotografias do local coladas sobre cartolina preta (Tainha, Novembro 1956, fotos 0338806 a 0338810).

- "[T]ransferência da residência do concessionário [...] [dotando-a] de maior independência em relação à vida da pousada [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 2).
- "[I]ntegração dos serviços de lavandaria no corpo do edifício [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 2) sob os aposentos dos motoristas.
- Concentração de todos os quartos destinados a hóspedes no piso superior facilitando os percursos de serviço a esses aposentos, como se aconselhava no parecer do SNI (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 98).
- "[C]riação de uma zona de estacionamento de automóveis junto à entrada, em regime livre" (Tainha, Novembro 1956, p. 2).

Às alterações enunciadas na memória descritiva do projecto, juntam-se outras que se constituem como questões igualmente importantes e que serão uma consequência natural do aprofundamento da proposta arquitectónica:

- O aumento da dimensão do módulo para 3,55 metro – que Castro Freire refere já estar a ser considerado à data da elaboração do seu parecer ao terceiro ante projecto (Freire, 1956.01.31, p. 80) – permite, não só a ampliação da área afecta aos quartos de cama e respectivas instalações sanitárias, como de todas as demais áreas dos pisos que lhe estão abaixo.
- Ao aumento do módulo associa-se o aumento da extensão dos corpos transversais do edifício (ilustração 236): o corpo de serviços prolonga-se para Sudeste, ocupando parte do espaço antes destinado a refeições (ilustração 215), dando-se, assim, mais área aos serviços de cozinha e de copa; o corpo da entrada – ao qual, agora, se associa uma área exterior de "alpendre" – destaca-se do plano Noroeste da construção, permitindo, por um lado, autonomizar a recepção ("adro") relativamente às instalações sanitárias e, por outro lado, dotá-la de maior desafogo. Deste modo Manuel Tainha dá resposta às questões colocadas por Castro Freire, que criticava a exiguidade desses espaços (Freire, 1956.01.31, p. 81-80).
- O pátio também é objecto de algumas transformações. Altera-se a sua proporção, que se alonga no sentido Nordeste/Sudoeste, sendo essa diferença absorvida pela zona de jantar, resultando, na mesma medida, um estreitamento do corpo transversal que integra o "átrio". Ainda que o pátio continue a constituir-se como um espaço central na pousada, assume-se de novo o seu encerramento ao

exterior. Assim, o pátio volta a adquirir o carácter de espaço interno – 'claustro' – a partir do qual passa a ser possível estabelecer uma relação com o "restaurante" e com a paisagem (ilustração 226) –, deixando, por isso, de ser "[...] supérflua a sua criação", como mencionava o SNI no seu parecer (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97).

- Se, no terceiro ante projecto, o pátio se constituía como o grande espaço de recepção da pousada (ilustração 215), seu encerramento ao exterior implicará, forçosamente, a alteração da posição da entrada. Passa a fazer-se por Sudoeste (ilustração 236) e, visto que a aproximação ao edifício se faz lateralmente, afirma-se para quem chega (ilustração 235). Nas ilustrações 226 e 227 já se ensaiava esta solução, herdando-se ainda dessas experiências a distribuição espacial na zona do "adro", com os acessos ao "páteo" e ao interior da pousada (ilustração 227).
- Os espaços de uso público, que se iniciam no "adro", progridem para o interior da pousada a partir de uma zona de distribuição – para salas (abaixo) e quartos (acima) – que integra as instalações sanitárias e a cabine "telef[ónica]" e da qual se domina quer a "galeria" superior dos quartos, quer os espaços de estar, que se desenvolvem em profundidade e a cota inferior.
- Implantado à cota baixa e dotado de pé-direito ascendente e generoso, o "átrio" continua a constituir-se como o grande espaço de acolhimento da pousada (corte A B, ilustração 240). A sua relação com o pinhal, a Sudoeste – que no terceiro ante projecto resultava da supressão total da parede (ilustração 215) –, propõe-se circunscrita e fragmentada (ilustração 221), emoldurada por aberturas de dimensões e a alturas variadas que perfuram o muro granítico (ilustração 245, "alçado sudoeste"). Do lado oposto, junto à lareira e sob patamar da escada, uma outra abertura permite uma relação particular com o "páteo".
- A posição da lareira volta a alterar-se, lateralizando-se e invertendo-se o seu sentido (ilustração 236). Por um lado, o seu volume alinha-se com a escada de acesso ao átrio – obstaculizando, numa primeira instância, a visão panorâmica –, por outro, recua até ao limite da "galeria" superior – reduzindo o primeiro espaço de estar ("átrio") em benefício do que lhe é contíguo. O primeiro factor poderá concorrer para o enaltecimento da paisagem, exactamente pela sua negação imediata; o segundo factor enfatiza a separação entre o "átrio" e a zona de fogo ("lareira").

- A configuração do espaço da "lareira", que se prolonga até ao limite do edifício, isto é, até à 'parede' de vidro que separa e relaciona o interior e o exterior, também é objecto de transformação. Contém um "vazio" sobre uma nova área de estar – que se desenvolve em cave, à cota do terraço descoberto [144] – onde se propõe o "bar", figura que constava tanto no primeiro ante projecto (ilustração 158) quanto em alguns desenhos de trabalho posteriores (ilustrações 169, 177-179), e que agora se faz ressurgir.

- A criação deste "vazio" no piso principal associada ao facto da 'parede de vidro' se prolongar até ao piso inferior (ilustrações 240, corte AB e 243), promove uma relação com a paisagem próxima e longínqua, vendo-se o vale e a serra. Deste modo, parece reabilitar-se um dos princípios do primeiro ante projecto onde, ao propor-se as salas de estar e de jantar sobrepostas e relacionadas verticalmente por um vazio (ilustração 159, corte a-b), se procurava o mesmo tipo de relação com o exterior.

- A zona de jantar, agora designada por "restaurante" [145] (ilustração 236), que ocupa uma parte considerável da frente Sudeste do edifício, é limitada pelos serviços de cozinha ("copa") e pela área afecta à "lareira". Entre esta e aquela, coloca-se uma escada de um só lanço, por onde se acede aos espaços de "estar" do piso inferior, propondo-se ainda, no seu alinhamento, uma varanda saliente do plano da fachada que, ao debruçar-se sobre o vale, permite uma privilegiada leitura da paisagem circundante. Por outro lado, o "restaurante" desta pousada relaciona dois espaços exteriores com atmosferas distintas – a extroversão da paisagem em contraponto à introversão de um espaço claustral ("páteo").

- Como se ensaiava na ilustração 221, a "residência do concessionário" transfere-se para o corpo principal da pousada, ocupando o seu limite Sudoeste (ilustração 236). Com acesso directo e autónomo desde o exterior, possui uma planta

[144] Apesar de não se encontrar nomeado na ilustração 236, ou em qualquer outra constante neste projecto, assumimos no nosso texto a nomeação de "terraço descoberto", atribuída por Manuel Tainha no terceiro ante projecto (ilustração 215) a este mesmo espaço.

[145] A designação 'restaurante' utilizada por Manuel Tainha para a zona de jantar reflecte a importância atribuída ao serviço de refeições neste equipamento específico. Tal como era referido no documento que se apresenta no Anexo C sobre as "[g]eneralidades acerca dos programas para as pousadas a construir segundo o novo plano", desaconselhava-se um programa-tipo, pois cada pousada teria de dar resposta às "[...] exigências e necessidades locais, visto que, se umas têm mais movimento de refeições, outras o terão maior de dormidas; se umas são nitidamente de passagem, outras serão de maior permanência" (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p.17). Por se localizar a meio caminho entre as cidades de Coimbra e da Guarda, a pousada de Oliveira do Hospital corresponde a um equipamento de estrada (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 5) atribuindo-se, por isso, maior importância ao serviço de refeições comparativamente ao de dormidas. Este facto é verificável no programa específico para esta pousada (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 29-27) onde, para catorze quartos de cama se requerem setenta e cinco refeições simultâneas (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 28).

quadrada (com "8.20" m de lado), que integra uma sala com lareira, dois quartos e instalação sanitária. Separa-se da restante construção por um "terraço coberto" – que estabelece comunicação a zona da "lareira" –, virando-se exclusivamente à paisagem. Tem acesso ao terreno por escada de um só lanço, e a lareira que para ele se propõe reabilita alguns ensaios do início deste processo, anteriores à formalização do segundo ante projecto [146], constantes nas ilustrações 160 (desenho 'e'), 169, 171, 175.

- Nas peças desenhadas deste projecto não existe qualquer referência à zona destinada à recepção de excursionistas. Contudo, nas peças escritas, quando se relacionam "as 5 funções construtivas [e os] materiais [a empregar]" (Tainha, Novembro.1956, p. 6a), propõe-se a utilização de uma "estrutura" de "aço" nos "pilares [...] da eira" (Tainha, Novembro.1956, p. 6a), que nos remete para os ensaios constantes nas ilustrações 230 e 231 – nos quais se representava uma cobertura elíptica apoiada numa estrutura pontual – comentados em 4.6.1.
- Como já foi referido, este projecto inclui os serviços de lavandaria – "lavagem[,] engomadaria [e] estendal" (ilustração 236) – no interior da edificação, o que implica a ampliação para dois pisos do corpo que os integra. Na sua contiguidade e com ligação directa ao exterior, encontra-se o "adro de serviço", onde se posicionam os montantes destinados a "lixos [e] roupa suja".
- Sobre a zona de serviços referida, mantêm-se os aposentos do "pessoal [dos] hóspedes" (motoristas) (ilustração 237). Apesar de terem instalações sanitárias colectivas, são dotados de quartos de banho próprios e de sala de estar comum, viabilizando, em caso de necessidade, a sua utilização pelos próprios hóspedes (Tainha, Novembro 1956, p. 2).
- A sala de "refeições [para o] pessoal" (ilustração 236), que assume a mesma posição que no terceiro ante projecto (ilustração 215), propõe-se com pé-direito duplo estabelecendo uma relação privilegiada com pátio – direccionada com o pinheiro de grande porte pré-existente –, através do vão vertical que interrompe a parede granítica (ilustração 240, corte CD). Entre a sala de "refeições [do] pessoal" e a "[sala de] estar [do] pes[soal dos] hóspedes" localizam-se os acessos verticais que ligam as diferentes cotas a que se encontram os corpos que as contêm.

[146] Recordemo-nos que o segundo ante projecto é entregue em 18 de Maio de 1955, cerca de um ano e meio antes da formalização e entrega do presente projecto, não existindo, neste lapso temporal, quaisquer outros ensaios desta natureza.

- Como se observa pela leitura da planta do último piso e pelo alçado Sudeste (ilustrações 237 e 243), o total de quartos requerido no programa (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 28) é separado por dois troços descontínuos. Ao troço maior correspondem os dez quartos a construir na primeira fase, que mantêm a possibilidade de articulação dupla, fazendo-se, agora, a sua ligação na zona da entrada, visto as instalações sanitárias se proporem adjacentes. Todos estes quartos passam a ser dotados de varandas individuais. Os restantes quatro quartos funcionam sobre o terraço coberto e os aposentos do concessionário. A solução espacial proposta parece decorrer da experiência ensaiada na ilustração 225 onde, aproveitando-se a inclinação da cobertura se cria um mezanino que comporta a zona de dormir, libertando todo o espaço inferior do aposento (ilustração 237, 241 corte GH). A medida de "2,26" metro para o corredor de acesso aos quartos, testada nessa mesma experiência (ilustração 225), reduz-se neste projecto para "2,25" metro (241, corte GH), passando a existir uma relação proporcional com a outra medida naquele ensaiada – de "18" centímetro –, comentada em 4.6.1.

- As garagens individuais, que se reduzem a seis lugares [147] (ilustração 236) – opção que poderá advir de uma questão compositiva, visto os limites do seu volume se alinharem com o limite do edifício principal e com a "ent[rada] secund[ária]", respectivamente –, mantêm a posição assumida no terceiro ante projecto (ilustração 215), acrescendo-se lugares de "estacionamento" junto à entrada que, por acompanharem o declive natural do terreno, se propõem em socalcos (ilustração 245, alçado sudoeste). Este novo "estacionamento" também é protegido por um coberto, tal como o acesso que o liga à entrada na pousada (237 e 245, alçado sudoeste).

- A composição do alçado sudeste (ilustração 243) assenta num desenho de base normativa que se traduz, tanto na adopção de um sistema estrutural modular – 'princípio de formação' presente desde o início deste processo –, quanto na repetição da dimensão e do ritmo dos vãos correspondentes aos dois últimos pisos, não obstante algumas variações pontuais – "residência do concessionário" e "copa". Por contraponto, as paredes graníticas – embasamento do corpo principal do alçado Sudeste (ilustração 243) e os alçados Noroeste (ilustração 244), Sudoeste e Nordeste (ilustração 245) – "[...] assimila[m] novas e ilimitadas séries de aberturas (ou quaisquer outros acidentes) tão adaptáveis quanto [...] [se quiser]

[147] Recordemo-nos que o programa para esta pousada requeria sete lugares de estacionamento privado (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 27).

às puras necessidades do espaço interno" (Tainha, Novembro 1956, p. 4), que Manuel Tainha afirma ser uma técnica que o aproximou das "[...] práticas rurais" (Tainha, Novembro 1956, p. 4). Se, por um lado, essa sua afirmação é legitimada na aparente irregularidade compositiva das paredes graníticas que conformam o edifício – visando, eventualmente, um melhor acolhimento da sua proposta por parte das entidades oficiais, nomeadamente do SNI –, por outro, verifica-se que essa 'irregularidade' tem subjacente uma ordem de regulação fundada na aplicação de um sistema aritmético de proporções – apoiada no *Modulor*, explorada no mapa de vãos presente na ilustração 224, e implementada no presente projecto –, determinando as dimensões de todos os vãos que compõem essas paredes. Assim, sob a aparente implementação de uma técnica que o aproximou das 'práticas rurais', descobre-se uma ordem outra, de natureza claramente erudita.

4. 6. 3 PARECERES: PROJECTO

O primeiro parecer emitido relativo ao projecto é, uma vez mais, elaborado por Castro Freire em papel timbrado com o seu nome (Freire, 1957.01.21, p.111, 110) [148]. E, uma vez mais, o seu conteúdo é elogioso, afirmando-se que "[n]o desenvolvimento do projecto [...] o autor vincou bem a sua inconfundível personalidade, quer na expressão plástica do conjunto, quer na expressão gráfica que deu ao seu projecto, quer ainda na maneira como orienta a sua Memória Descritiva e Justificativa", merecendo por isso, "[...] de uma maneira geral [...] [a sua] aprovação [...]" (Freire, 1957.01.21, p.111). Apesar disso, Castro Freire questiona algumas opções de ordem funcional, a saber:

- A porta de entrada na pousada "[...] afigura-se-[lhe] mesquinha em relação ao desafogado alpendre que definitivamente a acusa" (Freire, 1957.01.21, p.111).
- Entende que as instalações sanitárias junto à entrada deverão ser objecto de maior desenvolvimento e que deverá, também, considerar-se um "[...] sítio recatado onde o autor possa colocar a central de recepção telefónica do edifício [...] [a ser] manipulada pelo porteiro" (Freire, 1957.01.21, p.111).

[148] *Vide* Anexo T – Parecer sobre o projecto da pousada a construir em Oliveira do Hospital. 1957.01.21. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03.

- Refere a ausência, "[d]ecerto por lapso [...]" (Freire, 1957.01.21, p.111), de separação entre o espaço destinado a restaurante e o espaço de estar que lhe é contíguo.
- Julga "[...] essencial criar um mínimo de instalações sanitárias para pessoal na zona de trabalho, que tão bem resolvida se encontra no andar principal" (Freire, 1957.01.21, p.111). Sobre este assunto, parece-nos que as instalações sanitárias existentes nos aposentos do pessoal, previstas por Manuel Tainha no andar inferior, pretendiam servir – quer pela sua localização, quer pelo seu fácil acesso deste a referida "zona de trabalho" – a valência agora solicitada.
- Castro Freire, à semelhança de algumas das cíticas por si apontadas ao terceiro ante projecto (Freire, 1956.01.31, p. 81-80), considera exíguos alguns espaços e dimensões adoptados por Manuel Tainha, nomeadamente a garrafeira e a largura dos "[...] lances de escada que dão acesso ao bar e ao andar dos quartos" (Freire, 1957.01.21, p. 110).
- Aconselha o autor a incluir "[...] no seu estudo o arranjo da parte destinada às excursões que julg[a estar previsto] na Eira [...]" (Freire, 1957.01.21, p. 110).
- Ainda refere, tendo em conta "[...] a expressão que [o autor] encontrou na sua Memória Descritiva [...] [, que o estudo] deveria [...] [ter sido] acompanha[do] de um mapa de acabamentos [...] [, pois] sem dúvida facilitaria a apreciação do projecto que [...] [entende,] ser nas suas linhas gerais uma tentativa séria de integração na paisagem e na construção local". (Freire, 1957.01.21, p. 110).

Quando, na sua memória descritiva, Manuel Tainha integra um quadro onde relaciona "as [cinco] funções construtivas [e os] materiais" (Tainha, Novembro 1956, p. 6a), define as situações genéricas em que esses materiais se empregarão: "lajedo e empedrado simples [em] pedra"; "superfície[s] de descofragem aparente [em] betão armado"; "tijoleira, azulejo vidrado, telha romana" dentro dos materiais "cerâmicos"; aplicação do "aço [nos] pilares da galeria do páteo, e da eira", assim como nos "prumos de guardas"; a utilização extensiva da "madeira [em] forros de [...] parede[s], tecto[s], guardas, pavimento[s] [...] móveis fixos, escadas [...], caixilharia de portas e janelas, persianas e rótulas, bandeiras [...]". Apesar de este quadro não ser exactamente um mapa de acabamentos – onde, para cada compartimento são definidos todos os materiais a empregar – cremos que as orientações nele expressas são coerentes com o grau de detalhe do projecto. Acerca deste assunto Manuel Tainha esclarece que "[...] as formas que agora se apresentam sob uma figura-tipo, desenvolver-se-ão segundo o grau de adaptação a cada caso concreto. E então

esta grelha dará lugar a uma outra que se adapta[rá] à evolução dos trabalhos de execução [...] [que] constará do segundo volume [onde se definirá t]oda a pormenorização da obra [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 6).

O SNI emite parecer sobre o projecto da "[p]ousada a erigir em Oliveira do Hospital (Póvoa das Quartas)" a 15 de Fevereiro de 1957 (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p.118-115) [149]. Nesse parecer, que integra algumas anotações manuscritas a grafite [150], começa-se por descrever as alterações que este projecto propõe – relativamente ao ante projecto que o antecede – expressas na memória descritiva que o integra (Tainha, Novembro 1956, p. 2), nomeadamente, a "[t]ransferência da localização do concessionário[, a] [i]ntegração dos serviços de lavandaria no corpo do edifício[, a] [r]edução a um único nível de todos os quartos de cama dos hóspedes [e a] [c]riação de uma zona de estacionamento de automóveis junto à entrada" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 118).

- Das quatro páginas que o parecer comporta, mais de uma são dedicadas à nova localização proposta para o alojamento do concessionário afirmando-se ser um "[...] grande êrro localizar a [sua] habitação [...] fora do núcleo principal do edifício [...]" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 118), explicando-se, de seguida e com grande detalhe, a importância da figura do concessionário para o bom funcionamento de uma pousada. Note-se que esta residência se transfere do extremo Nordeste do edifício – junto aos serviços – para o extremo que lhe é oposto, a Sudoeste – próximo das zonas comuns –, não assumindo, quer antes, quer agora, uma posição central na pousada, pelo que, o surgimento desta crítica é, no mínimo, surpreendente. Junto ao texto surge a anotação: "[r]esolver garantindo comunicação directa entre a instalação do gerente e a pousada" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 118), dando a entender que essa garantia poderá viabilizar a nova localização proposta e, consequentemente, a sua aceitação por parte do SNI.
- Considera-se [...] "vantajosa a integração dos serviços de lavandaria no corpo do edifício [...]" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 117) desde de que se evite o contacto visual sobre esta zona por parte dos hóspedes, anotando-se "[a]tender" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 117, 116).

[149] *Vide* Anexo U – Pousada a erigir em Oliveira do Hospital (Póvoa das Quartas). [Parecer emitido pelo SNI relativo ao projecto]. 1957.02.15. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

[150] No parecer elaborado pelos serviços do SNI, surgem algumas anotações manuscritas ao lado do texto das quais desconhecemos a autoria. Encontrando-se este documento nos arquivos da DGEMN, pode presumir-se que essas anotações tenham sido elaboradas por um técnico daquela Direcção-Geral, não sendo de excluir o conhecimento do seu teor por parte do próprio Manuel Tainha que, acreditamos, tenha sido consultado no sentido de dar resposta às considerações mencionadas no parecer do SNI.

- "Apoia[-se] inteiramente [...] [a] redução a um único nível de todos os quartos de cama dos hóspedes [...]" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 116), solucionando-se assim o serviço de assistência a todos os quartos. Recordemo-nos que o terceiro ante projecto – onde se propunham os quatro quartos suplementares no piso principal – tinha sido objecto de crítica por parte do SNI, alegando-se estar mal resolvido o serviço a esses quartos (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 98).

- Põe-se em causa a utilização do refeitório destinado ao pessoal da pousada pelo pessoal dos hóspedes (motoristas), o "[...] que obriga a devassar zonas que pela sua natureza não devem nunca ser acessíveis a pessoal estranho à pousada" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 116). Relacionada com esta crítica surge a nota "[e]sclarecer com o Arq.to Santos Costa" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 116), um dos autores deste parecer e, nesta altura, "Arquitecto Chefe dos Serviços Técnicos [do SNI]" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 115).

- Se, no terceiro ante projecto, o SNI condenava a existência do pátio central, quer pela sua exposição a Noroeste, quer pelo pouco relacionamento com o espaço interno da pousada, agora aceita a sua existência pelas valias que passou a comportar: encerramento ao exterior (Noroeste) e relacionado com o espaço interno (sala de jantar) e, através dele, com a paisagem.

- Alega-se, de novo, que o presente estudo não tem instalações sanitárias destinadas a excursionistas, "[...] não se percebe[ndo] qual a razão desta falta, visto que estas instalações estavam previstas no estudo anterior e também porque fazem parte integrante do programa proposto" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 115). Pelo que se pode verificar, nem o estudo anterior (ilustrações 215 e 216), nem o programa proposto (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 29-27) contemplam essas instalações ou, sequer, uma zona própria para recepção de excursionistas, embora o parecer do SNI anteriormente emitido já lhes faça referência. Sobre este assunto, aparece anotado: "[p]ode manter-se a solução da eira – ideia engraçada" (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 115), o que, de alguma forma, permite deduzir que a eira poderá estar pensada como um espaço destinado à recepção de excursionistas apesar de, até esta data, Manuel Tainha não entregar oficialmente nenhuma proposta concreta, ainda que os desenhos de trabalho constantes das ilustrações 230 e 231 possam corresponder a ensaios para suprir a falta desse espaço.

Em 8 de Março de 1957, elabora-se uma informação no seio da DGEMN (Portugal. [DGEMN], 1957.03.08, p. 124), enviada ao "[...] Engenheiro Director Geral [...]" daqueles serviços em 13 de Março (Portugal. [DGEMN], 1957.03.13, p. 45), na qual se enumeram as quatro alterações introduzidas no projecto mencionadas por Manuel Tainha na sua memória descritiva (Tainha, Novembro 1956, p. 2), já por nós referidas. A informação refere que o projecto, apesar de ser uma continuidade do ante projecto que o antecede, corresponde a "[...] um estudo mais apurado [...] [considerando-se] vantajosas as alterações [...] [introduzidas] no sentido de uma melhoria funcional da pousada [...] [pelo que se propõe a sua aprovação e o] desenvolvi[mento] [d]o projecto definitivo" (Portugal. [DGEMN], 1957.03.08, p. 124).

É só em 2 de Agosto do mesmo ano, ou seja, cinco meses após a anterior informação – e nove sobre a entrega oficial do projecto –, que a DGEMN elabora o que parece ser o "[p]arecer [definitivo do] [p]rojecto da Pousada de Oliveira do Hospital" (Portugal. [DGEMN], 1957.08.02, p. 59) [151], que será enviado, uma vez mais, ao "[...] Engenheiro Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais" (Portugal. [DGEMN], 1957.08.03, p. 60) acompanhando a devolução do respectivo projecto.

É um parecer breve no qual se propõe a aprovação da proposta, solicitando-se "[...] que o autor apresente as peças escritas, cálculos de estabilidade e instalações especiais respeitantes ao projecto definitivo" (Portugal. [DGEMN], 1957.08.02, p. 59).

4. 7 PROJECTO FINAL: 1958

Após as considerações expressas nos pareceres anteriores, Manuel Tainha desenvolve o projecto final para a pousada de Oliveira do Hospital onde introduzirá algumas alterações que serão uma consequência natural da progressiva afinação da proposta arquitectónica procurando, em simultâneo, dar resposta às questões colocadas naqueles. O processo prossegue, assim, com aparente normalidade, tendo a entidade adjudicante (MOP/DGEMN) aprovado, de um modo geral, o projecto e solicitado a sua prossecução ao arquitecto.

Paralelamente, em 28 de Outubro de 1957, em pleno desenvolvimento do projecto final, o Chefe da Brigada de Assistência aos Estabelecimentos Hoteleiros do SNI dirige uma

[151] *Vide* Anexo V – Parecer: Projecto da Pousada de Oliveira do Hospital. 1957.08.02. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03.

informação de serviço ao Presidente do Conselho (Portugal. [SNI], 1957.10.28, p. 1-3) [152] onde – face ao desenvolvimento das várias propostas para esta e para outras pousadas desta geração –, sugere uma mudança de estratégia para a implementação de novas pousadas.

- Começa por afirmar "[...] não ser possível, nem aconselhável, manter-se por mais tempo a situação indefinida que se tem verificado com o novo Plano de Pousadas cujo estudo [...] tem prosseguido com a maior irregularidade, encontrando constantes dificuldades, mercê não ter nunca sido possível conciliarem-se as opiniões dos diversos Organismos que têm interferência no assunto" (Portugal. [SNI], 1957.10.28, p. 1), ou seja, por um lado, a DGEMN tutelada pelo Ministério das Obras Públicas – quem adjudica –, por outro lado, o SNI tutelado pela Presidência do Conselho – quem, efectivamente, detém a última palavra, ou seja, quem manda.
- Volta a referir-se o erro de se ter entregado os projectos das novas pousadas "[...] a jovens arquitectos, de tendências o menos clássicas possíveis [...] saídos nos últimos anos das Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto [...] que [não] s[e]nt[e]m as pousadas no mesmo diapasão que António Ferro as sentiu, ao criá-las" (Portugal. [SNI], 1957.10.28, p. 1). Neste ponto, interessa lembrar que esse "[...] êrro de origem [...]" era mencionado no ofício de 5 de Abril de 1955 dirigido ao Presidente do Conselho, na sequência da entrega dos primeiros ante projectos das pousadas, tendo sido, desde essa altura, a proposta para a pousada para Oliveira do Hospital objecto de transformações significativas no sentido de uma aproximação séria aos valores arquitectónicos da região, traduzida, quer nas propostas desenhadas subsequentes, quer na memória descritiva do terceiro ante projecto (ver Anexo O).
- Colocadas estas questões, sugere-se, então, uma mudança de estratégia com a possibilidade de aproveitamento de edifícios pré existentes – "[...] a velha casa, o antigo palácio, o tradicional solar, ou até o histórico castelo [...]" (Portugal. [SNI], 1957.10.28, p. 2) – para a integração das novas pousadas, julgando-se não ser "[...] difícil, nas regiões previstas para [...] [a sua localização], encontrarem-se edifícios capazes de servirem ao fim em vista [...]" (Portugal. [SNI], 1957.10.28, p. 2). E só quando não fosse possível "[...] solucionar o problema, por falta de edifício

[152] *Vide* Anexo X – Informação de serviço: [Proposta para a mudança de estratégia relativa ao] Plano de Novas Pousadas.1957.10.28. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 3/B-39-2, NT-109.

> adequado, [...] se iria para a solução de pousada construída de raiz – procurando-se, evidentemente, arquitectos que se soubesse poderem responder àquilo que se pretende" (Portugal. [SNI], 1957.10.28, p. 2-3).

No seu despacho de 31 de Outubro, em resposta a esta proposta de mudança de estratégia, o Presidente do Conselho afirma que "[...] a solução apresentada [...] tem interesse e pode ser adoptada [...] [desde de que se verifique] qual o compromisso tomado pelas Obras Públicas para com os autores dos projectos" (Portugal. [SNI], 1957.10.28, p. 1) lembrando, ainda, que existe "[...] um plano de pousadas e localizações [...] aprovado e a que na medida do possível se deve dar execução [...] [apesar de não se poder] perder de vista que as pousadas não podem ser construídas sem a aprovação do SNI" (Portugal. [SNI], 1957.10.28, p. 1-1a).

Como se verificou, pela leitura do projecto e dos pareceres subsequentes, a proposta arquitectónica para a pousada de Oliveira do Hospital encontra-se bastante consolidada. Por isso, os desenhos de trabalho que antecedem a entrega do projecto final incidirão em questões de pormenor, propondo-se alterações pontuais para o corpo transversal que contém a entrada e parte do corpo principal do edifício.

4. 7. 1 INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DE TRABALHO: PROJECTO FINAL

Ilustração 246

São representadas projecções ortogonais – três plantas, dois cortes e um alçado – e uma perspectiva, que dizem respeito ao corpo transversal do edifício onde se situa a entrada, a recepção e parte da zona de estar. Mantém-se a proporção planimétrica desta parte da construção (plantas 'a', 'b', e 'c') em relação ao projecto anterior (ilustração 236). Contudo, ensaiam-se algumas alterações, nomeadamente a configuração das fachadas Nordeste, Sudoeste, e da cobertura, a localização das instalações sanitárias e o ressurgimento de um espaço destinado a bar.

Em todas as plantas, a fachada Nordeste é representada por dois planos oblíquos concordantes que criam um 'côncavo' exterior, fazendo lembrar algumas formas adoptadas em experiências iniciais deste processo, nessa altura, aplicadas ao corpo principal do edifício (ver ilustrações 162, 164, 175). Essa mesma forma é agora aplicada neste contexto, fazendo o topo mais saliente do corpo transversal e enfatizando, de algum modo, a separação exterior/interior – visto um dos planos que constrói esse topo

resguardar um espaço exterior coberto, e o outro limitar o espaço interno da recepção, sendo exactamente o eixo de concordância desses dois planos que define o arranque do muro que integra a porta de entrada.

Também a cobertura da zona da entrada/recepção, proposta nos desenhos 'd' e 'f', se ensaia simétrica relativamente à solução do projecto (ilustração 240, corte AB), onde a cobertura da recepção e do átrio era complanar, apesar de naquela se propor – ao nível do espaço interno – um tecto suspenso horizontal. Desta alteração, resulta uma cobertura composta por dois planos convergentes – formando uma homotetia com o topo Noroeste do corpo transversal – onde, a partir de um único algeroz, as águas das coberturas são dirigidas para um receptáculo exterior, que se representa quer no alçado 'f', quer na planta que lhe está adjacente (planta 'c'). Entre o algeroz e o receptáculo de recolha de águas pluviais é representado um vão (planta 'f') que serve um espaço de estar resguardado, parecendo surgir de novo uma área de bar que, apesar de ser dotada de alguma autonomia, se integra na zona de estar principal, relacionando-se também, pela sua proximidade, com a recepção (plantas 'a', 'b', e 'c').

A perspectiva esquemática 'e' corresponde a um enquadramento do espaço de estar a partir da sua cota inferior, onde se pode ler o plano de frente que conterá o bar, os acessos a esse espaço e à recepção e, ainda, as escadas, quer entre as diferentes cotas da zona de estar, quer desta para o piso superior.

No projecto entregue, as instalações sanitárias situavam-se no espaço agora ocupado pelo bar (ilustração 236), o que terá implicado a sua transferência para Norte, contíguas à recepção (plantas 'a', 'b' e 'c'), ou então, em sentido inverso, a nova localização proposta para as instalações sanitárias espoletou o ressurgimento de uma área destinada a bar.

Os desenhos inferiores da ilustração (planta 'c' e o corte 'f') apresentam-se contornados e anotados: "esta é q[ue] é finalmente a solução".

Se os registos constantes na presente ilustração são desenhados com esferográfica azul, os registos das próximas quatro ilustrações – que correspondem a duas folhas, ocupadas na frente e no verso – serão representados com tinta permanente preta. Apesar da mudança de instrumento riscador e da dimensão do suporte [153] poder indiciar tempos diferentes de acção, a investigação projectual parece fundar-se na 'solução' à qual se chegou nesta experiência.

[153] O suporte da ilustração anterior (ilustração 246) tem as dimensões de 160 x 127 mm. A dimensão da presente ilustração (247) e das seguintes (ilustrações 248-250) – que ocupam duas folhas, na frente e no verso possuem dimensões idênticas, com 114 x 132 mm.

Ilustração 247

De entre todos os registos presentes, a planta – pela sua posição, dimensão, nível de pormenor – constitui-se como o de maior impacto no suporte, verificando-se, também, uma concordância entre a sua escala e a das plantas anteriores (ilustração 246, desenhos 'a', 'b' e 'c'), o que reitera a relação de continuidade entre ambos. Apesar disso, a investigação projectual alastra-se até ao corpo principal do edifício, que engloba a restante zona de estar e a zona antes destinada ao concessionário (ilustração 236).

Nesta solução, a entrada propõe-se com outra direcção, atravessando um novo espaço – antecâmara –, a partir do qual se acede à recepção propriamente dita. Nas instalações sanitárias, aí inscritas, acrescenta-se um maior nível de pormenor esclarecendo-se, apesar do esquematismo da representação, qual o género a que cada uma se destina.

A área de estar contempla o bar (ilustração 246), os acessos verticais, a zona de fogo, e uma outra com relação ao terraço exterior. Ensaiam-se alternativas para a localização das escadas que ligam as duas cotas da área de estar cujas experiências já ocorrem na planta 'c' da figura 246. A lareira assume uma posição lateral – adossada à parede do pátio –, já não se constituindo como um volume autónomo que, por se alinhar à "galeria" superior, enfatizava a separação entre espaços, como se propunha no projecto (ilustrações 236, 237). Se nessa mesma versão (projecto), os últimos cinco módulos do corpo principal eram destinados a um "terraço coberto [e à] residência do concessionário" (ilustração 236), agora essa área é objecto de alguma indefinição: mantém-se o número de módulos, que se autonomizam com muros de separação, parecendo o primeiro estar relacionado com a sala e o último corresponder a um vazio coberto.

Como já mencionámos, os outros registos deste suporte adquirem menor importância no conjunto: a planta geral 'b' permite confirmar a relação entre os diversos corpos da pousada, mantendo-se a proposta do projecto (ver ilustração 235); na planta parcial 'c', estuda-se uma alternativa para a zona de intercepção dos corpos principal e transversal, ensaiando-se um desfasamento entre os planos que os constituem; o registo 'd' parece corresponder ao alçado Sudoeste do corpo principal, com um vazio sob o volume dos quartos.

Ilustração 248

Agora, a investigação cinge-se ao corpo transversal da pousada. Altera-se a área exterior da entrada que, ao ampliar-se, deixa de se alinhar com o plano transversal. Também a zona

de transição que liga a recepção à área de estar é objecto de transformação ao acrescentar-se-lhe um novo espaço que, tendo como referência o projecto (ilustração 236), deverá destinar-se à cabine telefónica para uso de hóspedes. Contudo, neste caso, esse pequeno espaço acrescentado relaciona-se com a recepção, dotando-o, porventura, de maior privacidade em relação à sala. Nas duas plantas desta figura (desenhos 'a' e 'b'), a suposta cabine telefónica é representada como um volume que se salienta do plano de fachada, criando uma descontinuidade planimétrica no alçado Nordeste do pátio.

Na planta 'a', confirma-se a localização do bar, acrescentando-se-lhe o equipamento móvel – balcão e bancos – insistindo-se também na abertura, a Sudoeste, enquadrada com o que poderá corresponder ao receptáculo de águas pluviais (ilustração 246 desenhos 'c' e 'f').

Na planta 'b', é representado um novo compartimento que se subtrai à área de bar que, ou corresponde a um seu espaço de apoio, ou a uma alternativa para a cabine telefónica. Os números anotados – "1", "2" e "3" – corresponderão a um zonamento desta porção de área: espaço de estar, à cota baixa; espaço de estar de apoio ao bar, à cota alta; espaço de distribuição. Quanto à solução projectual para os demais espaços (planta 'a'), mantém-se o proposto na ilustração 247 (planta 'a'), parecendo, no entanto, estabilizar-se a posição da escada que liga as diferentes cotas da zona de estar.

O registo 'c' – corte longitudinal perspectivado – mostra o bar a partir da zona de transição entre a recepção e os espaços de estar, coincidindo a fronteira entre desses dois espaços com a intercepção dos planos convergentes da cobertura – que se repercutem no interior –, a partir da qual o espaço se dilata para ambos os lados (ilustração 246, desenhos 'd' e 'f').

Ilustração 249

Se, na última ilustração, a investigação incidia na área afecta ao bar, na presente estudam-se os espaços subsequentes – zona de estar e concessionário.

A primeira – zona de estar – divide-se em cinco ambientes distintos, estando as suas áreas de influência assinaladas por contorno: "E" corresponde ao "bar" que se implanta à cota alta; "C" ao átrio, com uma cubicagem mais generosa por via da inclinação ascendente da cobertura; "B" à zona de fogo, mais íntima – por se encontrar sob a laje do piso superior – e sem relação directa com a vista panorâmica mas com hipótese de ligação com o pátio [154]; "A" corresponde à área da sala exposta à paisagem através do terraço exterior,

[154] Essa ligação visual anuncia-se pela representação de dois traços perpendiculares ao muro parietal que definirão uma pequena abertura (ver ilustração 236).

possuindo, por isso, uma grande amplitude horizontal que se contrapõe à amplitude vertical do átrio; a sala de "leit[ura]", anotada com a letra "D", onde parece experimentar-se a possibilidade de permeabilidade espacial com a anterior área de estar ("A") – afirmada pela trama de preenchimento do plano que as separa –, goza, como aquela, de uma franca relação com a paisagem. A partir dos diversos ambientes identificados, é possível verificar, no limite, uma vivência espacial com um duplo e oposto sentir – o recolhimento e a protecção da interioridade – 'introversão' – ou a exposição à arrebatadora paisagem serrana – 'extroversão'.

No limite do corpo principal da pousada – na continuidade da sala de leitura e do vazio exterior –, encontra-se a residência do concessionário. A sua disposição – sala, dois quartos e instalação sanitária – e localização são idênticas à proposta do projecto (ilustração 236), acrescentando-se a possibilidade de comunicação directa ao interior da pousada, não obstante manter-se um acesso autónomo desde o exterior. Deste modo, tenta dar-se resposta às observações constantes no parecer do SNI (Portugal. [DGEMN], 1957.02.15, p. 117, 118), onde se criticava a ausência de ligação interna entre a residência do concessionário e os restantes espaços da pousada [155].

O alçado principal parece decorrer da planta que lhe está acima, sendo possível identificar – pela trama de preenchimento adoptada – a existência do vazio entre a residência do concessionário e a sala de leitura. Contudo, se numa fase inicial deste desenho se identificam os últimos quatro módulos, pela variação de cotas das coberturas – mantendo-se a solução do projecto (ilustração 243) –, marcas horizontais sobrepostas indiciam a adição de um quinto módulo, alterando-se a solução com o eventual propósito de obter um outro jogo compositivo. Por sua vez, esta alteração parece espoletar uma outra: o surgimento de um vazio coberto, ao nível do piso intermédio, no limite da construção, hipótese já abordada na ilustração 247.

Além destas alterações, este alçado mantém a proposta do projecto entregue em Novembro de 1956 (ilustração 243), como se pode verificar pela sua leitura comparada.

Ilustração 250

São apresentadas duas plantas esquemáticas parcialmente sobrepostas. A planta 'a' reproduz a proposta que tem vindo a ser desenvolvida nas últimas ilustrações, com o vazio

[155] Recordemo-nos que nesse parecer aparecia anotado a grafite "[r]esolver garantindo comunicação directa entre a instalação do gerente e a pousada" (Portugal. [DGEMN], 1957.02.15, p. 118), correspondendo à alteração que agora se propõe.

(identificado como "páteo") entre a zona de estar e o "concess[ionário]". Na planta 'b', esse vazio é ocupado por um acesso vertical que serve, aparentemente, de ligação ao terreno, alternativa já colocada na ilustração anterior (ilustração 249).

Ilustração 251

Estamos em presença de dois alçados do muro Sudoeste do corpo transversal, vistos a partir do interior do espaço: um geral, outro parcial.

O primeiro – desenho inferior – corresponde a uma representação genérica onde se relacionam a porta de entrada, a gárgula e o receptáculo de recolha de águas pluviais – ambos exteriores [156] –, um vão de dinâmica vertical que serve o átrio e, a cota inferior, ensaios para a localização da porta de acesso à sala de leitura.

No segundo – desenho superior –, detalha-se o 'vão de dinâmica vertical' do átrio que, na verdade, integra três aberturas que se relacionam com os diversos espaços que servem: o espaço de estar, à cota baixa; a zona de apoio ao bar, à cota alta; e o mezanino, ao nível dos quartos. Apesar de simétrica, verifica-se que esta composição decorre da proposta apresentada no projecto (ilustração 245), contribuindo a inversão da colocação das aberturas para uma melhor conjunção com o espaço interno.

Ilustração 252

Estamos na presença de uma ilustração de maior dimensão (495 x ~380 milímetro) onde os registos representados têm uma natureza diversa dos anteriores. São executados com instrumentos de rigor e a escalas convencionais – 1:25 e 1:10 –, utilizando-se a grafite como riscador e o papel de esquisso como suporte, devendo, por isso, constituir-se como base para uma das "[...] peças de pormenor [...] a escalas maiores [...]" – 1:50, 1:25 e natural [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 1) que irão fazer parte do projecto final da pousada.

Os registos de maior impacto desta ilustração apresentam-se cotados e correspondem ao corte transversal e à vista frontal da escada principal da pousada. Apesar da ausência de legendas, o nível de pormenor propiciado pela natureza da representação e pela escala dos desenhos (1:25) traduz o modo como se quer construir, esclarecendo sobre os

[156] Verifica-se, uma vez mais, existir uma certa liberdade na representação visto, num mesmo desenho, coexistirem vistas que podem ser lidas, quer a partir do interior do espaço, quer a partir do exterior (gárgula e receptáculo de recolha de águas pluviais).

materiais a empregar e as suas ligações. Propõe-se uma escada em madeira cujos degraus se apoiam numa estrutura constituída por duas pernas com "13,5 x 27 x 480 [centímetro]", que, por sua vez, assenta no pavimento da sala e se amarra à laje superior de betão. Peças quadriláteras ligam os degraus às pernas da escada através de três pontos de apoio, como se pode verificar no desenho 'a' – no segundo e no sexto degrau. Entre o sétimo e o nono degrau, também se esclarece que os prumos da guarda se ligam por atravessamento às peças de madeira que constituem os degraus, estudando-se com maior pormenor essa ligação no registo 'c', onde se explicita o tipo de atravessamento do prumo – roscado nessa zona – e a sua amarração nas faces superior e inferior do degrau. A ampliação da escala deste registo ('c') – 1:10 – permite ainda o esclarecimento sobre a ligação da guarda ao corrimão, mediada por uma peça metálica de secção rectangular.

Se o registo 'c' resulta da ampliação de um fragmento da vista frontal da escada (desenho 'b'), esclarecendo a sua guarda com maior detalhe, no registo 'd' – situado no canto inferior direito do suporte – ensaia-se um outro desenho de corrimão, definindo-se dimensionamentos: a zona de empunhamento é talhada a partir "duma peça [em madeira] de 10 x 13,5 [cm]", que é suportada por um "varão [metálico com] Ø [157] 1,5/2 [cm]", fazendo-se a ligação entre ambos por uma "barra [com] 4 x 1 [cm]" soldada ao varão e encastrada no corrimão.

Na zona superior do suporte, surgem ainda alguns desenhos de detalhe, executados à mão levantada, uma operação numérica e anotações ('e'). Nestas últimas, Manuel Tainha escreve – "planta[,] alçado[,] corte[,] 1:25" – correspondentes, dois dos desenhos aos presentes nesta ilustração – visto a planta não constar –, que se encontram representados à escala 1:25.

4. 7. 2 VERSÃO ENTREGUE: PROJECTO FINAL

Se o projecto entregue em Novembro de 1956 "fixa[va] [...] a solução arquitectónica do edifício" (Tainha, Novembro 1956, p. 1), a presente entrega contemplará os desenhos de pormenor a escalas maiores que, no seu conjunto, permitirão a compreensão da solução, considerada já na sua dimensão construtiva.

Não nos é possível precisar a data de entrega do projecto final, visto os desenhos constantes, quer no arquivo Manuel Mendes Tainha, quer no arquivo da DGEMN não se encontrarem datados. Contudo, podemos afirmar com segurança que a entrega feita por

[157] Símbolo que representa o diâmetro de uma peça.

Manuel Tainha à DGEMN terá necessariamente ocorrido em data anterior a 17 de Março de 1958, visto ser neste dia que essa Direcção envia, por ofício, "[...] o projecto definitivo da construção" (Portugal. [SNI], 1958.04.19, p. 182) [158] aos serviços do SNI.

Alguns meses depois, em Setembro de 1958, a revista Arquitectura, n.º 62, dá especial destaque a quatro projectos para pousadas a instalar no país: a pousada para Oliveira do Hospital, de Manuel Tainha (Tainha, 1958, p. 6-10); a pousada para Valença do Minho, de João Andresen (Andresen, 1958, p. 11-16); a pousada entre Castelo Branco e Fundão (Gardunha), de Francisco Blasco (Blasco, 1958, p. 17-19) e a pousada para Vilar Formoso, de Nuno Teotónio Pereira (Pereira, 1958, p. 20-23). No texto que introduz estes projectos, refere-se que "[c]ircunstâncias complexas têm impedido que os edifícios que lhes deverão corresponder sejam já uma realidade, obrigan[do] [...] a que as peças gráficas substituam uma imprescindível realidade fotográfica" (Sant'ana, 1958, p. 5).

Dois factores nos levam a crer que a solução para a pousada de Oliveira do Hospital publicada nesta revista corresponda ao projecto final entregue por Manuel Tainha às entidades oficiais: por um lado, estando ainda essas entidades a apreciar o processo, pelo menos até à data de 6 de Agosto – quando é emitida pela DGEMN uma Ordem de Serviço onde se transcreve o despacho do Ministro das Obras Públicas sobre o projecto definitivo da pousada (Portugal. [DGEMN], 1958.08.06, p. 144) –, não é crível que, à data da publicação, o seu autor tivesse já revisto o projecto anteriormente entregue; por outro, considerando, quer a data de publicação da revista, quer o tempo necessário para a preparação dos elementos de projecto a integrar numa publicação, o projecto publicado deverá ser aquele que pouco tempo antes se encontrava ainda a ser apreciado pelos serviços competentes. E não uma eventual sua possível revisão.

Expostos estes dois factores, tomar-se-á como referência os elementos publicados na revista 'Arquitectura' de Setembro de 1958, como base para a interpretação do projecto final da pousada. As peças desenhadas integrantes da publicação – planta de implantação, plantas do piso da entrada e do piso dos quartos, perspectiva do edifício a partir de Poente (alçados Sudoeste e Noroeste), alçado principal (Sudeste), alçado Nordeste, corte transversal e corte construtivo –, que corresponderão apenas a uma parte das peças que terão sido entregues, são acompanhadas de um texto onde se explicitam os pressupostos do problema a resolver e os princípios que serviram de base para a sua resolução.

[158] *Vide* Anexo AA – Construção de uma pousada na Póvoa das Quartas (Oliveira do Hospital): Informação [emitida pelo SNI relativa ao projecto final]. 1958.05.19. Arquivo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Como verificámos nos desenhos de trabalho antes interpretados, a investigação projectual incide apenas em partes da construção – entrada, recepção, zona de estar e residência do concessionário –, integrando-se as soluções neles ensaiadas na solução final que agora se propõe.

Deste modo, como se constata a partir da leitura da planta do piso principal (ilustração 255) (Tainha, 1958, p. 6), a zona exterior da entrada constitui-se como um espaço protegido do quadrante mais desfavorável (com muro a Noroeste), a partir do qual se acede ao interior da pousada através de uma antecâmara que permite atenuar a transição exterior/interior. O topo do volume da recepção propõe-se em 'côncavo' e mais destacado do plano Noroeste da construção comparativamente ao projecto (ilustração 236), facto que decorre de duas razões: por um lado, passa a incorporar as instalações sanitárias e, por outro lado, mantém a mesma relação com o pátio, na zona da passagem coberta que o liga à área de serviço. Esta solução é explorada nas ilustrações 246-248.

No texto que se publica em conjunto com os desenhos, Manuel Tainha revela que a existência do pátio – em torno do qual se distribuem todos os espaços da pousada – encerra "[...] a intenção de contrapor a introversão à extroversão [...]. O primeiro conduz à máxima personalização dos espaços internos; o segundo, à sua diluição em face das solicitações externas" (Tainha, 1958, p. 7). Nessa linha de pensamento, defende que "[a] domesticação do espaço externo sob a forma de páteo [...] [é] um enredo arquitectónico tendente a tornar mais expressiva a presença ilimitada e agressiva da natureza circundante" (Tainha, 1958, p. 7). Assim, os vários espaços de estar, que se iniciam após a recepção, resultam do jogo sensível entre estes dois princípios opostos – o da 'introversão' e o da 'extroversão' – procurando-se, como já antes se referiu, dotar cada um desses espaços de características ambientais particulares.

Assim, circunscrevendo-nos ao piso principal, verifica-se que do bar, tanto se consegue olhar o pátio, quanto se tem uma relação directa com o recinto de chegada à pousada (a Sudoeste), fazendo-se coincidir a abertura para este quadrante com a gárgula que recebe as águas provenientes da cobertura (ilustrações 255 e 254), permitindo-nos imaginar o impacto que esta solução provoca neste espaço nos dias de chuva intensa. Passado o bar, tem-se o espaço ascendente do átrio, que atinge a sua maior dimensão vertical na zona de cota baixa. Daqui, propõe-se uma visão recortada sobre o pinhal, a Sudoeste, cuja composição dos vãos – ilustrada na perspectiva 254 – parece provir do ensaio constante na ilustração 251. Já sob a laje do piso superior situa-se a lareira, lateral, defronte da qual se consegue uma visão dirigida para o pátio por via da abertura no muro ao qual se

encosta (ilustrações 255 e 257). Por fim, o espaço de estar abre-se para o terraço, expandindo-se sobre a paisagem exterior.

Uma das alterações que se propõe neste projecto final relativamente à solução anterior (ilustração 240) é a de um tecto contínuo desde a recepção até à galeria superior dos quartos (ilustração 247), coincidindo o seu nível mais baixo com o plano de separação entre as áreas de recepção e de estar (ilustração 248, perspectiva 'c'). O facto de esse plano não tocar o tecto – como se mostra no corte transversal da ilustração 257 – permite que a sua continuidade não se quebre, contribuindo para a unidade de todos os espaços que serve. Afinal, apesar dos espaços de estar terem sido descritos com uma ordem sequencial, o modo como serão percepcionados obedecerá a uma ordem outra, que não se sujeita à linearidade do discurso.

A partir da leitura da planta do piso principal (ilustração 255) verifica-se que a residência do concessionário mantém a organização funcional do projecto, bem como o acesso autónomo desde o exterior (ilustração 236), acrescentando-se-lhe uma ligação interna à pousada (ilustrações 249 e 250). Entre o concessionário e a restante edificação, mantém-se o terraço coberto – com ligação por escada ao terreno natural –, cuja redução de área é compensada pela criação de uma outra área de terraço defronte à sala de estar. No topo da edificação, surge um vazio coberto (ver ilustração 247, desenho 'a'), com acesso exterior desde o recinto de entrada na pousada, que poderá servir como uma zona privilegiada de contemplação da paisagem circundante, quer próxima, quer longínqua.

A sala de leitura – reintroduzida como espaço autónomo nos ensaios das ilustrações 249 e 250 – não é contemplada nesta solução, apesar de o ser, quer no primeiro ante projecto (ilustração 158), quer no segundo (ilustração 189). O programa específico para esta pousada mencionava que "[...] a sala de leitura e escrita [...] pod[ia] estabelecer ligação entre o átrio e o terraço e até, se melhor convie[sse] para a organização do projecto, poder[ia] situar-se em galeria sobre o átrio ou no primeiro andar" (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 28), dando-se abertura para um leque de outras soluções. Se no terceiro ante projecto essa sala era integrada no espaço de estar, entre a lareira e o terraço descoberto (ilustração 215), tanto no projecto (ilustração 236), quanto nesta solução, esse espaço não é mencionado, o que não significa necessariamente que seja negligenciado pelo autor dada a multiplicidade de ambientes que propõe. No presente caso, a zona de estar pode perfeitamente integrar um espaço de 'leitura e escrita', por exemplo, junto ao terraço ou no mezanino sobre a sala, nomeado como "vestíbulo" (ilustração 256).

No que respeita à organização espacial dos restantes espaços afectos ao piso principal, não se verificam alterações de relevo. A sala de jantar, aberta à paisagem e perfurada para o pátio, mantém a mesma relação de contiguidade com a sala de estar – eliminando-se, no entanto, o acesso vertical ao piso inferior que, na solução do projecto, permitia a ligação ao restante espaço de estar aí situado, a partir do qual se acedia ao terraço descoberto implantado junto ao terreno (ilustração 236) –, e com os serviços de cozinha, que ocupam grande parte do corpo transversal, a Nordeste. Entre este corpo e o outro, que integra os restantes serviços, surge uma mudança de posição dos acessos verticais e acrescentam-se as instalações sanitárias destinadas ao pessoal da pousada cuja ausência era referida no parecer de Castro Freire relativo ao projecto (Freire, 1957.01.21, p.111).

No piso superior, para além de uma reformulação da área de serviço de apoio aos quartos de hóspedes, mantém-se o número e a organização espacial dos quartos destinados aos motoristas – agora designados como "[q]uartos dos «courriers»" (Tainha, 1958, p. 6) –, continuando servidos por uma sala própria. Os quartos de hóspedes desenvolvem-se em dois troços, propondo-se, nesta solução final, uma outra divisão – nove quartos (todos dotados de varandas) mais cinco quartos – perfazendo o mesmo total de catorze. A alteração do quantitativo de quartos afectos a cada troço do edifício (ilustração 259) conflitua com a solicitação programática inicial – dez quartos a construir numa primeira fase e quatro numa fase posterior (Portugal. [MOP], 1954.09.15, p. 28) –, podendo prender-se com uma razão de ordem compositiva e não com uma alteração programática [159].

A alteração referida, a par de outras de menor impacto, manifesta-se no alçado principal do edifício, como se verifica pela comparação entre as ilustrações 259 e 243: as onze colunas anteriormente propostas passam para dez; as aberturas dos quartos inscritos no troço maior agrupam-se duas a duas; no troço menor, para além de se inverter a posição das aberturas dos quartos e de se lhes acrescentar uma outra do lado oposto (de dinâmica vertical), propõe-se o recuo do último módulo – na zona de encosto ao troço principal – enfatizando-se, assim, a separação entre os dois troços edificados e permitindo dotar de varanda o quarto correspondente; mantém-se a diferença altimétrica das cumeeiras das coberturas, sendo que agora é o troço maior que funciona a cota superior; nesta solução final, propõe-se, como remate superior do edifício, uma expressiva caleira, que percorre em toda a extensão do seu troço maior (ilustração 259) e que, simultaneamente, funciona como coberto das varandas dos quartos de hóspedes que o constituem, como se verifica

[159] Não é de excluir que as entidades oficiais, neste caso a DGEMN, tenham sido consultadas pelo autor sobre esta alteração.

pela leitura do corte construtivo (ilustração 260). Os dois pisos inferiores também não apresentam alterações significativas: o soco do edifício permanece em alvenaria de pedra aparelhada que, agora, se estende até ao piso principal fazendo a frente da residência do concessionário; a escada de acesso ao terreno inverte o seu sentido, que decorre do surgimento e da localização do terraço coberto ao nível do piso principal.

No corpo recuado que contém os serviços (a Nordeste), para além de se inverter o sentido da cobertura – verificável pelo confronto entre as ilustrações 253 e 239 – não existem alterações relevantes, mantendo-se a sua proporção, a relação cheio/vazio, o aparelho de granito e – à semelhança do que se passa agora entre os dois troços que conformam a frente dos quartos – o recuo da construção na zona de encosto ao corpo transversal, já introduzido aquando do terceiro ante projecto (ilustração 215).

Se, apesar de todas as variações antes apontadas, o desenho do alçado principal (ilustração 259) assenta nos mesmos princípios deste terceiro ante projecto (ilustração 218), pelo contrário, o alçado que lhe é oposto (Noroeste) – no troço correspondente ao corredor dos quartos – é objecto de transformação. A regularidade das aberturas que conformam o seu piso superior passa a obedecer, também, a uma regra de base normativa – com vãos iguais a espaços iguais –, que se contrapõe à regra adoptada nos muros graníticos que lhe estão adjacentes, tanto no piso inferior, quanto no plano que lhe está perpendicular (ilustração 254). Atinge-se assim a desejada clareza na sintonia entre uma lógica compositiva/formal e uma lógica construtiva que esteve, afinal, desde sempre presente ao longo do desenvolvimento deste projecto. A essa sintonia Manuel Tainha chama a 'construtividade da forma'.

A todas as alterações já mencionadas, acrescentar-se-ão mais três: a criação de uma plataforma na zona de chegada à pousada, com possibilidade de parqueamento automóvel e com ligação por escada ao terreno natural e à residência do concessionário (ilustrações 253-255); o desfasamento planimétrico entre os sete módulos que correspondem às garagens individuais (ilustração 253) e o surgimento de uma forma hexagonal no lugar da eira existente (ilustração 253).

O corte construtivo que se apresenta na ilustração 260 é revelador do nível de pormenor que este projecto atinge "[...] onde desenhar é acima de tudo construir" (Tainha, 2006, p. 69). No entanto, por tudo o que foi descrito sobre a versão final do projecto para a pousada de Oliveira do Hospital também se constata existir uma continuidade natural relativamente à solução anterior (de Novembro de 1956), concorrendo as alterações, de detalhe, agora introduzidas para o aprofundamento da proposta arquitectónica e para a sua comunicação

a terceiros – quem constrói. Por essa razão, os elementos gráficos que tomámos como referência corresponderão necessariamente a uma pequeníssima parte daqueles que terão instruído o processo do projecto final entregue por Manuel Tainha às entidades oficiais visto esta versão do desenho ser o "[...] guião para a Obra [...] [constituindo-se] como [um] código de instruções para a construção do objecto representado" (Tainha, 2006, p. 69).

No texto que acompanha os elementos gráficos, Manuel Tainha enuncia os "valores de experiência" (Tainha, 1958, p. 7-9) que revelam a sua posição cultural perante o problema que lhe foi dado para resolver e que regularam a sua intervenção.

- O primeiro desses valores é o de a paisagem não se assumir "[...] como um fim em si mesmo, mas como um elemento de valorização do espaço interno da pousada [...] [tentando atingir-se um] equilíbrio entre as intenções contidas na escolha do sítio (servir uma generosa e suculenta paisagem) e o contexto funcional e prático do tema [...] onde o essencial [...] [é] a organização de uma vida que se [...] quer possível entre seres humanos" (Tainha, 1958, p. 7).
- Outro "valor de experiência", já antes por nós mencionado e que, de algum modo, sublinha o anterior, é a existência do pátio central – em torno do qual se desenvolve a pousada – cujo carácter de espaço claustral se opõe à infinitude da paisagem, "[...] contrapo[ndo-se] o recolhimento à extroversão [...] [com o] sentido da valorização de ambos os movimentos humanos" (Tainha, 1958, p. 7). Como Manuel Tainha virá a referir muitos anos após a data deste texto, "[...] a negação da paisagem ainda a torna mais presente: o silêncio também faz música" [160] (Tainha, 2006, p. 52).
- O terceiro "valor de experiência" assenta também num jogo de aparentes opostos, tirando-se partido da utilização de dois sistemas estruturais – linear e pontual – que se repercutirá na qualificação espacial da futura pousada. Por um lado, com a adopção do muro contínuo em aparelho de granito, resultam espaços de recolhimento e de interioridade interpretando-se "[...] os valores [...] [arquitectónicos] que as suas técnicas de emprego comportam e consagram no

[160] Na publicação 'Manuel Tainha, textos de arquitectura' de 2006, a propósito da pousada de Oliveira do Hospital, Manuel Tainha faz o seguinte comentário sobre "[a]s virtudes do paradoxo, ou três maneiras de valorizar a paisagem aberta sobre a Serra de Estrela. Primeira: interpor entre o observador e a paisagem um obstáculo (a coluna de xisto). Segunda: o pátio interior, ou de como a negação da paisagem ainda a torna mais presente: o silêncio também faz música. Terceira: encerrar a paisagem num quadro limitado (a janela). Ali, a caixa de vidro seria um pesadelo" (Tainha, 2006, p. 52), que se constituirá num 'valor' efectivo de 'experiência' arquitectónica.

curso [...] [da história]" (Tainha, 1958, p. 7); por outro lado, a utilização da estrutura pontual em betão armado dá resposta "[...] às necessidades de rasgamento contínuo, compatível com a leitura [...] da paisagem [...]" (Tainha, 1958, p. 8). Do cruzamento destes dois sistemas resultará "[...] toda uma gama de casos intermédios, por necessários que são ao enriquecimento psicológico e ambiental do edifício" (Tainha, 1958, p. 8).

- A última experiência foi a que "[...] conduziu à sobreposição da noção exclusiva de edifício pela noção mais complexa de sítio [...] [procurando-se] que a [...] acção [do primeiro] se amplificasse ao território circunvizinho" (Tainha, 1958, p. 9). Apesar de o edifício apreender um conjunto de valores culturais da região onde se insere, a sua integração não assenta numa relação mimética com o local mas numa relação dialogante.

Estas são as experiências que Manuel Tainha refere como sendo as suas "[...] na solução dos problemas que te[ve] de resolver" (Tainha, 1958, p. 9). Mas, faltar-lhe-á a experiência derradeira que se constitui como a prova última do arquitecto e que advirá do confronto com a obra construída onde poderá, efectivamente, "[...] observar (criticando) o comportamento humano que provocou" (Tainha, 1958, p. 9).

4. 7. 3 PARECERES: PROJECTO FINAL

A partir da leitura dos desenhos – de trabalho e finais – do projecto definitivo da pousada, verifica-se que a sua solução projectual, além de aprofundar a versão do projecto anterior, tenta dar resposta às considerações que sobre ele haviam sido elaboradas nos pareceres das entidades oficiais, emitidos por Castro Freire [161] e pelos serviços do SNI, nomeadamente: maior afirmação da entrada no edifício (Freire, 1957.01.21, p.111); desenvolvimento da solução para as instalações sanitárias junto à recepção e maior recato do espaço destinado à cabine telefónica (Freire, 1957.01.21, p.111); criação de instalações sanitárias para o pessoal da pousada, com acesso fácil desde a cozinha e demais zonas de serviço (Freire, 1957.01.21, p.111); possibilidade de comunicação directa, pelo interior do edifício, entre a residência do concessionário e o espaço de estar da pousada (Portugal. [SNI], 1957.02.15, p. 118). Se todas estas alterações foram consideradas por Manuel Tainha no desenvolvimento do projecto final da pousada, haverá

[161] O arquitecto Leonardo de Castro Freire continua, nesta data, contratado pela DGEMN em regime de prestação de serviços (Portugal. [DGEMN], 1957.01.05, p.16-15).

uma que o não terá sido e que se prende com a zona, repetidamente referida pelo SNI, destinada à recepção de excursionistas.

Volta a ser, justamente, esta a consideração mencionada no parecer do SNI ao projecto final [162], emitido a 14 de Maio de 1958 pelo chefe dos Serviços Técnicos e pelo chefe da Brigada de Assistência aos Estabelecimentos Hoteleiros do Estado: a ausência de "[...] casa de jantar e restantes instalações destinadas a excursões" (Portugal. [SNI], 1958.05.14, p. 184). Os autores do parecer consideram indispensável a existência de tais instalações, alegando que a prática de utilização de pousadas assim o tem revelado, dando como exemplo a pousada de Óbidos e a pousada de Elvas: na primeira, por ter de encerrar "[...] ao público, quando acontece haver um serviço de excursão [...] [e, a segunda, pela] recusa desse serviço, para não se deixarem de atender os passantes [...]" (Portugal. [SNI], 1958.05.14, p. 184).

Em 19 de Maio, é emitida uma informação interna no SNI [163], onde se resume a cronologia do processo da pousada para Oliveira do Hospital, desde o plano aprovado em 16 de Dezembro de 1953 (ver Anexo A), até ao parecer atrás mencionado, do qual se refere "[...] que o projecto apresentado merece aprovação, embora se continu[e] a notar a falta de instalações destinadas a receber excursões" (Portugal. [SNI], 1958.05.19, p. 182). Esta informação integra um despacho posterior de Oliveira Salazar, datado de 14 de Julho de 1958, onde diz aprovar o projecto "[...] com a condição de se dar satisfação à necessidade de local conveniente para receber excursões [...] [relembrando] que os Serviços Técnicos do SNI [...] [devem apresentar] sempre o seu parecer acerca das exigências [...] quanto à arquitectura dos projectos" (Portugal. [SNI], 1958.05.19, p. 183).

Em Agosto, a DGEMN dirige uma ordem de serviço ao Ministro das Obras Públicas – acompanhada do "[...] projecto definitivo da Pousada de Oliveira do Hospital [...] [e dos respectivos pareceres] " (Portugal. [DGEMN], 1958.08.02, p. 141) – na qual se transcreve despacho do Presidente do Conselho (de 14 de Julho) e se solicita parecer.

Em resposta a essa ordem de serviço, outra é emitida, transcrevendo-se nesta o despacho do Ministro das Obras Públicas que dá orientações para que se "[r]eveja [...] o projecto definitivo [da pousada por forma a ser] considera[da] a observação" (Portugal. [DGEMN],

[162] *Vide* Anexo Z – Pousada a erigir em Oliveira do Hospital: Parecer [emitido pelo SNI relativo ao projecto final]. 1958.05.14. Arquivo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

[163] *Vide* Anexo AA – Construção de uma pousada na Póvoa das Quartas (Oliveira do Hospital): Informação [emitida pelo SNI relativa ao projecto final]. 1958.05.19. Arquivo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

1958.08.06, p. 144), ou seja, que contemple as "[...] instalações destinadas a excursionistas [...] [que] consta do parecer do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo" (Portugal. [DGEMN], 1958.08.06, p. 144).

Durante o ano de 1958, os serviços da DGEMN emitem um parecer [164] com uma série de considerações relativas aos outros elementos de projecto entregues – "[...] cálculos de estabilidade, [...] projectos de instalações especiais e [...] orçamento geral da obra [...] [que correspondem a] um conjunto de dois volumes (nºs. 3 e 4) [...]" (Portugal. [DGEMN], s. d., p. 137). Apesar do parecer não se encontrar datado nem possuir a chancela da DGEMN, terá sido necessariamente produzido por aquela entidade – visto encontrar-se nos seus arquivos – e entregue no ano de 1958. Recordemo-nos de que na memória descritiva e justificativa referente ao projecto (ver Anexo S), Manuel Tainha afirmava que essa entrega correspondia ao primeiro volume, ao qual se juntaria os "[...] projectos [definitivos] de betão armado e especialidades; [a e]xecução simultânea de peças de pormenor (e pequenos conjuntos) a escalas maiores – 1:50, 1:25 e natural, com o concurso dos dados definitivos das especialidades [...] [e a f]ixação do caderno de encargos e custo definitivo da obra" (Tainha, Novembro 1956, p. 1). Estando entregue o projecto final de arquitectura – com as citadas "[...] peças de pormenor [...]" (Tainha, Novembro 1956, p. 1) – desde, pelo menos, Março de 1958 (Portugal. [SNI], 1958.05.19, p. 182), poder-se-á deduzir que, quer os projectos relativos às especialidades, quer o caderno de encargos com o custo definitivo da obra tenham sido entregues em data próxima daquela.

Reforçando esta nossa dedução, em 24 de Setembro do mesmo ano, a DGEMN elabora uma informação (Portugal. [DGEMN], 1958.09.24, p. 94-93) com novos reparos relacionados com as especialidades onde, para além de se perceber que os projectos referidos já foram objecto de revisão de acordo com as considerações expressas no parecer antes mencionado (Portugal. [DGEMN], s. d., p. 137), se refere que após conveniente exame ao projecto final de arquitectura parece "[...] nada haver a objectar, encontrando-se o desenvolvimento dado à pormenorização e organização do projecto em condições de Superiormente merecer aprovação" (Portugal. [DGEMN], 1958.09.24, p. 94). Contudo, chama-se de novo a atenção do autor para a consideração, constante no parecer do SNI, sobre a falta de instalações para a recepção de excursionistas, "[...] que a ideia a simpática da "eira" tradicional não pode oferecer, a não ser em excepcionais dias do ano" (Portugal. [DGEMN], 1958.09.24, p. 94).

[164] *Vide* Anexo AB – Parecer: Projecto[s de estabilidade e de instalações especiais, e orçamento geral da obra] da pousada de Oliveira do Hospital. (s. d.) Arquivo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

Já no ano seguinte, em 10 de Março de 1959, o Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais dirige uma informação [165] ao Ministro das Obras Públicas (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 109-104) onde descreve o ponto de situação relativo aos processos das novas pousadas [166], "[...] no intuito de dar urgente execução ao Plano de Pousadas [...] [de acordo com as] determinações [ministeriais] [...]" (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 109). O despacho do Ministro, proferido no dia seguinte (11 de Março), aparece anotado sobre a informação.

Acerca da pousada de Oliveira do Hospital são feitas três considerações:

- A primeira é a de que "[o] projecto definitivo, completado com as instalações destinadas a excursionistas [...] está a ser apreciado pela Comissão de Pousadas [...]" (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 108), concluindo-se que Manuel Tainha terá finalmente entregue uma proposta com vista à solução de um requisito há muito solicitado – um sítio autónomo para recepção de excursões.
- A segunda questão prende-se com o problema do abastecimento de água à pousada [167]. Refere-se que se "[...] encontra ainda em estudo pela Direcção-Geral

[165] *Vide* Anexo AC – [Informação dirigida ao] Ministro das Obras Públicas [sobre os processos das novas pousadas]. 1959.03.10. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03.

[166] As pousadas mencionadas na referida informação são as seguintes: pousada de Bragança (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 109), de José Carlos Loureiro e Pádua Ramos; pousada de Valença (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 109-108), de João Andresen; pousada da Caniçada (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 108), de Eduardo Coimbra Brito; pousada de Oliveira do Hospital (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 108), de Manuel Tainha; pousada de Vilar Formoso (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 107), de Nuno Teotónio Pereira; pousada da Gardunha (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p.107-106), de Francisco Blasco; pousada de Aveiro (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 106), de Alberto Cruz; pousada da Arrábida (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 106), de Raul Chorão Ramalho; pousada de Marvão (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 105), de Alberto Cruz e Santos Costa; pousada do Casalinho de Serpa (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 105), de Leonardo de Castro Freire e pousada de Sagres (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 105), de Jorge Segurado. Destas onze pousadas foram executadas oito, sendo a última a de Oliveira do Hospital (1971), ficando por fazer as pousadas de Valença, da Gardunha e da Arrábida.

[167] Nos anos cinquenta do século XX, à semelhança de muitas outras regiões do território nacional, Póvoa das Quartas não possuía rede pública de abastecimento de água. O sítio escolhido para a implantação da pousada, a cerca de quatrocentos metro daquele lugar, inscreve-se neste panorama, não sendo abastecido, nem de água, nem de qualquer outra infra-estrutura (electricidade e telefone), sendo todos estes requisitos necessários para a implementação de um equipamento deste tipo. No seu despacho de 16 de Dezembro de 1953 (ver anexo A), o próprio Presidente do Conselho (Oliveira Salazar) chama a atenção para este assunto, afirmando que não se terá "[...] verdadeira limpeza onde não se puder estragar água" (Portugal. [AOS], 1953.12.16, p. 7).
Para a resolução do problema de abastecimento de água à futura pousada, a DGEMN, através da Direcção dos Edifícios Nacionais do Centro (DENC), encomenda um estudo hidrogeológico que contempla um "[...] plano de pesquizas [...] [para] eventual captação de água para abastecimento da pousada de Oliveira do Hospital [...] (Portugal. [DGEMN], 1958.04.16, p. 113), sendo para isso contactada a proprietária do terreno vizinho – a mesma que havia sido expropriada para o terreno da pousada –, solicitando-lhe autorização para que se façam as pesquisas hidrogeológicas na sua propriedade. Em carta endereçada à DENC, datada de 11 de Fevereiro de 1958 (*Vide* anexo Y – [Estudo para a captação de água com vista ao abastecimento da pousada de Oliveira do Hospital]. 1958.04.15. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198), a proprietária responde a essa solicitação, exigindo que se estabeleçam previamente as condições em que será indemnizada pelos prejuízos causados durante as referidas pesquisas, a par do preço da venda da água que vier a ser captada, solicitando ser informada "[...]

dos Serviços de Urbanização [D.G.S.U.] [...] [uma possível conjugação com] o abastecimento de água à povoação de Póvoa das Quartas, [...] [pelo que,] não parece ser ainda oportuno proceder à sua adjudicação" (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 108). Sobre este assunto, o Ministro solicita que se "[o]btenha[...] da D.G.S.U. uma inform[ação] precisa s[obre] a posição do assunto. Se estiver em bom caminho, poderá abrir-se o concurso pois disp[õe-se] de [...] [dois] anos para executar a obra do abastec[imento de água]" (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 108).

- Por último, afirma-se que se "[...] vai procurar[...] solicitar [a]o arquitecto autor do projecto, o estudo de mobiliário e de decoração" (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 108).

No mesmo mês, em 17 de Março, a DGEMN elabora novo parecer relativo ao projecto final da pousada [168], incidindo sobretudo nos projectos de especialidades, que certamente terão sido objecto de nova revisão por parte dos respectivos projectistas. Começa por afirmar-se ser "[...] perfeitamente aceitável a solução apresentada pelo autor do projecto, para a resolução do problema da falta de sala de jantar para excursionistas, com a criação dum abrigo junto à eira" (Portugal. [DGEMN], 1959.03.17, p. 97), podendo esse abrigo estar relacionado com a figura de configuração hexagonal que se encontra representada na planta de implantação do projecto final (ilustração 253).

Depois de se tecerem uma série de considerações sobre as especialidades – aquecimento central, águas quentes e frias, camadas frigoríficas, instalação eléctrica – o parecer termina com a referência ao abastecimento de água e à drenagem de esgotos, afirmando-se que "[...] serão objecto de estudo a apresentar em separado, de acôrdo com orientação superiormente definida" (Portugal. [DGEMN], 1959.03.17, p. 95).

sobre a extensão dos trabalhos a realizar e [...] [sobre] o preço-unidade por que pensam liquidar o direito à água captada" (Portugal. [DGEMN], 1958.04.16, p. 112). As condições impostas pela proprietária não são aceites e irão condicionar o abastecimento de água à pousada.
De modo a ser ultrapassado este constrangimento, é emitido um despacho Ministerial no sentido de se estudar a possibilidade de conjugação do abastecimento de água à pousada "[...] com o vizinho lugar de Póvoa das Quartas [...]" (Portugal. [DGEMN], 1958.02.24, p. 144).

[168] *Vide* Anexo AD – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital: Parecer [relativo aos projectos das especialidades]. 1959.03.17. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03.

Mais de um ano após este parecer, em 5 de Agosto de 1960, os serviços da DGEMN enviam um ofício [169] ao "[...] Engenheiro Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais[,] [...] [que acompanha] o projecto [final] da Pousada de Oliveira do Hospital, bem como o parecer da Comissão de Pousadas, que o considera em condições de merecer aprovação [...]" (Portugal. [DGEMN], 1960.08.05, p. 182), reiterando o esclarecimento constante no parecer anterior (Portugal. [DGEMN], 1959.03.17, p. 95) ao reafirmar-se que, de acordo com orientação superior, o abastecimento de água e drenagem de esgotos farão parte de estudo separado.

Nesse ofício, descrevem-se "[...] os elementos que compõem os quatro volumes de que consta o projecto [...]" (Portugal. [DGEMN], 1960.08.05, p. 181), – com peças escritas e peças desenhadas já completadas com a construção da eira –, bem como a estimativa orçamental da obra. Afirma-se que "[o] projecto está bem elaborado e os trabalhos a executar encontram-se descritos em pormenor no caderno de encargos e nas peças que compreendem os orçamentos" (Portugal. [DGEMN], 1960.08.05, p. 180), sugerindo-se que se faça a obra numa única fase "[...] tendo em conta o pequeno montante [...] [destinado à segunda] fase [...] [e visto] que a sua execução ulterior [irá] resultar [...] necessariamente mais elevada [...]" (Portugal. [DGEMN], 1960.08.05, p. 180), colocando-se este assunto à consideração do Ministro das Obras Públicas.

No mesmo dia, o ofício é entregue ao Ministro das Obras Públicas que sobre ele se pronuncia a 12 de Agosto [170]. Diz "[a]prov[ar o projecto], sob reserva, porém, das considerações que venham a ser[...] eventualmente formuladas por intermédio do SNI que deverá ser ouvido sobre a solução encontrada p[ara] os excursionistas" (Portugal. [DGEMN], 1960.08.16, p. 183), depreendendo-se que, até esta data, os serviços do SNI ainda não se pronunciaram sobre a solução proposta por Manuel Tainha com vista à recepção de excursionistas, localizada junto à eira. O Ministro questiona "[q]ual a posição dos estudos do abastecimento de água, drenagem dos esgotos e transporte de energia [...] [afirmando, ainda, que] procurar-se-á incluir [...] [a] obra [da pousada para Oliveira do Hospital] no plano do próximo ano" (Portugal. [DGEMN], 1960.08.16, p. 183), ou seja no ano de 1961, precisando, para isso, de conhecer qual é a situação "[...] dos projectos das demais pousadas ainda por iniciar (Portugal. [DGEMN], 1960.08.16, p. 183).

[169] *Vide* Anexo AE – [Ofício n.º] 925 [que acompanha o projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, onde se descreve todas as peças que o constituem]. 1960.08.05. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198.

[170] *Vide* Anexo AF – Ordem de Serviço n.º 11409 [com a transcrição do despacho do Ministro das Obras Públicas sobre o projecto final da pousada para Oliveira do Hospital]. 1960.08.16. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198.

Se em 10 de Março de 1959 Manuel Tainha já havia entregado uma solução para a recepção de excursionistas (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 108) será, contudo, só em 18 de Outubro de 1960 – mais de um ano e meio depois – que aquele organismo se pronuncia sobre essa solução. No seu parecer [171], é referido que a solução apresentada "[n]ão [...] merece reparos especiais, salvo no que respeita à conveniência de criar, nas instalações sanitárias-homens, uma pequena parede [...] [para encobrir os urinóis]" (Portugal. [SNI], 1960.10.18, p. 147). Este reparo, pouco significativo e de fácil resolução, não parece constituir-se como um factor impeditivo para a prossecução do processo da pousada. Contudo, a demora na emissão do parecer do SNI parece denotar um abrandamento do processo da pousada de Oliveira do Hospital.

4. 7. 4 SUSPENSÃO DO PROCESSO: 1960

À lentidão do SNI associa-se um outro problema de difícil resolução: o do abastecimento de água. Após a tentativa de negociação, frustrada, com a proprietária do terreno contíguo para obtenção de água (Portugal. [DGEMN], 1962.07.24, p. 109), o MOP tenta junto da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, a possibilidade de uma acção conjunta, de modo a que o abastecimento de água à pousada se faça em simultâneo com o abastecimento de água a Póvoa das Quartas, por forma a despender uma verba menor com esse empreendimento. A autarquia, por seu lado, alega que Póvoa das Quartas são se constitui como uma prioridade no contexto concelhio [172].

Em meados do ano de 1962, este problema continua pendente. No ofício enviado ao Director Geral da DGEMN [173], esclarece-se que o abastecimento de água à pousada de Oliveira do Hospital "[...] encontra-se ainda sem solução", (Portugal. [DGEMN], 1962.07.24, p.109) apesar de ter sido "[...] feito [em] [...] 1957 [...] um estudo hidrogeológico e o consequente plano de pesquizas, não [...] [tendo sido] levadas a efeito as correspondentes sondagens por dificuldades postas pela proprietária do terreno onde elas foram marcadas, entre as quais a exigência do pagamento por unidade de água extraída" (Portugal.

[171] *Vide* Anexo AG – Pousada de Oliveira do Hospital: Parecer [emitido pelo SNI relativo ao projecto apresentado para a recepção de excursionistas]. 1960.10.18. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03.

[172] O projecto para o abastecimento de água a Póvoa das Quartas só será aprovado em 1978, sendo a obra concluída em 1980. A captação da água é feita na Senhora do Desterro, que dista mais de dez quilómetros de Póvoa das Quartas (informação obtida em 23 de Julho de 2012, através de contacto telefónico para a Câmara Municipal de Oliveira do Hospital).

[173] *Vide* Anexo AH – Ofício n.º 699: Pousada de Oliveira do Hospital – Abastecimento de água. 1962.07.24. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0167/05.

[DGEMN], 1962.07.24, p. 109). Em consequência desta dificuldade, não é "[...] possível incluir esta pousada nos planos anuais de construção deix[ando] de ter interesse imediato a resolução do assunto [...] [mantendo-se esta posição relativamente] ao próximo plano de obras, tendo presente a recente ordem de prioridades proposta pelo S.N.I. [...]" (Portugal. [DGEMN], 1962.07.24, p. 109). Apesar disso, julga-se "[...] que o assunto poderia vir a ser retomado pelos competentes serviços da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização (DGSU) no sentido de uma solução conjunta com o abastecimento de água de Póvoa das Quartas, como aliás já tinha sido sugerido por despacho ministerial [...]" (Portugal. [DGEMN], 1962.07.24, p. 109, 108). Na primeira página deste ofício, o Ministro das Obras Públicas manuscreve o seu despacho, onde defende que "[...] não se abandone o assunto [...]" (Portugal. [DGEMN], 1962.07.24, p. 109).

No início de 1963, a DGSU, através da Direcção dos Serviços de Salubridade, volta a informar o Director Geral da DGEMN que, devido à dificuldade de abastecimento de água à pousada de Oliveira do Hospital, é difícil ter uma previsão sobre a realização da obra "[...] pois está [...] a ser revisto o plano geral [...] [para poder ser] submetido à apreciação do Conselho Superior de Obras Públicas [...] [pelo que o processo] poderá demorar ainda bastante tempo, cerca de 2 anos" (Portugal. [DGSU], 1963.01.26, p. 114).

O tempo vai passando e o projecto da pousada de Oliveira do Hospital, concluído desde 1959, continua à espera de se tornar obra construída.

Cerca de seis meses após o anterior despacho, o Director dos Serviços de Construção da DGEMN devolve ao Ministro das Obras Públicas os recortes do 'Diário de Coimbra', que o Director daquele jornal havia dirigido ao MOP (Portugal. [DGEMN], 1963.08.02, p. 227) [174]. Um desses recortes [175] diz respeito a um artigo publicado por esse diário, em 12 de Julho de 1963, com o título "[a] construção da projectada Pousada do Concelho de Oliveira do Hospital interessa à valorização turística do Alto Distrito de Coimbra" (Portugal. [DGEMN], 1963.08.02, p. 230, 229), no qual se enaltecem os aspectos naturais, culturais e paisagísticos da região de Oliveira do Hospital, afirmando-se que a Câmara Municipal se tem empenhado em valorizar o concelho "[...] no anseio legítimo que el[e] ocupe no plano nacional o lugar a que tem direito" (Portugal. [DGEMN], 1963.08.02, p. 230), considerando

[174] *Vide* Anexo AI – [Informação que acompanha a devolução dos recortes do "Diário de Coimbra"]. 1963.08.02. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

[175] O outro recorte corresponde à transcrição do telegrama enviado pelo Presidente da Câmara de Oliveira do Hospital ao Director do Diário de Coimbra a agradecer a publicação do artigo sobre a pousada, publicado naquele mesmo diário no dia seguinte, em 13 de Julho de 1963 (Portugal. [DGEMN], 1963.08.02, p. 228).

que, para isso, será imprescindível a implementação deste equipamento turístico que, já estando projectado, só faltará aos organismos próprios do Estado promover a sua realização [176].

No documento que acompanha a devolução dos citados recortes, informa-se o Ministro "[...] que, dentro da prioridade estabelecida pelo Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo para a construção de novas pousadas, a de "Oliveira do Hospital" ocupa o 5º. Lugar, pelo que não pode prever-se a sua execução para breve" (Portugal. [DGEMN], 1963.08.02, p. 227).

No final do ano de 1963, o Presidente do Conselho, Oliveira Salazar, dá o seu aval à solicitação do MOP, no sentido de ser criada uma comissão para "[...] a revisão [...] do programa das novas pousadas, na parte ainda não executada" (Portugal. [SNI], 1963.12.27, p. 1) [177] – visto novas circunstâncias recomendarem um ajustamento ao programa inicial –, esclarecendo, contudo, que a verba prevista para o ano de 1964 não comporta a construção de qualquer pousada de raiz, ficando-se a aguardar a sua oportunidade.

Terão de passar quase três anos para que o processo da pousada de Oliveira do Hospital seja retomado.

4. 7. 5 PROSSECUÇÃO DO PROCESSO: 1966

A 30 de Agosto de 1966, a Câmara Municipal (CMOH) volta a questionar o MOP (Portugal. [DGEMN], 1966.09.16, p. 246) sobre a construção da pousada para o seu concelho, obtendo, após consentimento ministerial, uma resposta encorajadora por parte da DGEMN. Na resposta que este organismo dirige ao Presidente da Câmara esclarece-se "[...] que o arquitecto Manuel Mendes Tainha, autor do projecto da obra de "construção da Pousada em Póvoa das Quartas, desse concelho", está procedendo a uma pequena actualização daquele, devendo efectuar a sua entrega por todo o mês corrente" [...] acrescentando-se,

[176] Em 30 Junho1960, a Câmara Municipal de Oliveira do Hospital já havia interpelado o Ministro das Obras Públicas, através de um "memorial", expressando o interesse da autarquia na construção da pousada por a considerarem um "[...] elemento de grande importância na valorização do Turismo Nacional" (Portugal. [CMOH], 1960.06.30, p. 205) e daquela região em particular.

[177] *Vide* Anexo AJ – Of[ício] n.º 4808/R.I.H./A., Ref. 410 [dirigido ao] Senhor Presidente do Conselho [sobre a constituição de uma Comissão para a revisão do programa das novas Pousadas. 1963.12.27. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 11/A-44-7, NT-151.

que após a "[...] actualização dos preços do anterior projecto elaborado em 1960, [...] a obra possa ser posta a concurso público" [178] (Portugal. [DGEMN], 1966.09.16, p. 246).

Entretanto, Manuel Tainha encontra-se realmente a rever o projecto da pousada. De acordo com o que nos transmitiu o autor, existiu uma tentativa séria da sua parte para a 'actualização' da proposta arquitectónica (Tainha, 2009, p. 9, Apêndice A), acatando, com agrado, a oportunidade que lhe é concedida pelo engenheiro [José] Ferreira da Cunha (Tainha, 2009, p. 10, Apêndice A) [179], então Director dos Serviços de Construção da DGEMN [180]. Tinham decorrido oito anos sobre a execução do projecto final – entregue em 1958 (ilustrações 253 a 260) – e dez anos sobre a solução a partir da qual esse projecto tinha evoluído – de Novembro de 1956 (ilustrações 232 a 245) –, tendo acumulado durante esse lapso de tempo, mais conhecimento, quer de âmbito geral, quer de âmbito específico. Se a pousada para Oliveira do Hospital, adjudicada em 1954, é o primeiro projecto de grande relevância para o qual Manuel Tainha é contratado [181], constituindo-se como uma encomenda do Estado, em 1966, já havia adquirido experiência em outros projectos e obras com níveis de complexidade equivalentes, nomeadamente a Escola Agro-Industrial de Grândola (1959-1963) ou a Escola de Regentes Agrícolas de Évora (1960-1965).

Assim, no ano de 1966, Manuel Tainha chega a entregar à DGEMN um novo estudo, apresentando, para o efeito, uma proposta alternativa para o piso principal da pousada (ilustração 263). Apesar da estrutura geral do edifício se manter relativamente ao projecto final (ilustração 255), a planta entregue – desenhada à mão levantada e à escala 1:100 – contém um conjunto de alterações que se concentram quer no corpo transversal (entrada, zona de estar), quer no troço menor do corpo principal (ilustração 263). A residência do "concessionário" propõe-se adjacente à "recepção", destinando-se o espaço que lhe

[178] Nesta altura, tinham sido ultrapassados os constrangimentos que se prendiam com o abastecimento de água à pousada de Oliveira do Hospital, tendo-se conseguido chegar a acordo com a proprietária do terreno vizinho. Entretanto, tinham decorrido nove anos sobre as primeiras negociações.

[179] Ver Volume III, Apêndice A, entrevista de 13 de Janeiro de 2009, p. 10.

[180] Manuel Tainha menciona o nome do engenheiro [José] Ferreira da Cunha na entrevista de 13 de Janeiro de 2009 (Apêndice A) como sendo a pessoa que lhe concede a oportunidade de actualização da proposta da pousada. Verificámos que o referido engenheiro é, em meados de 1962, o Director dos Serviços de Construção da DGEMN (Portugal. [DGEMN], 1962.07.24, p. 108), devendo ter permanecido nesse cargo até à data em que o processo da pousada de Oliveira do Hospital é retomado.

[181] Nesta altura, Manuel Tainha encontra-se a desenvolver o projecto para o "Conjunto Balnear do Tamariz" (piscinas), adjudicado pela Sociedade Estoril-Praia, após ter sido o primeiro classificado no conjunto de ante-projectos entregues para aquele empreendimento. Esse projecto, desenvolvido entre 1954 e 1955 e construído em 1956, constitui o de maior importância até esta data, tendo tido, eventualmente, alguma influência para a escolha de Manuel Tainha como um dos jovens arquitectos para a execução de uma pousada da nova geração.

estava anteriormente atribuído, bem como o terraço que lhe era adjacente, aos quatro quartos suplementares, criando-se entre estes e aquela um pequeno recinto exterior resguardado. Decorrente desta alteração, a entrada na pousada passa a fazer-se por Nordeste, a partir de um "alpendre" que se desenvolve ao longo do muro que encerra o pátio/claustro. O "bar" transfere-se para a cota inferior da zona de estar fazendo a transição entre a "sala" e os quartos suplementares.

É interessante verificar que estas novas disposições espaciais, agora propostas por Manuel Tainha, reabilitam algumas soluções já por si testadas no decurso do processo: a localização do concessionário, junto à entrada, que já se propunha no primeiro ante projecto (ilustração 158) e é recorrentemente explorada nos desenhos de trabalho subsequentes que antecedem o segundo ante projecto (ilustrações 160, 164, 165, 176, 177, 178, 181) voltando a constar na versão entregue, em Maio de 1955 (ilustração 189); a entrada por Nordeste, ensaiada nas ilustrações 195, 198, 200, 202, 204, 207-210, que chega a constar na solução do terceiro ante projecto, entregue em Janeiro de 1956 (ilustração 215); os quartos suplementares, localizados no piso principal, que também constam na proposta do terceiro ante projecto (ilustração 215) e se ensaiam nas ilustrações que o antecedem (ilustrações 192-195, 198, 200, 202, 208-211). Todos estes elementos parecem agora ressurgir nesta proposta, mais de dez anos depois, com novas ordenações.

No decurso da revisão da proposta, e após a entrega desse novo estudo para o piso principal (ilustração 263) – que entretanto é apresentado e aceite pelo Director dos Serviços de Construção da DGEMN (Tainha, 1966.10.07, p. 305) –, Manuel Tainha vem a constatar que as alterações já introduzidas no projecto implicam inevitavelmente outras tantas alterações noutros sectores do edifício, que afectarão "[...] cerca de 40% da área coberta [...]" (Tainha, 1966.10.07, p. 305). Esta constatação coloca-o perante um dilema: por um lado, e tendo presente que "[...] o dia de hoje continua e se opõe ao dia de ontem [...]" tem a possibilidade de actualizar o projecto de acordo com os seus actuais pontos de vista; por outro lado, e posto que as alterações introduzidas apenas afectam uma parte do edifício, a sua implementação pode descaracterizar o projecto, correndo o risco de corromper a integridade e a coerência da solução que, apesar de tudo, ainda considera adequada. Perante estas duas opções, e "[...] tendo sempre na maior atenção que o todo é superior à soma das partes" (Tainha, 1966.10.07, p. 305), Manuel Tainha considera não alterar a solução, mantendo o projecto final tal qual como o havia entregado anos antes.

Em carta que dirige Director dos Serviços de Construção da DGEMN [182], agradece a possibilidade que lhe é concedida – a actualização da proposta –, revela o dilema com o qual se debate e expõe a sua reflexão sobre o assunto, colocando a decisão à consideração superior.

A Direcção dos Serviços de Construção da DGEMN, certamente com o consentimento superior (MOP), decide executar o projecto final da pousada de Oliveira do Hospital [183], dando-se início aos procedimentos para a colocação da obra a concurso público.

4. 8 CONSTRUÇÃO: 1968-1971

O concurso público para a execução da empreitada de construção da pousada de Oliveira do Hospital decorre no dia 10 de Fevereiro de 1967 (Portugal. [DGEMN], 1966.12.31). Em 18 de Novembro desse ano é estabelecido o contracto de empreitada [184] entre a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e o construtor António Loureiro [185] (Portugal. [DGEMN], 1967.11.20) [186].

As peças desenhadas que instruíram o processo de concurso e que integram o projecto de arquitectura (ilustrações 264-290) [187] em conjunto com os restantes elementos – projectos de especialidades, caderno de encargos e estimativa de custo de obra actualizada [188]

[182] *Vide* Anexo AK – [Carta de Manuel Tainha dirigida ao] Director dos Serviços de Construção da D.G.E.M.N. do M.O.P. [sobre o programa de alterações a introduzir no projecto da] Pousada de Oliveira do Hospital. 1966.10.07. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03.

[183] Como já referimos em 4.7.2, o projecto final foi entregue por Manuel Tainha em data anterior a 17 de Março de 1958 (Portugal. [SNI], 1958.04.19, p. 182), podendo ter sido ainda no ano de 1957; data, aliás, referida pelo autor na carta que dirige ao Director dos Serviços de Construção da DGEMN (Tainha, 1966.10.07, p. 305).

[184] O valor da empreitada é de 5.994.649$00 e o prazo para a execução da obra é de 480 dias (Portugal. DGEMN, 1967.11.20).

[185] O engenheiro António Loureiro é irmão do arquitecto José Carlos Loureiro (1925-) que é autor, com Luís Pádua Ramos (1931-2005), da pousada de S. Bartolomeu em Bragança, inaugurada em 1959. Esta constitui-se, também, como uma pousada da 'nova geração', sendo a primeira, de entre todas, a ser construída de raiz.

[186] *Vide* Anexo AL – [Contrato para a execução da empreitada de construção do edifício da Pousada de Oliveira do Hospital]. 1967.11.20. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01.

[187] A maioria das peças desenhadas que se apresenta (ilustrações 268-274, 276-289) foi consultada no *atelier* de Manuel Tainha, estando actualmente acessível no arquivo da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Contudo, verificou-se que peças desenhadas idênticas integram o 'Processo de concurso de 1967', que se encontra acessível no arquivo da DGEMN (Tainha, 1967, DES. 0505345 a DES.0505369).

[188] Em 1960 o valor estimado para a obra era de 3 872 776$30 (Portugal. [DGEMN], 1960.08.05, p. 182) anexo AE. O montante que consta no contrato de empreitada estabelecido entre o construtor António Loureiro e a DGEMN, em 1967, é de 5 994 649$00 (Portugal. [DGEMN], 1967.11.20, p. 310) Anexo AL, correspondendo a um acréscimo de cerca de 35% relativamente ao valor anterior.

(Portugal. [DGEMN], 1966.09.16, p. 246) – constituir-se-ão como o 'manual de instruções' para a execução da empreitada.

No decurso da construção da pousada serão introduzidas algumas alterações ao projecto que decorrerão da vontade do autor, da vontade de terceiros e, ainda, de ajustamentos programáticos. A partir do cruzamento de documentos escritos – actas de obra – com documentos desenhados, a par dos testemunhos do autor e do confronto com a obra construída (capítulo 3), será possível verificar quais as adaptações implementadas no objecto arquitectónico.

4. 8. 1 ADAPTAÇÃO DO PROJECTO DE EXECUÇÃO AO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

A primeira acta de obra de que dispomos é de 8 de Fevereiro de 1968 [189], podendo corresponder à primeira visita ao local feita por Manuel Tainha, cerca de dois meses após a adjudicação da empreitada. Os assuntos tratados nesse dia são de âmbito geral, propondo-se o autor a simplificar o projecto a seu "[...] critério [...] sem afectar o conjunto das operações de obra nem a unidade [da proposta]" (Tainha. 1968.02.08, p. 1).

Se, quando lhe foi dada a oportunidade para actualizar o projecto, Manuel Tainha o não fez, será no confronto com a obra que manifesta a vontade em reajustar algumas situações que, no seu entendimento, poderão não estar ainda satisfatoriamente resolvidas. Esta atitude revela que autor acreditou que a definição do objecto arquitectónico, ao contrário de se esgotar no projecto – entendido este, como o conjunto de peças escritas e desenhadas no qual é estabilizada a configuração da forma arquitectónica –, tem a sua natural prossecução na fase de obra.

Para o processo de projecto, o confronto com a obra é inelutável.

A escolha do granito é, pela sua importância – tanto construtiva, quanto expressiva –, um assunto abordado desde o início, definindo-se o tipo de pedra a empregar, a sua estereotomia, as juntas e o acabamento, "[...] a picão sem formar rêgo [...] [, tomando-se como referência] os paramentos graníticos da igreja de Oliveira do Hospital" (Tainha. 1968.02.08, p. 1). Apesar de em 16 de Março [190] ser aprovada a amostra executada pelo empreiteiro (Tainha. 1968.03.16, p. 1), em 7 de Setembro [191] Manuel Tainha reconsidera a

[189] *Vide* Anexo AM – [Acta de obra]. 1968.02.08. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

[190] *Vide* Anexo AN – [Acta de obra]. 1968.03.16. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

[191] *Vide* Anexo AP – [Acta de obra]. 1968.09.07. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

decisão anterior, dando "[...] indicação para executar a alvenaria aparelhada de forma mais tosca, para não parecer cantaria de fôrro" (Tainha. 1968.09.07, p. 1), solicitando uma nova amostra para apreciação posterior.

Ainda em Março, é aceite pelo arquitecto a sugestão, proposta pela Fiscalização, para o "prolongamento da arrecadação em cave, junto às instalações do pessoal [...] [acrescendo dois módulos e acrescentando-se, para o efeito,] mais cinco janelas superiores para iluminação [...] [desse compartimento com a manutenção das] dimensões dos vãos e dos nembos" (Tainha. 1968.03.16, p. 1), alteração que se verifica pelo confronto entre os alçado Sudeste integrante do processo de concurso (ilustração 271) e a obra construída (ilustrações 316, 60 e 62)

As modificações ao nível da cave não se ficarão por aqui. Em 19 de Setembro [192], é referida a necessidade de ampliação dos aposentos destinados ao pessoal da pousada, de modo a considerar quartos colectivos para "[nove] mulheres e [...] [três] homens [...], [e, ainda,] um individual para [o] cozinheiro" (Tainha, 1968.09.19, p. 1). Esta necessidade, que corresponderá a um reajustamento do programa face às exigências de uma nova realidade – albergar um maior número de pessoal interno e a criação de quarto individual para o cozinheiro, que é um empregado com um outro estatuto [193] –, vai conduzir a novas adaptações neste piso. O acréscimo de três módulos nas instalações do pessoal (comparar ilustrações 266 e 312) implicará a manutenção da dimensão inicialmente prevista para a arrecadação geral, cuja ampliação tinha sido solicitada em Março (Tainha. 1968.03.16, p. 1). E se, no projecto final, se considerava uma ligação directa ao exterior ao nível da cave [194] (ilustração 266) essa ligação ficará agora comprometida (ilustração 312).

Na visita à obra de 3 de Agosto [195], são abordadas uma série de questões de âmbito projectual, nomeadamente a alteração de localização da escada que liga os dois níveis altimétricos da sala de estar [196]; a pormenorização das escadas principal e de serviço; a definição do painel entre as zonas de estar e de jantar, bem como de todos os forros de madeira, reequacionando-se a sua aplicação nalgumas transições interior/exterior (Tainha,

[192] *Vide* Anexo AQ – [Acta de obra]. 1968.09.19. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

[193] *Vide* Apêndice B – Entrevista com Manuel Tainha, 2010.02.26. Nessa conversa, Manuel Tainha refere-se ao cozinheiro como sendo 'o general' (Tainha, 2010, p. 46, Apêndice B).

[194] Essa ligação directa ao exterior faz-se por um espaço – com a dimensão de um módulo – que também poderia ter o propósito de promover uma maior separação entre os aposentos do pessoal feminino e masculino da pousada (ilustração 266). No parecer de Castro Freire ao terceiro ante projecto, considera-se que deverá existir maior "[...] distância e recato [...]" entre as portas que dão acesso a esses aposentos (Freire, 1956.01.31, p. 80).

[195] *Vide* Anexo AO – [Acta de obra]. 1968.08.03. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

[196] É importante relembrar que, ao longo do processo, esta escada assumiu variados posicionamentos.

1968.08.03, p. 1). Para dar resposta a todas estas questões, Manuel Tainha propõe-se estudá-las e apresentar a respectiva solução.

Se, na suposta primeira reunião de obra, o autor já se dispunha a "[...] simplificar o projecto [...]" (Tainha. 1968.02.08, p. 1), é em 7 de Setembro que se regista em acta a implementação de "[...] alterações de pequena monta [...] no corpo da entrada" (Tainha. 1968.09.07, p. 1) que, além de darem resposta a algumas das questões abordadas na reunião de 3 de Agosto (Tainha, 1968.08.03, p. 1), integrarão outras alterações que se colocarão em reunião de obra posterior: por um lado a conversão da residência do concessionário em quarto de hóspedes, por outro, a criação de um estacionamento coberto junto à entrada (Tainha, 1968.09.19, p. 1).

Os desenhos constantes nas ilustrações 293-295 – planta, dois cortes e alçados Sudoeste e Nordeste e cortes – desenhados pelo autor e datados respectivamente de 15 de Outubro e de 8 de Dezembro de 1968, correspondem à nova solução para o corpo da entrada e parte do corpo principal. A residência do concessionário é realmente convertida em dois quartos de hóspedes adicionais, transformando-se o anterior "terraço coberto" (ilustração 265) numa pequena sala (ilustração 293) que virá a ser nomeada como "sala de música" (Portugal. [DGEMN], 1971, p. 17) e que, de algum modo, reabilita a sala de leitura proposta, para este mesmo lugar, desde fases iniciais do processo (ver ilustrações 177 (fev55), 178, 185, 189 (segundo ante projecto), 192, 249, 250). À semelhança do terraço que está na sua origem (ilustração 265), esta sala também estabelece uma franca relação com a paisagem através da grande abertura que se subtrai ao plano da fachada (ilustrações 316, 96, 97, 99). No capítulo 3 (3.4.13), aquando da descrição da nossa experiência arquitectónica, mencionámos o carácter excepcional dessa abertura, quer pela sua considerável dimensão, quer pelo facto de ser a única em toda a pousada a não possuir caixilho de madeira, fazendo-se a entrega do vidro directamente na parede de granito.

Só agora se descobre a chave desta opção, cujo sentido se encontra no seio do próprio processo projectual: a de uma sala que já tinha desejado ser terraço.

Os ensaios constantes nas ilustrações 291 e 269 [197], com a nova localização da escada que liga os dois níveis da zona de estar, são implementados nos desenhos de obra entregues por Manuel Tainha (ilustrações 293 e 294), reduzindo-se, assim, o espaço de circulação. Este factor, associado à ampliação da área de sala à cota alta, permite a

[197] É interessante verificar que é sobre o próprio "corte AB" do projecto (ilustração 269) que se desenha, a grafite, esta nova proposta, nomeadamente, a implementação de um desnível entre a recepção e a sala, e um ensaio perspéctico para a nova posição das escadas que ligam as suas duas cotas.

criação de um novo espaço de estar que poderá servir de apoio ao bar (ilustrações 293 e 294; corte CD).

Este último espaço – o bar propriamente dito – torna-se, por sua vez, mais contido. A sua localização mantém-se sob a confluência das pendentes da cobertura para onde todas as águas convergem e, através do seu vão, enquadrado pela gárgula – cuja ideia é revelada pela primeira vez na ilustração 246, desenhos 'c' e 'f' – olha-se para o pinhal e pode fruir-se o caudal violento das águas em dias de chuva intensa, procurando-se, uma vez mais, o diálogo entre o 'artificial' e o 'natural', sintetizando-se opostos: o interior que abriga e acolhe e o exterior onde as forças da natureza são soberanas.

O novo espaço de estar proposto, entre o bar e a cota baixa, também é consequência de outras alterações implementadas neste troço da construção e que resultam da mudança de posição das instalações sanitárias, junto à entrada – que se acrescentam para Nordeste em adjacência ao muro do pátio –, permitindo o avanço da recepção para o topo da edificação. Deste modo, o espaço que lhe estava anteriormente destinado e que integrava o balcão de atendimento (ilustração 265) resultará, também, mais desafogado: por um lado, a lateralização das instalações sanitárias torna-o menos devassado e, por outro lado, a introdução de uma área autónoma para atendimento de utentes, contida, e relacionada visualmente com o exterior – relação trabalhada até ao detalhe, fazendo-se concordar as alturas do balcão de atendimento e o paramento vertical adjacente, e propondo-se um chanfro a 45º no cunhal Noroeste do edifício (ilustrações 293 e 301) – possibilita que a recepção adquira a valência de espaço de estar, ainda que temporário.

Ao conjunto de alterações antes referido, acrescerá mais uma: o remate (Noroeste) do corpo transversal, antes formado por dois planos oblíquos convergentes (ilustração 265), passa a ser complanar (ilustração 293). É interessante verificar que na planta onde se propõe esta alteração aparece o desenho do remate da solução anterior – em côncavo –, o que nos leva a supor ter sido executada, por sobreposição, sobre a versão do projecto final (ilustração 265).

Em resposta à solicitação requerida na reunião de obra de 19 de Setembro (Tainha, 1968.09.19, p. 1), Manuel Tainha introduz um estacionamento coberto junto à entrada (ilustrações 293 e 295), com capacidade para seis automóveis. Da relação entre este volume com a restante construção resulta – como já acontecia na solução de 1958 (ilustração 255) – um recinto elevado e artificializado sustido por muro de suporte de terras, a partir do qual se pode aceder ao terreno natural através de duas escadas, ambas

adossadas à construção e perpendiculares entre si: uma, ao corpo transversal da pousada, outra, ao volume do estacionamento (ilustrações 293 e 295).

Ainda em 19 de Setembro é tomada a decisão em se alterar a posição das garagens individuais (Tainha, 1968.09.19, p. 1): a sua nova implantação, que rodará 90º, será marcada em obra, ficando Manuel Tainha de enviar desenho para confirmação (Tainha, 1968.10.25, p. 1) [198]. A configuração do volume autónomo formado pelas garagens ir-se-á 'simplificar', deixando de existir quaisquer desfasamentos planimétricos e/ou altimétricos entre os seus módulos (comparar ilustrações 274 com 313 e 318): transforma-se num volume composto por quatro muros contínuos em alvenaria de granito e cobertura em betão armado, de uma água, revestida a telha romana (ilustrações 74-77). Os muros que conformam as garagens não têm, por si só, uma função estrutural, sendo este facto detectável no alçado tardoz (Nordeste) onde, uma abertura contínua os separa da laje de cobertura (ilustração 75). Parece manifestar-se, uma vez mais, um dos 'princípios de formação' que presidiu à concepção da pousada e que resulta na 'fusão' de dois sistemas construtivos – a estrutura linear em alvenaria de granito e a estrutura pontual em betão armado.

Todas as actas que temos vindo a citar foram recolhidas no arquivo de Manuel Mendes Tainha. Reportam-se ao ano de 1968 onde, cremos, terão ocorrido as alterações projectuais mais relevantes. Constata-se, contudo, terem sido executados mais ajustamentos ao projecto em fase de obra.

Ainda que esteja documentada a preparação dos quartos dos motoristas para hóspedes (Tainha, 1968.10.25, p. 1), o que vem a suceder é a sua ocupação com a residência do concessionário, que duplicará em área. Esta alteração terá sido decidida posteriormente, e a planta que a traduz – datada de 10 de Janeiro de 1969 (ilustração 292) – terá servido de referência para essa transformação em obra, não comprometendo o desenho dos alçados respectivos. A supressão dos quartos para motoristas corresponderá a uma alteração de índole programática, visto no final dos anos sessenta do século XX, por via das profundas alterações sociais, os utentes da pousada passarem a viajar em carro próprio.

Ainda no decurso da obra, terá sido tomada a decisão em alterar-se a zona exterior junto à entrada, anulando-se os estacionamentos cobertos antes solicitados (Tainha, 1968.09.19, p. 1) e o recinto 'elevado' que lhes dava acesso. Nessa porção de espaço ir-se-á manter o terreno natural, assumindo-se o seu declive, o que permitirá, tanto uma relação espacial

[198] *Vide* Anexo AS – [Acta de obra]. 1968.10.25. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

entre a "sala de música" e a entrada (ilustração 313) – possuindo aquela um vão de razoável dimensão mediado por prumos de madeira (ilustração 101), reabilitando-se um desígnio expresso num desenho de trabalho de 1955 (ilustração 177) [199] – quanto a leitura plena do alçado Noroeste, a partir da entrada. Ambas estas relações, viabilizadas por esta solução projectual eram negadas pelo anterior recinto artificial elevado (ilustração 293 e 295).

Todos os ajustamentos ao projecto introduzidos na fase de obra – que correspondem, quer à vontade do autor, quer a solicitações externas, quer ainda a mudanças de índole programática decorrentes do tempo mediado entre o projecto e a construção – não comprometem a unidade da proposta, posto que a coerência do objecto arquitectónico decorre dos 'princípios de formação' estabelecidos pelo autor e que estão na génese de todo o seu processo projectual.

Antes de voltarmos a esta questão, importará considerar outras, ainda de índole processual.

A par da arquitectura, Manuel Tainha será também responsável pelos projectos de equipamento e de mobiliário da pousada. Para prestar colaboração nesses projectos, cujo prazo de entrega se estava a esgotar, Fernando Bagulho [200] ingressa no *atelier* em meados de 1969 [201]. Segundo o seu depoimento, após a definição da "lógica construtiva" (Bagulho, 2013, p. 100, Apêndice F) para o desenho de todas as peças do projecto – mesas, cadeiras, sofás e todo o restante equipamento – estava encontrado o modo de operar, permitindo concluir o trabalho num lapso temporal de "sessenta dias" (Bagulho, 2013, p. 96, Apêndice F), sendo os projectos entregues ainda em 1969. Em simultâneo com a execução dos projectos para os quais havia sido solicitada a sua colaboração – que Manuel Tainha vem a reconhecer como co-autoria –, Fernando Bagulho passa a fazer o acompanhamento da obra que, na altura, estava já em estado avançado de construção. Faltava apenas o corpo da entrada e o encerramento do pátio (Bagulho, 2013, p. 96-97, Apêndice F), significando que, em meados de 1969, já teriam sido implementadas todas as alterações referentes à arquitectura.

[199] No desenho de trabalho que antecede o segundo ante projecto entregue, datado de Fevereiro de 1955 (ilustração 177), Manuel Tainha tem a anotação: "janela baixa p[ara] ter às costas". Nessa fase do processo, ainda precoce, é traduzida uma ideia arquitectónica que agora se reabilita.

[200] Fernando Bagulho (Lisboa, 1947 –). Arquitecto português.

[201] *Vide* Apêndice F – entrevista a Fernando Bagulho, 2013.03.26.

Em Agosto de 1970 [202], Manuel Tainha e Fernando Bagulho viajam para o Porto – onde está sediada a oficina responsável pela produção do mobiliário solto – para apreciar os protótipos, entretanto, já executados: cadeira de braços, mesa de refeições, carro de apoio ao serviço, *maple*, cama, mesa de fumo, almofadas soltas e banqueta (Tainha, 1970.08.08, p. 1-2). Nessa reunião são ajustados todos os detalhes do mobiliário, viabilizando a prossecução do trabalho.

Dois meses antes [203], Gonçalo Ribeiro Telles [204] – autor do projecto de arranjo do espaço exterior (ilustração 298) – desloca-se à obra com o propósito de fornecer ao empreiteiro "[...] uma série de informações complementares tendo em vista a boa execução do que está projectado" (Tainha, 1970.06.30, p. 1). A sua proposta para o arranjo do espaço exterior da pousada – que é publicada na revista 'Arquitectura' nº 121/122, de Maio/Agosto de 1971 –, comtempla: a plantação de espécies vegetais autóctones – "[...] carvalhos da flora local e [...] moitas de arbustos de diferente constituição [...] (Telles, 1971, p. 137); o aproveitamento do "[...] talvegue que, nasce [...] no terreno [e] se desenvolve a norte do edifício comunicando com o vale que caracteriza o lado nascente, [...] valorizado com árvores folhosas e arbustos [...] também da flora clímace" (Telles, 1971, p. 137); percursos pedonais ensaibrados ou em lajedo de granito que darão acesso a bancos, de onde se poderá usufruir de enquadramentos privilegiados da envolvente; ensaibramento do percurso automóvel, assim como do terreiro de estacionamento, prevendo-se neste "[...] a plantação de castanheiros que, não pertencendo à formação espontânea, são da paisagem tradicional da região" (Telles, 1971, p. 137) e um tapete de musgo para o claustro, do qual se destacará um elemento escultórico solto do terreno. O arranjo paisagístico que Ribeiro Telles propõe visa criar "[...] uma unidade de composição e de estrutura [...] com os aspectos válidos da paisagem envolvente [...]" (Telles, 1971, p. 137), reforçando a integração do edifício no ambiente local. O projecto de arranjo do espaço exterior será implementado na íntegra.

Diferentemente, a escultura que Fernando Conduto [205] propõe para o claustro (ilustração 297) – atapetado com musgo para a acolher – será executada e montada no local, para

[202] *Vide* Anexo AU – [Acta de obra]. 1970.08.08. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/199.

[203] *Vide* Anexo AT – [Acta de obra]. 1970.06.30. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/199.

[204] Gonçalo Pereira Ribeiro Telles (Lisboa, 1922 –). Arquitecto paisagista português.

[205] Fernando Conduto (Silves, 1937 –). Escultor português.

desaparecer pouco tempo depois e nunca mais ser encontrada [206]. O contributo do escultor será, contudo, determinante na concepção da gárgula e do receptáculo de águas pluviais (ilustração 296) que, pelo seu impacto na chegada à pousada, se constitui como um elemento notável no contexto arquitectónico (ilustração 46). Também o desenho do símbolo da pousada é de sua autoria, estilizando o 'S' (Santa) e o 'B' (Bárbara) a partir da repetição de uma mesma figura (ilustração 142).

A intervenção de João Abel Manta [207] circunscrever-se-á ao espaço interno da pousada. No centro da zona de estar, três tapeçarias – um 'tríptico em lã' – ocupam toda a extensão do muro granítico (ilustrações 83 e 87). São executadas na Fábrica de Tapeçaria de Portalegre [208], com o chamado 'ponto de Portalegre' [209] e respeitam, quer os modelos elaborados pelo autor a escala reduzida – 'o cartão' [210] –, quer as suas orientações em fase de confecção, nomeadamente a afinação cromática.

Se a escolha dos artistas intervenientes na pousada – por parte do autor do projecto – se constituía como um pressuposto inicial do programa geral (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p. 21), já a escolha da decoração é, desde o início do processo, um tema que suscita algumas dúvidas. Recordemo-nos de que, em 1954, o programa geral para as novas pousadas (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p. 17, 21) recomendava a escolha pelo arquitecto autor do projecto de artistas e de decoradores, desde que essa decisão fosse sancionada pelo SNI, dizendo-se, ao mesmo tempo e contraditoriamente, que a "[...] respectiva decoração [deveria] ser da exclusiva responsabilidade d[aquele] organismo" (Portugal. [SNI], 1954.01.22, p. 21). Oliveira Salazar manifesta-se acerca desta contradição, dando indicações claras para que a decoração seja "[...] da inteira responsabilidade do Secretariado [SNI], a quem mais fàcilmente se pedirão contas pela obra realizada" (Portugal. [AOS], 1954.02.08, p. 23).

---

[206] A escultura que Fernando Conduto propõe para o claustro é composta por três peças metálicas de grande dimensão. A sua colocação no local é executada sem o recurso a grua e, por isso, antes do encerramento do claustro – com o muro que o fecha a Noroeste – a escultura é lá colocada, depreendendo-se que a sua remoção só terá sido possível com o seu desmantelamento, ou seja, com a sua destruição.

[207] João Abel Manta (Lisboa, 1928 –). Arquitecto, pintor, ilustrador e *cartoonista* português.

[208] Informação fornecida por Fernando Conduto a partir de conversa telefónica, em 16 de Março de 2015.

[209] A Fábrica de Tapeçaria de Portalegre é fundada em 1948 por Guy Fino e por Manuel Celestino Peixeiro. O pai do segundo, Manuel do Carmo Peixeiro, é o inventor do 'ponto de Portalegre' – anos antes, enquanto estudante têxtil em Roubaix –, que é implementado no fabrico das tapeçarias e que corresponde a uma trama compacta com uma densidade de 2500 pontos por dm^2, tecida manualmente pelo lado do avesso, começando pela base. "Tapeçaria mural decorativa, a tapeçaria de Portalegre é uma obra de arte original, única pelas suas qualidades intrínsecas e pela técnica usada para traduzir o cartão do pintor" (http://www.mtportalegre.pt/pt/, consultado em 2015.03.17).

[210] Para o 'cartão', que está na base da confecção destas tapeçarias, é normalmente adoptada a escala 1:10 ou 1:5.

Em 1959, quando o projecto de arquitectura está em fase de conclusão, a DGEMN dirige uma informação ao Ministro das Obras Públicas na qual refere que irá ser "[...] solicita[do] [a]o arquitecto autor do projecto, o estudo do mobiliário e de decoração" (Portugal. [DGEMN], 1959.03.10, p. 108). Como pudemos verificar, o processo foi, entretanto, abandonado.

Quase dez anos depois, surgem as condições para a construção do edifício sendo – já em plena execução da obra – requeridos a Manuel Tainha os projectos de mobiliário, de equipamento e de decoração. Num ofício de Setembro de 1968 – enviado pela Comissão para a Aquisição de Mobiliário da DGEMN ao Director dos Serviços de Construção da mesma Direcção Geral – refere-se "[...] que haverá vantagem em ser o autor do projecto do edifício a fazer os referidos estudos, porquanto conhece perfeitamente as condições e o ambiente que se pretende criar na Pousada" (Portugal. [DGEMN], 1968.09.27, p. 434) [211] não sendo, contudo, de considerar: "[...] escolha de talheres, pratos, vidraria, baixela de sala de jantar e copa, [...] escolha de rouparia de cama e mesa [...] [e] pareceres sobre o material a adquirir [...] (Portugal. [DGEMN], 1968.09.27, p. 434) – os primeiros, deverão ser escolhidos pelo SNI, "[...] como sempre tem acontecido com as outras pousadas, [...] [e os pareceres,] pelo facto de dizer respeito aos Serviços encarregados de fazer a sua aquisição" (Portugal. [DGEMN], 1968.09.27, p. 434).

Paradoxalmente, o que vem realmente a suceder é que será o próprio Manuel Tainha o responsável pela escolha de todos esses elementos com o óbvio consentimento da entidade contratante – Serviço de Construção da DGEMN do MOP – e com o testemunho dos vários representantes das entidades intervenientes durante o processo de obra, visto não ser possível o autor assumir esse encargo unilateralmente. Pelo que nos foi transmitido [212], Manuel Tainha assume total responsabilidade na escolha do mobiliário que não é de sua autoria, bem como a escolha das colchas, dos cortinados, dos candeeiros e, até, dos talheres e dos pratos (Tainha, 2010, p. 43-44, Apêndice B), os quais serão efectivamente adquiridos, montados e/ou colocados no edifício. No caso particular das colchas de cama é, inclusivamente, feita pelo autor uma investigação da manufactura têxtil daquela região até encontrar a colcha que considera adequada ao ambiente pretendido para a pousada (ilustração 115).

[211] *Vide* Anexo AR – [Ofício] n.º 1565 [enviado pela Comissão de Mobiliário da DGEMN ao Director dos Serviços de Construção da DGEMN]. 1968.09.27. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198.

[212] *Vide* Apêndice B – Conversa com Manuel Tainha, 2010.02.26.

Na última acta de obra que possuímos [213] – cerca de um mês antes da inauguração da pousada –, em cuja visita estão presentes todos os projectistas e representados dos vários organismos envolvidos no processo, nomeadamente o SNI, a decoração proposta por Manuel Tainha estaria implementada no edifício, bem como a mencionada escultura 'desaparecida' de Fernando Conduto.

A inauguração da pousada decorrerá dia 13 de Junho de 1971, sendo o arquitecto convidado a estar presente. Manuel Tainha aceita o convite. A cerimónia será celebrada com um grande banquete onde estará presente o Presidente da República, Almirante Américo Tomás [214], e vários representantes quer do Ministério das Obras Públicas quer de outras entidades (Tainha, 2010, Apêndice B). Quando o arquitecto chega ao local – antes da hora marcada, mas já sob o aparato de um acontecimento oficial importante –, resolve fazer uma revisão ao edifício para se certificar acerca do seu bom funcionamento. Durante esse procedimento – em que deambula pela zona de estar, de jantar, chegando a ir, inclusivamente, à cozinha –, vai constando, gradualmente, a introdução de uma série de artefactos que não tinham sido escolhidos por si, como peças de estanho e de mobiliário. E, à medida que se vai dando conta dessas alterações, vai aumentando a sua curiosidade, decidindo subir até ao piso dos quartos. Nesse momento, é interceptado por um segurança que, relutantemente, o deixa seguir quando lhe é comunicado, por Manuel Tainha, que é o "[...] arquitecto d[aquela] casa" (Tainha, 2010, p. 44, Apêndice B). Apesar de o Presidente da República e de os elementos do governo terem pernoitado na pousada, existem quartos desocupados onde lhe é possível verificar que a decoração se encontra profundamente alterada – as colchas, os cortinados, as cadeiras – imprimido ao ambiente uma expressão dissonante relativamente aos 'princípios de formação' que o tinham guiado no decurso do seu longo processo. Almejava-se um ambiente confortável mas adequado com a austeridade, quer daquele território, quer do edifício – com a madeira, o couro, a lã – e não um 'ambiente florido' (ilustrações 88, 92, 116 e 117) condizente com a moda do início dos anos setenta e que entrava em total dissonância com a atmosfera pretendida. Perante o choque provocado pela constatação, não expectável, da nova decoração, Manuel Tainha decide abandonar a cerimónia da inauguração antes do início do banquete, expressando publicamente a sua indignação (Tainha, 2010, p. 45, Apêndice B).

[213] *Vide* Anexo AV – [Acta de Obra]. 1971.05.07. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0399/200.

[214] Almirante Américo Tomás (1894-1987) exerceu o cargo de Presidente da República Portuguesa entre 1958 e 1974.

Não conseguimos apurar qual o organismo responsável pela alteração da decoração da pousada para Oliveira do Hospital. Contudo, o procedimento comum adoptado neste tipo de estabelecimentos consistia, após a conclusão da obra, na sua 'entrega' pelo MOP – entidade contratante – ao SNI, sendo este o organismo responsável, quer pela decoração (Portugal. [DGEMN], 1968.09.27, p. 434), quer, mais tarde, pela sua exploração.

A visita do Ministro das Obras Públicas [215] à pousada em 18 de Setembro de 1970 – para a qual é solicitada a comparência do arquitecto (Portugal. [DGEMN], 1970.09.15) – poderá ter marcado a conclusão da obra por parte da DGEMN [216], permitindo entregar, a partir desta altura, o edifício ao SNI. O testemunho de Manuel Tainha corrobora este pressuposto quando nos transmitiu que desde a conclusão da obra até à sua inauguração passaram uns meses em que não teve quaisquer notícias da pousada (Tainha, 2010, p. 45, Apêndice B). Efectivamente, esse lapso de nove meses seria suficiente para o SNI implementar uma nova decoração, a seu critério.

A reacção inusitada de Manuel Tainha no dia da inauguração – que resultou no abandono da cerimónia – e que revela a sua indignação perante uma transformação que, no seu entender, traía o carácter do edifício, permite-nos retomar a questão da importância dos 'princípios de formação' na concepção da pousada de Oliveira do Hospital como garante da sua unidade arquitectónica.

Antes de mais, interessa recordar o que se verifica no decurso do processo de desenho que é objecto de investigação do presente capítulo.

Desde as fases iniciais do processo que se constata que a investigação projectual incide tanto no estudo do 'todo', quanto no estudo da 'parte', não existindo propriamente uma hierarquia de importância entre ambas as instâncias ou sequer uma fronteira que as delimite. O trabalho vai progredindo, em simultâneo, nessas duas frentes, estando, contudo, sempre subjacente a preocupação na 'formação de uma totalidade' que não se constitua como uma soma de partes, mas como uma sua síntese. Mas, porque a investigação da 'parte' é crucial no trabalho, ou neste trabalho, de Manuel Tainha – devido à importância que o autor atribui à ambiência, ou à diversidade de ambiências, que pretende criar, sendo esta uma das suas preocupações centrais no projecto da pousada – a totalidade do objecto arquitectónico constitui-se sempre como uma síntese possível a

[215] Rui [Alves da Silva] Sanches (1919-2009) exerce o cargo de Ministro das Obras Públicas desde 27 de Setembro de 1968 até ao dia 25 de Abril de 1974.

[216] Publicação da DGEMN do MOP com a decoração de Manuel Tainha. (PORTUGAL. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1971) – Pousada de Santa Bárbara : Oliveira do Hospital. Lisboa : Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais)

cada momento da investigação, tendo em conta a justa conjunção das 'partes' que a constituem. Acontece, porém, em certos momentos do processo, que as alternativas colocadas para a resolução de um mesmo problema são tantas e tão diversas, chegando a ser incompatíveis, que não torna possível o alcance da tão almejada síntese, obrigando o autor a recolocar-se perante o problema que tem em mãos.

Como se garante, então, a coerência da solução arquitectónica no seio de um processo aparentemente caótico?

Desde cedo, estabelecem-se alguns princípios projectuais que vão guiando o procedimento do autor. Os desenhos do lugar, por exemplo, já parecem indiciar alguns desses princípios, não só pelos pontos a partir dos quais o autor lê e desenha aquele território específico, como pela experiência que decorre dessa leitura e que se vai manifestando progressivamente na própria acção de desenhar, no confronto sempre presente entre a realidade e a sua (re)apresentação, onde se selecciona, se rejeita, se enfatiza, se omite; em suma, se escolhe e portanto se confere uma presença. E se os desenhos do lugar revelam uma primeira aproximação quanto à escolha do sítio para a implantação do edifício, a memória descritiva do primeiro ante projecto – entregue ainda em 1954 – já se constituirá como uma 'declaração de princípios': a colocação do edifício no interior da parcela, protegido da estrada; a implantação em plena encosta, em íntima conjugação com o terreno natural; a pretensão em dotar o edifício de um carácter receptivo e de qualidades ambientais variadas; a procura de uma síntese entre procedimentos locais e modos de construção coevos utilizando e explorando materiais adequados às duas situações, aparentemente opostas (Tainha, 1954.12.15, p. 7-2). Contudo, todos estes princípios – que não mais se abandonam no decurso do processo; antes, se vão aprofundando e consolidando – não se constituem como princípios formais, mas como 'princípios de formação', ou seja, não são reféns de qualquer configuração *a priori*. Nesse sentido, um mesmo 'princípio de formação' permitirá a adopção de uma multiplicidade de formas para a resolução de um mesmo problema projectual, sendo possível a implementação de uma determinada forma, bem como, em limite, se tal pudesse existir, do seu exacto contrário. Assim, por um lado, tem-se um processo aparentemente caótico – por vezes com excesso de desenho, excesso de imagens –, mas que, por outro lado, se encontra ancorado a 'princípios de formação' que evitam a deriva e permitem uma 'navegação à vista'.

O que são, então, os 'princípios de formação'?

São um conjunto de regras, construídas pelo autor – que surgem em função do lugar, do programa, da cultura, do gosto, das emoções, da experiência –, por meio das quais se vai

formulando uma resposta a um determinado problema que se tem de resolver. Essas regras constituem-se em lógicas relacionais, lógicas fundadoras do projecto, cuja maleabilidade – decorrente do seu nível de abstracção – torna possível a adopção de várias alternativas para uma mesma situação, permitindo, ao mesmo tempo, operar no processo de projecto com alguma segurança, relacionando aquilo que já se fez com aquilo que poderá fazer-se a seguir, ainda que seja, por vezes, no limite da razoabilidade.

Foi verificado, ao longo deste capítulo, que o processo projectual não segue um percurso linear, não obedece estritamente a princípios de causa/efeito ou a lógicas dedutivas. É um percurso com avanços, recuos, descontinuidades, acasos, hesitações, atalhos, onde está implicada uma complexa teia de questões, de configuração variável, cuja resposta se vai alcançando por aproximações sucessivas. Sendo esse percurso sustentado, as mais das vezes, por um procedimento de natureza intuitiva – a 'lógica intuitiva' –, o garante da coerência da solução arquitectónica decorrerá dos 'princípios de formação' que vão guiando a proposta. Guiam-na. Mas, atenção, não como instância prévia e autónoma da representação mas, pelo contrário, engendradas na própria representação. Daí a configuração variável dessa teia de questões, daí a maleabilidade do processo, daí, por fim, a sua imprevisibilidade.

4. 9 PROJECTO DE ALTERAÇÃO E DE AMPLIAÇÃO: 2010-2012

A pousada de Santa Bárbara funcionou, enquanto tal, entre 1971 (inauguração) e 2003. Em 1980 o edifício é entregue à Direcção Geral do Turismo, tutelada pela então Secretaria de Estado de Informação e Turismo (SEIT) [217]. Antes de o imóvel ser registado em nome da Empresa Nacional de Turismo (ENATUR), que ocorre em 1988, são construídos um campo de ténis e uma piscina exterior: o primeiro coloca-se paralelo ao troço inicial do arruamento de acesso à pousada e assume uma direcção Norte-Sul; a piscina, a Sudeste do edifício, implanta-se numa zona de forte pendente, tendo a sua construção implicado uma alteração importante na topografia original, devido ao muro de suporte que, obrigatoriamente, foi necessário construir junto ao limite inferior da parcela. A introdução destes dois novos equipamentos terá uma forte implicação na proposta de arranjos do espaço exterior – de Gonçalo Ribeiro Telles –, artificializando parte do terreno envolvente da pousada. Será já durante os anos noventa, sob a exploração da ENATUR, que se

[217] A Secretaria de Estado de Informação e Turismo é o organismo que, em 1968, sucede ao SNI.

implementarão outras alterações, nomeadamente ao nível das instalações sanitárias de hóspedes.

Em 2003, parte do capital da ENATUR é privatizado (49%), ficando o Grupo Pestana Pousadas (GPP) responsável pela exploração da rede de pousadas. O Governo Português estabelece, no contrato de cessão de exploração ao GPP, a "[...] salvaguarda [...] [d]os interesses do Estado, nomeadamente no que diz respeito à conservação [...] do [...] património móvel, que faz [...] parte do domínio público, atendendo à importância que tais bens possuem para a história e para a cultura de Portugal" (Portugal, 2003, p. 3068). Apesar de estar salvaguardado, será por esta altura que o 'tríptico de lã' da autoria de João Abel Manta – que faz parte integrante da pousada de Oliveira do Hospital e, portanto, do património português – desaparecerá, para nunca mais ser encontrado.

Ainda em 2003, o edifício encerra ao público pela primeira vez e é desintegrado da rede de Pousadas de Portugal. Entretanto, a ENATUR cede a exploração do estabelecimento [218] a um particular, que solicita a Manuel Tainha um projecto de reabilitação – com a transformação da residência do concessionário em quartos de hóspedes, a integração de um fogão exterior no claustro – que não chega a ser executado. Ainda assim, o edifício reabrirá em 2004 funcionando como estalagem – 'estalagem de Santa Bárbara' – até 2007, data em que volta a encerrar.

Durante três anos, a antiga pousada de Santa Bárbara estará abandonada, com todas a implicações decorrentes dessa condição, desde a degradação progressiva causada por infiltração de águas pluviais até actos de vandalismo.

Em 25 de Fevereiro de 2010, o imóvel é vendido em hasta pública – através da modalidade de venda judicial, em 'carta fechada' – a Susana e Victor Caetano. Os novos proprietários solicitam a Manuel Tainha o projecto de remodelação e de ampliação da antiga pousada, que contempla uma zona de *SPA* [219] e a conversão, quer da zona do antigo concessionário em quartos para hóspedes, quer das instalações destinadas ao pessoal da pousada em habitação própria.

Ainda em 2010, Manuel Tainha inicia o projecto – em co-autoria com Ana Barbas –, que vem a ser objecto de algumas interrupções. No final de 2011, o trabalho é retomado, entregando-se o projecto de licenciamento às entidades competentes em Março de 2012. Constituir-se-á o último projecto do autor.

[218] Entre a ENATUR e o particular é estabelecido um 'contrato de exploração [da antiga pousada], com opção de compra'.

[219] *SPA* – '*Salute per aqua*', '*Salus per aquam'*, cujas iniciais formam 'SPA' significa 'saúde pela água'; '*Sano Per Acqua*' significa 'cura pela água'.

4. 9. 1 INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DE TRABALHO: PROJECTO DE ALTERAÇÃO E DE AMPLIAÇÃO

Cinquenta e seis anos após o início do processo da pousada de Oliveira do Hospital, Manuel Tainha volta a intervir no edifício. Na vez do jovem arquitecto confrontado com a sua primeira encomenda de grande envergadura, temos o arquitecto experiente envolvido com uma intervenção mais modesta. Não parece ser, contudo, a dimensão da intervenção ou a experiência acumulada a ditar um procedimento dissonante ao nível do modo de operar.

As quatro ilustrações que se apresentam são desenhadas pelo autor. Contêm quatro plantas e um corte, e dois cortes construtivos, representados à escala 1:100 e 1:20, respectivamente. Todos os desenhos são complementados com cotas e anotações.

Ilustração 320

Esta ilustração apresenta uma planta parcial do piso superior com a proposta para três novos quartos de hóspedes que ocupam a antiga residência do concessionário, cuja intenção já havia ocorrido em 2003 aquando do pedido de um projecto de reabilitação a Manuel Tainha que não é concretizado.

Confrontando a presente planta com a ilustração 292, verifica-se que as alterações introduzidas são pequenas, consistindo genericamente na deslocação da parede de separação entre os quartos e o corredor – reduzindo-se a dimensão antes afecta ao "armário/roupeiro" e passagem com 1,80 metro, para um corredor de 1,40 metro – e na supressão de duas paredes divisórias com a construção de uma nova. A compartimentação proposta, que não afectará o desenho dos alçados, contempla três quartos, com instalações sanitárias próprias e uma "saleta" de apoio. Estes novos quartos terão acesso aos espaços comuns – recepção e salas – através do coberto do pátio/claustro, tendo possibilidade de acesso directo ao exterior pela porta existente no 'muro' Noroeste do edifício (ilustração 128).

Ilustração 321

Estamos na presença de mais uma planta parcial, agora ao nível da cave do corpo principal. Os dormitórios do pessoal da antiga pousada são transformados em habitação temporária para os novos proprietários – podendo servir também como apoio para o

pessoal da pousada – e num pequeno escritório. Este, por se localizar no topo Nordeste do corpo principal, tem acesso fácil desde a escada de serviço – e também, pelo e para exterior, através de uma nova escada, de um só lanço, adossada à fachada –, reservando-se cerca de cinco módulos para o restante programa, com "sala", apoio de cozinha com "desp[ensa]" e três "quarto[s]" dotados de instalações sanitárias próprias. Também aqui são pequenas as transformações: mantém-se o mesmo corredor – que também dá acesso à arrecadação geral –, constroem-se duas paredes – do escritório e da cozinha – e demole-se uma, permitindo dotar a arrecadação geral de uma área mais generosa visto acrescentar-se-lhe um módulo. No espaço defronte do "escritório" surge uma figura de forma regular encostada à parede exterior – próxima do quadrado – que parece representar um ascensor. Possuindo a largura de 1,40 metro, propõe-se a deslocação da parede interior oposta "[...] para fazer corredor de 0,90 [metro]".

Também na cave as alterações introduzidas não parecem ter repercussão nos alçados a não ser, eventualmente, a Nordeste, com a abertura de uma porta para o exterior – no local onde se propõe a nova escada, antes mencionada.

Como a regra implica sempre a excepção, a presente planta encontra-se datada pelo autor – 24 de Setembro de 2010.

Ilustrações 322-323

O *SPA* propõe-se para zona da antiga eira, que se amplia, tanto até ao limite Nascente da parcela, quanto até às cotas baixas do terreno, ganhando um piso inferior.

As ilustrações 322 e 323 contêm as plantas dos pisos, um corte transversal e pormenores construtivos. As plantas explicitam a distribuição funcional do *SPA*, com aproveitamento da área coberta como "alpendre" ou sala de estar/apoio – para a qual se propõem vãos que a protegem do exterior e com aproveitamento dos lavabos aí existentes –, que funciona à mesma cota da "recepção" e dos espaços afectos a "sauna[,] b[anho] turco[,] *jacuzzi* [e sala de] massagens". Uma galeria permite aceder a todos esses espaços relacionando-se, também, com o piso inferior (ver corte, ilustração 2). Propõem-se dois acessos ao piso superior do *SPA*: um, entre o edifício principal e o "alpendre", através de uma "galeria coberta" formada por dois troços perpendiculares entre si, que rematam num "ascensor" (ilustração 322), possibilitando uma ligação directa ao piso superior dos quartos; outra, a partir do terreno abaixo – aproveitando-se a rampa em lajedo de granito existente – com acesso directo à "recepção", a partir da qual se faz a distribuição, quer para o "alpendre", quer para a "galeria", quer ainda para o piso inferior. É aí que se localizará a "piscina", os

vestiários, uma instalação sanitária e um espaço técnico ("máquinas"). Também este piso tem acesso a um "terraço" exterior – cujo pavimento se representa com uma estereotomia idêntica à dos pavimentos e dos muros graníticos exteriores – separado da "rampa" pelo muro de suporte pré-existente.

A volumetria proposta para a ampliação é perceptível, tanto pela leitura das plantas dos pisos, quanto, e principalmente, pela leitura do corte (ilustrações 322 e 323): a cumeeira da cobertura pré-existente, na zona do "alpendre", define o arranque da cobertura da nova construção, de uma água, que se desenvolve no sentido descendente, acompanhando a descida do terreno; esta opção projectual minimizará o impacto da construção quando vista a partir do vale, sendo o corte esclarecedor acerca da conjunção entre o edifício e o terreno natural que, recordemo-nos, constituía um dos 'princípios de formação' da pousada.

Também agora, a par da informação que a escala 1:100 propicia, é confirmada a exequibilidade construtiva da proposta a partir de duas representações a escala maior. O corte construtivo da ilustração 322, executado pelo limite Noroeste da ampliação proposta, esclarece – pelo desenho, cotas e anotações – os remates, as intersecções, as ligações entre materiais, a constituição das lajes e das paredes, o tipo de estrutura a implementar, os revestimentos a empregar, existindo uma concordância absoluta entre este desenho de detalhe, à escala 1:20, e a escala 1:100 (corte da ilustração 323). O mesmo acontece no pormenor representado junto ao corte geral, onde se pensa e desenha; ou, antes, onde se pensa desenhando o remate da piscina junto ao caixilho exterior, percebendo-se a intenção projectual e garantindo-se a sua construtividade, isto é, o plano formado pelo "nível da água" (ilustração 323) constituir-se-á como um dos limites da paisagem exterior.

4. 9. 2 VERSÃO ENTREGUE: PROJECTO DE ALTERAÇÃO E DE AMPLIAÇÃO

O projecto de licenciamento será entregue em Março de 2012. Dele constam peças desenhadas – plantas, cortes e alçados, à escala 1:100 – e peças escritas, entre as quais a memória descritiva e justificativa [220].

Ilustrações 324-334

A versão entregue às entidades responsáveis pelo licenciamento do projecto respeita, no geral, as propostas constantes nos desenhos de trabalho antes interpretados (ilustrações 320-323).

Ao nível da construção existente, não existem alterações relevantes. A imagem exterior do edifício não é objecto de qualquer transformação, verificando-se apenas alterações de pormenor ao nível da disposição interna. Na cave (ilustração 325) – onde é proposta a conversão dos dormitórios do pessoal da antiga pousada em habitação eventual para os novos proprietários – troca-se a localização da instalação sanitária do primeiro quarto – ficando em adjacência à sala – e inverte-se a posição da base de duche com o lavatório em todas as instalações sanitárias. Não se concretiza a implementação da escada exterior para acesso directo ao interior desde o recinto de serviço, bem como não é introduzido o ascensor que constava no desenho de trabalho (ilustração 322). No piso superior (ilustração 327), os novos quartos de hóspedes, a localizar na antiga residência do concessionário também respeitam a proposta ensaiada na ilustração 320: inverte-se a instalação sanitária do quarto central – que fica adjacente à do quarto contíguo – e, à semelhança do que ocorre ao nível da habitação em cave, altera-se a organização espacial das instalações sanitárias.

O novo equipamento proposto – *SPA* – aproveita a área coberta afecta à antiga eira (ilustração 313), que se converte em "sala de repouso" (ilustração 326). Como foi mencionado na interpretação da ilustração 322, esta nova sala tornar-se-á um espaço interno, mantendo, apesar disso, a relação espacial com o exterior – a paisagem – através das superfícies envidraçadas que a encerram (ilustração 331). No restante piso – que corresponde à ampliação propriamente dita – mantém-se a disposição funcional proposta nos desenhos de trabalho (ilustração 322), clarificando-se o uso do compartimento

[220] A memória descritiva e justificativa não será apresentada em anexo, visto não ser da autoria de Manuel Tainha. Foi elaborada pela arquitecta Ana [Sécio] Barbas (1963–), co-autora do projecto de alteração e de ampliação da pousada de Oliveira do Hospital.

adjacente à recepção, que corresponde a um duche de apoio a todos os serviços deste piso: "massagem[,] jacuzi[,] banho turco [e] sauna".

O projecto de licenciamento não considera a "galeria coberta [e o] ascensor" (ilustração 322), que permitiriam uma ligação mais resguardada entre o *SPA* e o edifício principal. Talvez esta decisão se prenda com dois factores: por um lado, a introdução de uma galeria coberta e de um ascensor, ambos exteriores, poderia ter um impacto negativo no conjunto; por outro, ainda que o *SPA* vise servir os hóspedes da antiga pousada terá de ter um uso mais intensivo, por forma a garantir a sua viabilidade, pelo que se prevê a sua utilização por um número significativo de utentes externos ao estabelecimento hoteleiro.

Também a cave do *SPA* (ilustração 325 é objecto de poucas transformações tendo em conta o desenho que lhe terá servido de base (ilustração 323): o número de vestiários aumenta, de três para quatro, reservando-se – logo após a escada – um quinto espaço de acesso directo à piscina; a área destinada à instalação sanitária aumenta, dando a possibilidade de se desdobrar em duas, dividida por géneros; introduzem-se fenestrações junto ao tecto do corredor (ilustração 330) – cujo pormenor é patente no corte construtivo da ilustração 322 – dando-lhe iluminação natural e a casa das "máquinas" (ilustração 323), que se converte em "espaço técnico" (ilustração 325), passa a ter ligação directa ao exterior, a tardoz. Por sua vez, surge um novo "espaço técnico" para a subcave, onde se localizará também o tanque de compensação da piscina.

Depois de tantos anos decorridos sobre processo da pousada de Oliveira do Hospital – 1954-1971 –, e tendo em conta a ampliação agora proposta, será importante relembrar o seguinte.

No início do processo, ainda em 1954, quando Manuel Tainha visita o local escolhido para a pousada, existe uma série de elementos que lhe despertam a atenção e que se traduzem nas fotos e nos registos que executa no lugar (ilustrações 144-156). Para além da arrebatadora paisagem, também os pinheiros de grande porte e a eira granítica são representados, tanto em desenho, quanto mencionados nas anotações (ilustrações 154 e 155).

Na memória descritiva do primeiro ante projecto (Tainha, 1954.12.15, p. 7-2) o autor refere que se propõe implantar o edifício na zona de inflexão do terreno, onde o declive se altera de ameno para abrupto, sendo aí, justamente, que se localiza a eira granítica mencionada. Se num dos estudos que antecede o segundo ante projecto a eira granítica já aparece referenciada (ilustração 175), será progressivamente introduzida nos ensaios que

dão origem ao terceiro ante projecto (ilustrações 200, 202-204), tornando-se parte integrante da proposta entregue oficialmente, na qual se introduz um muro em pedra que – ao envolver parte do espaço da eira [221] – a protege de Norte e de Nascente, e uma ligação pedonal desde o edifício (ilustrações 215 e 218). Talvez essa proposta visasse responder à solicitação do SNI – mencionada pela primeira vez no seu parecer ao terceiro ante projecto (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97) – que se prende com a introdução de uma área autónoma destinada a acolher excursionistas. Como tivemos oportunidade de esclarecer na altura, o SNI entende que a proposta entregue – referente ao terceiro ante projecto – não reúne os requisitos necessários para esse fim (Portugal. [SNI], 1956.06.03, p. 97).

Nas peças escritas do projecto, entregue em Novembro de 1956, aparece descrita uma "estrutura [de] aço [na zona da] [...] eira" (Tainha, Novembro.1956, p. 6.1) que se destinará, com certeza, a suportar uma cobertura que, uma vez mais, os desenhos não esclarece. Aqui interessa recordar que, nos desenhos de trabalho que precedem o projecto (ilustrações 230 e 231), aparece um ensaio para uma estrutura leve que poderia ser um compromisso entre a criação da referida área para excursionistas e a preservação de uma eira granítica que não se queria destruída. O SNI rejeita liminarmente este tipo de solução e o projecto para a pousada de Oliveira do Hospital fica condicionado à obrigatoriedade de introdução de um local autónomo para a recepção de excursionistas, resguardado, próximo da cozinha e com instalações sanitárias próprias.

Assim se passam anos, entre a insistência do SNI e a relutância do autor em construir sobre a eira granítica. Será só em 1959, após a entrega do projecto final, que Manuel Tainha se vê obrigado a considerar a área de recepção de excursionistas sobre a eira pré-existente sob pena de não ser concretizada a obra da pousada. Percebe-se – até pelo tempo extenso que demora ou que resiste à solicitação imposta – que o faz a contragosto. A proposta para o espaço destinado a excursionistas, implantada sobre a eira granítica natural, é entregue em 1959, aceite pelo SNI em 1960 e construída entre 1968-1970.

Passados mais de cinquenta anos, a vontade dos novos proprietários em construir um espaço de *SPA* poderá vir a dar um novo significado ao espaço de uma eira que nunca funcionou para o fim para o qual foi proposta (ilustração 313) e justificar a perda de uma eira granítica natural que se viu destruída.

[221] No terceiro ante projecto, a designação "terraço-eira coberto" (ilustração 215) legenda o espaço definido pela eira pré-existente, apesar de essa cobertura não se concretizar em desenho (ilustrações 215-219)

4. 9. 3 PARECERES: PROJECTO DE ALTERAÇÃO E DE AMPLIAÇÃO

O projecto de licenciamento para a remodelação e ampliação da antiga pousada de Santa Bárbara é, como se mencionou, entregue em Março de 2012. O Turismo de Portugal emite parecer favorável para 'Hotel de 4*' em 20 de Abril de 2012. A 26 desse mês a Câmara Municipal de Oliveira do Hospital defere o projecto de arquitectura. Em Maio, quer a Autoridade de Saúde (2012.05.07), quer o IGESPAR – através da Direcção Regional de Cultura do Centro – (2012.05.09) emitem pareceres favoráveis, condicionados a algumas exigências que o projecto final deverá cumprir.

Em 24 de Dezembro de 2012 o edifício da antiga pousada de Santa Bárbara é classificado como Monumento de Interesse Público [222].

A obra de alteração e de ampliação do futuro 'Hotel de Santa Bárbara' é iniciada em Outubro de 2014 não se encontrando, no presente, ainda concluída.

[222] *Vide* Anexo AW – [Classificação] como monumento de interesse público [d]a Pousada de Santa Bárbara, em Póvoa das Quartas, freguesia de Lagos da Beira, concelho de Oliveira do Hospital, distrito de Coimbra. 2012.12.24. Portaria nº740-AG/2012, DR, 2.ª série, nº 248-suplemento, de 24-12-2012.

CONCLUSÃO

O recurso à representação acompanhará desde sempre a prática da invenção dos objectos arquitectónicos. Na representação, o arquitecto vislumbra o objecto do seu pensamento, viabilizando assim a sua definição. A representação permite fixá-lo. Poderá ser tomada como uma ficção essa possibilidade de vislumbrar os objectos arquitectónicos, pois não se trata afinal de os confrontar na plenitude e na complexidade da sua existência, mas será no seio dessa ficção que a invenção desses objectos se tece. E se é possível considerar que entre os diversos sistemas de representação disponíveis alguns poderão porventura aproximar-se mais do seu objecto, detendo por isso uma maior apetência para acompanhar a sua invenção, há contudo que reconhecer depender afinal sobretudo das idiossincrasias do arquitecto a escolha de um desses sistemas. De qualquer modo, é mais do que apenas de conveniência a importância da representação para o pensamento, mais ainda se se considerar o pensamento projectual. Porque o objecto desse pensamento é um objecto ainda inexistente, a sua definição deverá ser determinada, pelo menos em parte, pela representação adoptada para o fazer, pois é como representação, e não apenas por seu intermédio, que esse objecto é definido. Recuperando o significado de 'representar', é na representação que esse objecto adquire a presença que permite defini-lo. A representação substitui-o.

Foi porém o desenho que pretendemos investigar. Partindo das anteriores observações, tomar como objecto de investigação a relação entre o pensamento projectual e o desenho significou considerar que seria também no desenho que os objectos arquitectónicos adquiriam a sua futura existência, havendo por isso que considerar também que o desenho de algum modo determinaria a sua invenção. Essa presença do desenho poderia talvez ser procurada na configuração desse objecto, tomando assim o desenho como veículo privilegiado entre o pensamento e a sua concretização. Foi contudo como suporte desse pensamento, como sistema onde o pensamento encontra uma possibilidade de constituição que se inquiriu o desenho. Pretendemos discernir o desenho como ordem do pensamento.

Mas estas eram considerações de âmbito lato. As teorizações existentes sobre o desenho permitiam sustentá-las, permitindo assim observar o valor do desenho para o pensamento projectual além da sua mais imediata utilidade instrumental. Havia contudo que aferir a pertinência dessas teorizações ao confrontá-las com o efectivo desenvolvimento de um processo de projecto. Foi para isso eleito o projecto da pousada de Oliveira do Hospital, elaborado por Manuel Tainha. Justificaram essa eleição quer a possibilidade de recuperar

parte significativa dos desenhos que suportaram esse processo de projecto, quer a manifesta dificuldade de compreender de imediato uma clara linha condutora que, ao longo desse conjunto de desenhos, ligasse aquilo que pareciam ser ideias iniciais à obra construída, quer, por último, as ambiguidades, talvez não expectáveis, encontradas no corpo das reflexões elaboradas por Manuel Tainha acerca do desenho.

Importa então, recuperadas as linhas que determinaram esta investigação, retomar as questões formuladas aquando da identificação dos seus propósitos. Assim, por um lado, havia que averiguar a importância do desenho no processo projectual em arquitectura. Por outro lado, e na sequência dessa averiguação, havia que verificar como é que essa importância, a existir, se manifestava num processo específico de projecto, elegendo como estudo de caso a pousada de Oliveira do Hospital.

A importância do desenho no processo projectual em arquitectura radica-se no lugar que o desenho detém face ao pensamento. Mais do que um suporte para a definição de uma eventual configuração do seu objecto, cremos ser necessário afirmar que o pensamento sobretudo encontra no desenho a possibilidade de confrontar-se com a sua indefinição, de incorporar a imprevisibilidade que marca o seu desenvolvimento, de operar, enfim, com a sua ambiguidade. No desenho, o pensamento resgata-se do caos. É como seu veículo que o desenho parece surgir, mas é afinal como ordem que o viabiliza que o desenho deve ser compreendido.

Partindo do seu valor assim sintetizado, cremos agora ser necessário afirmar que a importância do desenho no desenvolvimento do processo projectual da pousada de Oliveira do Hospital manifesta-se no equilíbrio sucessivamente refeito entre uma definição que é sempre transitória e uma indefinição que permanece sempre presente, pois só na obra concluída o projecto atinge, por fim, a sua completude. O desenho não confere uma definição ao projecto; é precária sempre essa definição. O desenho reduz antes a sua imponderabilidade. Assim, o desenho é, em simultâneo, a ordem que constantemente tanto se desfaz – ao constantemente se refazer não apenas a interpretação de cada desenho, mas também o sistema de convenções que lhe subjaz –, quanto a ordem que se afirma, sem o que o desenho e, portanto, o próprio pensamento, que assim vai adquirindo uma existência, não teriam sequer compreensibilidade. Justifica-se assim retomar uma observação de Manuel Tainha já considerada (Tainha, 2002, p. 88). Afirmava-se, nessa observação, que 'a casa é vista antes de se a desenhar'. Esta observação não pode naturalmente ser tomada de modo literal. Se o fosse, revelar-se-ia despropositada, ao ser irrelevante o desenho de uma casa que se divisara já. Serão, pois, os 'princípios de formação' dessa casa, retomando uma outra observação de Manuel Tainha (Tainha, 2009,

p. 20, Apêndice A) que poderão anteceder a elaboração do desenho. Contudo, nem isso parece poder ser confirmado. Mesmo sendo manifesta a presença desses princípios ao longo do processo de projecto da pousada de Oliveira do Hospital, esse processo revela também não só uma evolução e uma consolidação desses princípios, o que significa que não é definitiva a sua configuração, como, sobretudo, que a sua evolução e a sua consolidação ocorrem no jogo que o pensamento vai sucessivamente estabelecendo com o desenho. A constituição desses princípios como 'lógicas relacionais', como afirmámos, corrobora esta particular relação de reciprocidade entre pensar e desenhar.

Em síntese, procurando uma possível conclusão acerca da relação entre pensamento projectual e desenho, e alicerçando essa possível conclusão nas reflexões decorrentes da observação do processo projectual da pousada de Oliveira do Hospital, cremos ser pertinente objectivar a afirmação de que o desenho surge como instância onde o pensamento adquire compreensibilidade e, por isso, existência. Assim, se o pensamento adquire compreensibilidade como desenho, é como pensamento que o desenho deve ser tomado. Pensamento e desenho são inextricáveis. É assim que o desenho permite inventar a realidade.

Mesmo talvez ultrapassando o âmbito mais restrito da sua formulação, importa ainda assim perspectivar a pertinência destas conclusões para o ensino do Desenho associado ao ensino do Projecto de Arquitectura. Foi afinal do ensino do Desenho que partimos, parecendo-nos por isso oportuno de, de algum modo, aí regressar. Se o objectivo do ensino do Desenho é munir o aluno de um meio que lhe permita sustentar o seu pensamento projectual, então a compreensão do valor do desenho deverá ser transmitida como estando radicada não no virtuosismo com o qual o desenho aparentemente se aproxima do seu objecto, mas, antes, no reconhecimento da capacidade de o desenho permitir operar com uma sempre permanente indefinição desse objecto. É afinal na sucessiva resolução dessa definição, que terá também de ser compreendida como sendo sempre provisória, que deve ser discernido o valor do desenho.

O desenho conduz o pensamento, é seu princípio; o pensamento projectual não terá no desenho o seu fim.

REFERÊNCIAS

Arquivo Manuel Mendes Tainha. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

ACKERMAN, James S. (1991) – Distance points : essays in theory and Renaissance art and architecture. Cambridge e London : MIT Press. ISBN: 0-262-01122-0.

ACKERMAN, James S. (2002) – Origins, imitation, conventions: representation in the visual arts. Cambridge and London : MIT Press. ISBN: 0-262-01186-7.

ALBERTI, Leon Battista [1485] (2011) – Da Arte Edificatória. Tradução do latim por A. M. do Espírito Santo, introdução, notas e revisão disciplinar por M. J. T. Krüger. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN: 978-972-31-1374-7.

ALLEN, Stan (ed.) (2000) – Practice, Architecture, Technique and Representation. Amsterdam : G+B International. ISBN: 90-5701-072-0.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1986) – História da Arte em Portugal: arte da Alta Idade Média. Lisboa : Alfa. v. 2.

ANDRESEN, João, (1958) – Projecto de uma pousada para Valença do Minho. Arquitectura. 62 (Setembro 1958) 11-16.

BAGULHO, Fernando (2013) – [Entrevista a Fernando Bagulho]. Entrevista realizada por Teresa Rodeia. Lisboa : [s.n.]. Entrevista a Fernando Bagulho, a 26 de Março de 2013, no seu *atelier* em Lisboa. Apêndice F.

BALTANÁS, José (2005) – Le Corbusier, promenades. Barcelona : Gustavo Gili. ISBN 84-252-2002-5.

BLASCO, Francisco, (1958) – Projecto de uma pousada entre Castelo Branco e Fundão. Arquitectura. 62 (Setembro 1958) 17-19.

CARPO, Mario (2001) – Architecture in the age of printing : orality, writing, typography and printed images in the History of Architecture Theory. Cambrigde and London : MIT Press. ISBN 0-262-03288-0.

CASA DA CERCA – CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA, org. (2000) – Exposição Manuel Tainha, arquitecto. Coordenação e concepção da exposição e catálogo de Rogério Ribeiro. Almada : Câmara Municipal. Exposição realizada em Fevereiro e Março de 2000, na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, em Almada. ISBN 972-8392-66-4.

CÔRTE-REAL, Eduardo (2001) – O triunfo da virtude : as origens do desenho arquitectónico. Lisboa : Livros Horizonte. (Horizonte arquitectura ; 1). ISBN 972-24-1140-3.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013) – Gramática generativa. [WWW]. Disponível em http://www.priberam.pt/dlpo/gram%C3%A1tica%20generativa [Acedido em 2014.12.16].

DUARTE, João Miguel Ferreira Couto (2004) – Do reverso do desenho : o projecto da Biblioteca Laurenziana reconsiderado. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

ESTEVES, João Morais de Sena (1958.06.16) – [Proposta de honorários para execução de uma maqueta da pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181/-0167/04, 1 p., [p. 1]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

EVANS, Robin (1997) – Translations from drawings to building and other essays. London : Architectural Association. ISBN: 0-262-55027-X.

FERREIRA, António Gomes (1983) – Repraensentäre. In FERREIRA, António Gomes, ed. – Dicionário de Latim-Português. Porto : Porto Editora. p. 1005.

FORTY, Adrian (2001) – Words and buildings : a vocabular of modern architecture. London : Thames and Hudson. ISBN 0-500-28470-9.

FRASER, Iain, HENMI, Rod (1994) – Envisioning Architecture an Analysis of Drawing. New York : Van Nostrand Reinhold. ISBN: 0-471-28479-3.

FREIRE. Leonardo de Castro (1956.01.30) – Parecer sobre a segunda solução do ante-projecto de uma pousada a construir na região de Oliveira do Hospital. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 2 p., [p. 81-80]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

FREIRE. Leonardo de Castro, (1957.01.21) – Parecer sobre o projecto da pousada a construir em Oliveira do Hospital. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 2 p., [p. 111-110]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

HERBERT, Daniel M. (1993) – Architectural Study Drawings. New York : Van Nostrand Reinhold. ISBN: 0-442-01204-7.

IZZO, Alberto; GUBITOSI, Camillo (1979) – Le Corbusier : Dessins drawings disegni. Paris : L'Equerre Editeur.

JANEIRO, Pedro António (2010) – Origens e destino da imagem – para uma fenomenologia da arquitectura imaginada. Lisboa : Chiado Editora. ISBN: 978-989-8389-63-3.

JANSON, H. W. (1979) – História da Arte. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

KOSTOF, Spiro (ed.) [1977] (2000) – The architect chapters in the history of the profession. Berkeley e Los Angeles : University of California Press. ISBN: 0-520-22604-6.

KRUFT, Hanno-Walter (1990) – História de la teoría de la arquitectura – Desde la Antigüedad hasta el signo XVIII. Madrid : Alianza Forma.

LE CORBUSIER [1950] (2010) – O Modulor : Modulor 2. Lisboa : Orfeu Negro. ISBN: 978-989-95565-7-7.

LOBO, Susana (2006) – Pousadas de Portugal : reflexos da arquitectura portuguesa do século XX. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN: 972-8704-92-5.

MILLON, Henry A. e LAMPUGNANI, Vittorio Magnano (eds.) (1997) – The Renaissance : from Brunelleschi to Michelangelo : the representation of architecture. New York: Rizzoli. ISBN: 0-8478-1997-3.

MOREIRA, Rafael (1995) – Arquitectura : renascimento e classicismo. In PEREIRA, Paulo, dir. – História da arte portuguesa : do «modo» gótico ao maneirismo. Lisboa : Círculo de Leitores. ISBN: 972-42-1184-3. Vol. 2. p. 303-375.

MOURÃO-FERREIRA, David (1998) – Ao amantes e outros contos. Lisboa : Editorial Presença. ISBN: 972-23-1584-6.

NEVES, José Manuel das (2002) – Manuel Tainha : Projectos 1954-2002. Porto : Edições Asa. ISBN: 972-41-3113-0.

PALLADIO, Andrea ed. [1570] (1997) – The four books on architecture. Cambrigde : MIT Press. ISBN: 978-0-262-16162-6

PEREIRA, Nuno Teotónio (1958) – Projecto de uma pousada para Vilar Formoso. Arquitectura. 62 (Setembro 1958) 20-23.

PÉREZ-GÓMEZ, Alberto, PELLETIER, Louise [1997] (2000) – Architectural Representation and the Perspective Hinge. Cambridge and London : MIT Press. ISBN: 0-262-66113-6.

PORTUGAL. Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, (1960.06.30) – Memorial: Pousada de Oliveira do Hospital a construir em Póvoa das Quartas. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181/0247/01, 1 p., [p. 205]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1971) – Pousada de Santa Bárbara : Oliveira do Hospital. Lisboa : Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc. (2003) – Resolução do Conselho de Ministros n. 70/2003. D.R. I-B série. 111 (14 Maio 2003) 3068-3069.

PORTUGAL. Ministério da Defesa Nacional. Exército. Centro de Informação Geoespacial do Exército (1993) – Carta Militar de Portugal Série M888- Folha 222 - Oliveira do Hospital [Documento cartográfico]. 2.ª ed. Lisboa : Centro de Informação Geoespacial do Exército. 1 planta : escala 1:25 000.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas (Gabinete do Ministro). (1954.01.26) – Plano de pousadas. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/000-0007/01, 3 p., [p. 20-18]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1954.06.26) – "[Ausência de concurso público: decisão de adjudicação directa] do projecto de construção da Pousada de Oliveira do Hospital (Serra da Estrela)". Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 12]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1954.09.15) – [Contrato de prestação de serviços para projecto de arquitectura e de especialidades referente a uma pousada a construir em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 8 p., [p. 21, 24-25, 22-23, 29-27]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1954.12.06) – [Informação. Aquisição de uma parcela de terreno]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0251/03, 1 p., [p. 2]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (s.d.) – [Levantamento topográfico do] local da pouzada, escala 1:200. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-011/181-0398/198, DES.418078. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1954.12.29) – [Escritura relativa à compra de uma parcela terreno para a construção de uma pousada, em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0251/3, 8 p., [p. 18-19, 16-17, 14-15, 12-13]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1955.09.24) – [Convocatória dirigida a Manuel Tainha, para comparecer a uma reunião para apreciação do primeiro ante projecto da Pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência:

PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 65]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1955.09.30) – [Documento emitido pela DGEMN acerca da solicitação dirigida aos autores dos projectos das novas pousadas a construir no País, para a sua reformulação]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 66]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1955.10.03) – [Solicitação para a remodelação e entrega do primeiro ante projecto da Pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 67]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1955.12.06) – [Contrato de prestação de serviços estabelecido entre a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e o arquitecto Leonardo Castro Freire]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:REE-0166/01, 1 p., [p. 2]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1956.01.03) – [Novo pedido de solicitação para a remodelação e entrega do primeiro ante projecto da Pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 69]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1956.02.29) – Pousada de Oliveira do Hospital: Informação. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 2 p., [p. 83-82]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1956.03.06) – Ordem de Serviço nº 2556. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 1 p., [p. 15]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1956.06.29) – Cópia [do parecer elaborado pelo] Secretariado Nacional da Informação Cultura Popular e Turismo. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 2 p., [p. 31-30]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1957.01.05) – [Contrato de prestação de serviços estabelecido entre a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e o arquitecto Leonardo Castro Freire]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:REE-0166/01, 2 p., [p. 16-15]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1957.02.15) – Pousada a erigir em Oliveira do Hospital (Póvoa das Quartas). [Parecer emitido pelo SNI relativo ao projecto]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 4 p., [p. 118-115]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1957.03.08) – Pousada de Oliveira do Hospital: Informação. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 124]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1957.03.13) – [Documento que acompanha a] informação relativa ao estudo do edifício para a Pousada de Oliveira do Hospital [dirigido ao] Engenheiro Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 1 p., [p. 45]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1957.08.02) – Parecer: Projecto da Pousada de Oliveira do Hospital. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 1 p., [p. 59]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1957.08.03) – [Documento que acompanha o] parecer [relativo ao] projecto da Pousada de Oliveira do Hospital [dirigido ao] Engenheiro Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 1 p., [p. 60]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Direcção dos Edifícios Nacionais do Centro (1958.04.15) – [Estudo para a captação de água com vista ao abastecimento da pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, 2 p., [p. 113-112]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Direcção dos Edifícios Nacionais do Centro (1958.04.21) – [Carta dirigida a Manuel Tainha a solicitar] uma colecção de cópias do projecto da pousada de Oliveira do Hospital [para a execução de uma] "maquette". Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, 1 p., [p. 116]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1958.05.14) – Pousada a erigir em Oliveira do Hospital: Parecer [emitido pelo SNI relativo ao projecto final]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 184]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1958.05.19) – Construção de uma pousada na Póvoa das Quartas (Oliveira do Hospital): Informação [emitida pelo SNI relativa ao projecto final]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 2 p., [p. 183-182]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1958) – [Fotografia de maqueta da pousada de Oliveira do Hospital]. (Maqueta elaborada por João Morais de Sena Esteves). Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN, foto.00541704. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1958) – [Fotografia de maqueta da pousada de Oliveira do Hospital]. (Maqueta elaborada por João Morais de Sena Esteves). Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN, foto.00134753. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1958.06.17) – [Informação dirigida ao Director-Geral da DGEMN sobre os honorários da maqueta da pousada de Oliveira do Hospital: Autorização do Ministro das Obras Públicas em 18 de Junho de 1958 para adjudicação]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181/-0167/04, 1 p., [p. 2]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1958.08.02) – Ordem de Serviço Nº 12177. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, 1 p., [p. 141]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1958.08.06) – Ordem de Serviço Nº 12206. Arquivo da Direcção-Geral dos

Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, 1 p., [p. 144]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (s.d.) – Parecer: Projecto[s de estabilidade e de instalações especiais, e orçamento geral da obra] da pousada de Oliveira do Hospital. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 3 p., [p. 137-135]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1958.09.24) – Informação: Projecto[s de especialidades] da pousada de Oliveira do Hospital. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 2 p., [p. 94-93]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1959.02.24) – Cópia do ofício 236, da Direcção dos Serviços de Construção [relativo à construção das novas pousadas]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 9 p., [p. 146-138]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1959.03.10) – [Informação dirigida ao] Ministro das Obras Públicas [sobre os processos das novas pousadas]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 6 p., [p. 109 -104]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1959.03.17) – Projecto da pousada de Oliveira do Hospital: Parecer [relativo aos projectos das especialidades]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 3 p., [p. 97-95]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1960.08.05) – [Ofício n.º] 925 [que acompanha o projecto final da pousada de Oliveira do Hospital, onde se descreve todas as peças que o constituem]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, 3 p., [p. 182-180]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1960.08.16) – Ordem de Serviço n.º 11409 [com a transcrição do despacho do Ministro das Obras Públicas sobre o projecto final da pousada para Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, 1 p., [p. 183]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1960.10.18) – Pousada de Oliveira do Hospital: Parecer [emitido pelo SNI relativo ao projecto apresentado para a recepção de excursionistas]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:CAM-0238/03, 1 p., [p. 147]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1962.07.24) – Ofício n.º 699: Pousada de Oliveira do Hospital – Abastecimento de água. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0167/05, 2 p., [p. 109-108]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1963.08.02) – [Informação que acompanha a devolução dos recortes do "Diário de Coimbra"]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 4 p., [p. 227, 230-228]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1966.09.16) – [Resposta da DGEMN ao] Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital [sobre a construção da pousada para aquele concelho]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 246]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1966.12.31) – [Carta dirigida pelo Director-Geral da DGEMN ao] Procurador Geral da República [a solicitar a comparência de um delegado daquela Procuradoria no concurso público para a adjudicação da empreitada de construção do edifício da Pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 261]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1967.11.20) – [Contrato para a execução da empreitada de construção do edifício da Pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 310]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1968.09.27) – [Ofício] n.º 1565 [enviado pela Comissão para Aquisição de Mobiliário da DGEMN ao Director dos Serviços de Construção da DGEMN]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, 1 p., [p. 434]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (1971) – [Fotografia de um quarto de hóspedes com a decoração de Manuel Tainha]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSID, FOTO.00542202 (diapositivo de 6 x 9 cm). Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, (1963.01.26) – Ofício [n.º] 633: Abast[ecimento] de água da Pousada de Oliveira do Hospital. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0167/05, 1 p., [p. 114]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. (1954.12.21) – Parecer, pousada de Oliveira do Hospital. [Primeiro ante projecto]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 2 p., [p. 41-40]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. (1955.06.27) – Informação nº 153. [Apreciação ao segundo ante projecto para uma pousada a construir em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, 1 p., [p. 54]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Direcção-geral da Informação. Repartição da Informação Áudio-visual (1971) – Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: Pousada de Santa Bárbara. (Fotografia de Santos d'Almeida). Arquivo do Secretariado Nacional da Informação – Código de referência: PT-TT-SNI-ARQF-DO-006-001C-54419. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Direcção-geral da Informação. Repartição da Informação Áudio-visual (1971) – Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: Pousada de Santa Bárbara. (Fotografia de Santos d'Almeida). Arquivo do Secretariado Nacional da Informação – Código de referência: PT-TT-SNI-ARQF-DO-006-001C-65566. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Direcção-geral da Informação. Repartição da Informação Áudio-visual (1971) – Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: sala de estar da Pousada de Santa Bárbara. (Fotografia de Santos d'Almeida). Arquivo do Secretariado Nacional da Informação – Código de referência: PT-TT-SNI-ARQF-DO-006-001C-65569. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Direcção-geral da Informação. Repartição da Informação Áudio-visual (1971) – Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: sala de jantar da Pousada de Santa Bárbara. (Fotografia de Santos d'Almeida). Arquivo do Secretariado Nacional da Informação – Código de referência:

PT-TT-SNI-ARQF-DO-006-001C-65574. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Direcção-geral da Informação. Repartição da Informação Áudio-visual (1971) – Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: quarto da Pousada de Santa Bárbara. (Fotografia de Santos d'Almeida). Arquivo do Secretariado Nacional da Informação – Código de referência: PT-TT-SNI-ARQF-DO-006-001C-65567. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Direcção-geral da Informação. Repartição da Informação Áudio-visual (1971) – Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital: quarto da Pousada de Santa Bárbara. (Fotografia de Santos d'Almeida). Arquivo do Secretariado Nacional da Informação – Código de referência: PT-TT-SNI-ARQF-DO-006-001C-65568. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (1954.01.16) – Informação pedida no despacho de S. Ex.ª o Senhor Presidente do Conselho de 29-XII-1953 sôbre pousadas. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B, 4 p., [p. 17-20]. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (1954.01.22) – Generalidades acerca dos programas para as pousadas a construir segundo o novo plano. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 2 p., [p. 17,21]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (1955.02.10) – [Of[ício] n.º 1.039-S.C., Ref.ª 410. [Envio dos processos referentes às novas pousadas] ao Chefe da 4ª Repartição (Turismo). Arquivo SNI, código de referência: caixa 4202. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (1955.04.30) – Of[ício] n.º 2667 [dirigido pelos Serviços de Turismo do SNI ao] Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, [p. 59]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (1956.06.03) – Pousada a erigir em Oliveira do Hospital (Póvoa das Quartas). [Parecer emitido pelo SNI relativo ao terceiro ante projecto]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 2 p., [p. 98-97]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (1957.08.29) – Informação: Pousada de Bragança. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-53, 4 p., [p. 185-188]. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretariado Nacional da Informação, (1957.10.28) – Informação de serviço: [Proposta para a mudança de estratégia relativa ao] Plano de Novas Pousadas]. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 3/B-39-2, NT-109, 4 p [p. 1-3]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, (1963.12.27) – Of[ício] nº 4808/R.I.H./A., Ref. 410 [dirigido ao] Senhor Presidente do Conselho [sobre a constituição de uma Comissão para a revisão do programa das novas Pousadas]. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 11/A-44-7, NT-151, 2 p [p. 1-2]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidência do Conselho. Secretário Nacional da Informação, (1955.04.05) – [Ofício] nº 47 [emitido pelo SNI, que acompanha a entrega ao] Presidente do Conselho [dos ante projectos de cinco pousadas da segunda fase]. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72, 3 p [p. 7-9]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidente do Conselho, 1932-1968 (António de Oliveira Salazar) (1953.12.16) – [Despacho] Pousadas. [Instalação de uma rede de pousadas]. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B, [7 p.], p. 1-7. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidente do Conselho, 1932-1968 (António de Oliveira Salazar) (1954.02.08) – [Despacho] Pousadas. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-81-B, 3 p., [p. 21-23]. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

PORTUGAL. Presidente do Conselho, 1932-1968 (António de Oliveira Salazar) (1955.08.16) – [Despacho ao ofício nº 47, elaborado pelo Presidente do Conselho]. Fundo da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72, 1 p [p. 2]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

ROBBINS, Edward (1994) – Why architects draw. Cambridge and London : MIT Press. ISBN: 0-262-18157-6.

RODOLFO, João (2002) – Luís Cristino da Silva e a arquitectura moderna em Portugal. Lisboa : Dom Quixote. ISBN: 972-20-2192-3.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira (2000) – O Desenho : ordem do pensamento arquitectónico. Lisboa : Editorial Estampa. ISBN: 972-33-1608-0.

RODRIGUES, Maria João Madeira (2002) – O que é Arquitectura. Lisboa : Quimera editores. ISBN: 972-589-074-4.

RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira (imp. 1996) – Água mestra. In RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – Vocabulário técnico e crítico de arquitectura. 2.ª ed. rev. [Lisboa] : Quimera. ISBN: 972-589-051-5. p. 105.

RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira (imp. 1996) – Beiral. In RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – Vocabulário técnico e crítico de arquitectura. 2.ª ed. rev. [Lisboa] : Quimera. ISBN: 972-589-051-5. p. 105.

RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira (imp. 1996) – Cumeeira. In RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – Vocabulário técnico e crítico de arquitectura. 2.ª ed. rev. [Lisboa] : Quimera. ISBN: 972-589-051-5. p. 105.

RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira (imp. 1996) – Laroz. In RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – Vocabulário técnico e crítico de arquitectura. 2.ª ed. rev. [Lisboa] : Quimera. ISBN: 972-589-051-5. p. 105.

RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira (imp. 1996) – Projecto. In RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – Vocabulário técnico e crítico de arquitectura. 2.ª ed. rev. [Lisboa] : Quimera. ISBN: 972-589-051-5. p. 221.

RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira (imp. 1996) – Tacaniça. In RODRIGUES, Maria João Madeira ; SOUSA, Pedro Fialho de ; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – Vocabulário técnico e crítico de arquitectura. 2.ª ed. rev. [Lisboa] : Quimera. ISBN: 972-589-051-5. p. 105.

SALAZAR, António de Oliveira (1954.02.08) – [Despacho] Pousadas [Manuscrito]. 1954.02.08. 7 f. [p. 639-645]. [Autogr.] Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. Arquivo Salazar – Código de referência: PT/TT/AOS/CO/PC-8E1.

SALAZAR, António de Oliveira (1955.08.16) – [Despacho ao ofício nº 47] [Manuscrito]. 1955.08.16. 3 f. [p. 4-6]. [Autogr.] Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. Arquivo Salazar – Código de referência: PCOS/MC, PRC 2/A-18-1, NT-72, 3 p [p. 4-6]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

SANT'ANA, Frederico, (1958) – Quatro novas pousadas. Arquitectura. 62 (Setembro 1958) 5.

SANZIO, Raffaello (1519) – Lettera a Leone X. Disponível em https://www.hs-augsburg.de/~harsch/italica/Cronologia/secolo16/Raffaello/raf_lelx.html [último acesso em 2015.05.04].

SARNITZ, August (2007) – Adolf Loos, 1870-1933 : arquitecto, crítico cultural, dândi. Trad. David Costa. Köln : Taschen [etc.]. (Taschen Basic Architecture, 14). Edição em exclusivo para o Jornal Público. ISBN: 978-3-8365-0017-3.

SERLIO, Sebastiano ed. [1547] (1982) – The five books of architecture. An unabridged reprint of the English edition of 1611. Cambrigde : Dover publications. ISBN: 0-486-24349-4.

TAINHA, Manuel (1958) – Projecto de uma pousada para Oliveira do Hospital. Arquitectura. 62 (Setembro 1958) 6-10.

TAINHA, Manuel (1994) – Arquitectura em Questão. Lisboa : Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

TAINHA, Manuel (1995) – Casa Viana, Encosta do Restelo : Lisboa = Viana house = Lisboa. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 7:29 (Junho-Agosto 1995) 82-85.

TAINHA, Manuel (1995) – Casa Viana, Encosta do Restelo : Lisboa = Viana house = Lisboa. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 7:29 (Junho-Agosto 1995) 82-85.

TAINHA, Manuel (2000) – Textos do Arquitecto Manuel Tainha. Lisboa : Estar. ISBN: 972-8095-71-6.

TAINHA, Manuel (2002) – OA'UIA Cadernos Berlim 2002. Lisboa : Ordem dos Arquitectos. ISBN: 972-97668-5-1.

TAINHA, Manuel (2006) – Manuel Tainha, Textos de Arquitectura. Casal de Cambra : Caleidoscópio. ISBN: 989-8010-44-4.

TAINHA, Manuel (2009) – [Entrevista a Manuel Tainha]. Entrevista realizada por Teresa Rodeia. Lisboa : [s.n.]. Entrevista a Manuel Tainha, a 13 de Janeiro de 2009, no seu *atelier* em Lisboa. Apêndice A.

TAINHA, Manuel (2010) – [Entrevista a Manuel Tainha]. Entrevista realizada por Teresa Rodeia. Lisboa : [s.n.]. Entrevista a Manuel Tainha, a 26 de Fevereiro de 2010, no seu *atelier* em Lisboa. Apêndice B.

TAINHA, Manuel (2011) – [Entrevista a Manuel Tainha]. Entrevista realizada por Teresa Rodeia. Lisboa : [s.n.]. Entrevista a Manuel Tainha, a 5 de Maio de 2011, no seu *atelier* em Lisboa. Apêndice C.

TAINHA, Manuel (2011) – [Entrevista a Manuel Tainha]. Entrevista realizada por João Duarte e Teresa Rodeia. Lisboa : [s.n.]. Entrevista a Manuel Tainha, a 16 de Maio de 2011, no seu *atelier* em Lisboa. Apêndice D.

TAINHA, Manuel (s.d.) – Dactilografado. Arquivo Manuel Mendes Tainha.

TAINHA, Manuel ; FINA, Luciana (2012) – [Entrevista a Manuel Tainha e a Luciana Fina]. Entrevista realizada por Teresa Rodeia. Lisboa : [s.n.]. Entrevista a Manuel Tainha e a Luciana Fina, em Março de 2012, no *atelier* de Manuel Tainha em Lisboa. Apêndice E.

TAINHA, Manuel M. (1954.12.15) – [Primeiro] ante-projecto de pousada, Oliveira do Hospital: [planta de implantação], escala 1/1.400]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03, DES.523285. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1954.12.15) – [Primeiro] ante-projecto de pousada, Oliveira do Hospital: [plantas], escala 1/200]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03, DES.523286. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1954.12.15) – [Primeiro] ante-projecto de pousada, Oliveira do Hospital: [alçados e cortes], escala 1/200]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03, DES.523287. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1954.12.15) – Memória descritiva e justificativa. [Documento referente ao primeiro ante projecto para a pousada a edificar em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital, Coimbra]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/03, 6 p. [p.7-2]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1955.05.18) – [Peças desenhadas do segundo ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-011/181-0398/198, DES.418076 e DES.418077. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1956.01.23) – [Memória descritiva e justificativa referente ao terceiro ante projecto para a pousada a edificar em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital, Coimbra]. 3 p. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1966) – [Projecto de alteração da pousada de Oliveira do Hospital: planta do piso intermédio (entrada), escala 1/100]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/198, DES.00418080. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1966.10.07) – [Carta de Manuel Tainha dirigida ao] Director dos Serviços de Construção da D.G.E.M.N. do M.O.P. [sobre o programa de alterações a introduzir no projecto da] Pousada de Oliveira do Hospital. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-

011/0398/198, 2 p. [p.305, 303]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1967) – [Processo de concurso]. Eira – alçados; cortes; plantas, escala 1:100. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/249/03, DES.0505356. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1967) – [Processo de concurso]. Mapa de acabamentos. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/249/03, DES.0000231. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1967) – [Processo de concurso]. Planta do] 1º pavimento – cave, escala 1:100. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/249/03, DES.0505347. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1967) – [Processo de concurso]. Planta do] 2º pavimento – r/c, escala 1:100. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/249/03, DES.0505346. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1967) – [Processo de concurso]. Planta do] 3º pavimento – 1º andar, escala 1:100. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/249/03, DES.0505348. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1967) – [Processo de concurso]. Planta geral, escala 1:500. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/249/03, DES.0505345. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1967) – Processo de concurso [da pousada de Oliveira do Hospital: peças desenhadas]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/249/03, DES.0505345 a DES.0505369. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1968.02.08) – [Acta de Obra]. Arquivo Manuel Mendes Tainha, 1 p. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1968.03.16) – [Acta de Obra]. Arquivo Manuel Mendes Tainha, 1 p. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1968.08.03) – [Acta de Obra]. Arquivo Manuel Mendes Tainha, 1 p. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1968.09.07) – [Acta de Obra]. Arquivo Manuel Mendes Tainha, 1 p. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1968.09.19) – [Acta de Obra]. Arquivo Manuel Mendes Tainha, 1 p. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1968.10.25) – [Acta de Obra]. Arquivo Manuel Mendes Tainha, 1 p. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1970) – [Projecto de Equipamento: memória descritiva]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/166/01. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1970.06.30) – [Acta de Obra]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/199, 2 p., [p. 22, 21]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1970.08.08) – [Acta de Obra]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0398/199, 2 p., [p. 32, 31]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (1971.05.07) – [Acta de Obra]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSC-0399/200, 2 p., [p. 177, 176]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (Novembro 1956) – [Peças desenhadas do projecto da pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0162/4/02, DES.523251-DES.523261. [11 desenhos]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (Novembro 1956) – [Projecto da pousada de Oliveira do Hospital: fotografias do terreno]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0166/02, Fotos 0335572-0335575. [4 fotos]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (Novembro 1956) – [Projecto da pousada de Oliveira do Hospital: fotografias do terreno]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0162/4/02, Fotos 0338806-0338810. [5 fotos]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, Portugal.

TAINHA, Manuel M. (Novembro.1956) – [Memória descritiva e justificativa do projecto para a pousada a edificar em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital, Coimbra]. 11 p. Arquivo Manuel Mendes Tainha. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.

TAINHA. Manuel M. (1956.01.23) – [Carta dirigida ao Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que acompanha a entrega de dois exemplares referentes ao terceiro ante projecto para a pousada a edificar em Póvoa das Quartas, Oliveira do Hospital, Coimbra]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0247/01, 1 p., [p. 73]. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

TAINHA. Manuel M. (1956.01.23) – [Peças desenhadas do terceiro ante projecto da pousada de Oliveira do Hospital]. Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Código de referência: PT/DGEMN:DSARH-011/181-0163/01, DES.523264 a DES.523269. Acessível no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Sacavém, Portugal.

TAVARES, Domingos (2004) – Leon Baptista Alberti : teoria da arquitectura. Lisboa : Dafne Editora. (Sebentas de história da arquitectura moderna ; 3). ISBN 972-99019-3-7.

TAVARES, Domingos (2008) – Andreia Palladio : a grande roma. Lisboa : Dafne Editora. (Sebentas de história da arquitectura moderna ; II). ISBN: 978-989-8217-01-1.

TÁVORA, Fernando [et al.] (2004) - Arquitectura Popular em Portugal. Prefácio de Helena Roseta. 4.ª ed. Lisboa : Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos. 2 v. ISBN: 972-97668-7-8.

TELLES, Gonçalo Ribeiro, coord. (1971) - Pousada de St.ª Bárbara : enquadramento paisagístico. Arquitectura. 121-122 (Maio-Agosto 1971) 137.

VALÉRY, Paul (1930) – Aphorismes. La nouvelle Revue Française. 18:204 (1 Septembre 1930) 289-306.

VALÉRY, Paul (1943) – Tel Quel II. 18emé ed. Paris : Gallimard.

VITRÚVIO POLIÃO, Marcos (2006) - Tratado de arquitectura. Tradução do latim, introdução e notas por M. Justino Maciel; ilustrações [de] Thomas Noble Howe. Lisboa : Instituto Superior Técnico. ISBN: 9728469438.

ZUMTHOR, Peter (2005) – Pensar a arquitectura. Barcelona : Editorial Gustavo Gili. ISBN: 84-252-2059-9.

BIBLIOGRAFIA

AALTO, Alvar (2009) – Maison Louis Carré. Helsinki : Alvar Aalto Foundation. ISBN: 978-952-5498-06-6.

AGAMBEN, Giorgio (2007) – Bartleby Escrita da Potência. Lisboa : Assírio & Alvim. ISBN: 978-972-37-1295-7.

ARGAN, Giulio Carlo ; CONTARDI, Bruno [1990] (1993) – Michelangelo architect. New York : Harry Abrams; London : Thames and Hudson. ISBN: 0-8109-3638-0.

ARNHEIM, Rudolf (1969) – Visual Thinking, Berkeley, Los Angeles, London : University of California Press. ISBN: 0-520-01871-0.

ARNHEIM, Rudolf [1954] (1994) – Arte e Percepção Visual : uma Psicologia da Visão Criadora, nova versão. 8.ª edição. São Paulo : Livraria Pioneira Editora.

ARNHEIM, Rudolf [1989] (1993) Consideraciones sobre la educación artística. Barcelona : Ediciones Paidós Ibérica. ISBN: 84-7509-877-0.

BERGER, John [1974] (2000) – Modos de ver. Barcelona : Editorial Gustavo Gili. ISBN: 84-252-1807-1.

BERNARDO, Elisa Maria Coelho Ferreira (2014) – Desenho de observação e métodos de ação : implicações na propedêutica da formação do Designer. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tese apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

BETTI, Caudia ; SALE, Teel [1980] (1997) – Drawing : a contemporary approach. Orlando : Harcourt Brace College Publishers. ISBN: 0-15-501580-X.

BINÁRIO : arquitectura, construção, equipamento (1958-1959). Dirs. Manuel Tainha, Jovito Tainha ; ed. e propr. A. Palmares. N. 1 (Abr. 1958) - n. 10 (Jan. 1959). Lisboa : A.P..

Bismarck, Mário (2007) – Desenhar é o desenho. Desenhar é o desenho. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. 24 a 26 de Janeiro de 2000.
Disponível em http://repositorio-lberto.up.pt/bitstream/10216/19089/2/Desenhar%20é%20desenho.pdf [Acedido em 2010.01.14].

BRAIZINHA, Joaquim (1989) – Projecto Clássico em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tese apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

BRAWNE, M. (2003) – Architectural thought : the design process and the expectant eye. Oxford : Architectural Press. ISBN: 0-7506-58517.

BROTHERS, Cammy (2008) – Michelangelo, drawings, and the invention of architecture. New Haven and London : Yale University Press. ISBN: 978-0-300-12489-7.

BRUN, Jean (1991) – A mão e o espírito. Lisboa : Edições 70. ISBN: 972-44-0739-X.

CALLEBAT, Jean-Louis (ed.) (1998) – Histoire de l'Architecte. Paris : Flammarion. ISBN: 2-08-013902-9.

CARMO, Sandra Patrícia Ramos do (2013) - O vazio como identidade tipológica e vivencial do edifício : do pátio habitacional ao pátio-claustro do edifício instituição. Lisboa : [s.n.]. Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

CARNEIRO, Alberto (1995) – Campo sujeito e representação no ensino e na prática do Desenho/Projecto. Porto : FAUP Publicações. ISBN: 972-9483-12-4.

CARNEIRO, Alberto ; TÁVORA, Fernando ; MORENO, Joaquim (2002) – Desenho Projecto de Desenho. Lisboa : Ministério da Cultura : Instituto de Arte Contemporânea. ISBN: 972-8560-249.

CASA DA CERCA – CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA, org. (1995) – Exposição O Desejo do Desenho. Coordenação e concepção da exposição e catálogo de Rogério Ribeiro. Almada : Câmara Municipal. Exposição realizada desde Dezembro de 1995 a Fevereiro de 1996, na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, em Almada.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM, org. (2004) – Arquitectura e Cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira. Coordenação científica de Ana Tostões. Lisboa : Exposição realizada de 26 de Junho a 31 de Outubro de 2004, no Centro Cultural de Belém, Lisboa : Printer Portuguesa. ISBN: 972-589-127-9.

CÉZAR, António ; LOUÇÃO, Maria Dulce ; TOUSSAINT, Michel (2014) – Atelier António Cézar : do mobiliário ao espaço : António Cézar e Maria Dulce Loução. Casal de Cambra : Caleidoscópio. ISBN: 978-989-658-278-4.

CONSELHO DIRECTIVO REGIONAL DO SUL DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES (1994) – Percursos de carreira. Lisboa : Associação dos Arquitectos Portugueses. ISBN: 972-95946-1-7.

CORREIA, Graça (2008) – Ruy Jervis d'Athouguia : a modernidade em aberto. Casal de Cambra : Caleidoscópio. ISBN: 978-989-8129-39-0.

COSTA, Bernardo André de Almeida (2008) – Espaço público como poder unificador de diferentes morfologias urbanas. Lisboa : [s.n.]. Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

COSTA, Madalena Alexandra Folgado (2013) – Limite e identidade em Manuel Tainha. Lisboa : [s.n.]. Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

COX, Maureen [1992] (1995) – Desenho da criança. São Paulo: Martins Fontes. ISBN: 85-336-0382-7.

CULLEN, Gordon [1971] (1983) – Paisagem urbana. Lisboa: Edições 70.

DANTZIC, Cynthia Maris (1999) – How to Draw : a complete guide to techniques and appreciation. London : Laurence King. ISBN: 1-85669-143-8.

DIAS, Pedro Silva ; BARBAS, Patrícia ; COLAÇO, Margarida (1994) – Anos 60 : anos de ruptura : arquitectura portuguesa nos anos sessenta. Lisboa : Livros Horizonte. ISBN 972-24-0866-6.
Disponível em http://hdl.handle.net/10316/25523. [Acedido em 2015.06.14].

EDWARDS, Betty [1986] (1987) – Drawing on the Artist Within. New York : Simon & Schuster. ISBN: 0-671-63514-X.

FIGUEIREDO, Sara Miranda de Almeida (2013) – Pousada de Santa Bárbara : tradição e modernidade. Coimbra : [s.n.]. Dissertação apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

FOCILLON, Henri [1943] (1988) – A Vida das Formas. Lisboa : Edições 70.

FOUCAULT, Michel (1997) – O que é um autor? Lisboa : Edições Vega. ISBN: 972-699-303-2.

GÄNSHIRT, Christian (2007) – Tools for Ideas an Introduction to Architectural Design. Basel Boston Berlin: Birkhäuser Verlag AG. ISBN: 978-3-7643-7576-8.

GOLDSTEIN, Nathan [1973] (1999) – The Art of Responsive Drawing. New Jersey : Prentice Hall. ISBN: 0-13-597931-5.

GOMBRICH, E. H. [1950] (2006) – A História da Arte. Lisboa : Público. ISBN: 989-619-007-0.

GOMBRICH, E. H. [1982] (2000) – La imagen y el ojo : nuevos estúdios sobre la psicologia de la representación pictórica. Madrid : Debate. ISBN: 84-8306-216-X.

GOODMAN, Nelson [1978] (1995) – Modos de fazer mundos. Porto : Edições Asa. ISBN: 972-41-1560-7.

GROAT, Linda., WANG, David (2002) – Architectural Research Methods. New York: Wiley. ISBN: 0-471-33365-4.

HEIDEGGER, Martin [1977] (2005) – A origem da obra de arte. Lisboa : Edições 70. ISBN: 972-44-0524-9.

HIPÓLITO, Fernando (2002) – El Sítio y el Proyecto de Arquitectura: 5 obras en Portugal – Lectura según una teoria de la sensíbilidad. Barcelona : Escuela Técnica Suerior

d'Arquitectura de Barcelona. Tese apresentada à Escuela Técnica Suerior d'Arquitectura de Barcelona.

HIPÓLITO, Fernando (2011) – Sítio, Projecto e Arquitectura. Cascais : Trueteam. ISBN: 978-989-8346-06-3.

HOLL, Steven (2002) – Written in water. Baden : Lars Müller. ISBN: 3-907078-87-X.

ITTEN, Johannes (1995) – Le Dessin et la Forme. Dessain et Tolra. ISBN: 2-249-25004-9.

JESUS, Paulo Alexandre Dionísio Ribeiro de (2014) - O limite, o espaço e a paisagem em obras de Manuel Tainha. Lisboa : [s.n.]. Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

JOHNSON, Eugene J. ; LEWIS, Michael J. ; LIEBERMAN, Ralph (1996) – Drawn from the source : The Travel Sketches of Louis I. Kahn. Cambridge, Massachusetts, London : MIT Press. ISBN: 0-913697-20-6.

JORDAN, R. Furneaux [1969] (1991) – Western Architecture. London : Thames and Hudson. ISBN: 0-500-20087-4.

KANDINSKI, Wassily [1970] (1996) – Ponto, Linha, Plano. Lisboa : Edições 70. ISBN: 972-44-0566-4.

KLEE, Paul [1990] (2001) – Escritos sobre arte. Lisboa : Edições Cotovia. ISBN: 927-795-025-6.

KRUFT, Hanno-Walter [1985] (1990) – Historia de la teoria de la arquitectura : desde la Antigüedad hasta el sigli XVIII. Madrid : Alianza Editorial. ISBN: 84-206-7996-8.

LAMBERT, Susan (1985) – El Dibujo : Técnica y Utilidad. Madrid : Hermann Blume. ISBN: 84-7214-325-2.

LAPUERTA, Jose Maria de (1997) – El Croquis, Proyecto e Arquitectura. Madrid : Celeste Ediciones. ISBN: 84-8211-093-4.

LASEAU, Paul (1989) – Graphic thinking for architects and designers. New York : Van Nostrand Reinhold. ISBN: 0-442-25844-5.

LE CORBUSIER (1990) – Textes et dessins pour Ronchamp. Genève : Association Oeuvre de Notre Dame du Haut.

LE CORBUSIER [1987] (2002) – Voyage d'Orient. Milano : Phaidon Press. ISBN: 1-904313-06-X.

LE CORBUSIER [1994] (2002) – Les voyages d'Allemagne. Milano : Phaidon Press. ISBN: 1-904313-07-8.

LEBAHAR, Jean Charles (1983) – Le Dessin d'Architecte : simulation graphique et réduction d'incertitude. Roquevaire : Editions Parenthèses. ISBN: 2-86364-022-4.

LÉVI-STRAUSS, Claude [1993] (1995) – Olhar Ouvir Ler. Lisboa : Edições Asa. ISBN: 972-41-1374-4.

LISBOA, Fernando [1995] (1997) – Desenho de arquitectura assistido por computador. Porto : FAUP Publicações. ISBN: 972-9483-27-2.

LOUÇÃO, Maria Dulce (2013) – Paisagens interiores : para um projecto em arquitetura. Casal de Cambra : Caleidoscópio. ISBN: 978-989-658-226-5.

LUCIE-SMITH, Edward [1969] (1997) – Movements in art since 1945 : issues and concepts. London : Thames and Hudson. ISBN: 0-500-202-82-6.

MAGÃLHÃES, Rui (2002) – Introdução à Hermenêutica. Coimbra: Angelus Novus. ISBN: 972-8827-02-4.

MANZINI, Ezio [1986] (1993) – A matéria da invenção. Porto : Centro Português de Design. ISBN: 972-9445-01-X.

MASSIRONI, Manfredo (1982) – Ver pelo Desenho : aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos. Lisboa : Edições 70.

MATISSE, Henri (1972) – Escritos e reflexões sobre arte. Lisboa : Editora Ulisseia.

MERLEAU-PONTY, Maurice [1948] (2002) – Palestras. Lisboa : Edições 70. ISBN: 972-44-1172-9.

MERLEAU-PONTY, Maurice [1960] (1992) – O Olho e o Espírito. Lisboa : Edições Vega. ISBN: 972-699-3520.

MOLINA, Juan José Gómez (coord.) (1995) – Las Lecciones del Dibujo. Madrid : Ediciones Cátedra. ISBN: 84-376-1376-0.

MUNARI, Bruno [1968] (1995) – Design e Comunicação Visual. Lisboa : Edições 70. ISBN: 972-44-0176-6.

MUNARI, Bruno [1997] (2007) – Fantasia. Lisboa : Edições 70. ISBN: 978-972-44-1357-0.

NICOLAÏDES, Kimon [1941] (1969) – The natural way to draw. Boston : Houghton Mifflin. ISBN: 0-395-08048-7.

NIEMEYER, Oscar [1993] (1998) – Conversa de arquitecto. Porto : Campo das Letras. ISBN: 972-610-036-4.

OLAIO, António (2006) – Desenho : Percepção e Investigação Formal. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN: 972-8704-68-2.

PAIXÃO, Pedro A. H. (2008) – Desenho : a Transparência dos Signos. Lisboa : Assírio & Alvim. ISBN: 978-972-37-1297-1.

PALLASMAA, Juhani (2009) – The Thinking Hand. West Sussex : Wiley. ISBN: 978-0-470-77929-3.

PANOFSKY, Erwin (1993) – A perspectiva como forma simbólica : Edições 70. ISBN: 972-44-0886-8.

PAULY, Danièle [1997] (2008) – Le Corbusier : the Chapel at Ronchamp. Basel : Birkhäuser Architecture. ISBN: 978-3-7643-8232-2.

PAULY, Danièle (2006) – Le Corbusier : le dessin comme outil. Lyon : Fage Editions. ISBN: 978-2-84975-082-7.

PEREIRA, Alexandre Marques (2013) – Manuel Tainha. Vila do Conde : Verso da História. ISBN: 978-989-8657-40-4.

PEREIRA, Nuno Teotónio (1996) – Escritos : 1947-1996, selecção. Porto : FAUP Publicações. ISBN: 972-9483-19-1.

PEVSNER, Nikolaus [1968] (1996) – Origens da Arquitectura Moderna e do Design. São Paulo : Martins Fontes. ISBN: 85-336-0484-X.

PINHEIRO, Paulo (2003) – A ideia de lugar em arquitectura. Lisboa : Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

PORTAS, Nuno ; MENDES, Manuel (1991) – Arquitectura portuguesa contemporânea : anos sessenta / anos oitenta. Exposição realizada de 23 de Maio a 7 de Julho de 1991, na Fundação de Serralves, Porto : Fundação de Serralves.

PORTER, Tom (1979) – How architects visualize. New York : Van Nostrand Reinhold. ISBN: 978-044-2261-49-8.

PORTER, Tom [1997] (2013) – The architect's eye : visualization and depiction of space in architecture. New York : Routledge. ISBN: 0-419-21230-2.

QUETGLAS, Josep (2009) – Les heures claires : proyecto y arquitectura en la Villa Savoye de Le Corbusier y Pierre Jeanneret. Barcelona : Massilia. ISBN: 84-87478-48-4.

RAWSON, Philip [1969] (1987) – Drawing. Philadelphia : University of Pennsylvania Press. ISBN: 0-8122-1251-7.

REBELO, Sérgio (2000) – Representação do espaço : sugestão da tridimensionalidade e simulação da espacialidade. Lisboa : Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

RIBEIRO, André Cardoso Branco (2011) - Projecto Praça : o lugar público construído pelo programa. Lisboa : [s.n.]. Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

RICŒUR, Paul (2009) – A Metáfora Viva. Porto : Rés.

RICŒUR, Paul (2009) – Teoria da Interpretação : o discurso e o excesso de significação. Lisboa : Edições 70. ISBN: 978-972-44-1573-4.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira (2003) – O que é Desenho. Lisboa : Quimera Editores. ISBN: 972-589-102-3.

RODRIGUES, José Manuel (2010) – Teoria e Crítica de Arquitectura – Século XX. Lisboa : Caleidoscópio. ISBN: 978-989-658-065-0.

RODRIGUES, Luís Filipe S. P. (2010) – Desenho, criação e consciência. Lisboa : Bond. ISBN: 978-989-8060-11-2.

RODRIGUES, Miguel (2009) – Desenho, propedêutica da acção projectual aplicada : reflexões sobre uma experiência em particular. Lisboa : Universidade Lusíada de Lisboa. Tese apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

SAINZ, Jorge [1990] (2005) – El dibujo de arquitectura. Barcelona : Editorial Reverté. ISBN: 978-84-291-2106-3.

SAURA, Antonio (1993) – Nulla dies sine linea. Cuenca : Galería Pilares.

SAUSMAREZ, Maurice de (1979) – Desenho básico : as dinâmicas da forma visual. Lisboa : Editorial Presença.

SAUTEREAU, Jacques (1993) – Concevoir. Marseille : Editions Parenthèses. ISBN: 2-86364-834-9.

SHITAO (2001) – A Pincelada Única. Guimarães : Pedra Formosa. ISBN: 972-8118-31-7.

SILVA, Ana Moreira da (2010) – De Sansedoni a Vasari : o desenho como fundamento do processo conceptual em arquitectura. Lisboa : Universidade Lusíada Editora. ISBN: 978-989-640-051-4.

SIZA, Álvaro (1988) – Esquissos de Viagem. Porto : Documentos de Arquitectura.

SIZA, Álvaro (1998) – Imaginar a evidência. Lisboa : Edições 70. ISBN: 972-44-1033-1.

SPENCER, Jorge Manuel Fava (2000) – Aspectos Heurísticos dos Desenhos de Estudo no Processo de Concepção em Arquitectura. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Tese apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

TAINHA, Manuel (1991) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 3:10 (Agosto-Outubro 1991) 33-37.

TAINHA, Manuel (1991) – Novo edifício da Câmara Municipal do Seixal. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 3:11-12 (Outubro-Dezembro 1991) 126-128.

TAINHA, Manuel (1991) – Vivenda Martins dos Santos. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 3:10 (Agosto-Outubro 1991) 56-59.

TAINHA, Manuel (1993) – Câmara Municipal do Seixal = Seixal City =. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 5:25 (Junho-Agosto 1993) 85-87.

TAINHA, Manuel (1993) – Casa de Chá, Pico do Areeiro / Funchal = Tea House, Pico do Areeiro – Funchal =. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 5:25 (Junho-Agosto 1993) 65-67.

TAINHA, Manuel (1993) – Casa Gallo, S. Pedro de Moel = Gallo House, S. Pedro de Moel =. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 5:25 (Junho-Agosto 1993) 68-71.

TAINHA, Manuel (1993) – Escola Agro-Industrial de Grândola Fundação António Inácio da Cruz = School of Agricultural Industry in Grândola =. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 5:25 (Junho-Agosto 1993) 62-64.

TAINHA, Manuel (1993) – Escola Superior de Tecnologia de Tomar = Tomar College of Technology =. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 5:25 (Junho-Agosto 1993) 72-75.

TAINHA, Manuel (1993) – Évora, (trinta anos depois) Escola de Regentes Agrícola = Évora, (thirty years later) School of Agricultural Technicians =. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 5:25 (Junho-Agosto 1993) 76-80.

TAINHA, Manuel (1993) – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Dep. De Engenharia Mecânica – Universidade de Coimbra = Department of Mechanical Engineering Coimbra University =. Architécti : revista de arquitectura e arquitectura paisagista. Lisboa. 5:25 (Junho-Agosto 1993) 81-84.

TAINHA, Manuel (2013) – Cinco obras à procura de uma ideia : conferência. Coordenação Rodrigo Ollero. Lisboa : Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. ISBN: 978-989-640-161-0.

TANIZAKI, Junichiro [1933] (1999) – Elogio da sombra. Lisboa : Relógio d'Água.

TÀPIES, Antoni (1989) – La realidad como arte : por un arte moderno y progressista. Murcia : Comisión de Cultura del Colegio Oficial de Aparejedores y Arquitectos Técnicos. ISBN: 84-600-7038-7.

TÁVORA, Fernando [1962] (2008) – Da organização do espaço. Porto : FAUP Publicações. ISBN: 978-972-9483-22-6.

TOSTÕES, Ana (1994) – Arquitectura portuguesa nos anos 50 : "os verdes anos" ou o movimento moderno em Portugal. Lisboa : Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

TOSTÕES, Ana (coord. científica) (2004) – Arquitectura Moderna Portuguesa : 1920-1970. Lisboa : IPPAR. ISBN: 972-8736-35-5.

VERDE, Filipe (2009) – Explicação e Hermenêutica. Coimbra: Angelus Novus. ISBN: 978-972-8827-68-7.

VIEIRA, Joaquim (1995) – O Desenho e o Projecto são o mesmo?. Porto : FAUP Publicações. ISBN: 972-9483-13-2.

ZUMTHOR, Peter (2006) – Atmosteras. Barcelona : Editorial Gustavo Gili. ISBN: 978-84-252-2169-9.